



SPIN-OFF IRMÃOS BLOSSOM

# REDEM ~ CÃO

ELE HAVIA VENCIDO A GUERRA,  
MAS ESTAVA LONGE DE SE  
SENTIR VITORIOSO.

NATHALIA SANTOS

SPIN-OFF IRMÃOS BLOSSOM

# ***REDEEN ~ ÇÃO***

ELE HAVIA VENCIDO A GUERRA,  
MAS ESTAVA LONGE DE SE  
SENTIR VITORIOSO.

NATHALIA SANTOS

Copyright © 2022 por Nathalia Santos  
Todos os direitos reservados.

Título: Redenção  
Revisão: Rafaela Horn  
Capa: Freyja Dark  
Diagramação: Nathalia Santos

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem o consentimento do(a) autor(a) desta obra.  
Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares, acontecimentos e descrições são fruto da mente da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.  
Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# SINOPSE

Eles dizem que um coração partido pode seguir batendo.

E estão certos.

Mas e quanto à segunda chance para um coração partido? É possível encontrá-la depois de tantos erros e assombrações? Ninguém parece ter uma resposta certa para isso.

Tudo depende da sorte e de como o destino pode manuseá-la nas suas vidas.

Eles tiveram a chance de viver um romance juntos, mas ninguém os avisou que havia uma data de validade.

O prazo se foi e o final foi o mais trágico possível.

Tanto para ele, como para ela.

Mas o destino pode ser um filho da puta às vezes.

Ryder Fraser tem a certeza de que fez a escolha certa, mesmo que se arrependa dela todos os dias.

Rebeca Wilson tenta viver com a dor da rejeição mais uma vez, mesmo que não se arrependa de ter cruzado o caminho do ruivo de olhos irresistíveis.

Ele vive uma vida perigosa, comandando todas as ilegalidades que acontecem no seu território: o deserto.

Ela é recém-formada e está pronta para viver a sua vida como médica no hospital veterinário de Campbell.

Ele nunca a esqueceu. Em seus sonhos, ainda é agraciado por seus toques, seus beijos e seu corpo.

Ela nem, ao menos, tentou esquecê-lo. Todos os dias, sem exceção, ele está nos seus pensamentos, beijando-a, tocando-a e cuidando dela.

Quando o destino traz de volta o que Ryder mais teme, ele sabe que a sua decisão foi o maior erro da sua vida.

Porém chega um momento em que é tarde demais para arrependimentos e agir com todas as armas que tem parece ser a única decisão plausível.

Mesmo que isso possa trazer a maior guerra já travada na vida de ambos.

*Para todos aqueles que têm medo de viver uma segunda chance.  
Às vezes, ela pode estar ali, a apenas alguns passos de coragem.*

# NOTAS DA AUTORA

*Não pulem, por favor!*

Chegamos ao final de um ciclo.

Ainda nem acredito que estou finalizando de vez o universo dos irmãos Blossom.

Foram dois anos inteiros dedicados a esse universo e eu não poderia estar mais orgulhosa de tudo o que conquistei até aqui graças as minhas leitoras, é claro (leiam os agradecimentos, eu sou fofa).

Preciso começar dizendo que Redenção é um **spin-off** da série dos **irmãos Blossom**, então a leitura dos quatro primeiros livros: **Peculiar, Intenso, Fatal e Adrenalina** é necessária. Principalmente, os livros Intenso e Adrenalina, onde Ryder e Rebeca têm muito destaque.

Alerta de gatilhos: o livro possui cena de violência, negligência familiar, agressões, tortura, episódio súbito de medo e ansiedade.

Agora vamos falar um pouquinho sobre esse livro? Prometo não alongar muito porque sei que vocês, minhas amadas leitoras, estavam esperando muito por ele.

Achei que seria fácil, viu? Sempre pensei em Redenção como um livro repleto de ação, mistério e romance, que seria desenvolvido em poucos dias, sem me dar dor de cabeça.

Engano meu.

Me vi escrevendo um dos livros mais difíceis da minha carreira até aqui.

Mas por quê? Simples.

Ryder e Rebeca são intensos demais.

Mas não estou falando da intensidade de intenso, ou de qualquer outro casal que já tenha escrito. Estou falando no mais cru da palavra possível.

Eles são tão reais, com sentimentos tão pesados que me assustaram em diversos momentos. Para vocês terem noção, esses dois pestinhas me fizeram duvidar de mim mesma, a ponto de pensar: será que estou no lugar certo?

Tudo bem.

Eu entendi depois de um tempo que só precisava abrir minha mente.

Então convido vocês a fazerem o mesmo.

Não é um simples romance.

Não é uma simples redenção.

Quando eu entendi que nada que os envolvia era simples, me permiti ter uma das melhores experiências como escritora os escrevendo.

Se permita.

É tudo o que eu peço a você para esse livro.

Não é fácil.

Não é bonito.

Não é romântico.

Mas eles nunca nos prometeram isso, não é mesmo?

# PLAYLIST

Redenção tem uma playlist no Spotify, sinta-se à vontade para ouvir, cada música está organizada conforme a ordem dos capítulos.

Para ouvir, abra a guia “Busca” no Spotify e toque na câmera, depois aponte para o código abaixo e vai ser direcionado para a playlist.





# PRÓLOGO

*Pois eu sou o Demônio  
Que está em busca de redenção  
E eu sou um advogado  
Que está em busca de redenção*

*I WANNA BE YOUR SLAVE — MÅNESKIN*

## PARTE I

### **RYDER FRASER**

Quando meus olhos se fechavam e meu corpo relaxava na cama daquela casa velha onde eu morava desde que cheguei em Campbell, a minha mente nunca nublava porque, nos meus pensamentos, Rebeca sempre estava neles.

Desde que eu a vi pela primeira vez.

Desde que ela me olhou com aqueles olhos castanhos cheios de curiosidade.

Desde que ela falou uma pequena palavra em minha direção.

Por mais que eu tentasse tirá-la um pouco dos meus pensamentos, Rebeca sempre estava presente. Mesmo que estivesse bem ao meu lado, como naquele instante, ela ainda estava impregnada em mim.

Bobo e apaixonado. Achava que era isso o que eu era.

Rosinha se aconchegou no meu peito, abraçando a minha cintura e enroscando suas pernas nas minhas. Sorri, firmando minha mão nas suas costas e a olhando de cima. Havíamos tido mais uma das nossas excelentes fodas e, então, estávamos ali, mergulhados em um silêncio tão reconfortante que nos deixava ainda mais confortáveis na presença um do outro.

Nunca pensei que seria capaz de amar alguém que não fosse a minha irmã. Sempre achei que o único relacionamento que eu conseguiria segurar com uma mulher era o casual devido ao meu trabalho como traficante em Campbell.

Mas, então, ela apareceu. E me fez questionar e arriscar tudo. Inclusive, nunca consegui me arrepender da decisão que tive naquela noite que a tomei nos meus braços e a beijei pela primeira vez.

— Está muito pensativo... É por causa da Angel?

*Também.*

Nos últimos tempos, minha irmã não só ocupava os meus pensamentos, como também a minha preocupação.

— Vocês não estão bem. — Rosinha afirmou, antes que eu respondesse.

— Eu a machuquei demais.

— Mas estava tentando protegê-la, Ry. — Ela me lembrou. — Você pode ter tomado as decisões erradas, mas, ainda assim, foi nas melhores intenções.

— E olha só até onde isso me trouxe, Rosinha... — murmurei, chateado e sentindo um grande vazio por ver minha irmã daquela forma e não poder fazer nada. — Ela trouxe vingança, algo que pode custar a vida de cada um que está envolvido nisso.

Eu sempre soube fingir muito bem.

Fingi por anos que daria conta da minha família enquanto meu pai se afundava nas bebidas e minha irmã não tinha idade nem para ir à escola sozinha. Fingi que não havia me quebrado ao meio deixá-la sozinha com o fardo de cuidar do nosso pai ao passo que eu seguia caminhos dos quais não me orgulhava, mas que me trouxeram até ali cheio de dinheiro e repleto de inimigos.

Todo concorrente era meu inimigo. Essa era a verdade.

Mas ninguém conseguia me apavorar mais do que Carl Jackson. Então, eu também estava fingindo muito bem que aquele homem não me apavorava, mas, para ser sincero, conhecia direitinho Jackson e suas artimanhas. Sabia que a brincadeira de corrida no deserto era só uma forma de ele se divertir antes de nos matar.

Um por um.

— Você também não pode ficar bravo com ela.

Eu ri sem qualquer humor e a olhei de soslaio.

— De qual lado você está, afinal?! — brinquei.

Rebeca pareceu não entender que eu estava brincando, pois se ajeitou ao meu lado, mais séria do que o normal, e se sentou, infelizmente tapando a visão dos seus deliciosos seios com o lençol.

— Sabe o que é o pior? Entender os dois lados! Mas eu realmente não sei se só entendo o seu lado porque te amo e acabo passando a mão na sua cabeça, exatamente como uma mãe faz com o filho.

Deitei minha cabeça no seu colo e passei minha mão pela sua coxa descoberta pelo lençol.

— Você será uma mãe muito gostosa — admiti, beijando sua pele. — Amo quando você fala que me ama.

Ergui meu rosto e encontrei seu sorriso bobo em minha direção. Aquele tipo de sorriso eu entendia, pois apenas ela era merecedora dos meus.

— Quer entrar no assunto de filhos? Somos muito jovens para isso!

Naquele instante, senti algo quebrar o sorriso nos meus lábios, me desmanchando praticamente ao meio.

Filhos. Um Futuro. Seria possível?

— Mas não me distraia, Ryder Fraser! — Rebeca pareceu aérea à minha mudança repentina. — Eu entendo o seu lado, pois acredito que deva ter tido um bom motivo para não contar nada para sua irmã.

— Confia tanto em mim assim?

— Você a ama. Nunca a machucaria por pouca coisa.

— Você não sabe sobre a história toda.

— Não... Você quer me contar?

Foi a minha vez de sentar com as costas encostadas na cabeceira da cama e tapar a minha nudez com o lençol branco. Olhei para Rebeca e a flagrei traçando as minhas tatuagens do peito com os olhos. Sorri de lado.

Ela nunca cansava de me admirar, e eu a entendia perfeitamente. Também não conseguia fazer isso com ela.

— Passei muita fome, Rosinha. Mas a pior parte de passar fome era ver a pessoa que eu mais amava também passando — comecei aquela história, me referindo à minha irmã. — *Eu* podia sofrer. Inclusive, fazia com que os xingamentos do bêbado do nosso pai fossem direcionados diretamente a mim, e não a ela.

— Xingamentos?

Estava ali uma coisa que nem Angel sabia.

— Meu pai se perdeu quando minha mãe morreu. As únicas horas em que não estava bêbado eram quando estava dormindo.

— Sinto muito...

— No começo, eu chorava por ele... Patético, né?

— Acho que é humano.

Dei de ombros.

— Foi a última vez que chorei — continuei, realmente não me importando com esse detalhe da história. — Quando ele vinha me xingar por ser um vagabundo que não dava dinheiro para manter o seu vício, eu não fazia questão de prestar tanta atenção nisso porque tinha que cuidar da Angel. Foi então que, em uma noite, cansado de juntar notas baixas de dinheiro para comprar um pão sequer, eu procurei por Carl Jackson. Ele amou a minha determinação, eu estava tão desesperado que não percebi a rapidez com que ele me contratou. Se tivesse notado o meu desespero por trás de toda aquela voz mansa...

Respirei fundo. Eu fui um burro e idiota.

— Como assim?

— Carl precisava de alguém como eu para fazer o trabalho sujo. — Fiz uma pausa, finalmente esclarecendo depois: — Ele estava envolvido com tráfico de crianças.

— O quê?! — Dessa vez, Rebeca arregalou os seus olhos. — Crianças? Mas o que ele queria com elas?

Às vezes, eu apreciava a sua inocência.

— É melhor você ficar sem essa informação, Rosinha — disse. — Eu não podia compactuar com aquilo, mas também já estava envolvido com Jackson, então não dava para simplesmente voltar para casa. Principalmente, depois de ouvir o que ele havia feito com a família de um traidor. Carl é cruel e não mede esforços para ser menos do que isso.

— Então, você o roubou.

Assenti.

— E fugi, como o bom medroso que sou.

— Não fala assim... Você era jovem.

— Eu já tinha vinte anos, Rebeca. Não tente passar a mão na minha cabeça, por favor — pedi. — Eu sei que errei.

— E teria tomado outra decisão?

— Que outra decisão eu poderia ter tomado?

— Manter contato com a sua irmã? Explicar pelo que estava passando?

— Angel era e continua sendo muito impulsiva. Uma vez, quando um homem me pagou apenas vinte dólares por um serviço que fiz o dia todo no telhado da sua casa, ela foi até ele, disse que era um ridículo e que podia enfiar toda a fortuna dele no cu.

Rebeca acabou rindo.

— Quantos anos ela tinha?

— Apenas catorze.

— Ficou com medo de que ela procurasse por Carl. — Rosinha adivinhou o motivo por trás da minha decisão.

— Aprendi com a minha mãe que, às vezes, não saber é estar seguro — expliquei. — Mantive contato com ela nos primeiros dias e, depois, sumi... Recusei suas ligações e tentei focar em conseguir dinheiro, pois a prioridade era a Angel. Sempre foi ela.

— Então você veio parar aqui.

— Depois de muitas outras paradas, sim.

— É por isso que não posso julgá-la, Ryder. — Rebeca se aconchegou no meu peito. — Ser abandonada dói muito.

Rebeca não conseguia me enganar e, durante todos aqueles meses de relacionamento, eu sabia que alguma coisa havia acontecido com ela no passado. As pequenas cicatrizes pelo seu corpo me davam munição para pensamentos ruins demais e eu gostaria muito que ela me dissesse quem foi o desgraçado, só para fazer igual ou, até mesmo, pior com o seu corpo. Mas ela não me falava.

E isso me irritava e chateava na mesma medida.

— Quem te abandonou? — pedi pela resposta mais uma vez.

Tudo estava ligado, eu só precisava de nomes.

— Não quero falar sobre isso.

— Estamos adiando essa conversa há meses. Por que não se abre para mim da mesma forma que estou me abrindo para você?

— Porque eu sei que você iria atrás, nem que fosse no inferno, só para fazer com que aprendesse uma lição.

— Eu estaria errado?

— Não se combate atitudes ruins com vingança, Ryder — contrapôs, como se eu fosse uma criança mimada.

Quase bufei.

— Vai falar tudo o que me disse aqui para a sua irmã? — perguntou.

— No momento, preciso pensar no que irei fazer com Carl. — Senti a pele de Rebeca se arrepiar. — Mas não se preocupa.

— É claro que me preocupo, você acabou de dizer que esse homem é muito perigoso.

— Vou dar um jeito nisso, Rosinha. — Eu a puxei para mais perto de mim. — Vamos apenas fingir que a noite de hoje não aconteceu e aproveitar o tempo que temos juntos? Porque, juro..., tem sido os únicos momentos em que me sinto vivo.

Ela até poderia ter sorrido, mas questionou, com os olhos cheios de medo:

— Vai me deixar?

— Talvez, você tenha que se manter afastada de mim nessas próximas semanas, Rosinha.

— Ryder...

— É para o seu bem. — Segurei o seu rosto entre minhas mãos. — Confia em mim?

— Eu não gosto do que você faz para manter as pessoas protegidas... — admitiu, me deixando confuso. — Você as afasta.

Engoli em seco.

— Prometo fazer o possível por nós, tudo bem?

Isso pareceu tranquilizá-la.

Ela assentiu e eu a puxei para o meu colo. Ainda segurando seu rosto, eu a beijei e deixei que a tempestade acontecesse apenas lá fora.  
Pelo menos, naquela noite.



## Parte II

— Cerveja?

*Poison entregou uma garrafa da bebida para mim e eu virei o líquido gelado quase em um só gole.*

*Depois de alguns minutos, ela perguntou:*

— *No que está pensando?*

— *Que a minha viagem até aqui foi inútil — respondi, bebendo mais. — Que eu não sei mais o que fazer da minha vida e que parece que a morte está me perseguindo, já que quase morri mais uma vez salvando o seu pai.*

*Ela assentiu, rindo, e bebeu um pouco da sua cerveja. Para a filha do presidente do moto clube, tudo na minha vida era tão trágico que chegava a ser engraçado.*

*Babaca!*

— *Winter não te ajudou em nada? — indagou, se referindo à médica do clube.*

*Neguei com a cabeça. Tudo estava beirando ao desastre.*

*Minha irmã estava em uma cama de hospital quase morrendo porque havia se metido na minha frente durante a corrida contra Carl Jackson no deserto. E eu estava com o braço todo fodido por conta acidente que devia ter levado a minha vida, não a de Angel.*

*Fui até a sede do moto clube porque sabia que eles tinham Winter, uma excelente médica que serviu no exército. Porém ela não tinha nada de útil para nos ajudar com o caso de Angeline.*

— *Então volte para a sua irmã, Fraser — aconselhou-me. — Não vai querer que ela morra enquanto você está a quilômetros de distância, não é?*

*Como podia ser tão fria?*

— *Mais alguma sugestão?*

— *Ainda está com a Rosinha?*

*Assenti.*

— *Carl deve estar ainda mais furioso agora. E eu não sei como protegê-la. Não sei como proteger ninguém... — admiti, completamente perdido. — Como vocês conseguem?*

— Somos uma família, Fraser, mas cada um tem a obrigação de se proteger sozinho — explicou, o que fazia muito sentido no mundo deles. — E existe uma regra que nunca deve ser desobedecida no clube.

Franzi o cenho, sem entender onde ela queria chegar com aquele assunto. Os assuntos do clube eram restritos e ninguém, muito menos eu, que era amigo do presidente, sabia de 1/3 do que os cercava.

— Não nos envolvemos com civis. Eles são fracos e não sobreviveriam a um mundo como esse. Seriam engolidos na primeira oportunidade.

— Por que eu sinto que você vai ser mais cuzona do que o normal?

— Cuzona, não. Venenosa. Respeita a tatuagem nas minhas costas! — disse, piscando para mim ao referir-se ao desenho da cobra que havia naquela região. — Você tem duas opções, Fraser. Ou a liberdade ou a ensine a sobreviver neste mundo.

— Nenhuma das opções me parece boa.

— Olhe pelo lado bom, você tem duas opções. Existem pessoas que não têm nem uma — falou, se levantando. — Vou entrar. Vejo você qualquer dia desses.

— Diga ao seu pai que está me devendo uma.

— Cala a boca!

Meus olhos permaneceram presos na estrada à minha frente enquanto dirigia o carro o mais rápido que podia só com uma das mãos presa ao volante. A conversa com Poison antes de ir embora, contudo, ainda permanecia na minha mente.

Sabia o que tinha que fazer, mas não queria. Eu era muito egoísta! Queria o quê? Que o amor da minha vida morresse?

Descobri, na volta da viagem, que Carl havia morrido num acidente de carro, o que só colocava um alvo nas minhas costas e nas de todos que eu amava. Eu era o principal suspeito por mexer em seu carro e fazer com que se acidentasse. Jones, o seu filho e o responsável que ficaria com todo o império do pai, era um idiota, mas eu sabia do que aquela família era capaz.

Senti minhas mãos tremerem ao parar o carro no meio do deserto, bem em frente à Rebeca e Charles, meu braço-direito.

Demorei para descer do carro, mas, quando o fiz, levei minhas pernas automaticamente em direção a ela, que me recebeu nada mais e nada menos do que com um tapa no rosto.

— Acho que mereci isso — murmurei, após suspirar.

— Você acha?! Eu estava preocupada com você! Sua irmã está quase morrendo no hospital e você some? — Quase gritou na minha cara.

— Eu não sumi, porra! — exaltei-me, totalmente agitado por conta de tudo o que aconteceu nas últimas horas. — Era para ser apenas dois dias, mas aconteceu alguns problemas com os Shadows.

Os olhos de Rebeca se arregalaram.

— Você estava no moto clube?! Que merda estava fazendo lá, Ryder?

— Eles têm uma médica muito boa que serviu no exército, e eu fui até lá para ver se ela podia me ajudar com a Angel.

Ela piscou devagar duas vezes, provavelmente tentando entender o que estava acontecendo.

— Qual é a diferença dos médicos daqui para a médica de um moto clube? Além, é claro, de ela curar criminosos.

— Você namora um criminoso, Rosinha. — Não resisti e a puxei pela mão, trazendo-a para mais perto do meu corpo. — Desculpa por não ter avisado. Fiquei sem telefone.

— Ficou?

— Ele já estava todo fodido do acidente. Na viagem, só terminou de pifar.

— E por que demorou tanto?

— O moto clube foi invadido, e eu meio que me meti na briga.

Ela pareceu precisar de um tempo para digerir o que eu estava jogando no seu colo, pois fechou brevemente os olhos e respirou fundo.

— Eu consegui o número do hospital, então sempre ligava para saber sobre Angeline.

— Ela não melhorou — disse o que eu já sabia.

— Eu sei.

— Descobriu algo com essa médica?

— Winter disse que tudo o que os médicos estão fazendo é o que ela faria, mas com menos recursos do que em um hospital.

— Sinto muito... — lamentou, encostou sua testa na minha.

— Era para ser eu, Rosinha.

— Não fala isso...

— Nunca vou me perdoar por ter deixado isso acontecer — confessei, seguro das minhas palavras. — Foi por isso que corri como um desesperado para outro estado, só para ter uma segunda opinião.

— Uma ligação resolveria tudo, sabia?

Segurei seu rosto tão perfeito entre minhas mãos, fazendo com que ela me olhasse nos olhos.

— Eu também precisava sair daqui, ou mataria o Carl. Mas parece que alguém fez isso antes de mim.



Ela pareceu aliviada e eu quase não consegui acreditar que Rebeca pensou que eu sujaria minhas mãos com aquele imundo.

— Senti sua falta — admiti, e ela sorriu.

Passei o polegar pelos seus lábios, os contornando. Amava senti-los, fosse com o meu toque ou com os meus lábios.

— Eu amo você. Sabe disso, né? — indaguei.

— Eu também amo você.

Abaixei o meu rosto até o seu e não resisti, tomando seus lábios com os meus em um beijo lento, cheio de saudade e desejo na mesma medida. Odiei-me ainda mais pelo que faria a seguir, mas, por alguns segundos, bloqueei todas as vozes confusas da minha mente e me entreguei ao seu toque. Ao seu calor.

— Eu sinto muito, Rosinha... — murmurei contra sua boca.

Ela voltou a abrir os olhos, encarando-me.

— Do que você está falando?

— Doe ter que deixar a Angeline há alguns anos e vai doer ter que fazer isso agora com você. Mas sabe do que estou falando. — Acariciei o seu rosto. — Não temos um futuro. Nunca tivemos.

Aquela era a mais pura verdade. Dolorosa como fogo queimando nossas peles.

— Você me fez acreditar, naquela noite, que nós não nos autodestruiríamos, Ryder! — Jogou na minha cara.

*Eu falei que faria o possível, Rosinha.*

— Eu estava tentando acreditar em nós, Rosinha — expliquei. — Mas, depois desse acidente, só temos a prova de que as coisas entre nós não vão dar certo.

— Ryder, isso não tem nada a ver!

— Eu tenho inimigos, Rebeca. — Beijeí sua bochecha. — E eles te matariam para me fazer sofrer.

— Está com medo do Jones? Ele é um idiota!

— Um idiota sentado no trono sempre tende a ser o mais cruel de todos — expliquei. — Não posso arriscar.

Ela engoliu o choro e foi ainda mais doloroso vê-la daquela forma.

Quando senti suas cicatrizes pela primeira vez, prometi que mataria o homem que a machucasse, independentemente da forma. Só não contava que eu seria essa pessoa.

— Está... terminando comigo?

Assenti levemente, vendo seus olhos transbordarem e derramarem lágrimas por todo o seu rosto.

— Você não pode estar falando sério...

— Pode ter certeza de que estou odiando fazer isso...

— Então, não faça! — interrompeu-me. — Vamos lidar com isso juntos, Ryder!

Neguei com a cabeça.

— Eu já estou perdendo a minha irmã, não posso perder o amor da minha vida também — contrariei, já sentindo meus olhos quererem lacrimejar.

— Por que não sai dessa vida? Vai afastar a sua irmã, assim que ela acordar também? Prefere viver nesse deserto sozinho ao invés de viver uma vida normal comigo?! — Ela berrou, incrédula.

Rebeca tentou se afastar, mas eu a puxei para perto, não deixando que se afastasse. Não ainda.

— Qual foi a única coisa que eu pedi para você quando começamos com isso tudo? — indaguei, olhando nos seus olhos molhados.

— Para não fazer você escolher.

Assenti.

— Então é isso?! — Puxou seu braço da minha mão com força. — Adeus para tudo o que construímos juntos? Adeus para o que sentimos?

Novamente, eu assenti.

Ela aproximou bem o rosto do meu e, limpando suas lágrimas com ódio, disse devagar:

— Você é um covarde, Ryder Fraser.

Recebi suas palavras como se fossem outro tapa bem dado no meu rosto.

— É aqui que eu deixo o meu coração, porque é assim que as coisas funcionam depois que se vende a alma para o demônio — murmurei, lançando um último olhar em sua direção. — Não há segundas chances nem a possibilidade de um final feliz.

Dei as costas para ela antes que desistisse e realmente mostrasse o covarde que eu era.

Foi ali que deixei o meu coração.

Foi ali que nossa história teve um fim.

E foi ali que eu tive a certeza de que redenção nenhuma poderia trazer o meu amor de volta.

Nem se eu quisesse.

# 01

| SOZINHA |

*Você já ouviu falar sobre a garota que ficou congelada?  
O tempo passou para todos, ela não vai perceber  
Ela ainda tem vinte e três anos dentro de sua fantasia  
Como deveria ser*  
**RIGHT WHERE YOU LEFT ME — TAYLOR SWIFT**

## REBECA WILSON

Havia algo engraçado e que nunca me disseram sobre a solidão: era possível aprender a conviver com ela. Dia após dia. Momento após momento.

Com o tempo, você também percebia que ela não era tão horrível como faziam parecer e que precisávamos dela para sobreviver.

Naqueles últimos meses longe de Campbell, eu havia aprendido muitas lições e essa foi a mais esclarecedora possível para mim. Atirada na minha cabeça como uma paulada. Dolorosa o suficiente para chorar, mas memorável o bastante para tentar não levar outra vez.

Achava que, pela primeira vez, aos vinte e dois anos, eu estava bem com a solidão.

Mas isso não queria dizer que eu não quebrava mais.

Todos os dias, sem exceção, eu me lembrava do que havia me levado até ali e, automaticamente, me sentia ser engolida pela solidão, tristeza e saudade. Talvez, essa última fosse a mais difícil de lidar.

Era estúpido sentir saudade de alguém que, provavelmente, não ligava para como eu estava. Mas já havia desistido de controlar o que sentia e simplesmente me deixava sentir. Porque essa era a vida. Por mais dolorosa e realista que fosse, tinha que seguir em frente.

Eu estava fazendo isso.

Quando concluí a faculdade de medicina veterinária um ano atrás, recebi uma proposta para trabalhar por um ano em uma das reservas da África do Sul. Claro que não foi tão simples assim. Campbell sempre conseguia mandar alguns alunos para lá, a fim de que adquirissem uma experiência única auxiliando no cuidado de animais selvagens. Dessa vez, eles fizeram uma seleção dos

melhores alunos do semestre e como, por algum milagre, tive certo destaque, fui escolhida.

Eu e Alex.

Mas minha melhor amiga não quis se aventurar comigo. Achava que, como a única amiga que eu tinha, Alexandra Blossom sabia, antes de mim mesma, que aquela viagem tinha que acontecer apenas comigo.

— Ei, Princesa! Como você está hoje?

A grande gorila preta se aproximou cautelosamente de mim. Ela ainda tinha receio de humanos, mas parecia que eu e o meu supervisor éramos os únicos que tinham sua confiança a ponto de fazer com que ela se aproximasse.

Sim, uma gorila. Eu estava de frente para uma grande gorila que pesava cerca de 120 quilos, quase da minha altura com seus 1,50 metros e que se nomeava Princesa porque, há alguns meses, roubou a minha tiara de coroa que havia ganhado da filha do meu supervisor.

Assim que chegou perto de mim, me reconheceu no mesmo segundo e me abraçou com seus grandes braços peludos.

Ser veterinária e todos aqueles meses cuidando de alguns animais resgatados eram tempo suficiente para que não sentisse nojo ou medo de momentos como aquele, quando os braços daquele grande animal me apertavam contra seu peito, fazendo com que minha boca grudasse na sua pele.

— Vim aqui para me despedir, Princesa.

Ela entendeu perfeitamente o que eu quis dizer.

Princesa me largou com cuidado e resmungou para mim, virando seu rostinho que dava dois do meu para o lado direito.

— Nem essa carinha fofa pode me fazer ficar, querida. — Levantei minha mão e alisei seu rosto. — Lembra do que eu disse sobre voltar para a minha casa?

Princesa apontou o seu dedo para o meu coração e, em seguida, para o seu.

Ela sabia muito bem se comunicar por sinais e eu a entendia sem muitas complicações.

— Gostaria que meu lar fosse com você, Princesa — admiti para nós duas. — É muito melhor aqui do que na minha casa, eu tenho que confessar isso. Mas nós sabemos que, daqui a alguns dias, você estará pronta para ser solta novamente e irá fazer amigos, viver livre novamente...

Ela assentiu, segurando a minha mão e soltando outro daqueles resmungos que apenas ela entendia.

Princesa havia sido resgatada logo que cheguei à reserva. Estava muito machucada pelos malditos caçadores que a emboscaram, mas, felizmente, conseguiu fugir deles e ser encontrada por pessoas que a ajudaram.

Agora, ela viveria num lugar maravilhoso, onde vários outros gorilas habitavam.

Meu tempo todo de trabalho ali foi quase resumido aos seus cuidados.

— Parece que a Princesa não está contente com a sua partida. — Peter, meu supervisor e responsável por me passar muitos aprendizados, surgiu ao meu lado. — Nem eu estou.

Sorri.

— Você vai superar.

Eu não era idiota, sabia que ele dava em cima de mim. Inclusive, até tentei sair com ele há alguns meses, mas não consegui prosseguir com o encontro. A todo momento, eu só conseguia pensar: *Ele não é o Ryder*.

E lá estava outra lição que aprendi naqueles últimos meses.

Não importava o tempo, quando algo te marcava, essa marca era eterna. Meu único objetivo agora era aprender como lidar com ela, já que, claramente, nem aqueles meses foram o suficiente para fazer com que eu superasse Ryder Fraser.

A única coisa que pedi para que acontecesse naquela viagem não aconteceu de jeito nenhum. Talvez, a vida realmente me odiasse.

Eu havia aprendido a viver com a solidão, mas não havia aprendido a viver sem Ryder.

Qual era a lógica disso? Não havia.

— Tudo bem? — Peter perguntou.

Saindo dos meus devaneios, assenti e apertei minha mãozinha na mãozona de Princesa.

— Tudo ótimo. — Sorri forçado. — Acho que podemos aproveitar as últimas horas com ela, pois a viagem será longa até a minha casa.

Olhei para Princesa à minha frente e, em forma de concordância, ela começou a assentir e dar pulinhos desengonçados.

Achava que era mesmo uma ótima forma de me despedir daquele lugar.

O ano que passei naquele novo mundo recheado de novas culturas foi importante para que eu me encontrasse dentro da profissão. Foi ali, mesmo depois de me formar, que tive a certeza de que a minha profissão era a medicina veterinária. Eu queria trabalhar para sempre com os animais.

Gostaria de ter um futuro longe de Campbell, pois não queria ter que ver o dono dos meus pensamentos andando pela cidade. Em contrapartida, Vincent, o noivo da minha melhor amiga, havia me mandado um e-mail na noite anterior dizendo que havia aberto uma vaga no seu hospital veterinário.

De novo: eu não era idiota.

Precisava de dinheiro e teria que aproveitar a oportunidade que a vida estava me dando, já que todos os meus licenciamentos para trabalhar como médica veterinária estavam feitos.

Seria mais um dos meus novos recomeços.

Quem recomeçava tanto a vida com uma diferença de apenas um ano?

E quem eu queria enganar? Era mesmo uma tola, essa era a verdade. Porque, no fundo da minha mente, eu sabia. Poderia haver inúmeros recomeços, mas nenhum seguiria em frente sem *ele*.



Despedir-me da África do Sul foi mais difícil do que eu imaginava. Mais especificamente da reserva e dos animais, que foram a minha companhia em uma jornada tão curta, mas significativa para mim.

Colocar os pés de volta em Campbell fez com que tudo voltasse através de flashes em minha mente.

Meu último ano aqui.

O nascimento dos gêmeos de Clarke e Nathan.

Os momentos com os irmãos Blossom.

As festas com Alex.

A procura por Ryder em todo lugar que eu andava naquela cidade, como se, de alguma forma, fosse encontrá-lo.

Grande piada! Se eu o encontrasse e ele viesse falar comigo, talvez, nas maiores das ilusões, estaria arrependido de sua decisão, mas eu, ainda assim, não voltaria com aquele idiota.

Os meses longe também me fizeram entender uma coisa: independentemente do meu sofrimento e de ainda amá-lo como uma estúpida, nunca voltaria para Ryder Fraser. Nem se tivesse a oportunidade.

Ele tinha razão. Nós éramos mesmo de mundos diferentes e eu sabia disso. A pior parte de toda a nossa história era saber de tudo desde o começo e que nossa autodestruição viria. Eu tinha um pressentimento de que isso iria acontecer em algum momento desde que o vi pela primeira vez. Mas, mesmo assim, me joguei nos braços do diabo, achando que o anjo que já esteve ali antes pudesse ser meu.

Mas jurava que não era uma idiota.

Não mais.

— Ai, meu Deus! — Uma linda morena pulou nos meus braços, não se importando com estarmos no meio do aeroporto, e me encheu de beijos.

— Também senti sua falta, Alex! — Ri da sua emoção e aproveitei para dar um abraço bem forte naquela garota.

Uma irmã que eu nem sabia que precisava. Era isso o que Alex significava para mim. Com sua bondade e seu jeito doce e protetor na mesma medida, me conquistou na primeira conversa que tivemos.

— Nunca mais, ouviu bem?! Nunca mais fique longe de mim assim. — Ela me abraçou mais forte.

— Duvido que tenha sentido falta de mim com o professor ali... — insinuei, revirando os olhos. No entanto, recebi um tapinha na nuca. — Ai!

Alex se afastou de mim, me deixando ter a visão do seu noivo, Vincent Bell Gray, nosso antigo professor da faculdade. Sim, minha melhor amiga pegou o professor. De santa, ela só tinha a carinha.

— Oi, Vince! — cumprimentei, aproximando-me com minhas malas.

Ele se aproximou também e me abraçou.

— Sentimos sua falta, Rebeca! Deixa que eu levo isso. — Segurou o meu carrinho com as bagagens. — Como foi na África?

— A melhor experiência da minha vida! — Fui sincera. — Logo quando cheguei, eles resgataram uma gorila, acreditam? O nome dela é Princesa.

— Por que eu acho que foi você quem deu esse nome para ela? — Alex questionou, enlaçando o braço com o meu.

— Ela roubou a minha tiara de princesa, então... Foi impossível não dar esse nome — justifiquei, com um sorriso no rosto. — Com o tempo, o nome se encaixou muito bem com ela.

— Conseguiu aprender muitas coisas? — Vince perguntou.

— O suficiente para um ano — respondi. — Eu tinha um excelente instrutor.

— O tal do Peter? Você saiu com ele, né? — Alex ligou os pontinhos. — Foi difícil se despedir dele?

— Não nos apaixonamos, sua romântica incorrigível! — esclareci, chamando-a pelo apelido. — Eu tentei sair com ele uma vez, mas não deu certo. Falei para você em uma ligação, não lembra?

— Pensei que tinha tentado outras vezes e não me dito nada. — Deu de ombros. — Mas Campbell está cheia de novos universitários lindos! Vai que você encontra o homem perfeito?

— E eles têm o quê? Dezenove anos? Acabaram de sair das fraldas, Alexandra!

Nós rimos com a brincadeira.

Atravessamos a porta de saída do aeroporto e caminhamos em direção ao estacionamento.

— O que acha de ir para a minha casa e depois te deixamos no seu apartamento?

Agora, eu tinha um apartamento.

Aceitei a ajuda de Alex quanto a ele. Era isso ou, então, não teria um lugar para viver quando voltasse. Era um lugar simples mas o suficiente para mim, pelo que vi durante uma videochamada que havíamos feito no início do mês.

— Me parece perfeito — concordei. — Como estão os seus sobrinhos?

— Clarke e Nathan estão me enlouquecendo mais do que eles com a festa gigante de um aninho que estão planejando! — disse, me fazendo sorrir.

Sentia falta do alto-astral de Nathaniel Blossom.

— É quando? No mês que vem?

— Daqui a uma semana, esquecida! — lembrou-me. — Eles crescem tão rápido.

— Realmente! Ainda estou surpresa que já estão caminhando.

Alex havia me enviado um vídeo algumas semanas atrás dos pestinhas caminhando pelo apartamento inteiro e rindo.

— Loucura, né?!

Assenti.

— E... os meus sobrinhos? Quando vêm?

Aquilo fez com que Vincent, que estava atrás de nós, se engasgasse com o ar.

— Não me diga que já está grávida, Alexandra Blossom!

Minha amiga ficou vermelha como um pimentão e, antes que eu a xingasse por não ser a primeira a saber, ela riu.

— Sem gravidez por aqui, Beca! Ainda é cedo demais.

Certo, fazia sentido.

— Para o seu irmão, não foi.

Aproximamo-nos do carro, e Vincent começou a colocar minhas bagagens no porta-malas.

— Vamos combinar, eles precisavam desses filhos agora, não acha?

Assenti. Os gêmeos terem vindo há um ano era a confirmação de que o recomeço de Clarke e Nathan seria abençoado. Foi impossível não pensar na segunda chance que a vida havia dado a eles. Uma história repleta de drama, rancor e mágoas, mas eles conseguiram passar por cima disso. Provaram a todos que eram fatais e destinados a ficarem juntos para sempre.

Muito diferente de...

Bem, eu não precisava tocar nesse assunto.

Não naquele momento.





— Olha só quem voltou para o Estados Unidos da América! — Nathan foi o primeiro a vir até mim e me abraçar apertado, quase me tirando do chão. — O que aconteceu com o rosa?

Tão curioso e intrometido...

— Senti sua falta também, Nathan — zombei. — E, sobre o meu cabelo, prefiro ele assim, escuro.

Era uma mentira. Eu gostava dele colorido, mas odiava me lembrar *dele* me chamando de Rosinha por conta disso. Nathan entendeu perfeitamente o que se passava na minha cabeça, mudando o rumo da conversa.

— Olha quem está de volta, pessoal!

— Não grita, idiota! Seus filhos estão dormindo! — Clarke ralhou baixinho, ao se aproximar. — Oi, Beca! Sentimos sua falta.

Prendi o riso ao abraçá-la de volta.

— Como vocês estão?

— Tirando a loucura de ser mãe de gêmeos? Estou ótima!

— Você está linda! — Eu a elogiei. — Nem parece que deve estar se descabelando por esses dois.

Ela riu, assentindo.

Sky e Caleb vieram logo em seguida. Um de cada vez me abraçou.

Esses dois... Eu amava esse casal.

Skyller e Caleb eram a confirmação da frase clichê “*os opostos se atraem*”. Ele, com seu jeitinho tímido e reservado, namorando a garota que amava festas e socialização. Realmente inusitado.

— E vocês dois? Sem bebês por aí? — Apontei para a barriga de Sky.

— Não, pelo amor de Deus! Ainda não. — Sky riu, segurando a mão de Caleb. — Estamos construindo nosso futuro no momento.

— Quero saber de tudo depois.

— Você também precisa nos contar muita coisa, mocinha! — Nathan disse. Angel e Tyler se aproximaram.

— Oi, Rebeca! — Ty deixou um beijo na minha testa. — Tudo bem?

Assenti para o irmão mais velho com um sorriso fraco.

— Oi, Beca! — Angel me abraçou.

Foi estranho e achava que, por isso, demorei mais do que o normal para retribuir o abraço da minha ex-cunhada. Mesmo que ela e Ryder fossem bem diferentes um do outro no quesito de personalidade, ainda tinham muitas semelhanças físicas.

— Seu cabelo está lindo! — elogiou-me ao se afastar para me analisar.

— Obrigada. — Suspirei e sorri para ela.

— Fez uma boa viagem? — Ty perguntou.

— Foi bem cansativa, na verdade, mas dormi bastante no avião.

— Vamos sentar e conversar um pouquinho. — Alex sugeriu, me puxando para o grande sofá no centro da sala.

E foi assim. Juntamo-nos todos como nos velhos tempos na sala de estar dos irmãos Blossom, prontos para fofocar e rir de qualquer memória ou maluquice que aconteceu em nossas vidas. Eu sentia falta disso.

— Como foi na África, Beca?

Resumi um pouco da minha viagem, contando os melhores momentos de trabalhar na reserva e até mesmo os piores. Foi uma experiência e tanto.

— Uma gorila?! — Nathan questionou. — E eu achando que sua melhor amiga era um pouco peculiar com o Jack...

O furão olhou para Nathan no mesmo momento, do colo de sua dona, como se soubesse que estava falando dele.

— Uhum! Ela se chamava Princesa.

— Eles não são agressivos? — Sky quis saber, curiosa.

— Depende muito. Princesa até tentou ser agressiva no início, mas era porque estava com medo.

— No lugar dela, eu também estaria com medo. — Alex comentou. — Deve ter sido mesmo uma experiência incrível, Beca.

— Queria que você tivesse ido junto. — Ela apenas sorriu para mim. — Mas entendi um pouco... Foi bom fazer essa viagem sozinha. Um ano foi o suficiente para me dar a certeza de que quero seguir essa carreira para sempre, fora outras reflexões que foram importantes para mim.

Alex não resistiu e me abraçou, genuinamente feliz por mim.

— Melhores amigas e colegas de profissão!

Sorri, assentindo e retribuindo o abraço.

— Quanto grude... — Nathan revirou os olhos, cheio de ciúmes.

Incrível como simplesmente não crescia!

Clarke negou com a cabeça, rindo para mim e parecendo ter lido os meus pensamentos.

— Mas, e vocês? Me contem sobre as novidades e não me escondam nada!

— Está sabendo que a sua melhor amiga está indo morar com o noivo? — Nathan perguntou. — Vai nos abandonar!

— Você é muito dramático, Nathan! — Alex riu, descrente. — Vocês precisavam de um quarto para os gêmeos, já estava na hora.

— Deixe-o com o drama dele, Alex. — Clarke disse. — Não conhece o seu irmão?

— Está indo morar com o Vince?! — Arqueei as sobrancelhas para a morena. — Tão adulta!

Ela riu, com uma vermelhidão típica tomando suas bochechas.

— Estamos prestes a casar mesmo.

— Posso saber como está o status desse casamento?

— Ainda estamos vendo muitas coisas. — Vince respondeu. — Mas queremos que aconteça no verão.

— Temos alguns meses, então! — comentei, pois faltava pouco tempo para que a estação chegasse.

— E vocês dois? Vão casar junto? — indaguei para Angel e Ty.

Eles negaram quase que ao mesmo tempo.

— Por enquanto, não estamos com tempo para programar casamento. Ty está se preparando para a primeira temporada das corridas e eu estou enviando algumas *demos* para as gravadoras.

Foco no futuro. Era por esse caminho que todos estavam seguindo agora.

— Então, finalmente vou ver Tyler Blossom correr legalmente?

Ele sorriu, parecendo um pouco nervoso.

— Sim.

— Está todo se tremendo... Nem parece que vai ganhar todas! — Sky disse.

— Não é bem assim, irmã. — Ele contrapôs. — Lá, vou encontrar muitos profissionais.

— E você também é um! Está treinando para ser o melhor, Ty. — Angel o encorajou. — Não se esqueça disso.

Ele lançou um sorriso para ela, do tipo que só pessoas apaixonadas lançam para suas paixões, e sussurrou um “*você é a melhor*”. Só entendi porque, nos últimos meses, também havia herdado a habilidade de ler lábios.

Suspirei, olhando ao redor e notando que era a única sozinha naquela roda de casais. Até mesmo o furão e a pitbull eram um casal, com tantos carinhos e beijos trocados.

Antigamente, eu teria me segurado para não chorar naquele instante, mas havia feito muito isso nos primeiros meses por Ryder e por mim. Agora, aquilo ainda me trazia um vazio e um pertencimento maior à solidão, mas acontecia que havia me acostumado e aceitado todo aquele misto de sentimentos dentro de mim, o que tornava a dor um pouco menos dolorosa.



# 02

| ELE |

*Dei ao amor umas cem tentativas  
Apenas fugindo dos demônios em sua mente  
Então os peguei e os tornei meus  
Eu não percebi, porque meu amor era cego*  
**WITHOUT ME — HALSEY**

## REBECA WILSON

— Não é estranho? Todo mundo está agindo normalmente quando, daqui a alguns meses, cada um vai para um canto... — Sky expôs sua insegurança, se sentando ao meu lado com Caleb.

Nathan e Clarke haviam subido para dar atenção aos gêmeos, que tinham acordado, enquanto Alex e Vince foram comprar comida, pois minha melhor amiga não estava muito afim de cozinhar.

— Pensei que estava mais tranquila com esse assunto. — A afirmativa veio de Caleb.

— O que eu não estou sabendo? — perguntei.

— Estou pensando em abrir a minha própria marca.

Claro que eu fiquei feliz pela loira. Ela tinha um talento incrível com designs de roupas, calçados e muito mais utilidades dentro da moda.

— Isso é incrível! Onde você quer começar essa etapa?

— Nova Iorque — respondeu.

— Não é tão longe...

— Tyler vai estar na Austrália daqui a alguns meses e, depois, em vários outros lugares...

— A corrida começará na Austrália? Nossa, que demais! — Claro que eu me empolguei. Depois da África do Sul, estava ansiosa para conhecer novos lugares.

— Sei que está com medo, mas eles estão seguindo seus sonhos. *Nós estamos.* — Caleb a consolou.

*Tão fofinhos.*

— E, se me permite dizer, vocês têm uma união que pessoas matariam para ter nas suas famílias. Nada vai abalar essa conexão — intrometi-me.

— Eu sei de tudo isso e confio em nós. — Sky suspirou. — Mas quem disse que é fácil ser adulto, estava blefando.

Eu ri e acabei por concordar com ela. Só eu sabia o que passei de inseguranças com a minha vida profissional no final da faculdade. Achei que não me adaptava na medicina veterinária, tive muito medo de não ser o suficiente e, principalmente, de ter nascido apenas para ser a esposa de alguém, como fui criada boa parte da minha vida para ser. Felizmente, *eles* estavam enganados.

— Vai dar tudo certo — afirmei para a loira. Lembrei que ela estava trabalhando em um ateliê de moda quando saí do país. — Vai abandonar o ateliê?

— Já abandonei — respondeu. — Gostava de trabalhar com a Lola, mas quero focar nas minhas criações, e papai vai me ajudar a abrir o meu negócio. Vai ser meio que um empréstimo.

Duvidava muito que ele cobraria esse dinheiro algum dia.

— Você nasceu para a moda, Sky. — Olhei para Caleb. — E você? Já sabe o que vai ser do seu futuro?

Caleb sorriu ao assentir.

— Há alguns meses, mandei meu livro para uma editora e recebi sua resposta duas semanas atrás.

— E...?

— Eles ficaram muito interessados na minha história e fizeram uma boa proposta para publicá-la.

Não resisti e abracei o meu nerdzinho favorito.

— Isso é incrível! Finalmente, você vai publicar seu livro. Tem noção disso?!

Ele ajeitou os óculos daquele jeitinho tímido que encantava a todos, até mesmo a sua melhor amiga aqui.

Tudo bem, ele nunca disse que eu era sua melhor amiga, mas me considerava, já que fui a sua primeira amiga mulher.

— Ele ainda está inseguro, acredita? — Sky suspirou. — Fez daquele livro uma obra-prima e tem coragem de estar inseguro.

— Nós sempre podemos melhorar. — Caleb justificou seu medo.

— Tenho certeza de que você deu o seu melhor — falei, voltando a me ajeitar no sofá. — A editora fica onde?

— Nova Iorque.

Sorri.

— Claro que fica. Estou muito feliz por vocês, de verdade.

Tyler voltou da cozinha com uma bandeja cheia de cerveja e duas garrafas de água.

— Água para mim e cerveja para vocês — disse, oferecendo. Eu e Sky pegamos as cervejas, mas Caleb preferiu ficar com uma garrafa de água também. — Parece que você e Alex vão ficar por Campbell mesmo, né?

— Eu gosto de Campbell e já que consegui um emprego no hospital do Vincent, então... por que não ficar por aqui?

*Ryder.*

Minha mente gritou e eu quis gritar de volta que não me importava.

Se não o tinha visto durante um ano enquanto estava na cidade, dificilmente o veria em algum outro momento do meu futuro. Às vezes, achava que ele não estava mais pela cidade, pois Campbell não era tão grande para não ver uma pessoa com frequência.

*Somos de mundos diferentes.*

É... Como me esqueceria desse pequeno detalhe?

— Vai ser bom Alex ter alguém por perto que não seja o seu futuro marido.

— Sky comentou, totalmente alheia aos meus pensamentos.

Assenti.

— E Angel? Vai te acompanhar na temporada? — perguntei, bem curiosa de como ficaria o relacionamento desses dois.

— Tudo depende de como vai ser com as gravadoras. Se alguma delas se interessar por Angel, não acho que ela vai conseguir me acompanhar durante todos os GPs.

— Imagino que ela esteja nervosa — comentei.

— Todo esse silêncio das gravadoras a tem deixado apreensiva, mas já disse que é porque algo grande está por vir.

Uma carreira artística era muito difícil, ainda mais do que outras carreiras, então não podia nem imaginar como Angeline devia estar se sentindo, enquanto todos pareciam estar seguindo uma linha que os levaria para o sucesso.

Logo depois da faculdade, Nathan foi selecionado no *draft* pelo time de Los Angeles, os Lakers. Seu primeiro jogo, inclusive, aconteceu enquanto eu estava na África do Sul. Acompanhei pela televisão e vi meu amigo fazer uma grande estreia. E Clarke estava arrasando em algumas peças de teatro com sua dança, e eu soube por Alex que, no próximo ano, faria uma turnê com a sua impressionante performance em Cisne Negro.

Olhando como um todo, as coisas estavam se encaminhando para o que deveria ser. Cada um deles feliz com a profissão que escolheu. Mas conseguia entender perfeitamente a tristeza de Sky. Eles eram uma família muito unida e, a

partir do meio do ano, cada um seguiria para um canto, se encontrando apenas em datas comemorativas.

Complicado, mas necessário.

— Vai vir na hora certa, Ty.

Ele concordou.

A porta da frente foi aberta por Vincent, que segurava duas grandes caixas de pizza. Alex estava logo atrás dele, segurando outra.

— Pizza, cerveja e filmes, como nos velhos tempos? — Nathan desceu as escadas segurando Michael no colo. O garotinho que era uma cópia fiel dele.

— *Fimi...* — Michael comentou no colo do pai.

— O meu garotão aqui está louco para assistir um filme, pessoal! — Ele beijou a bochecha do filho.

— Só assisto se for *Carros*. — Ty declarou.

— Ca...! — Michael se animou mais.

Nathan fuzilou o irmão com o olhar.

— Já falei que seu filho vai ser corredor que nem eu.

Sorri com a cena de Nathan apertando Michael nos braços, como se quisesse proteger a sua cria.

— Vai fazer um filho, Tyler! E para de querer roubar o Mi de mim.

Levantei-me do sofá e aproximei-me do pai emburradinho que segurava a criança mais linda do mundo.

— Oi, Mi! — Fui cautelosa ao ficar mais próxima, mas o bebê sorriu para mim, mostrando seus dentinhos da frente, que já estavam à mostra.

— Olha quem voltou! A titia Rebeca! — Nathan disse, com aquela voz de bebê.

Era louco ver como Nathan havia desenvolvido a habilidade de ser pai. Não foi fácil, a gente não podia dizer que foi, afinal eles estavam começando a carreira e vieram dois de uma vez só, o que dificultava o dobro, mas Clarke e Nathan conseguiram segurar e guiar muito bem tamanho desafio.

— Como vão fazer agora? Fiquei sabendo que Clarke vai sair em turnê.

Nathan suspirou.

— Ela não queria ir por conta dos dois, mas é uma oportunidade incrível para a carreira dela decolar.

Assenti.

— E eles? Você não vai jogar na próxima temporada?

— Volto para os Lakers depois do aniversário deles — informou. — Meus pais vão ficar com eles em Los Angeles.

*Graças a Deus.*



— Eles amam os avós tanto quanto antes? — perguntei, pois me lembrava que eles sempre amavam ficar no colo de Rav e Dylan.

— São um grude! Chegam a chorar por dias quando eles voltam para o rancho.

Clarke desceu as escadas com Chloe no mesmo momento.

— Ai, meu Deus! Você é a cópia da sua mãe, Chloe.

A pequena sorriu para mim, um pouco mais tímida do que o irmão.

— Vamos assistir desenho com a titia? — Clarke perguntou para a bebê.

Ela assentiu com um aceno de cabeça e voltou a recostar-se no peito da mãe.

*Por que bebês são incrivelmente fofos?*

— Rebeca, pode chamar Angel na cozinha? — Ty pediu.

Assenti.

— Já me junto a vocês — falei para os papais.

Fui até a cozinha, mas parei no batente da porta assim que ouvi Angel ao telefone. E eu gostaria que tivesse sido apenas para não interromper o telefonema, mas foi porque ouvi o nome *dele*.

— Você é mesmo um idiota, Ryder... — Angel acusou. — Para o seu pesadelo, eu não me canso de dizer isso.

Ele disse alguma coisa que eu não consegui ouvir do outro lado da linha.

— Por que está me ligando? Já é o quê? A quinta vez nesses últimos meses? Você foi bem claro quando me abandonou na outra vez.

Não sabia como Angel conseguia ser tão calma quanto a toda aquela situação.

— Sem desculpas, já estou cansada de ouvi-las. Vê se cresce, Maninho — mandou, e, assim que virou e me olhou, sorriu e piscou para mim. — Agora, preciso ir... Sabe como é, né? Beca voltou da África do Sul e está doida para me contar as aventuras que viveu com o seu supervisor.

Arregalei os meus olhos. Antes que eu conseguisse processar o que havia acabado de sair de sua boca, Angel já estava desligando a chamada e rindo da sua própria brincadeira.

— Desculpa, não consegui resistir.

Ela era uma diaba! Mas por que eu estava louca para dar risada?

— Ele liga para você?

Não sabia dizer o porquê isso foi a única coisa que chamou a minha atenção.

Angel suspirou e assentiu.

— Geralmente, uma vez por mês para saber como eu estou e se preciso de algo — respondeu.

Claro que ele ligava.

Ryder nunca a abandonaria de novo, mesmo que Angel insistisse que isso fosse um abandono. Eu, por outro lado, julgava aquilo como a única forma que Ryder enxergava de mostrar que estava ali para quando precisasse.

Muito diferente de mim.

Mas não iria julgá-lo. Já havia feito muito isso no passado.

A família vinha sempre antes de qualquer coisa e isso era bonito, até para alguém do submundo, como ele.



Era um pouco quente demais para uma simples primavera. Ainda estávamos no início do mês de março e eu já estava saindo do meu novo apartamento com uma calça jeans leve e uma blusa regata na cor azul-marinheiro.

Prendi meus cabelos em um coque frouxo enquanto tentava acompanhar os passos apressados da minha melhor amiga.

— Calma, eu ainda estou com sono! — falei, bocejando logo em seguida.

— Não dormiu bem? — Ela desacelerou os passos.

— Considerando que saí da sua casa às duas da manhã e você me acordou às dez horas para um passeio na cidade? Não dormi.

— Não é um passeio! Precisamos comprar as coisas para o seu apartamento. Você não tem nada dentro de casa.

— E tinha que ser a essa hora?!

Ela riu do meu resmungo.

— Eu também queria passar um tempo a sós com a minha melhor amiga.

— Entrelaçou seu braço com o meu. — Amo os meus irmãos, mas nem conseguimos conversar direito ontem.

— Eles estavam bem animados.

— Muito! Podem até estar com medo do futuro, mas estão loucos para explorá-lo também.

— E você? — perguntei.

Minha amiga sorriu, dando de ombros.

— Considerando que eu sou apaixonada pela profissão mais normal entre eles? Também estou animada.

— Você pode ser uma grande médica veterinária! E famosa.

— Acho que eu e a fama não nos daríamos muito bem.

— Sinto em te dizer, mas você é irmã de um jogador de basquete dos Lakers, de um piloto da Gold Rush e de uma futura estilista famosa. Preciso dizer que suas cunhadas também estão seguindo para o caminho da fama?

— Engraçadinha.

— São apenas verdades, amiga.

Nós caminhávamos pela calçada do centro de Campbell há alguns minutos já, aparentemente sem um lugar específico para ir.

— Vamos chegar em alguma loja ou não?

— Claro, estamos a caminho dela. Abriu uma loja no fim dessa rua que tem de tudo e o preço não é tão alto.

Então era disso que eu precisava. Não havia começado a trabalhar ainda, então precisava poupar tudo o que tinha.

— Como você está? — Ela finalmente fez a pergunta.

— Estou bem... — Fui o mais sincera que pude. — Não posso chorar para sempre por um coração partido, não é?

Sobre isso, Alex também entendia muito bem. Só de lembrar o que o idiota do Jordan havia feito com o seu coração antes de ela conhecer Vincent, me estressava.

— Torço todos os dias para que um cara decente apareça para você.

— Estou muito bem sozinha.

Ela ignorou o que eu disse.

— E aquele Sebastian? Vocês ficaram uma noite, né?

— Depois de um ano e meio, você está voltando para o Sebs?

— *Sebs*?! O que foi que eu perdi?

Suspirei.

— Somos amigos. À distância, mas amigos.

— Hum... E por que você não me contou sobre isso?

— Porque eu sabia que você ficaria com essa carinha de iludida. — Apertei sua bochecha, rindo da sua careta. — Vamos a algumas atualizações? Transamos e foi bem gostoso, ele sabe foder bem, mas foi só isso, Alex. Inclusive, ele já tem uma mocinha e fiquei sabendo que usa até coleira agora.

— Espera! O bonitão está namorando?

Assenti, rindo.

— Ele pagou bem feio com a língua.

— Não é o que todos fazem? — Alex riu, me acompanhando. — Olha só para Nathan e Tyler.

— Até mesmo a própria Skyller!

Ela assentiu.

— Então precisamos arrumar outro partido para você.

— E desde quando você virou a Senhora Cupido? Esse papel é meu, lembra?

— Apreendi algumas coisas com você, acho que posso desenvolver bem o papel no seu lugar.

Balancei a cabeça em descrença, rindo.

Viramos em uma parte da rua mais movimentada do centro, o que fez com que eu desgrudasse de Alex por um instante, passando por entre as pessoas.

— O que acha de...

Alguém bateu com tudo em mim, quase me derrubando e caindo no processo. Por sorte, consegui me equilibrar. Era uma senhora que estava no telefone e parecia bem nervosa com quem falava do outro lado da linha, tanto a ponto de nem me pedir desculpas e seguir seu caminho.

— Você está bem?

Assenti para Alex, levantando o meu rosto, ainda um pouco atordoada.

Não sabia explicar o que me fez olhar para o outro lado da rua, se foi a curiosidade que todo ser humano tem de saber quem estava à sua volta ou o fato de algo me chamar tanto a atenção a ponto de alucinar e ouvir vozes.

*Olhe.*

Elas diziam.

Então, eu o vi. Parado e em estado de choque do outro lado da avenida. Tão lindo como eu me lembrava e tão terrivelmente abatido, que quase me fez atravessar a rua para ter certeza das minhas impressões.

Ryder...

Meu coração acelerou, mostrando para mim mesma que, mesmo depois de um ano e meio do nosso término, ele ainda tinha um poder assustador sobre mim.

Achava que Alex estava me chamando.

Achava que eu precisava seguir o meu caminho.

Eu achava tantas coisas no momento, mas nenhuma delas era uma afirmativa que me fizesse correr para bem longe. Queria olhar mais para ele.

E, talvez, ele quisesse o mesmo, pois não desviou o olhar nem por um segundo.

Senti minhas mãos umedecerem de suor e minha garganta começar a secar a ponto de eu querer beber uma boa garrafa de água. As pessoas passavam na nossa frente como em câmera lenta, completamente alheias àquela troca de olhares intensa em que estávamos. De longe, essa foi a conversa mais silenciosa que já tive nos últimos meses, e olha que eu cuidei de uma gorila.

Estávamos paralisados, tão presos um no outro que o intervalo de um piscar de olhos para o outro era mais demorado do que o normal. Mas, além do coração acelerado e da saudade que apertou o meu peito, não tive nenhuma

vontade de ir até ele e pedir para que reconsiderasse a nossa situação. Talvez, finalmente, meu coração tivesse entendido que tudo estava acabado.

Saudade? Provavelmente sempre teria.

Arrependimento? Nunca poderia me arrepender de algo do qual sempre tive certeza.

Faria de novo? Não, pois nunca voltaria a ser tão vulnerável para ser machucada daquela forma outra vez.

Então, era isso... Meu coração estava quebrado, e mesmo dessa forma, ele batia e sentia a sua falta. Mas eu *nunca* permitiria que ele fosse machucado uma segunda vez. Principalmente, pela mesma pessoa.

# 03

| ILUSÃO |

*Todas as coisas que eu fiz  
Só para eu poder te chamar de meu  
As coisas que você fez  
Bem, espero que eu tenha sido seu crime favorito*  
**FAVORITE CRIME — OLIVIA RODRIGO**

## REBECA WILSON

Sabe quando um nó irrompe a sua garganta e a única saída é engoli-lo? Era assim que eu me sentia naquele momento, tendo que engolir um nó a todo instante em que voltava para a minha garganta.

Eu ainda estava o olhando, presa na sensação de que tudo acontecia como deveria acontecer, completamente petrificada pela sua presença a alguns metros de mim e um pouco exausta. Percebi que era tão difícil raciocinar com ele distante assim como era no passado, quando me abraçava e me tocava.

A verdade dolorosa era a seguinte: eu não só o havia perdido dezoito meses atrás, mas também havia *me* perdido. Nunca tive a chance de saber quem eu era de verdade e, quando me libertei, caí nos braços de Ryder. Rapidamente e sem saída, me vi cada vez mais fisgada pelo seu mundo, mas, então, ele me expulsou, me deixando mais uma vez livre, porém com o sentimento de que não pertencia a nenhum lugar.

Completamente perdida.

Era assim que eu estava até há alguns meses. Era assim que eu me sentia de vez em quando.

Será que ele se arrependia?

Tive a minha resposta imediatamente quando sua expressão mudou de um segundo para o outro, tornando-se mais séria e tenebrosa. Ryder desviou o olhar e, sem me olhar mais uma vez, se virou para o lado oposto de onde eu ia e seguiu seu caminho para onde quer que fosse.

*Iludida!*

Só não mais iludida do que quando achei que o meu relacionamento com um criminoso poderia durar para sempre.

— Beca?! — Ouvi a voz da minha amiga voltando ao longe e finalmente foquei minha atenção nela.

Alex estava com os olhos levemente arregalados e, quando segurou os meus ombros, ainda parada no meio da calçada, percebi o quanto tinha a assustado e que ela havia observado tudo.

— Você está bem?!

Assenti devagar.

Mais uma mentira para a lista.

— Podemos nos sentar em algum lugar e beber alguma coisa? — pedi. Eu não havia tomado café da manhã e me sentia tonta.

Alex concordou e, segurando a minha mão, me levou para a cafeteria mais próxima. Nossa sorte era que tinha uma na esquina da avenida onde estávamos e não levamos muito tempo para chegar até ela.

— Você está gelada. — Alex constatou, quando nos sentamos na parte de fora do estabelecimento.

— Acabei de ver Ryder pela primeira vez depois de tanto tempo. Acho que a minha reação é normal.

— Eu vou pedir uma água para você. Fique aqui.

Balancei a cabeça em afirmativa. Eu não iria mesmo a nenhum outro lugar, minhas pernas estavam moles como gelatina.

Era tão fácil achar que estava superando alguém pelos pensamentos quando, na verdade, bastava você vê-lo por um minuto para ter a certeza de que nada estava superado. Ryder continuava me fazendo sentir coisas.

Paixão. Fúria. Saudade. Desejo. *Amor*.

Como eu podia ser tão idiota a ponto de sentir alguma coisa por ele ainda? Ryder havia cometido o maior erro da sua vida ao me expulsar como uma maldita droga que ele não gostaria de ter mais na sua coleção, e o que eu estava fazendo? Sentindo meu coração bater como um louco por ele.

— Aqui. — Alex voltou com a garrafa de água, e eu a peguei no mesmo instante. — Também pedi um sanduíche para você.

— Obrigada — murmurei.

Senti minha melhor amiga me observar com atenção enquanto eu levava a garrafa de água até a boca e a bebia desesperadamente. Parecia que eu havia corrido uma maratona, e não encontrado a droga do meu ex-namorado.

— Você não está nada bem... Tem algo que eu possa fazer?

Neguei.

— Eu vou ficar bem, foi só... Um momento ruim.

— Sinto muito... Se eu soubesse que ele estaria na cidade...

— Não é sua culpa, Alex. Eu vou ter que aprender a lidar com essa droga, se quero me manter em Campbell. — Fui sincera. — Uma hora ou outra, ele e eu nos encontraríamos. Afinal, esta cidade é pequena.

— Eu sei... — Suspirou. — Só odiei como você ficou... Olha como você está! Está claro para mim que ainda o ama.

— Não é fácil, como dizem, desligar esse sentimento.

— Eu sei disso, amiga... — Alex segurou a minha mão. — Queria poder fazer alguma coisa, de verdade.

Sorri tristemente para ela.

— Vou ficar bem — repeti.

Achava que também estava tentando me convencer disso.

— Podemos apenas seguir nossas vidas normalmente e fingir que isso foi apenas um dia ruim? — perguntei.

— Como *eu* faço?

— Quase como isso.

— Só quero que saiba que estou aqui para conversar também, Beca.

— Não tem muito o que falar, Alex... — murmurei. — Apenas... acabou.

O que eualaria? Que, mesmo tendo me acostumado com a solidão, ainda chorava por estar sozinha? Que, mesmo com toda a dor que sentia, tanto relacionada à minha família como ao Ryder, ainda sentia falta?

Não, eu preferia mentir para ela e para mim mesma que tudo ficaria bem.

Porque, um dia, ficaria. Da mesma forma que ficou quando saí pela porta da frente da minha antiga casa.



Observei-me no espelho, virando-me a cada instante para ver como o vestido ficava no meu corpo. Ele era bem colado, na cor preta e jeans, bem justo aos seios e, por isso, usava uma camiseta branca por baixo. Nos meus pés, optei por coturnos pretos de plataforma alta, que me davam um pouco mais de altura do que meus 1,65 metros.

Minhas tatuagens estavam bem à mostra pelos meus braços, e as das coxas também estavam um pouco aparentes porque o vestido não era tão comprido para tapá-las. Eu amava aqueles desenhos, só não gostava de me lembrar do motivo de ter tantas tapando meus braços e costas a ponto de não enxergar um pedaço de pele totalmente livre.

Nas minhas panturrilhas também tinham algumas, mas, diferentemente dos meus braços, não estavam totalmente tapadas.

Suspirei.



Não queria levar meus pensamentos para o passado quando eu tinha um futuro brilhante pela frente.

Arrumei meus alargadores nas orelhas e passei meu batom rosa-pink para combinar com a maquiagem composta por olhos delineados com preto e cílios cheios com a máscara boa que havia passado. Arrumei os outros brincos nas minhas orelhas e revisei o piercing de argola que tinha no meu nariz.

Achava que tudo estava certo.

Tirando o retrato da pobre Rebeca acabada que me encarava pelo reflexo.

Havia começado o trabalho naquela mesma semana no hospital de Vincent e, para uma primeira semana oficial de serviço, foi pesada. Parecia que todos os animais da cidade e das redondezas resolveram ficar doentes, alguns com virose muito avançada para ter uma cura simples e outros que exigiam cirurgias que duravam horas.

Eu ainda não realizava nenhum procedimento sozinha, estava trabalhando com um supervisor direto, mas logo começaria a executar tudo sozinha e, ao mesmo tempo em que isso me animava, também me deixava apreensiva. A vida de um bichinho em minhas mãos? Quão longe eu havia chegado?

Poderia dizer que, mesmo sofrendo pauladas no meio do caminho, estava orgulhosa de onde eu estava e de tudo o que estava conquistando com tão pouca idade.

Quando nasci, fui criada para ser a esposa e mulher perfeita, que seguiria os caminhos certos, “o caminho sagrado”, como meus pais sempre me orientaram, mas, então, eu acordei dessa vida antes que fosse tarde demais e cheguei até aqui. Com os estudos que eram considerados ruins, com o comportamento que era considerado pecado e com a aparência que era considerada a de um demônio.

Eu cheguei aqui.

Eu consegui.

Acreditava que toda a minha bagagem também foi um grande incentivo para que me aproximasse de Ryder.

Ele era o errado, enquanto eu fui criada para ser a certa. Não seria a receita perfeita para o caos?

Peguei minha bolsinha ao lado da cama e a coloquei sobre o ombro, pronta para a festa de aniversário dos gêmeos mais lindos da minha vida. Precisava de uma festa, mesmo que fosse a de aniversário de criança.

Até mesmo isso havia mudado em mim.

Antigamente, me sentia muito nervosa ao ir em festas por conta de toda aquela gente que fui obrigada a acreditar que eram erradas. Por um tempo, senti

até medo de estar naqueles locais. Mas viver com Ryder por quase um ano quebrou o assombro que eu tinha desse mundo.

Além de todo o romance intenso e incrível que vivemos, Ryder me ajudou em muitas coisas. Na maioria, ele nem fazia ideia de que havia o feito. Talvez, fosse por isso que não conseguia me sentir nenhum pouco arrependida.

Ryder me mostrou um novo mundo, um que eu não fazia ideia de que pudesse gostar tanto.

Meu telefone tocou, me despertando dos pensamentos. Fechei a porta do apartamento antes de atender a ligação.

— *Não tenho dúvidas de que tenho um carma quando o assunto é amizade.* — O reclamão do outro lado da linha disse, assim que atendi. — *Custava ligar para dizer que chegou bem?!*

— Oi para você também, Sebastian Sinclair.

— *Onde você se enfiou?!*

Era um ser sem paciência mesmo!

— Cheguei há uma semana — respondi o que ele já sabia. — Tive que arrumar todo o meu novo apartamento e começar o meu novo emprego no hospital. Me desculpa por não ter te ligado antes.

Uma voz feminina tomou o telefone.

— *E aí... Já sentou no pau ruivo ou está se segurando?*

Se eu tivesse um pingo de vergonha na cara, teria ficado vermelha com a pergunta que veio da dona da coleira de Sebastian.

— *Princesa...!* — O tom de repreensão veio de Sebastian. — *Bom, mas e aí, já caiu em tentação?*

Revirei os meus olhos. Dois idiotas. Um perfeito para o outro.

— Achei que você fosse contra a minha volta com o Ryder, Sebastian.

— *Eu sou, mas do que adianta? Se esse cara aparecer na sua frente pedindo para voltar para a sua vida e dizendo que irá mudar, você cai que nem um pato mesmo.*

Dessa vez, me irritei.

Só eu sabia que isso nunca aconteceria.

— Foi para isso que me ligou? — Apertei com força o botão do elevador.

— *Não adianta você ficar brava comigo, Mocinha. Sabe que eu tenho razão na minha preocupação.*

— E você sabe que não é meu pai, né?

Ele deu uma risada.

— *Está vendo como ele ainda mexe com você? Qualquer coisinha que nós falamos já te irrita.*

Bufei.

— Eu te odeio — afirmei, entrando no elevador.

— *Me odeia nada!*

Era melhor eu começar outro assunto ou me irritaria mais com aquela putinha.

— As coisas estão bem por aí?

— *Nós estamos em paz.*

— Também... Depois do último ano, a única coisa que vocês merecem é paz mesmo.

— *Preciso ir agora, Beca* — disse. — *Qualquer coisa, você me liga, tá bom? Fica bem e não se meta em encrencas. Mas, se você o fizer, não hesite em me chamar.*

Caso isso acontecesse, o que era bem provável que não, eu não o chamaria. Sebastian merecia mesmo a paz que estava vivendo depois de tudo o que havia acontecido, tanto no passado distante como no próximo.

— Pode deixar — menti. — Se cuida você também.



— Rebeca! Que saudades de você! — Uma Mackenzie muito animada quase me derrubou assim que entrei no salão.

— Oi! — Eu a abracei de volta.

— Você fez falta. — Andrew, o seu namorado, também se aproximou e me abraçou.

— Também senti falta de vocês.

Anne e Eve se aproximaram de mãos dadas.

— Eu pensei que vocês não estavam mais na cidade! — Eu as abracei, uma por uma.

— Tiramos uma folga para o aniversário dos gêmeos. — Eve respondeu, com um sorriso no rosto.

Anne estava trabalhando em um ateliê de moda em Los Angeles e Eve, no jornal Los Angeles Times. A última notícia que tive delas foi que estavam felizes com seus novos empregos.

— É bom ter vocês aqui. — Sorri.

— E você está ainda mais bonita com esses cabelos pretos! — Mack elogiou, me abraçando de lado. — Como está no novo emprego? Sky me disse que já iniciou.

— Essa semana foi intensa, na verdade! Acho que todos os animais de estimação resolveram precisar de um veterinário.

— Tadinhos!

Assenti.

— Mas a experiência está sendo incrível — respondi à sua pergunta. — E vocês?

— Andrew está trabalhando em uma empresa de tecnologia e eu estou trabalhando de casa em uma coluna do The New York Times.

A novidade me surpreendeu.

— Sério?! — Foi impossível não ficar feliz por ela. — Uma coluna?

— Ela é pequena, mas... É, está sendo incrível.

— É uma das maiores organizações de notícias do mundo! Parabéns!

— Obrigada.

Fui abraçada por trás por alguém um pouco mais alta do que eu e não demorou muito para reconhecer o perfume de rosas que Ravenna Blossom sempre usava.

— Senti sua falta, Pequena!

Eu amava essa mulher.

Rav era a melhor mãe desse universo, junto com o seu marido, Dylan Blossom, que levava a coroa de ser o melhor pai. Eles não só adotaram os quatro filhos, como também adotaram seus amigos e seus namorados e namoradas.

— Também senti sua falta, Rav!

Virei-me para abraçá-la direito.

Dylan também se aproximou e me abraçou, assim que Rav me largou.

— Seu filho exagerou na decoração, não acha?! — Mack comentou.

Eu finalmente me permiti olhar ao redor para ver com os meus próprios olhos a decoração que tirou o sono daquele casal nos últimos dias. Com certeza, era a maior festa de um aninho do mundo.

Eles haviam escolhido o tema de circo, e até mesmo Clarke e Nathan estavam vestidos a caráter. A decoração era composta pelas cores vermelho, amarelo e azul, e, por todo lado, encontrávamos bichinhos de pelúcia.

— Tem até um palco?! — indaguei, ao olhar para a estrutura grande nos fundos do salão.

E tinha até um carrossel! Os gêmeos estavam gargalhando enquanto andavam nos cavaleiros com Nathan e Alex.

— Contratamos um circo para fazer apresentação para as crianças! — Clarke apareceu ao meu lado, explicando o motivo do palco. — Não está tudo incrível?!

— Vai ser a noite mais divertida da vida deles!

— Eu também acho. — Rav concordou ao meu lado.

— Hey, pessoas! — Angel se aproximou, toda sorridente.

Ainda me chocava com a beleza da ruiva. Seu cabelo era o maior destaque de toda a sua aparência, juntamente com o rosto angelical que conseguia esconder perfeitamente a diaba que ela era.

Sim, ela era terrível e eu não precisava ser sua melhor amiga para saber disso.

Angel me abraçou de lado.

— O gatinho vestido de palhaço não para de olhar para você! — A ruiva apontou discretamente para um cara do outro lado, que adivinhem? Estava mesmo nos olhando. — Ele parece ser bonitinho.

— Ele está vestido de palhaço.

— É o trabalho dele! — justificou.

— Por que está doida para me ver com alguém? — perguntei, mesmo que já soubesse a resposta. — Não preciso de ninguém para superar seu irmão, Angel.

— Não é isso...

— Vou ver os gêmeos, ok? Vejo você depois.

Ela assentiu e eu me livreí da sua presença antes que me arrumasse outro pretendente. No mínimo, todos já sabiam do meu episódio com Ryder na semana passada e estavam com pena de mim. Argh! Eu odiava isso.

Não era uma coitadinha. Sabia muito bem onde estava me metendo quando me envolvi com um traficante.

Respirei fundo, peguei um ursinho de pelúcia e fui brincar com os gêmeos.



Nunca havia participado de uma festa de criança. Na verdade, conseguia contar nos dedos de uma das mãos em quantas festas de aniversário fui durante toda a minha vida. Poderia garantir que elas estavam muito mais frequentes agora que estava longe dos meus pais do que antes.

Então, nem fazia ideia de como elas cansavam.

E bastante.

Os gêmeos alugaram Alex e eu para ficar brincando com eles em todos os brinquedos que os pais haviam alugado e, quando foi a hora de cantar os parabéns, também foi uma dificuldade para tirá-los da piscina de bolinhas. Só conseguimos depois que prometemos que iríamos pular na cama elástica com eles.

Agora, depois de alimentar muito bem a formiga que habitava em mim e beber tanto refrigerante que chegava a estar inchada, não me sentia bem para

pular no maldito brinquedo. Por isso, estava tentando me esconder daqueles seres enérgicos.

Meu telefone vibrou dentro da minha bolsinha e eu o peguei, conferindo a tela.

*Número desconhecido.*

Atendi, mas, com o volume da música, estava bem difícil de ouvir alguma coisa.

— Alô?

Ninguém falou nada.

Será que tinha algum sinal da operadora naquele lugar?

Aproveitei que estava perto da porta de saída e segui para o lado de fora. Dessa forma, a música ficaria apenas lá dentro e eu conseguiria ouvir melhor o que quer que tivesse que ser escutado.

— Oi?

*Silêncio.*

Estranho... Muito estranho até mesmo para alguém que amava filmes de terror.

Desliguei no mesmo momento.

Respirei um pouco do ar da noite e verifiquei o horário no meu relógio de pulso. Já eram nove e meia, o que me provava que as horas passavam mesmo rapidamente.

Virei-me para voltar para o salão de festa, mas tomei um susto ao dar de cara com um desconhecido usando uma máscara que cobria até a metade do seu rosto.

— Sinto muito, Princesa, mas o chefe precisa de você.

Antes que eu processasse que merda estava acontecendo ou tomasse a melhor atitude diante daquela situação, fui agarrada por trás por outra pessoa, enquanto o homem à minha frente tapava o meu nariz com um pano branco.

Não houve tempo para gritar.

E, mesmo se houvesse, ninguém me escutaria de lá de dentro.

A última coisa que lembro antes de fechar os olhos foi do sorrisinho convencido no rosto do homem que me dopou ao me ver desmaiar.

# 04

| SEM FINAIS  
FELIZES |

*Caminho por essa rua vazia  
Na avenida dos sonhos despedaçados  
Onde a cidade dorme  
E sou o único, e eu caminho sozinho*  
**BOULEVARD OF BROKEN DREAMS — GREEN DAY**

## **RYDER FRASER**

Minha vida parecia cada vez mais girar em uma roda-gigante sem controle algum.

Eu odiava o silêncio. Dificilmente, ele me contava ou me preparava para alguma coisa, e isso era tudo o que estava recebendo nos últimos meses.

— Alguma coisa? — perguntei ao Charles.

— Tudo está quieto, exatamente como ontem. — O idiota foi irônico. — Você está precisando relaxar, Ryder. Há quanto tempo não aproveita uma festa? O deserto está cheio de corredores hoje e muitos calouros apareceram. Vamos fazer uma grande festa de boas-vindas!

— Não é possível que não esteja preocupado com o silêncio do Jones!

— Não é possível que você só pense nisso nesses últimos dezoito meses!

— Charles teve a ousadia de me responder no mesmo tom. — Você está obcecado por isso e para quê? Para provar que a sua teoria de deixar a sua irmã e sua mulher estava certa?

Ergui minha mão e, pensando muito bem no que estava fazendo, soquei a sua cara.

— É melhor dar o fora daqui antes que eu te soque mais vezes!

Ele bufou, segurando o queixo dolorido. O babaca mereceu.

— Só... para de ser paranoico e agradece o idiota do Jones por ter esquecido de você!

Ele saiu do trailer e foi aproveitar a festa que estava acontecendo do lado de fora, no deserto.

Esse era o problema.

Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não estava no meu controle ir a fundo e não era covarde em admitir que isso me apavorava. Controlava todo o mundo de drogas de Campbell, a cidade dos universitários e que crescia cada vez mais aos arredores, mas ter esse controle me tornava um homem com muitos concorrentes que eram considerados inimigos.

A merda era que Jones não era apenas um concorrente.

Ele era o próprio inimigo. O pior deles. Filho de Carl Jackson, o homem que trai há anos e que veio buscar vingança há dezoito meses, mas que morreu ao ter o carro sabotado.

E quem era o principal suspeito? Eu.

Quem nunca matou nem uma formiga? Eu também.

A ideia de ter o sangue de alguém nas minhas mãos me enojava e, mesmo que tivesse que lidar com piadas de quem sabia que eu nunca havia feito algo parecido — *Poison, aquela idiota* —, lidava muito bem com as pessoas que ficavam no meu caminho.

Nada melhor do que apavorá-las diante do medo.

Olhei pela janela do velho trailer. As luzes ao redor estavam ligadas, iluminando os jovens dançando ao som de alguma música eletrônica que não me dei o trabalho de identificar enquanto muitos se drogavam com as drogas que meus homens estavam distribuindo pela festa.

Tudo estava normal.

Exceto por mim.

Olhei para a mesinha onde estava a rota que seguiria para pegar a carga das drogas no dia seguinte com os homens e, ao lado do mapa, estava a foto *dela*. Peguei a pequena polaroid e mais uma vez olhei para aquela imagem. Rebeca sorria para a câmera com os olhos brilhando de felicidade, completamente diferente de como a vi há alguns dias.

Passei o polegar pela imagem como se pudesse tocá-la, olhando tanto para aquele retrato que poderia ser transportado para o dia em que o registrei.

— *Adivinha o que eu comprei?* — *Rebeca entrou no meu trailer com uma caixa branca média nas mãos.*

— *Não faço ideia, mas, pelo seu sorriso, parece ser a oitava maravilha do mundo.*

*Ela riu, se jogando ao meu lado na cama. Eu amava aquele sorriso.*

— *Você me deu muito dinheiro de presente de aniversário e, como não sou nadinha trouxe, comprei esta Instax.*

— *Eu deveria saber o que é isso?*

*Rebeca negou com a cabeça, sorrindo para mim.*



— Você é um velhote! — Tirou da caixa o que parecia ser uma câmera fotográfica. — Sim, gênio, é uma câmera. Mas ela é instantânea, no estilo das antigas, mas essa é mais moderna e com mais qualidade. As fotos saem na hora em forma de polaroid.

— Interessante...

Recebi um tapinha no peito.

— Você poderia fingir que está feliz!

— Mas eu estou feliz, Linda.

— Não parece.

— Essa câmera faz você feliz? — Ela assentiu à minha pergunta. — Então como eu não poderia estar feliz vendo a minha garota realizada?

Rebeca sorriu, largando a câmera de lado e subindo no meu colo.

— Depois as pessoas têm a audácia de me perguntar o que eu vi em você... — Segurou o meu rosto entre suas mãos. — Você é um príncipe!

— Estou bem longe de ser um príncipe, Rosinha.

— Para mim, você é.

— Nunca vai cansar de me endear? — indaguei, sorrindo ao segurar sua nuca. — Um príncipe não faz as coisas que eu faço com você na cama.

Sua pele se arrepiou como se fosse a primeira vez que a tocava e seus olhos castanhos brilharam com outra intensidade, provavelmente se lembrando de tudo o que fazíamos em cima da cama. No sofá, nas paredes...

Meu pau já dava sinal de vida.

— Podemos pular para a parte que eu te como de quatro nesta cama? — Agarrei suas coxas, pronto para beijar aquela boca gostosa, mas ela me interrompeu.

Rebeca me empurrou e saltou do meu colo, me deixando surpreso e duro de expectativa.

— Primeiro, vamos tirar algumas fotos.

— Você está brincando!

— Não. — Ela riu. — Depois, eu deixo você fazer o que quiser comigo.

Sorri, mordendo os lábios só de imaginar.

— Vou cobrar por isso.

Ela deu de ombros.

— Desde que eu possa fazer o que quiser com você também.

Peguei a sua mão e a beijei antes de levar para o meu coração.

— Sou seu, Rosinha.

Rebeca soltou um sorriso diferente de todos os outros, fazendo com que eu entendesse que aquele era o resultado de ser amada por alguém como eu. Fazia com que ela se sentisse feliz, mesmo em meio a todo o caos em que vivia.

Larguei a foto no mesmo lugar de antes, com as lembranças martelando a minha mente. A vontade que eu tinha era de amassar aquela foto e jogá-la no lixo, mas não conseguia. Sempre algo me impedia.

*Eu. Ela. Nós.*

Mesmo sabendo que não tivemos um final feliz, ainda guardava aquela imagem como o meu baú de memórias, para que me lembrasse que, em um tempo da minha vida, eu fui feliz.

Vê-la naquele dia, tão diferente da última vez que a encontrei, partiu ainda mais algo dentro de mim. Seus cabelos estavam pretos e sua expressão parecia fria como uma pedra de gelo. Rebeca provavelmente me odiava.

E isso queimava dolosamente dentro de mim.

Saí do trailer e tranquei a porta velha, sendo recebido pela música alta e a gritaria irritante dos jovens inconsequentes do lado de fora.

— E aí, cara! — Jules, um dos homens que trabalhavam comigo, se aproximou. — A corrida já vai começar. Vai dar a largada?

Neguei com a cabeça.

— Pode dizer para Charles dar continuidade.

Ele assentiu.

Havia sido assim nos últimos meses, então que permanecesse.

Sentei na minha cadeira de sempre, afastado o suficiente da montoeira que começava a se formar ao redor dos carros que iriam correr naquela noite. Ao meu lado, estavam Simon e Robbie, dois caras que também trabalhavam comigo.

— Aquele carregamento chega amanhã, Ryder. — Robbie murmurou apenas para eu ouvir, ao se inclinar em minha direção.

Assenti, pegando o copo de uísque que Simon estendeu para mim.

— Você e Simon irão resolver esse carregamento, enquanto eu e Charles vamos buscar as drogas.

Eles concordaram.

— E o pagamento? Já está tudo certo? — Simon perguntou.

— Vocês vão pagar o restante assim que estiverem com as peças, ou esqueceram de como se faz?

Eles viram que, novamente, eu não estava de bom humor, pois apenas assentiram sem nem perguntar mais nada.

— Não se esqueçam de revisar antes. — Eu os lembrei. — Na última vez, tive peças do motor da *Ferrari* estragadas.

— Não se preocupe, Ryder. Faremos nosso trabalho.

Era o mínimo que eu esperava.

Levei o copo com o líquido âmbar à boca, bebendo um grande gole, que desceu arranhando pela minha garganta, e me atentei a observar a festa à minha frente.

Alguns calouros me olhavam e sussurravam entre si, provavelmente se perguntando o que eu fazia ali, em uma plataforma mais alta como se estivesse em um maldito trono. Os mais antigos tinham que explicar que aquele era o meu lugar, o local onde conseguia ter uma boa visão de tudo e dar força ao apelido que haviam me dado há alguns meses: *Rei do Deserto*.

No final, eles estavam certos.

Aquele lugar não existiria sem Ryder Fraser.

— Mais uma noite, pessoal! E mais uma corrida... Fiquei sabendo que as apostas para a *Ferrari* azul estão altas. É disso que a gente gosta! — Charles introduziu ao falar no microfone, enquanto Kimberly segurava a plaquinha da largada ao seu lado. — Vamos logo começar isso?!

O pessoal gritou, alguns erguendo suas bebidas e molhando quem estava por perto.

Charles e Kimberly continuaram a engajar o pessoal até a loira finalmente dar a largada para os carros iniciarem sua rota de corrida. O som dos pneus raspando no asfalto foi tudo o que ouvimos no segundo de silêncio que se fez quando eles partiram.

Fazia tempo que eu não tinha um bom corredor, o mais próximo era alguém que sabia correr sem capotar o carro. Para o deserto, aquilo era suficiente, mas não sabia se entreteria por muito tempo o público que gostava de uma boa corrida clandestina. Precisava resolver isso também. Ir atrás de novos recrutas.

Precisava de um novo Tyler Blossom.

Mas achava que isso era exigir demais.

— Oi, Ryder. — A voz feminina despertou-me dos meus pensamentos.

Kimberly se aproximou com um sorrisinho safado no rosto. Olhei para Charles, que deveria estar controlando a loira, mas estava distraído demais conversando com algumas universitárias.

— Oi.

Os caras ao redor se afastaram, nos deixando a sós.

— Como você está, Gatinho? — perguntou. — Sinto sua falta.

Ela se sentou de lado no meu colo e beijou meus lábios, *sem* a minha permissão.

Respirei fundo.

— O que está fazendo, Kimberly?

A música voltou a tocar em um volume bem alto, dando continuidade à festa que todos faziam em volta da pista onde os corredores da noite chegariam.

— Dando um entretenimento para você, Gato. — Passou as unhas pela minha nuca. — Você está tenso, consigo sentir de longe.

— É melhor sair do meu colo.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo e não me levando a sério.

— Preciso lembrar de como éramos, Gatinho? — sussurrou no meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha. — Faz tempo desde a última vez.

Agarrei a sua cintura e, antes que pudesse ir para o próximo passo, fui interrompido por uma voz que não ouvia pessoalmente há muito tempo.

— Ryder Fraser, precisamos conversar agora!

O que minha irmã estava fazendo ali?

— É melhor sair do meu colo, antes que eu tire você à força, Kimberly — falei bem sério e baixo em sua direção. — E não se atreva a me beijar sem minha permissão de novo.

Ela bufou, mas saiu do meu colo sem hesitar dessa vez.

*Escrota do caralho!*

Olhei para minha irmã, que não estava sozinha. Ao seu lado, estava meu cunhado, Tyler Blossom, sua irmã, Alexandra Blossom e o professor, que agora era seu noivo, Vincent. Por que os quatro estavam ali? Eles não frequentavam mais o deserto há muito tempo.

— O que quer aqui, Angel?

— Onde está a Rebeca?! — indagou.

Franzi a testa, sem entender o que ela queria com tal pergunta e minha resposta.

— Não falo com a Rebeca há dezoito meses e sete dias, Angeline.

— Então onde ela está?! — Alexandra perguntou, abraçando Vincent. — Meu Deus... Ela nunca fica sem me responder por tantas horas assim.

Não deveria me importar com isso, mas, caralho, era sobre *ela*.

— O que aconteceu? — perguntei, me levantando e me aproximando deles. — Onde vocês a viram pela última vez?

Por que meu coração estava acelerando?

Não sabia se era mais pela menção do nome dela ou pelo olhar profundo que minha irmã estava me direcionando naquele instante. Talvez, os dois.

— Estávamos na festa de aniversário dos gêmeos. — Vincent foi quem respondeu. — Rebeca saiu logo depois dos parabéns, mas não voltou mais para o salão. Achemos que tivesse ido para o apartamento dela, mas...

Alex começou a chorar, interrompendo o seu noivo.

— Ei, amor...

— Mas...? — perguntei, já me sentindo aflito. Um dos meus homens estava passando perto de mim quando eu segurei o seu braço. — Que merda, Jules! Manda desligar a música e a acabar com essa maldita festa!

— O quê?! Mas, Ryder...

— Você não entendeu a porra da ordem?!

Jules assentiu.

— Como quiser.

As pessoas dançando, rindo e se divertindo ao nosso redor não estavam ajudando em nada na minha concentração. Eu já me sentia uma pilha de nervos.

— Ela não está lá. — Tyler respondeu. — Nem na nossa casa e nem em outro lugar que sabemos. Nossa última esperança era com... você.

Balancei a cabeça, me sentindo um pouco nauseado, mesmo com a música já desligada. Ouvi os jovens vaiarem o término da festa, mas não me importei com a minha reputação. Eles eram viciados, no entanto, e viciados sempre voltariam.

Minha maior preocupação estava ali.

*Onde Rebeca estava?!*

— Eu sou a última pessoa que ela quer ver, garanto isso a vocês.

— Então... o-onde ela está? — Alex soluçou. — Estou com um pressentimento muito ruim...

*Eu também.*

Porra!

— Vamos vasculhar cada canto dessa cidade, ok? Ela deve estar por perto e...

Meu telefone tocou, tão ensurdecador que parecia que o local estava silencioso, apenas no aguardo daquele sinal.

Era a ligação de um número desconhecido.

Atendi no quarto toque.

— Quem fala?! — indaguei, sentindo um bolo na minha garganta que estava longe de ser choro.

— Achei que me atenderia mais rápido, devido a todo nosso passado. — Aquela voz... — Surpreso, Fraser? Porque eu mesmo estou.

— Você... — Senti-me tontear por um instante e, se não fosse por Angel, acreditava que teria caído no chão.

— Não estava morto? Bom..., não posso me considerar alguém vivo devido à minha situação. — Riu, mas não parecia ser por achar engraçado. Sua voz exalava escárnio. — Parece que os mortos retornam, Ryder Fraser.

— O que você quer?! — gritei, já sentindo o caminho que isso me levaria.

— Estou com algo que te pertence — respondeu, confirmando minhas suspeitas. — Por que não vem aqui pegar? Mas, dessa vez, sem brincadeiras de crianças. Sua cabeça pela *Rosinha*. Me parece justo, não acha?

E ele desligou a chamada sem que eu lhe desse uma resposta.

Encarei os quatro à minha frente sem saber como dizer que o motivo do desaparecimento de Rebeca Wilson era inteiramente minha culpa.

# 05

| NOVO MÉXICO |

*Enquanto a minha memória descansa*

*Mas nunca esquece o que eu perdi*

*Me acorde quando setembro acabar*

**WAKE ME UP WHEN SEPTEMBER ENDS — GREEN DAY**

## **RYDER FRASER**

Aquele filho da puta não atendia minhas ligações!

Tentei uma terceira vez, mas nessa, foi direto para a caixa postal.

— Merda! — Joguei o celular no chão, o quebrando como um pedaço de vidro.

— O que está acontecendo?! — Angel perguntou, parecendo entender melhor do que os outros que minha reação envolvia Rebeca. — Onde ela está, Ryder?

Neguei, balançando a minha cabeça tantas vezes que me senti tonto.

De todas as reviravoltas possíveis, aquela eu nem cogitava. Como aquele babaca era capaz de estar vivo? Eu podia não ter visto o corpo dele, mas sabia que dificilmente alguém sobreviveria a uma queda de 80 metros.

Tentei respirar fundo, mas me senti sufocar ainda mais.

Ele estava com Rebeca.

Ele estava com a minha mulher.

Eu mataria o desgraçado! E me certificaria de que o seu corpo estivesse a sete palmos da terra antes de ir embora.

— Ryder?!

Angel me chamou, mas eu ainda não conseguia encará-la. Porra! Estava completamente desorientado com essa merda. Precisava agir, mas nem sabia para onde correr. Eu era apenas um traficante de uma cidadezinha, e Carl era maior, em uma linha mais fácil de entender. Esse filho da puta estava acima de mim e tinha um exército, também trabalhava para pessoas grandes demais do submundo.

Eu acompanhei, como um maldito obcecado nos últimos dezoito meses, Jones criar nome e estender o negócio do pai para fora de Los Angeles. Carl sempre quis ser maior. Claro que ele estava por trás disso, se fingindo de morto nos últimos meses para brincar de marionete com o filho.

*Babaca.*

— Ryder! — Tyler gritou meu nome. — Responde a droga da pergunta! Está assustando a todos nós.

Eu estava tremendo. Percebi isso ao acordar dos meus pensamentos e observar as minhas mãos se mexendo sem o meu controle.

— Carl está com ela. — Saiu como um sussurro a minha afirmativa.

Muito dolorosa para dizer da boca para fora.

— O quê?! Carl? O traficante morto? — Tyler questionou.

De simples traficante, ele não tinha nada. Mas não discutiria isso com Tyler. O garoto não era mais daquele mundo.

— Ele não está morto.

— Como assim?! — Angel se aproximou até ficar cara a cara comigo. — Você sabia disso?

— Eu estou com cara de quem sabia disso, Angeline?! — exaltei-me. — Porra! Inferno, ele está com ela.

Minha irmã segurou o meu rosto entre suas mãos.

— Tente ficar calmo, pelo menos um pouco, e nos explique o que está acontecendo.

— Eu não sei o que está acontecendo. — Afastei-me, quase a empurrando no processo. — Ele a sequestrou!

Alex, que continuava chorando nos braços de Vincent, não ajudava em nada.

Merda!

— Você é o culpado disso! — Ela abriu a boca, terminando de me foder. — *Você!*

Alex saiu dos braços de Vincent antes que ele conseguisse impedi-la.

— Se alguma coisa acontecer com a minha amiga, eu coloco você atrás das grades, me ouviu bem?! E foda-se que você comanda a porra dessa cidade ridícula! Eu dou um jeito de você apodrecer lá! — Ela me empurrou com as duas mãos espalmadas em meu peito. — Babaca!

— Alex!

— Me deixa, Vince! É da minha amiga que estamos falando.

Se a situação fosse completamente oposta, eu teria sorrido e ficado agradecido por Rebeca ter aquela garota como melhor amiga.



— Não precisa esfregar que carrego essa culpa, Alexandra — falei, pois daquilo, eu entendia como ninguém. — Eu vou dar um jeito de trazê-la de volta para você.

— O que você vai fazer? — Angel tomou a minha frente, me parando antes que eu me afastasse deles.

— Vou atrás do Carl.

— Você ficou maluco?!

— Ele está com ela, Angel.

Minha irmã vacilou ao ver o desespero no meu olhar.

— Você não pode agir sem pensar. — Voltou a segurar o meu rosto. — Carl é perigoso, você mesmo me disse uma vez.

— Eu conheço pessoas que são mais perigosas do que ele.

— Ryder...

— Angel, é melhor deixá-lo ir antes que seja tarde demais. — Tyler disse, puxando minha irmã para si.

*Tarde demais...*

Se aquele desgraçado ousasse tocar em um fio de cabelo de Rebeca..., não conseguiria responder por mim.

— Por favor... não faça nada impulsivo. — Ela pediu, receosa.

— Logo você me pedindo isso? — devolvi.

Minha irmã era a senhorita mais impulsiva do mundo.

— Eu aprendi a minha lição e ainda estou lidando com as consequências...

— Angel... — Ty murmurou.

Precisou meio segundo para que eu entendesse o que ela queria dizer com isso.

— Você não é a culpada pelo sequestro da Rebeca, Angel.

Os olhos da minha irmãzinha marejaram e meu peito se apertou mais do que já estava com a visão dela se controlando para não chorar.

— Eu... só consigo pensar que, se não tivesse atraído Carl para cá, nada disso teria acontecido — assumiu. — Tudo continua o mesmo, exceto por Tyler. Mas nós continuamos os mesmos, a não ser pelas suas ligações semanais.

— Angel...

— Não! Não é hora de drama familiar, pelo amor de Deus! Só traga a Rebeca de volta, por favor, mas não se machuque — pediu. — Eu ainda me importo com você.

Assenti.

— Eu... mantenho vocês informados.

— Ryder. — Charles apareceu ao meu lado. — O que está acontecendo?

— Nós não vamos chamar a polícia? — Vincent, o único inocente daquela situação, perguntou.

— A polícia só atrapalharia — respondi. — E ainda poderia complicar mais as coisas.

— E o que você vai fazer?! Entrar e resgatar Rebeca como se não estivéssemos falando de criminosos?

— Eu sou um criminoso — apresentei-me, caso ele não se lembrasse. — E conheço pessoas que vão me ajudar com isso.

— Como isso vai garantir que Rebeca... voltará para nós, Ryder? — Tyler perguntou, fazendo com que a irmã soluçasse.

Aquele mundo realmente não era para eles.

— acredite... Carl vai se arrepender por ter sequestrado Rebeca, porque essas pessoas são bem piores do que ele.

— E por que elas te ajudariam?

— Simples, eu já os ajudei antes — respondi, e me virei para Charles, que tentava acompanhar tudo com os olhos arregalados. — Rebeca foi sequestrada. Preciso que seja o chefe do deserto durante a minha ausência. Faça tudo o que já te ensinei e tente me ligar o menos possível, irei ficar ocupado pelos próximos dias.

— O quê?! Que merda, cara?!

— Apenas faça o que eu mandei, Charles.

— Não vai precisar da nossa ajuda?

— A ajuda que eu preciso de vocês é essa.

Ele assentiu.

Olhei para os outros quatro à minha frente e acenei com a cabeça.

— Eu mantenho vocês informados — repeti.

Agora, eu precisava juntar as minhas coisas e fazer uma longa viagem até o Novo México.



Estava tentando fingir que tudo estava indo bem, que eu não seguia em direção a Santa Fé em busca de ajuda para resgatar a minha ex-namorada, mas, agora que estava sozinho, sentia vontade de desmoronar e vomitar no processo.

Aquilo era inteiramente minha culpa.

Eu traí Carl Jackson.

Eu abandoei minha irmã.

Eu deixei que Rebeca entrasse na minha vida.

*Eu.*

Tudo era por minha causa.

Escolhas... Nem sempre fazíamos as certas, mas, quando as errávamos, as consequências tinham golpes violentos e que machucavam. Meu mundo era repleto de tomada de decisões. Sem elas, não poderia seguir para nenhum caminho.

Acreditava que estava protegendo a minha mulher.

Acreditava que era o melhor para ela.

Nunca achei que eles chegariam a esse ponto.

Eu estava desesperado.

Na minha cabeça, só se passavam imagens de Rebeca. Do seu sorriso, das suas lágrimas e imaginações do que aqueles malditos podiam estar fazendo com ela... *Minha culpa*. Eu nunca me perdoaria por isso. *Nunca*.

Pisei ainda mais fundo no acelerador, passando pela placa de “bem-vindos a Santa Fé” bem acima da velocidade permitida para entrar em uma cidade, mas realmente não me importava com uma simples multa de trânsito. Levei o carro em direção ao complexo dos Shadows, que ficava localizado quase no fim da cidade. Para a minha sorte, estava chovendo e não havia pessoas nas ruas, o que só atrapalharia o meu caminho, caso contrário.

Alguns minutos depois, parei o carro em frente ao bar do moto clube.

Saí do carro e o tranquei, sentindo minhas pernas pesadas por dirigir por quase vinte e quatro horas sem parar para descansar, apenas para ir ao banheiro. Meu corpo poderia estar começando a se queixar, mas eu dificilmente conseguiria ter algum descanso com tudo aquilo acontecendo.

Precisava encontrar Rebeca.

*O que será que estão fazendo com ela neste momento?*

O pensamento me arrepiou e não foi por uma boa causa.

Abri a porta de entrada, chamando a atenção dos membros que estavam por ali. Um deles, eu reconheci no mesmo instante só pela pose ao pegar a arma, achando que um inimigo havia entrado pela porta da frente.

*Akira.*

Ele sabia amedrontar tanto quanto qualquer um naquele lugar.

— Preciso falar com o Sombra — falei, diretamente para ele.

Akira fazia parte da hierarquia, então, se até mesmo o presidente estivesse em reunião, ele poderia interromper, mas, claro, precisava querer. O cheiro de droga tão conhecido por mim junto com o fedor do cigarro adentrou as minhas narinas. Ainda era de manhã cedo, mas os idiotas já estavam se matando.

— Por quê? — perguntou baixo, alisando sua arma.

Avancei um passo à frente, mas levei um susto e parei imediatamente ao ter uma faca pontuda passando a milímetros de mim. Por muito pouco, aquela

merda não cravou no meu crânio. Olhei rapidamente em direção ao idiota que a atirou e dei de cara com o sorrisinho irônico de Poison enquanto lixava as unhas em outra faca.

— Você quer me matar?! — perguntei, porque foi o que pareceu.

Segui com o olhar o caminho da faca e a vi cravada bem no meio do alvo preso na parede.

*Maluca.* Era isso o que aquela garota era.

Poison saiu das sombras do bar e se aproximou, vestida com sua jaqueta do moto clube, que logo me chamou a atenção. Estava bem diferente da última vez que a vi. Agora no bordado com a sua identificação, também tinha a sua função.

*Executora.*

— Um bom filho a casa torna, não é, Pivete?

# 06

| A SOMBRA |

*Nada é tão ruim, se a sensação é boa  
Então você volta, como eu sabia que faria  
E nós somos selvagens, e a noite é uma criança  
Você é minha droga, respiro você até ficar louco*  
**BAD THINGS — MACHINE GUN KELLY, CAMILA CABELLO**

## **RYDER FRASER**

Olhei bem para Poison, um pouco irritado com sua petulância. Como alguém que era cinco anos mais nova do que eu ousava me chamar de Pivete? Aquela garota era um demônio e bem mais perigosa do que qualquer uma com quem já tinha cruzado nessa vida.

— Sério?! Pivete?

Ela sorriu, dando de ombros conforme se aproximava.

— Posso saber o que está fazendo aqui?

Pulou no banco em frente ao bar, sentando-se de forma debochada.

— Preciso falar com o seu pai.

— Ele está com o Hawk — respondeu, se referindo ao vice-presidente do moto clube. — Posso te ajudar em alguma coisa?

Suspirei, sabendo que aquela reunião entre eles tinha chance de demorar. Sentei-me ao lado de Poison, virando-me de frente para o bar, assim como ela fez naquele mesmo instante.

— Rebeca foi sequestrada.

Não olhei para o lado para captar sua reação, mas tinha quase certeza de que Poison também estava surpresa.

— Está envolvido com algo a mais que eu não sei? — indagou, desconfiando de que um traficante do meu nível teria um inimigo grande a ponto de sequestrar alguém próximo a mim.

— É o Carl, Poison — informei.

Akira, que estava do meu outro lado, colocou a faca na sua cintura e se levantou, caminhando para o lado de dentro do bar. O cara começou a preparar uma bebida.

— Leu meus pensamentos, Daylight.

Estranhei o apelido e até perguntaria se os dois estavam envolvidos de alguma forma, se não tivesse coisas mais importantes para resolver no momento.

— Então, você quis dizer o Jones, certo?

Neguei.

— Carl está vivo.

— Impossível. — A morena murmurou, balançando a cabeça em descrença. — Nesses últimos meses, só escutamos sobre o grande crescimento de Jones no mercado, que parece que cresceu e está tentando honrar o nome do pai.

Aquilo também era tudo o que eu sabia antes da ligação no dia anterior.

— Ele se escondeu muito bem na sombra do filho.

— O idiota não caiu de um penhasco?!

— Um penhasco que leva diretamente para um rio — lembrei-a. — A possibilidade de sobrevivência pode ser maior, não?

— A médica é a Winter, não eu. — Deu de ombros.

Akira serviu três copos de uísque à nossa frente. Poison pegou um, bebendo sua dose em um só gole sem nem fazer careta que uma típica pessoa faria por beber uma bebida forte daquelas. Essa era a questão: Poison não era nem um pouco típica.

— Então ele está com a sua Rosinha?

Assenti, virando a bebida da mesma forma que ela.

— Me deixa adivinhar... — Virou-se para mim. — Veio pedir ajuda.

— Preciso de vocês, Poison — assumi. — Eu sei que Carl tem um exército enquanto eu sou apenas um traficante de Campbell que o roubou há alguns anos.

— Meio burrinho, né?

Revirei os meus olhos para o seu sarcasmo.

— Você sabe que eu não tenho chances contra ele.

— Não tem mesmo. — Olhou-me como se sentisse pena, mas eu sabia bem que esse ser de coração de pedra à minha frente não sentia nada. — Por que meu pai toparia ajudar você?

— Porque eu salvei a vida dele. *Dois* vezes — frisei.

— Você acha que isso é o bastante para ele?

— Eu soube que Jones roubou alguns clientes do clube, principalmente no tráfico de armas, e sei que ele está trabalhando com alguém grande o bastante para bater de frente com vocês sem temer pela sua vida. — Todos os meus

dezoito meses na cola de Jones serviram para alguma coisa, afinal. — Tenho certeza de que seu pai está muito irritado com isso.

Poison pegou a garrafa de uísque e nos serviu novamente.

— Agora, você falou a língua certa. — Sorriu de lado. — A língua dos negócios. Acabar com quem está atrapalhando os nossos? Essa não vai ser a primeira e muito menos a última vez que fazemos isso.

— Então...?

— Acho que você tem um ponto, afinal. — Analisou-me de cima a baixo, bebendo mais da sua bebida âmbar. — Além, é claro, do meu pai gostar muito de você.

— Um desperdício de gosto. — Akira, que até o momento estava quieto, comentou em voz baixa.

Antes tivesse ficado em silêncio.

Poison riu.

— Deixa de ser resmungão, Daylight.

— Não vai cansar de me chamar assim?

Ela negou com a cabeça.

— Fazer o quê, se amo incomodar você?

— Vou ver como está o treinamento dos prospectos.

— Por favor, veja se Hazel não está pegando pesado com eles.

Pela primeira vez, vi a sombra de um sorriso nos lábios de Akira.

— Como se você se importasse.

— Exatamente, Daylight. Se ela não estiver pegando pesado, a mande pegar.

Ele fez um sinal de “ok” com a mão e saiu do bar, nos deixando sozinhos. O lugar estava estranhamente calmo, mas provavelmente era por conta do horário.

— Onde estão todos?

— Quem são *todos*? — Poison devolveu. — Alguns dormindo com ressaca da noite de ontem, outros trabalhando e mais alguns apenas sendo os vagabundos de sempre.

Quase ri, mas estava tenso demais para isso.

— Preciso achá-la, Poison... — murmurei, sentindo meu peito se apertar. — Meu Deus, se algo acontecer com ela...

— Ei, pode parando por aí! — Poison colocou a mão sobre o meu ombro. — Nada vai acontecer com a sua garota, me ouviu bem? Nós não vamos deixar.

Suspirei e assenti, me sentindo pela primeira vez naquelas últimas horas um pouco aliviado por tê-los ao meu lado. Eu sabia que seu pai me ajudaria, não era possível que não o fizesse, pois conhecia bem o coração dele. Por mais que

fosse um criminoso, ainda ajudava os amigos, principalmente se fosse para se beneficiar com isso.

Passei por muitos lugares antes de chegar em Campbell e ficar, um deles, o primeiro, foi em Santa Fé. Eu era ingênuo demais e achava que era um simples clube de motoqueiros. Comecei a trabalhar na mecânica deles, ajudando com toda a experiência que tinha, até começar a ouvir boatos pela cidade sobre o envolvimento dos Shadows com tráfico de drogas e armas. Por alguns dias, eu fiquei quieto na minha, mas, então, chamei atenção do chefe.

Nunca soube seu nome verdadeiro, todos o chamavam de “*Sombra*” e falavam o quanto ele era temido por muitas pessoas dentro da cidade, inclusive o prefeito e a própria polícia.

Sombra foi o fundador dos Shadows of Night MC, criado em 1980 ali mesmo em Santa Fé, no Novo México. Naquela época em que fiquei com eles, a gangue de motos já liderava o tráfico de armas e de drogas por muitas regiões dos Estados Unidos. Até então, eles eram uma das maiores.

O presidente fez um convite para que eu me tornasse um prospecto, mas não pretendia ficar em Santa Fé por muito tempo. Meus planos sempre foram outros, e Campbell era o lugar para mim. Porém, antes de sair, completamente grato pela proteção e pelo emprego, o moto clube foi atacado pelos rivais Sons of Devil MC.

Eles eram os principais rivais dos Shadows e era por conta de um passado que nunca me foi explicado, mas sempre fui curioso para saber os motivos pelos quais eles viviam nessa rixa a cada instante.

Naquela noite em que foram atacados, eu não sabia muito o que fazer, pois estava trabalhando até tarde na oficina quando os tiroteios começaram. O outro moto clube atirou para matar, e quando vi o presidente entrando na oficina assustado por estar perdendo muitas pessoas da sua gente, eu o ajudei a subir no carro e fui o seu motorista enquanto ele atirava nos homens de longe. Eu era um bom piloto e isso chamou sua atenção. Mas, mais uma vez, depois de todo o caos, recusei seu convite para fazer parte daquilo.

Se o mundo em que estava até então era perigoso, o dos Shadows of Night era mil vezes pior. Não queria aquilo para mim. Naquela mesma noite, fui embora, mas com o convite aberto de que, se eu precisasse de alguma coisa, eles me ajudariam.

Foi então que, quando minha irmã se acidentou no ano passado, fui o mais rápido que pude para Santa Fé porque sabia que eles tinham uma médica muito boa que serviu no exército. Óbvio que eu não esperava por mais um ataque, muito menos que literalmente salvaria a vida do presidente ao desviá-lo de uma bala quando vi o atirador mirá-la na sua cabeça.



Foi assustador, mas ele ficou me devendo uma.

— Não sabia que teríamos visitas. — Ouvi a voz grossa e tenebrosa do homem que estava nos meus pensamentos naquele instante soar no ambiente.

— Pai, precisamos conversar. — Poison disse.

Olhei diretamente para o presidente do moto clube. O homem não havia mudado muito nos últimos dezoito meses, exceto pela sua barba, que estava um pouco maior, e seu cabelo com alguns fios brancos, que também havia crescido bastante desde a última vez. Os olhos azuis eram tão intensos quanto os da filha, e um civil comum se assustaria com a aura assassina que existia ali dentro.

— Vamos para o porão — mandou. — Aqui não é lugar para ter qualquer conversa séria.

Assenti.

Levantei-me e, ao me aproximar dele, sua mão apertou o meu ombro.

— Bom ver você vivo, garoto.

Ao seu lado, estava Hawk, o vice-presidente dos Shadows of Night, e quem tinha a confiança do presidente de olhos fechados. O loiro apenas acenou em cumprimento, seguindo para o porão também. Fui atrás deles, ouvindo os saltos das botas de Poison logo atrás de mim.

Nunca havia entrado no porão dos Shadows antes porque não participava das suas reuniões, mas imaginava que encontraria um lugar velho e empoeirado, cheio de cadeiras e mesas, mas o que encontrei foi o contrário e me surpreendeu muito.

Tudo ali era novo, desde uma mesa inteligente, daquelas *touch* com tecnologia de última geração, até cadeiras confortáveis ao redor de uma grande mesa de madeira. A pintura das paredes era um tom de marrom-escuro e não prestei muita atenção no quadro grande que tinha em uma delas, mas, pelo pouco que enxerguei, parecia ser uma imagem de rotas.

— O que tem de tão urgente para vir até nós novamente, Ryder?

— Preciso da ajuda de vocês.

O presidente não pareceu surpreso.

— Sente-se e nos conte tudo. — Apontou para a cadeira ao seu lado direito enquanto se sentava na ponta da mesa.

Então, eu contei. Desde a suposta morte de Carl até o que observei de Jones nos últimos meses. Eu deveria ter desconfiado daquele filhinho de papai. Ele não era tão inteligente para crescer e tomar territórios da forma que estava fazendo, mas sua aliança com outros traficantes nublou qualquer desconfiança que poderia vir a ter.

— Os Jackson's invadiram um dos nossos galpões e roubaram toda as drogas. — Sombra falou, cruzando os braços em frente ao peito com uma

expressão tão perigosa que eu sentia que poderia quebrar sua mandíbula. — Só essa ação já é um bom motivo para matarmos um por um. Mas, agora, sequestrar a sua garota? Só me deixou mais animado para acabar com a raça do desgraçado.

— Não sabia sobre o galpão, pai. — Poison falou, parecendo ofendida por não saber dessa notícia.

— Você não precisa saber de tudo, Poison. — O pai foi frio, mas ela parecia entender a sua resposta.

— Se eu puder me divertir com alguns, vai ser uma grande recompensa — disse, lançando um sorriso maligno.

O presidente piscou para a filha.

— Você vai, na hora certa... — E voltou a me olhar. — Soube que minha filha agora é uma executora?

O tom orgulhoso não passou despercebido por mim.

— Eu vi na sua jaqueta. — Olhei para Poison, apontando para sua roupa com o queixo. — Devo dar meus parabéns pela promoção?

Ela riu.

— Deixa de ser idiota.

Os moto clubes tinham uma natureza machista. Inclusive, muitos eram conhecidos por fazerem das mulheres o que bem entendiam por se sentirem acima delas, mas os Shadows of Night eram diferentes.

Primeiro de tudo: eles eram uma família e, mesmo que não fossem as pessoas mais dóceis do mundo, ainda se amavam e matariam um pelo outro sem pensar duas vezes. Tudo bem que para matar, dentro desse moto clube, não precisava muito, mas ainda assim, eles arriscariam tudo por quem vestisse o *cut*<sup>[1]</sup>. Segundo, mas não menos importante: Sombra teve uma única esposa, a qual amou e foi leal até o fim da sua vida. E ela lhe deu o melhor presente, sua filha.

Poison foi criada para ser uma princesa, mas ela logo se revelou ser alguém que lutaria com eles em todas as batalhas. Eu soube que o seu pai sempre foi contra, até que, em uma noite, tudo mudou e ele soube que sua filha havia nascido para ser como ele. Ninguém nunca me deu detalhes, afinal, tudo entre eles era o mais secreto possível, mas eu sabia que, mesmo com o respeito do presidente e do vice-presidente, minha amiga ainda era alvo de preconceitos de outros *chapters*<sup>[2]</sup>. A diferença era que, se a irritassem demais, a danada saberia como fazê-los engolir a própria língua, principalmente agora que era uma executora.

— Então... Vai me ajudar nessa? — Voltei a prestar atenção no homem ao meu lado.

— Não, Ryder — disse, fazendo-me perder levemente o sentido da vida por um instante, pois eles eram a minha única esperança. — Eu vou vencer essa missão por nós.

# 07

| CONTRA A  
PAREDE |

*Porque eu sabia que você era problema quando você apareceu  
Com tanta vergonha de mim agora  
Me levou para lugares que eu nunca tinha ido  
Até que você me largou, oh*  
**I KNEW YOU WERE TROUBLE — TAYLOR SWIFT**

## REBECA WILSON

Acordei me sentindo tonta e com uma ânsia de vômito que fazia a minha cabeça girar ainda mais. Minhas costas também doíam e logo percebi que era por conta da minha postura; estava totalmente torta em cima de uma cadeira com as mãos presas para trás por uma corda que machucava os meus pulsos.

Bastou alguns segundos para entender onde estava e como havia ido parar ali.

A festa de aniversário dos gêmeos.

O homem vestido de palhaço.

A ligação feita por um desconhecido.

Eu saindo para a rua para atendê-la e sendo emboscada por dois estranhos.

*Fui sequestrada.*

Minha mente gritou, mas eu mesma estava em estado de pânico para conseguir abrir a boca e pronunciar uma palavra. Como e por quê? O que eles queriam de mim? Eu não tinha dinheiro nem nada que pudesse atrain-los a sequestrarem logo a mim.

Minha boca estava seca, o que só podia indicar que estava há horas desacordada, talvez até dias, já que, pelo pouco que enxergava na escuridão, não fazia ideia do lugar onde estava. Será que ainda estava em Campbell? O lugar parecia um galpão empoeirado com pouca claridade e o silêncio que vinha sendo a minha companhia nos últimos tempos havia se tornado completamente assustador agora.

Pisquei algumas vezes, tentando enxergar melhor o que tinha ao meu redor para, pelo menos, ter uma pista, mas não consegui ter sucesso na minha ideia. Minha cabeça já começava a latejar e meus olhos, arderem.

Claro que o próximo passo do meu corpo foi ter o coração acelerado enquanto o medo de estar em um lugar desconhecido com completos loucos que haviam me sequestrado começava a se alastrar por cada centímetro de mim. O que fariam comigo? Não havia visto muitos filmes de terror na minha vida, mas lembrava perfeitamente de um que assisti com os irmãos Blossom, onde a garota era sequestrada por um psicopata que fazia coisas horríveis com ela.

Era um filme muito forte e meus amigos deviam estar loucos quando o colocaram na televisão. Já fazia tanto tempo... Mas voltei aos meus pensamentos anteriores.

Primeiro, um criminoso, agora um psicopata? Se eu saísse viva daquela situação, poderia ir direto para um reformatório.

Era bom saber que meu senso de humor continuava intacto, mesmo com a situação em que eu me encontrava.

Uma claridade surgiu do nada em meio à escuridão, fazendo-me fechar os olhos automaticamente. Pelo visto, havia passado mesmo mais do que poucas horas desacordada.

— Parece que a Rosinha acordou, pai.

Aquela voz...

Fiz um esforço para os meus olhos abrirem novamente. Agora, ele havia ligado um ponto de luz acima da minha cabeça e foi um pouco mais difícil de abrir minhas pálpebras, mas, quando consegui, levei um tempo para focar nas pessoas que, em um primeiro momento, eram apenas vultos diante de mim.

Eu reconhecia aquela voz.

*Jones.*

Logo, a constatação de que não era um sequestro qualquer me tomou. Aquilo tinha a ver com o meu passado. Era sobre Ryder.

— Um pouco perdida, querida?!

Aquela risada...

*Não.*

Estava alucinando? Arregalei os meus olhos e consegui focar em quatro homens ao meu redor, mas o que estava sentado em uma cadeira de rodas, completamente imóvel, com um sorrisinho malvado nos lábios e um olhar de assassino foi o que fez com que eu quase vomitasse.

Carl Jackson.

Como ele estava vivo?!

— Surpresa em me ver? Ah, sim... Retornei dos mortos, Rosinha.

Se ele não me contasse, eu nunca teria adivinhado.

— Como...? — Minha voz soou baixa, mas ele ouviu perfeitamente.

— Foi uma queda e tanto para mim, tenho que admitir. — Movimentou a cadeira usando suas próprias mãos para mais próximo de mim. — O suficiente para me deixar nessa cadeira de rodas por um bom tempo, talvez até para sempre. — Consegui notar o ódio que sentia ao ter que pronunciar sua situação. — Mas minha avó sempre disse que vasos ruins são difíceis de quebrar.

Ele era um vaso do pior tipo.

— Um ano — pronunciou, sem eu saber ao que se referia. — Foi esse tempo que eu fiquei em uma cama me recuperando, saindo apenas para fazer as minhas fisioterapias, cheio de dores e com o coração apertado de raiva. Sabe o que a raiva pode fazer com um homem como eu, garota?

Engoli em seco e, conforme ele se aproximava mais com aquela cadeira, mais meu coração acelerava e eu sentia que algo de ruim aconteceria comigo a qualquer momento. Carl Jackson sempre despertou o meu medo, pois despertava o de Ryder também. Mas agora parecia pior. O homem parecia ainda mais assustador do que a sua versão de dezoito meses atrás.

— Responde, sua ratinha imunda! — gritou bem na minha cara, me fazendo fechar os olhos com força.

Neguei em resposta à sua pergunta anterior.

— Ela consome. E um homem com raiva pode fazer muitas coisas com um rostinho lindo como o seu.

Não o encarei, mesmo sentindo sua respiração bater contra o meu rosto.

— Pai, o senhor não pode se estressar. — Jones disse, preocupado.

— Aí é que você se engana, filho. Eu posso tudo. — Senti que seus olhos me queimavam. — Está com medo, Rosinha? Você deveria ter medo do que eu vou fazer com o seu namoradinho de merda.

A menção de Ryder fez com que eu abrisse meus olhos no mesmo instante, dando de cara com ele a centímetros de distância de mim. Carl parecia mais velho, como se tivesse envelhecido dez anos naqueles últimos dezoito meses. Sua expressão era mesmo assassina, o tom azul dos seus olhos nunca foi tão frio e a palidez da sua pele indicava que não tomava sol há tempos.

Assustador.

— O que aconteceu com a sua língua? O gato comeu? — Riu em escárnio, achando tudo aquilo engraçado.

Decidi abrir a minha boca de uma vez por todas.

— Eu e Ryder terminamos. — Ainda saiu baixo, mas ele estava tão perto que escutou.

— Eu sei disso, querida. Sei de muitas coisas, aliás — comentou. — Mas ele ainda se importa com você.

Neguei com a cabeça, quase rindo de sua afirmação.

— Você está enganado.

Carl ergueu a mão e segurou o meu queixo com força demais para alguém que estava debilitado em uma cadeira de rodas. Gemi diante da dor que se alastrou naquela parte.

— Eu nunca estou enganado. — Meus olhos marejaram com o seu aperto mais forte. — Ele virá atrás de você, e sabe o que vai acontecer? Eu vou torturá-lo ao torturar você bem devagarzinho. E, quando tiver me divertido o suficiente, irei matá-la na frente dele, só para depois fazer o mesmo com ele.

Balancei a cabeça, tentando me livrar do seu toque.

— Quietinha! Nós ainda nem começamos. — Carl voltou a rir. — Sabe quem vai se divertir fazendo tudo isso? Meu filho. Ele se tornou o meu maior orgulho nesses últimos meses.

Consegui me livrar do seu toque, mas Carl não gostou nada disso, pois, em seguida, levei uma bofetada na cara. Tão forte que fez o meu rosto virar para o lado e minhas lágrimas deslizarem pelas minhas bochechas.

— Teimosa! Será que foi por isso que o ruivo se interessou por você?

Por que ele estava fazendo aquilo? Ainda era por causa da traição?

— O que você quer?! — indaguei.

— O que eu quero? — Ele riu. — Ouviu isso, Jones? Ela quer saber o que eu quero! — Voltou a segurar o meu queixo, obrigando-me a olhá-lo. — Eu quero que o seu queridinho sofra antes de morrer pelas minhas mãos. Ele vai me pagar caro por ter me deixado nesta cadeira de rodas.

Neguei.

— Mas não foi...

— Cale a porra da boca! — Outro tapa, e senti o soluço entalar na minha garganta. — Acha que eu acredito em você? Que não foi o seu namoradinho? Quem, além dele, tinha motivos para me matar como quase matei a sua irmã?

Para Carl, tudo fazia muito sentido e eu poderia jurar que, se não tivesse visto a verdade no olhar de Ryder, também acreditaria que aquela teoria era a certa, mas meu ex-namorado não havia feito isso, mesmo que tivesse sentido vontade.

Não respondi, pois realmente estava com medo de levar outro tapa. Minha bochecha já doía muito e as lágrimas, por mais que tentasse controlar, saíam dos meus olhos.

— Chore à vontade, Rosinha. Seu tempo está contado no cronômetro.

Ele movimentou a cadeira para trás, mas não ousei olhar em sua direção.

— Vejo você mais tarde. Ainda preciso atrair o rato para a ratoeira — disse, se referindo ao Ryder. — Não faça nenhuma gracinha.

Carl e Jones saíram do galpão primeiro. Pensei que ficaria com os outros dois capangas que estavam com eles, mas também saíram depois de um minuto. Consegui respirar fundo quando a porta foi fechada e, ainda que estivesse apavorada, olhei ao meu redor para me situar do local onde estava.

Era mesmo um galpão empoeirado. No fundo, havia uma mesa com facas, estiletes e outros tipos de ferramentas que não consegui identificar, mas que me causaram ainda mais medo rapidamente.

Ryder não era o rato.

Eu mesma me sentia o animal, enquanto eles eram os gatos, prontos para me matar a qualquer momento.



# 08

| ROTA |

*Por favor, me dê um remédio  
Um remédio que vai fazer meu coração parado voltar a bater  
O que eu devo fazer agora?  
Por favor, me salve, me dê mais uma chance  
Por favor, me dê um  
JAMAIS VU - BTS*

## **RYDER FRASER**

Era interessante ver como funcionava um moto clube. Assim que Sombra bateu o martelo na decisão de me ajudar, todos os diretores foram chamados para o porão, que havia descoberto há alguns segundos que eles chamavam de capela, pois era ali que aconteciam as reuniões.

O primeiro a entrar foi Akira com sua cara amarrada de sempre, e os cabelos escuros e molhados davam a entender que havia acabado de sair do banho. O cara devia ter a idade de Poison, mas era muito fechado e não deixava qualquer um se aproximar. Ele era como um filho para Sombra e, até há um tempo, era como um irmão para Poison, mas não sabia dizer se essa relação havia evoluído para algo a mais só por conta do apelido pelo qual minha amiga o chamava agora.

Akira tinha descendência coreana, mas nunca soube como ele foi parar no moto clube. Como eu disse, muitas coisas eu não fazia ideia de como aconteceram, mas sabia que ele era o capitão de estrada do MC e tinha a função de organizar as corridas do clube, organizar as rotas — fossem de roubo ou de qualquer outro plano que tinham — e cuidava das entregas também, sempre garantindo a segurança na estrada.

Em seguida, entrou Hazel, a segunda mulher que conseguiu ocupar um cargo nos Shadows depois de mostrar para Sombra do que era capaz. Ela estava diferente da última vez que a vi. Agora, seus cabelos loiros estavam bem curtos, com um caimento levemente para o lado.

Hazel era tão letal quanto sua amiga Poison. Ela ocupava o cargo de sargento de armas justamente por saber usar uma arma e atirar como ninguém.

Sua responsabilidade também era a segurança do clube, mantendo a ordem das reuniões e, pelo pouco que sabia, também liderava as guerras quando aconteciam.

— Já vi que temos um problema dos grandes. — Ela disse, se sentando do lado oposto ao meu sem desviar o olhar de mim. — Para o Pivete estar aqui na capela.

Revirei os meus olhos.

— Podem parar de me chamar assim, porra?

Poison olhou para ela como um sinal de aviso, algo como “*ele não está em um bom momento*”. Quase conseguia ouvi-la dizendo isso com aqueles olhos azuis.

Hazel ergueu as mãos no ar, como se estivesse se rendendo.

O próximo a entrar foi Rael, o secretário responsável por cuidar de todos os registros do clube, todos os relatórios, correspondências e mais papeladas. Era ele quem também ajudava o capitão de estrada nas pesquisas, usando do seu bom conhecimento em tecnologia para manter o moto clube seguro.

Esse era o meu conhecimento sobre os diretores dos Shadows. Se houvesse mais alguma coisa que os cargos faziam, eu provavelmente não tinha conhecimento.

— Ótimo. Estão todos aqui. — O presidente disse, se levantando da sua cadeira. — Temos mesmo um grande problema.

— O que aconteceu? — Rael perguntou.

Sombra cruzou os braços em frente do peito, encarando um por um até parar em mim. Quem não o conhecia, pensaria que ele era apenas um homem sempre bravo com aquela cara fechada, mas eu sabia que, no fundo daquela casca, havia um homem com um coração muito bom, que me acolheu quando qualquer outro presidente de um moto clube não teria nem deixado com que eu me aproximasse.

— A garota do Ryder foi sequestrada — respondeu, me fazendo engolir em seco e a onda de preocupação voltar com mais força.

— E o que temos a ver com isso? — Akira questionou.

Eu o olhei com ódio. O cara era um idiota e ter me levantado para socar a sua cara foi automático, mas fui impedido pela mão enorme de Hawk no meu braço antes que partisse para cima.

— Sente-se, Fraser.

O idiota do Akira sorriu de lado, despreocupado. Ele havia escutado tudo o que falei para Poison e, mesmo assim, agiu daquela forma? Sempre desconfiei que era um babaca sem sentimentos.

— E um dos nossos galpões foi invadido. — O presidente disse a todos, ignorando a pequena interrupção que causamos. — Carl Jackson está envolvido. O único que pareceu surpreso, além de Poison, foi Akira.

— E por que não estou sabendo disso?

— Está sabendo agora. — Hawk respondeu.

— Carl está com nossas drogas e com a garota do Ryder, que mesmo não sendo um membro do clube, tem o nosso respeito por nos ajudar duas vezes em meio aos ataques. — Sombra explicou, lembrando a todos na sala do nosso passado.

— Como vamos agir? O desgraçado não está em Los Angeles? — Hazel fez as perguntas.

— Precisamos de um plano, mas primeiro precisamos saber a localização exata de Carl Jackson — definiu. — Ele pode estar mais próximo do que imaginamos.

— Então, Rael, você procura no sistema. Tente hackear os satélites e as câmeras à procura do desgraçado. — Hawk ordenou, recebendo a confirmação do presidente. — Temos equipamentos de última tecnologia para isso.

Aquilo me surpreendeu bastante.

A possibilidade de eles conseguirem rastrear Carl com equipamentos que, com certeza, custavam uma fortuna me fazia questionar em silêncio o que eles eram. Uma gangue comum de motos não era o que parecia.

— Isso será rápido? — perguntei. — Rebeca já está com ele há dois dias.

— É melhor procurar por Jones também, não sabemos se Carl já resolveu sair da toca onde está. — Poison deu a ideia.

O pai assentiu.

— Considerando que eles estão com uma arma valiosa em um dos seus esconderijos, os dois devem estar indo todos os dias visitá-la.

— Farei uma pesquisa por Los Angeles e...

— Não. — Akira cortou Rael.

— Não?! — indaguei sem entender. O desgraçado já estava me irritando.

— Eles não estão em Los Angeles.

Ele se levantou e foi até um armário de madeira, que ficava no canto da capela. Pegou de dentro um grande mapa e trouxe até a mesa.

— Eles saíram da Carolina do Norte. — Apontou para o estado onde eu vivia. — Estar em Los Angeles é o que eles esperam que Ryder pense, mas sabemos que Jones ampliou muito os negócios por essas redondezas — explicou, indicando dois estados: Nevada e Arizona. — Quem nos garante que ele não está em um deles?

— Carl quer que eu o encontre — afirmei. — Isso garante que eles estão em Los Angeles.

Akira prendeu o riso, negando com a cabeça.

— Você é mesmo só um traficante, não é?

— Akira. — Poison chamou sua atenção. — Pode explicar a sua teoria?

— É, Akira — mandei, fechando os punhos e semicerrando os olhos. — Antes que eu mostre o que só um traficante pode fazer com o seu rostinho bonito.

Hazel revirou os olhos ao suspirar alto.

— Homens... Felizmente, tenho atração por mulheres.

— Nós podemos focar, por favor?! — Sombra mandou. — Akira, fale ou então deixe Rael fazer o seu trabalho.

Akira assentiu para o presidente.

— Antes de querer ser encontrado por você, Carl quer que sofra. Sabe qual é a melhor tortura? — Notei seus olhos se perderem por alguns segundos antes que ele continuasse. — A psicológica. E você estar desesperado, procurando Rebeca por toda Los Angeles com mil possibilidades do que ele está fazendo com ela neste momento é uma ótima forma de começar toda essa brincadeira.

— O que o Akira disse faz sentido. — Hazel deu razão ao diretor. — Trabalhei com os piores tipos de pessoas antes de chegar aqui e, pelo pouco que sei do Carl, ele adora brincar, não é mesmo?

— Não foi o que ele fez no deserto? Um show e quase levou a vida da sua irmã? — Poison questionou.

Assenti, mesmo a contragosto. Só de me lembrar do que aconteceu há quase dois anos, sentia a raiva bombear todo o meu corpo.

— Então seria ideal começarmos as pesquisas nesses dois estados? — Rael quis saber.

— Não. — O presidente respondeu, atraindo a atenção de todos. — Comece pelo Novo México.

— Aqui? Mas o senhor acha que...

— Eu não acho nada — disse ao Rael. — Eu tenho certeza de que o Novo México é o terceiro lugar que ele quer roubar território, mas o idiota esqueceu de um detalhe. Nós.

Só um idiota roubaria algo dos Shadows of Night. Era isso o que ele queria dizer com aquela expressão irônica e soberba. Poison riu.

— Ele acha mesmo que vai conseguir?

O presidente voltou a se sentar na sua cadeira, arrumando a jaqueta de couro no corpo e encarando o mapa com um olhar que eu poderia julgar ser assassino.

— O maior erro dos nossos inimigos é se iludir com a possibilidade de tomar o que é nosso.

— Então... — Hazel começou, quase não contendo o sorriso nos lábios. — Cabeças vão rolar?

— Estou curioso para saber qual é o seu plano — murmurei.

— Essa guerra se tornou pessoal, Ryder — disse. — Nós vamos achá-lo, pegar sua garota e acabar com a raça do desgraçado.

Morte ao Carl Jackson, era isso o que aquilo tudo significava. E parecia mais aliviador do que deveria ser.

Nunca havia chegado a ponto de matar alguém. Assustar e ameaçar sempre deu certo no meu mundo, mas o moto clube à minha frente estava acima de mim na linha da criminalidade. Diferentemente de mim, que estava satisfeito com o meu território, para eles, quanto mais tivessem, melhor e mais satisfeitos ficavam.

— E de prêmio, ficamos com tudo o que é deles. — Sombra concluiu, sorrindo perigosamente ao se recostar na sua cadeira. — Já queríamos os Shadows em Los Angeles e nos nossos estados vizinhos mesmo, não é?

Poison riu.

— Você é um desgraçado, pai.

Ele piscou para a filha.

— Dos piores, querida.



Não consegui descansar como fui mandado a fazer.

Poison me colocou em um dos quartos em cima do bar para dormir um pouco, pois eu estava há mais de um dia inteiro sem piscar os olhos, mas, conforme as horas passavam, mais aflito ficava e menos sono tinha. Parecia que um cabo de energia estava ligado a mim e nem o cansaço que sabia que sentia era o suficiente para me derrubar.

Tornou-se impossível qualquer descanso quando o sol se pôs e o bar encheu, como acontecia em todas as noites. Permaneci sentado na ponta do colchão, com o corpo inclinado e os cotovelos apoiados nas minhas pernas, pensando em como Rebeca deveria estar naquele momento. Será que eles a haviam machucado? Não queria pensar nessa possibilidade, mas era inevitável. Não conseguia me manter quieto e a minha mente estava vazia, o que facilitava para que todos os pensamentos perversos surgissem aqui dentro.

Eu mataria Carl com as minhas próprias mãos, se tocasse em um fio de cabelo da minha Rosinha.

Queria poder ajudar, ocupar a minha cabeça com algo que fosse útil na busca por Rebeca, mas os Shadows não eram tão bonzinhos assim. Deixarem-me ter participado da reunião naquele primeiro momento foi um milagre. Nos negócios que comandavam, eles tinham o controle e ninguém vestido apenas com uma jaqueta de couro preta sem *patch* algum poderia se meter.

A música lá embaixo já estava alta e as conversas junto com as risadas também aumentavam gradualmente. Só esperava que os idiotas não estivessem se embriagando enquanto tínhamos que correr com esse plano o mais rápido possível.

Meu telefone tocou e, por um momento, pensei que poderia ser Angel, já que não havia dado nenhum sinal de vida desde que saí de Campbell, mas o número desconhecido na tela fez com que eu esquecesse o próximo movimento automaticamente.

Odiava sentir medo, parecia que eu havia me tornado um covarde. Mas Carl tinha esse poder sobre mim. Ele me apavorava ainda mais agora que estava com Rebeca.

— O que você quer?! — perguntei, assim que atendi a ligação, levantando em um rompante.

— Isso é jeito de atender um velho amigo? — Riu e tossiu ao mesmo tempo do outro lado da linha.

— Não somos amigos, Jackson! — contrapus, irritado com seu senso de humor de merda. — Onde você está?

— Por que não me procura? É mais divertido.

— Responde a porra da minha pergunta, Carl!

Ele riu alto, fazendo as batidas do meu coração acelerarem.

— Você acha que manda em alguma coisa, garoto?! Você é só um traficante de merda que nem coragem de matar seus inimigos direito tem. Teve a oportunidade de fazer isso comigo e falhou. Acontece que, agora, sei onde você está e o que importa para você, então se prepare para implorar pela sua morte.

— O que você quer dizer com isso? Não fui eu que sabotei o seu carro, Jackson! — falei. — Pode apostar que, se tivesse sido eu, você não estaria vivo.

Acreditava que o que eu disse o irritou, pois ouvi o exato momento em que sua respiração pesou.

— Vai continuar mentindo, porra?! — gritou, o que fez com que eu afastasse o celular da orelha. — Vamos ver se tem coragem de mentir com isso!

Ouvi uma porta se abrir no fundo da ligação e, em seguida, sua voz voltou:

— Por que não aceita a minha chamada de vídeo, Fraser?

Senti minhas mãos suarem ao afastar o aparelho novamente e olhar a tela. A solicitação de chamada de vídeo estava ali e não sabia se deveria mesmo aceitar, pois não fazia ideia do que encontraria do outro lado. Mas, mesmo com uma aflição incomum, desativei a minha câmera para que ele não percebesse que estava em outro lugar e aceitei a chamada.

Pensei que encontraria a cara do desgraçado, mas tudo o que enxerguei foi a escuridão.

— O que você quer com isso, Jackson?!

Meu coração batia ainda mais rápido e minha respiração se tornou ofegante. Um arrepio estranho se espalhou pelos meus braços e uma sensação ruim me tomou com a possibilidade de ele me mostrar Rebeca.

— Não está com saudade da sua Rosinha?

Eu sabia. Conhecia a mente daquele lunático.

— Carl, é melhor soltá-la, ou vai se arrepender disso!

— Não, Fraser. Você é quem vai se arrepender de ter entrado no meu caminho — rebateu, com o tom ameaçador que nunca o abandonava. — Ligue a luz, filho.

O babaca do Jones obedeceu ao pai e, quando meus olhos focaram na garota amarrada na cadeira, meu coração, que antes batia como um descontrolado, por muito pouco não falhou.

O cabelo agora completamente preto tapava por inteiro visão que eu tinha do seu rosto, pois sua cabeça estava abaixada e os fios quase todos para frente.

— Acorde a vadia.

— Seu filho da puta! — rosnei. Uma mistura de raiva e impotência em minha voz.

Mas eu deveria saber que chamar Rebeca de vadia era pouco comparado ao que eles fariam com ela. Jones, o filho de uma cadela, puxou o seu cabelo da nuca para trás, a fim de acordá-la.

— Jones! — gritei. — Eu vou quebrar a sua cara!

— Ameaças e mais ameaças. — O garoto riu com deboche.

Não tive tempo de revidar porque o que enxerguei, quando Rebeca ergueu o rosto, completamente desnorreada, me nauseou e me fez perder as forças das pernas rapidamente, caindo de joelhos no chão.

Eles haviam batido nela. Seu rosto lindo estava coberto por hematomas e machucados que sangravam. Sua boca estava cortada e não havia uma parte que não estivesse inchada devido aos ferimentos.

Foi como levar um soco na boca do estômago vê-la daquela forma.

— O que fizeram com você, baby...?

A pergunta saiu tão baixa pelos meus lábios, que não achei ser possível de escutar, mas levei um segundo soco ao ter seus olhos apertados em direção ao celular. Havia tanta dor e força ali que me golpeou.

— Ry... Ryder? — sussurrou, quase um movimento de lábios sem som, mas eu entendi perfeitamente.

Ela fez uma careta em seguida, provavelmente sentindo dor em cada parte daqueles machucados. *Malditos!*

— Eu estou aqui... Eu vou te tirar daí, eu... — Senti meus olhos marejarem e minha garganta apertar.

*Me desculpa.*

Como pedir desculpas por algo que sabia que não havia perdão? Ela estava ali por minha culpa.

— Por que não vem até aqui salvar a sua garota, Fraser? Já devia ter chegado, sabe? A demora só nos deixa mais entediados.

Sem avisos, Rebeca levou um soco no estômago. Gritei ao vê-la quase cair para frente e gemer de dor.

— Desgraçado! Não toquem nela! — mandei, tentando me levantar. — Sou eu quem vocês querem, então deixem-na fora disso!

— Isso o que fizemos é só para você entender as regras, Fraser — disse, deixando-me confuso.

Não conseguia desviar o meu olhar de Rebeca. Minha mulher havia voltado a se curvar, provavelmente não aguentando a dor que estava sentindo. *Por minha culpa.*

— Não gostei de você ter ido até os Shadows, sabe? — revelou. — Como você mesmo disse, isso é entre nós.

Fiquei tão desnorteado com o sequestro de Rebeca que não pensei na possibilidade de estar sendo seguido, pois só isso explicava o fato de Carl saber da minha localização.

— Então vamos conversar como adultos ou...

Rebeca levou outro soco.

Seu grito foi desesperador e fez com que tudo dentro de mim doesse.

— Parem, porra! Só parem com isso! — implorei, sentindo as minhas lágrimas caírem sem nenhuma covardia pelo meu rosto. — Eu faço o que você quiser, Carl, só não a machuque mais... Por favor!

Carl riu e mudou a direção da câmera de forma que eu visse a sua cara.

Os últimos dezoito meses o haviam castigado demais. Sua velhice estava mais aparente, mas o rosto maldoso ainda parecia pior do que antes.

— O amor nos torna fracos, não acha? — indagou.



Não fui capaz de responder. As cenas de Rebeca apanhando e toda machucada ainda estavam vivas na minha cabeça, me causando tanta dor que era imensurável.

— Irei te passar o endereço de onde estou por mensagem — avisou, chamando a minha atenção. — É melhor que venha sozinho, Ryder, ou a Rosinha irá sofrer as consequências.

Ele desligou antes mesmo que eu falasse qualquer coisa.

Atirei o telefone em qualquer canto daquele quarto velho, levando as minhas mãos até a minha cabeça, puxando meus cabelos de uma forma tão desesperada e gritando com toda dor e ódio que sentia dentro de mim.

Mas, dentro da minha mente, uma promessa sussurrava em círculos:

*Carl Jackson pagaria por cada machucado em Rebeca.*

# 09

| IMPULSO |

*Você sabe que eu não consigo  
Me mostrar para você  
Me entregar a você  
Eu não posso te mostrar esse meu lado miserável  
Então coloco uma máscara e vou te encontrar  
Mas eu ainda quero você*  
**THE TRUTH UNTOLD — BTS FEAT. STEVE AOKI**

## **RYDER FRASER**

Eu sabia o que fazer assim que levantei do chão e saí do quarto apenas com o meu celular na mão. Estava com o endereço do esconderijo que Rebeca se mantinha em cativeiro e ninguém poderia me impedir de ir até aquele lugar.

Eu faria o que Carl mandou.

Eu iria sozinho.

Dessa vez, eu sabia que era uma atitude burra, mas não brincaria mais com o meu destino, principalmente quando o presente em que estava vivendo envolvia a vida de Rebeca.

Trocaria a minha vida pela dela sem pensar duas vezes.

Sombra tinha razão sobre a localização de Carl. O desgraçado estava a uma hora dali, tão perto que não me restavam dúvidas de que tinha capangas seus me vigiando.

Desci as escadas que me levavam para o bar e, como a música e as vozes altas indicavam, estava lotado. Com as mulheres do clube passando com seus shorts curtos o bastante para não cobrir nada e tops que poderiam ser considerados sutiãs. Alguns membros do clube também estavam ali, se divertindo com elas enquanto bebiam, fumavam e jogavam, mas não havia nenhum sinal dos diretores. Eles provavelmente estavam na capela, procurando por Carl.

Assim era melhor.

Estava quase alcançado a porta da saída quando Poison entrou no meu caminho.

— Para onde pensa que vai, Ruivinho?

Óbvio que aquele pequeno demônio estaria na minha cola. Se havia uma coisa que Poison sabia fazer muito bem, além de torturar, era me conhecer.

— Tomar um ar.

Ela sorriu.

— Vou com você.

Suspirei.

— Poison...

— Ele entrou em contato com você, não é?

— Como sabe?

— Hunter viu um estranho vigiando o moto clube e contou para Hawk. Nós achamos que pode ser um capanga do Carl.

— Provavelmente seja.

— Ele ordenou para que fosse sozinho?

Não adiantava fingir que Carl não havia me ligado, pois ela também sabia rastrear um mentiroso a metros de distância.

— Preciso ir.

— Isso é suicídio, Ryder! — Segurou-me pelos ombros. — Você ficou maluco?

— O que quer que eu faça? Eles estão machucando a Rebeca, Poison! — Só de lembrar, sentia-me insuficiente e triste. — Eu vi com os meus próprios olhos! Ela está toda machucada, mal consegue enxergar direito e...

— Ei, calma! — interrompeu-me, apertando os meus ombros em sinal de força. — Você já deve ter a localização, o que fica bem mais fácil. Compartilhe-a conosco. Vamos ver um plano para acabar com o desgraçado e pegar a sua garota.

Eu sabia que Poison não me deixaria sair por aquela porta de qualquer maneira, apenas por isso, concordei com seu pedido.

— Eu só a quero viva e bem, Poison.

Mesmo que fosse a pessoa mais fria que conhecia, Poison assentiu ao parecer entender a minha aflição.

— Acho que entendo o seu ponto de vista, faria o mesmo por meu pai — disse, se afastando um pouco. — Nos encontre lá embaixo daqui meia hora, tudo bem? Enquanto isso, suba e tome um banho.

— Farei isso.

Ela demonstrou acreditar em mim, pois, assim que virei as minhas costas e caminhei em direção às escadas, ela foi para os fundos do bar.

Respirei fundo e subi, pensando em outra forma de fugir daquele lugar.

Entrei no quarto que era para ser o meu e observei ao redor. A janela era grande o bastante para o meu corpo passar por ela e foi o que eu fiz. Eu a abri e passei, me contorcendo todo no movimento, mas ficando em cima do telhado poucos segundos depois.

Andei devagar e contra a parede, para não quebrar as telhas e chamar atenção. Felizmente, todos estavam se embriagando lá embaixo, dessa forma, passei pela janela de todos os quartos sem ser visto e, quando encontrei a escada da saída de emergência, desci por ela sem nenhuma dificuldade.

Verifiquei os bolsos da minha jaqueta e senti a chave do carro de um lado e, no outro, o meu celular, tudo o que precisava para seguir em direção ao Carl.



Encarei o galpão à minha frente com um aperto estranho no coração. Sabia que não sairia vivo daquela situação, mas esperava que, ao menos, conseguisse tirar Rebeca viva de lá.

Ela teria uma boa vida sem mim nesse mundo. E eu seria apenas um *bad boy* que cruzou o seu caminho na faculdade e a fez perder a cabeça. Se a tivesse marcado o suficiente, talvez teria a sorte de ser uma das histórias que ela contaria para os seus filhos.

A lembrança do nosso primeiro encontro a sós veio até minha mente e foi impossível não sorrir fracamente, mesmo que estivesse quebrado por dentro.

— *A garota de cabelo cor-de-rosa não para de olhar para você.* — Charles comentou, após a corrida. — *Isso faz o quê? Acho que duas festas já.*

*Eu ri, pouco me importando com o que ele estava falando. Garotas da universidade não me interessavam. Na maioria das vezes, elas eram grudentas, sonhadoras e chatas.*

— *Deixe que olhe.*

*Jules me estendeu um copo com o meu uísque favorito.*

— *Ela é gostosa.* — Deu sua opinião, me deixando um pouco mais curioso para saber quem era a garota. — *Amiga dos irmãos Blossom.*

*Então, ali estava mais um motivo para ficar bem longe dela.*

*Acreditava que tinha uma leve ideia de quem ele estava falando, pois já havia reparado em uma garota de cabelo cor-de-rosa muito bonita quando conversei com Tyler perto dos irmãos Blossom uma vez, mas não dei muito assunto para Charles. Por mais que ela fosse bonita, eu tinha algumas regras.*

— *E o dinheiro de hoje? Tudo certo?* — Mudei de assunto de repente.

— *Melhor do que na semana passada.* — Jules respondeu. — *Cara..., ter o Tyler correndo com o Ashton só atrai mais gente.*

— Perfeito.

As apostas dentro das corridas eram um entretenimento e um atrativo para novos jovens se apaixonarem pelo deserto. Era bom que estivesse dando certo.

— Vou aproveitar a festa. Vocês vão ficar por aí? — Charles perguntou.

— Prefiro — respondi. — Daqui, tenho uma visão melhor de tudo.

— Você sabe que fica parecendo um rei em seu trono, não é? O pessoal estava até zombando! — Jules disse.

Sorri de lado.

— Eu sou o rei deste lugar, Jules.

Ele assentiu.

— Vou com você, Charles.

Os dois seguiram para a festa enquanto eu permaneci ali, observando todos pularem ao som da música eletrônica que tocava na caixa de som de um dos carros usados apenas para isso. Bebi mais do meu drink, um pouco cansado da normalidade que estava aquele local. Talvez, seria legal inovar em algo.

Duas garotas passaram na minha frente e o grito de uma delas, seguido por um “olha por onde anda”, chamou a minha atenção.

Como se a vida gostasse de zombar com a minha cara, a garota de cabelos cor-de-rosa estava a mais ou menos dois metros de mim, tentando limpar a bagunça que a outra havia feito ao derrubar todo o copo de cerveja nela com as mãos.

Essa era a garota que estava me secando.

— Demorei exatamente um mês para comprar a droga do vestido para ele estragar dessa forma... — Eu a ouvi resmungar, jogando o copo da sua cerveja no lixo. — Ódio!

Prendi o riso ao vê-la falando sozinha e, sem pensar muito, levantei e me aproximei dela.

— Precisa de ajuda?

A garota ergueu a cabeça rapidamente e arregalou os olhos assim que me viu diante dela.

Ok, ela era mesmo muito gostosa.

O cabelo rosa era uma peculiaridade muito bem-vinda e que a deixava mais bonita do que já era. Ela não usava maquiagem muito forte, então conseguia ver com clareza sua aparência natural. Seus olhos eram castanho-escuros e sua pele negra parecia ser tão macia que não entendi o porquê tive vontade de tocá-la naquele momento.

Não fui nem um pouco decente.

*Desci meus olhos por todo o seu corpo com cuidado, apreciando a visão dos seios médios bem apertadinhos dentro daquele vestido preto que não poupava a minha imaginação, pois abraçava todas as suas curvas e revelava pernas muito bonitas.*

*— A não ser que você tenha um vestido novo para mim, acho que não pode me ajudar — disse, parecendo estar tranquila por ficar cara a cara comigo.*

*— Isso, eu não tenho, mas tenho uma toalha e um banheiro limpo dentro do meu trailer — contrapús, apontando para o local com um maneio de cabeça.*

*— Deve ser melhor do que ficar o resto da festa melecada de cerveja.*

*— Entrar naquele trailer com você?*

*Sorri.*

*— Está com medo?*

*Ela semicerrou os olhos em minha direção.*

*— Não, mas sei que não devo confiar em você.*

*Bebi o restante do meu uísque em um só gole, bem consciente de que ela me observava com atenção.*

*— O que você sabe que não está incorreto.*

*Ela virou levemente o rosto para a direita e sorriu de lado ao negar com a cabeça algo que parecia estar apenas em seus pensamentos.*

*— Eu vou com você — anunciou, não me surpreendendo. — A propósito, sou Rebeca Wilson.*

*Estendeu a mão para mim.*

*— Ryder Fraser. — Apertei a sua mão.*

*Como eu imaginava, sua pele era incrivelmente macia. E não pude deixar de aproveitar para continuar segurando a sua mão ao guiá-la até o meu trailer. Passamos pelo meio das pessoas a caminho dele e, quando nos aproximamos, larguei a sua mão para destrancar a porta.*

*— Você mora aqui? — perguntou, bem curiosa.*

*Neguei, abrindo a porta.*

*— Aqui é apenas onde eu resolvo os meus negócios.*

*— Drogas e armas, estou ligada... — ponderou, entrando no trailer. — Obrigada pela generosidade em me ajudar.*

*Apenas assenti.*

*— Armas? — indaguei, pois fiquei bem curioso quanto a essa parte.*

*Ela arregalou levemente os olhos.*

*— Do seu... trabalho, sabe? Bom..., eu não tenho que me meter nisso. Onde é o banheiro?*

*Rebeca olhou ao redor, parecendo mais curiosa com o que havia em cada canto ali dentro do que à procura da única porta, além da saída, que levava ao*

banheiro.

— O que falam sobre mim e as armas? — perguntei, porque dessa eu não sabia.

Ela deu de ombros, me olhando sem graça.

— Que você..., sabe? Faz o mesmo que faz com as drogas.

Assenti, bem surpreso com a minha fama lá fora. Estava longe de traficar armas, pois sabia que era um nível que exigia muito mais do que eu tinha no momento.

— O banheiro é naquela porta. — Indiquei, apontando com o queixo. — Tem toalha limpa lá dentro, no armário embaixo da pia.

Ela assentiu e quase correu para dentro do pequeno espaço.

Sorri, me sentando ali no sofá em frente à pequena cozinha enquanto esperava pela garota. Não levou muito tempo para que ela saísse de dentro do banheiro e, ao olhá-la novamente, conforme ela se aproximava com aqueles saltos e o vestidinho, só me deixou ainda mais tendencioso a quebrar a regra que eu tinha sobre não me envolver com universitárias.

— Deixo essa toalha no banheiro mesmo? Provavelmente, você vai querer lavá-la e...

Levantei-me de repente e me aproximei dela, percebendo que ainda havia uma gotinha de algo líquido em seu pescoço, só não consegui identificar se era cerveja ou água.

Peguei a toalha da sua mão e a aproximei do seu pescoço, limpando com cuidado aquela parte e notando como o seu peito subiu e desceu de forma rápida. Ergui o meu olhar e encontrei os seus olhos levemente arregalados, observando o meu rosto como se eu fosse uma escultura muito bonita.

— Meus amigos falaram de você — murmurei, ainda com a toalha em sua pele.

Não havia mais nada para limpar, mas eu gostei de sentir a sua pulsação ali.

— D-de mim?

Assenti devagar. Ela era mais baixa do que eu e, mesmo assim, respirávamos o mesmo ar por conta da nossa proximidade.

— Disseram que você não parava de me olhar. — Fui sincero. — Posso saber por quê?

Achei que ela fosse se afastar com vergonha, mas me surpreendi ao não ter nem seus olhos desviados dos meus.

— Eles não estão incorretos — repetiu a minha fala de antes, ignorando minha pergunta.

*Sorri, mordendo meus lábios e notando sua atenção se concentrar neles. Maldita garota! Por que eu queria levá-la para aquela cama e fodê-la como provavelmente nunca foi fodida? Só o pensamento de ter aqueles peitos na minha boca e apalpar aquele corpo com minhas mãos fazia o meu pau reagir instantaneamente dentro da cueca.*

*— E por quê, Rosinha? — Gostei de como o apelido soou na minha boca. — Gosta dos caras errados?*

*— Meu dedo é bem podre, como pode ver.*

*Ok. Ela sabia flertar e eu gostei daquilo mais do que deveria.*

*Abri a minha boca para responder o seu atrevimento, quando alguém abriu a porta do trailer, fazendo com que nos afastássemos. Charles me encarou com um sorrisinho cínico nos lábios, como se soubesse que isso iria acontecer uma hora ou outra.*

*— Podemos conversar, chefe?*

Naquela noite, eu tive a primeira conversa com Rebeca Wilson e tive a certeza de que aquele não seria o nosso último encontro. Mesmo que tenha saído do meu trailer assim que Charles entrou, com a vergonha que soube esconder bem entre o nosso diálogo mais aparente, tive a sensação de que ela também não seria apenas mais uma.

Eu estava certo, afinal.

Ela não foi mais uma. Ela foi a única e para sempre seria.

Ergui meus olhos em direção ao galpão, notando que dois homens de preto já estavam na porta me encarando de volta. Aquela era a hora. Só precisava fazer uma ligação antes.

Peguei meu celular e disquei o número de Angeline. Minha irmã atendeu no segundo toque.

*— Ryder? Graças a Deus! Alguma notícia? Estamos muito preocupados* — disse o que eu já imaginava. *— Alex não consegue parar de chorar, estamos com muito medo de ela ter uma recaída.*

Rebeca havia me comentado que a sua melhor amiga tinha transtorno bipolar. Estava controlado, mas diante daquelas circunstâncias...

*— Diga para ela não se preocupar tanto, estou prestes a fazer com que Rebeca volte para vocês.*

*— Conseguiram pegar o desgraçado? Ryder, eu quero bater em você por ter se metido nesse mundo de merda!*

Sentiria falta da sua boca grande.

Sentiria falta da minha irmã.

*— Já imaginou como seria, se a mamãe não tivesse morrido naquela noite?*



— Não sei o porquê você está fazendo uma pergunta dessas bem agora, mas... Sim, já imaginei — respondeu. — Era só o que eu imaginava quando estava sozinha em Los Angeles, acreditando que você tinha me abandonado.

— E como seria?

— Acho que mamãe teria nos obrigado a nos formar em um curso na faculdade — disse, me fazendo assentir com os olhos marejados. — Você não estaria mais morando conosco porque sempre preferiu ter o seu espaço.

— Mas faria questão de morar perto de vocês porque, assim que sentisse falta da comida da nossa mãe, teria para onde correr.

Ela soltou um risinho baixo.

— Sempre o filhinho da mamãe...

— Você não teria conhecido o Tyler — lembrei. — E eu não teria conhecido a Rebeca.

— Aprendi uma coisa nesses últimos meses, Ryder. Se nós somos almas gêmeas, não importa os quilômetros de distância um do outro, o destino ainda fará com que nos encontremos.

— Acho que isso faz sentido.

— Mas por que está dizendo tudo isso?

— Porque quero que saiba que, independentemente de todas as minhas escolhas, essa era a vida que eu queria ter com você.

— Ryder...

— Eu amo você, Angel. E, mesmo que não entenda o motivo pelo qual me afastei uma segunda vez de você, quero que saiba que fiz isso para te proteger.

— Fui o mais sincero que podia. — Mas já aprendi mais uma lição. Percebi que não adianta se afastar quando ainda se ama.

— Está dizendo que, a partir de agora, vai me odiar? — Ela teve a coragem de brincar.

Se fosse em qualquer dia tranquilo, eu teria dado risada.

— Nem se eu quisesse odiar você, conseguiria.

— Não estou entendendo, Ryder...

— Eu amo você, ok? E... obrigado. — Estava quase me esquecendo dessa parte. — Você atendeu todas as minhas ligações, mesmo depois de eu ter te abandonado uma segunda vez. Isso prova que realmente me ama.

— Você sabe que sim.

— E você sabe que eu também amo você.

— Por que... essa merda está soando como uma despedida?

— Porque é, Maninha.

— O quê?! Ryder, não faça nenhuma besteira, ou eu...

— Me escute, ok? — pedi, interrompendo-a. — Eles estão com ela. Estão machucando a Rebeca por minha culpa, e eu não posso viver com isso. Eles me querem, Maninha, e, por ela, eu trocaria a minha vida da mesma forma que faria por você.

— *Ryder, por favor...*

Ouvir seu choro do outro lado da linha quebrou ainda mais o meu coração.

— Eu sei que você me entende, pois nem pensou ao fazer o mesmo por mim há dezoito meses.

— *Eu não posso perder você, Ry...*

— Só consigo me arrepender de não ter vivido esses últimos dezoito meses ao seu lado.

Ela soluçou e, mais ao fundo, ouvi a preocupação na voz de Tyler.

— Tudo de correto que fiz foi em linhas tortas, mas foi por amor, Maninha.

— Vi a porta do galpão se abrir e soube que aquela era a hora. — Prometo te esperar do outro lado, se é que ele existe.

Eu não esperei que ela me respondesse, desliguei a chamada e sequei as lágrimas que haviam escorrido pelo meu rosto. Coloquei o celular no bolso e saí do carro.

Os homens de preto apontaram as armas para mim no mesmo instante, mas nem com uma eu estava, pois realmente não fui até lá com o intuito de guerrear. Era uma troca.

— Carl Jackson! — gritei o nome do desgraçado. — Apareça de uma vez!

Levou alguns poucos minutos para um movimento acontecer lá dentro e uma cadeira de rodas com o meu maior inimigo em cima aparecer na entrada do galpão. Como vi no vídeo, ele estava acabado, mas permanecia com o semblante assassino.

— Quanto tempo, Fraser! — O desgraçado falou, sorrindo. — Sentiu minha falta?

Aproximei-me devagar e sem nenhum medo das armas serem descarregadas no meu peito, pois sabia que o filho da puta à minha frente queria fazer isso com as próprias mãos. Era assim que Carl era.

Desprezível.

— Estou aqui e sozinho, como pediu. — Abri os meus braços, em sinal de rendição. — Você solta a minha mulher e fica comigo, como o combinado.

# 10

| PRISIONEIRO |

*Mas, mamãe, eu estou apaixonada por um criminoso  
E esse tipo de amor não é racional, é físico  
Mamãe, por favor não chore, eu ficarei bem  
Pondo a razão de lado, não posso negar, eu amo aquele cara*  
**CRIMINAL — BRITNEY SPEARS**

## REBECA WILSON

Não havia uma parte do meu corpo que não doía, não havia um lugar do meu rosto que não sangrava... Pelos menos, era isso o que eu imaginava ao abrir a minha boca e só sentir gosto de sangue. Além de tudo isso, não havia um momento em que não pensava em Ryder.

Eu estava ali por causa dele, afinal.

A raiva que sentia só não era maior do que a dor por todo o meu rosto porque, essa sim, estava insuportável. Se aquele idiota, que já chamei de amor da minha vida, não tivesse se livrado de mim por proteção, eu não estaria naquele lugar.

Ele teria me protegido.

Por que Ryder era tão idiota? E por que eu não conseguia odiá-lo um segundo sequer? Caralho!

Não sentia os meus pulsos, tamanho o incômodo que era ter aquelas cordas me apertando cada vez mais quando me movia. Tudo parecia um pesadelo e eu só conseguia controlar as minhas lágrimas, pois sabia que, se descessem, seria pior para os meus cortes, já que aumentavam em dobro a dor.

Eu só queria acordar e me dar conta de que tudo não passou de um pesadelo.

Sentia fome, sede e não sabia por quanto tempo mais aguentaria sem desmaiar. Tudo aquilo somatizado só me deixava cada vez mais fraca. O sanduíche que me deram pela metade não havia me alimentado totalmente, mas achava que tinha sido o suficiente para não me fazer desmaiar até o momento.

Lembrei-me da ligação de algumas horas atrás e quase chorei ao pensar na possibilidade de Ryder aparecer por ali. Que ele não fosse tão burro e idiota a

esse ponto, pois Carl mesmo já havia deixado claro que não me soltaria.

Ouvir a voz do ruivo ainda fez com que o meu coração quebrado acelerasse, mesmo em meio às dores e aos socos que recebia de Jones no estômago. Como isso poderia ser possível? Eu estava doente. Uma doença que eu chamava de amor. Tão doentia a ponto de não enxergar com clareza o que acontecia comigo, mas também foi com essa praga que me senti mais viva.

Doentio? Sim, eu disse que era.

Agora, estava ali sentindo todos os retalhos da minha enfermidade. E tudo isso era minha culpa.

Eu queria me arrepender. Por que não conseguia me sentir arrependida? Queria dizer que me arrependia de ter cruzado o caminho de Ryder, mas não conseguia. Tudo o que vivi com ele naquele primeiro e único ano...

Por Deus... Pensar nisso não melhoraria a situação em que estava!

A porta do galpão se abriu e eu fiz um esforço para abrir os meus olhos a fim de enxergar melhor.

— Olha quem veio fazer companhia para você, Beca!

Pisquei com muito cuidado, torcendo para que o que estava enxergando na minha frente fosse uma alucinação. O que Ryder estava fazendo ali?!

— Rebeca... — Sua voz saiu arranhada e sofrida.

Ele tentou se soltar dos homens que estavam o segurando para ir até mim, mas eles não facilitaram e não o liberaram.

— Me soltem! Me deixem vê-la de perto! — gritou, agitando os braços.

Meu coração se apertou de saudade e raiva ao mesmo tempo. Ele era idiota? Queria se matar? Por que estava ali?

— Você não manda em nada, Fraser! — Carl disse, rindo. — Dê as boas-vindas a ele por mim, meu filho.

Não gostei nada do sorrisinho maldoso que se abriu nos lábios de Jones, principalmente quando se aproximou de Ryder.

— O que vão fazer?! — Meu ex-namorado perguntou por mim. — Soltem-na e fiquem comigo, como o combinado!

Neguei com a cabeça, já sentindo as lágrimas quererem escorrer pelo meu rosto.

— Não combinamos nada, Ryder. — Carl rebateu, não escondendo o quanto estava feliz por nos ter ali. — Agora que estou com os meus dois principais brinquedos, irei brincar bastante antes de me cansar de vocês.

— Seu desgra...! — Ele não conseguiu terminar, pois foi interrompido por um soco de Jones no queixo.

A batida fez com que seu rosto virasse rapidamente para o lado oposto.

— P-por favor...! — pedi, mas nem sabia por qual motivo abri a minha boca.

Já havia percebido que Carl não tinha misericórdia quando estava com raiva e esse sentimento era só o que consumia sua alma.

Fechei os meus olhos ao ver Ryder levar outro soco em silêncio. Dessa vez, bem na região dos olhos. Ele não gritou e o conhecendo como eu conhecia, sabia que estava se sentindo merecedor disso por tudo o que eu estava sofrendo dentro daquele galpão.

Apertei mais os meus olhos ao ouvir outro soco. Não consegui abri-los para ver onde foi, mas pareceu ter sido mais forte do que os outros, pois fez com que gemesse baixinho.

— Abra os olhos da vadia! — Carl disse.

Neguei freneticamente com a cabeça, pouco me importando com o ardume dos meus cortes, que estavam sendo molhados pelas minhas lágrimas. Nada doeria mais do que ver Ryder naquela situação sem poder ajudá-lo.

Senti mãos segurarem meu rosto, o que me fez gritar por estar muito dolorida dos recentes hematomas.

— Ti-tire as mãos dela! — Ryder tentou gritar. — Eu estou aqui! Eu...

— O amor é mesmo muito patético. — Carl riu, achando tudo engraçado.  
— Ela te tornou cego, Fraser! Não percebe?

Um dos homens de Jackson abriu os meus olhos à força e eu reprimi o grito de dor bem quando vi Ryder com sangue escorrendo por sua testa e boca. Seus olhos encontraram com os meus e havia tanta dor e arrependimento ali que me golpearam.

*Sinto muito.*

*Não era para isso ter acontecido.*

Engoli em seco.

— Você veio correndo, achando que eu soltaria a Rebeca... Acha mesmo que eu sou idiota?

— Eu vim aqui porque isso não tem a ver com ela, Carl! — Ryder esclareceu. — Por que ficar com ela quando tem a mim aqui na sua frente?

— Acha mesmo que vou ficar satisfeito só com a sua morte? — O velho aproximou-se dele com aquela cadeira. — Eu vou ficar satisfeito quando ver você perder tudo o que ama. Começando por essa mocinha, depois pelo deserto e até mesmo sua irmã.

Ryder arregalou os olhos e tentou se soltar dos capangas, mas eles o seguraram mais fortemente.

— Bata mais nele. — Carl mandou. — E, depois, o amarre com a garota. Amanhã, eu mesmo farei questão de me divertir com eles.

Carl saiu do galpão como se tivesse pedido para que fizessem um prato de comida para comer, tão tranquilo que me deixou mais enjoada. Não pude fechar os olhos pelos próximos minutos, fui obrigada a assistir todos os golpes que Ryder levava enquanto os covardes o seguravam.

Aquilo não era uma luta, eu sabia que não.

Era pura maldade.

— Parem! — gritei, ao não aguentar mais ver seu rosto ser tão torturado daquela forma.

— Quietinha, vadia! — O idiota ao meu lado disse. — Ou vai sobrar para você também.

Ryder levou diversos socos no rosto e, não satisfeitos, eles ainda o atiraram no chão para que Jones comesse a chutá-lo.

*Um. Dois. Três. Quatro.*

Ele não parou tão logo como deveria.

Minhas lágrimas fizeram o trabalho de tapar a minha visão e eu agradei por meus olhos estarem embaçados a esse ponto, pois sabia que, se continuassem, eles tirariam a vida de Ryder daquela forma.

O problema era escutar.

A cada chute, um gemido saía de seus lábios e tudo dentro de mim doía. Eu não podia ajudá-lo. Não podia fazer nada.

— Isso é o suficiente para você ficar naquela cadeira sem pensar em um plano de fuga. — Jones disse ofegante, ao parar de espancá-lo. — Levantem-no e o coloquem sentado de costas para a garota.

Alguém se aproximou de mim por trás depois de alguns segundos e, só pela aspereza da sua mão, o reconheci.

*Jones.*

— E você, trate de se comportar! — Abaixou o rosto até poder sussurrar no meu ouvido: — Temos muito o que nos divertir juntos ainda.

Quis fazer com que ele se engasgasse com aquela língua, mas tudo o que consegui fazer foi engolir o meu choro. Jones se afastou, e eu o vi sair do galpão.

Como não podia limpar os meus olhos, os apertei com força para que as lágrimas descessem e eu conseguisse ver o que acontecia ao meu redor. Assim que minha visão melhorou, observei os capangas de Carl colocarem Ryder em uma cadeira. E só pela careta que fez, percebi que havia um grave ferimento na região das costelas.

Um dos homens puxou as mãos de Ryder para trás e o amarrou na cadeira da mesma forma que eu estava.

Ele não me olhava. Seus olhos se mantinham para baixo enquanto não apresentava nenhuma resistência. Ryder não estava só com dor ou se sentindo culpado por toda essa situação, ele parecia estar destruído, o que, para um homem como ele, era completamente fora da realidade.

Os homens o moveram para trás de mim e, assim que nos deixaram da forma que o chefe queria, riram ao nos observar.

— Que bonitinhos! — Um deles apontou. — Parece até cena de filme.

O outro concordou, rindo junto.

Os dois saíram um tempo depois, trancando a porta em seguida.

Eu sabia que eles ficavam de guarda do lado de fora, afinal, não eram idiotas de nos deixar ali sozinhos no meio do nada.

Pelas horas que estava acordada naquele lugar, havia notado que estávamos bem longe da cidade e de qualquer outra movimentação. Tudo era silencioso, exceto pelos homens que trabalhavam para Carl. Esses, faziam questão de rir e conversar alto para lembrarem que estavam ali.

Minha atenção foi interrompida ao sentir um toque delicado na minha mão. Por muito pouco e por muito esforço, não me derramei em lágrimas naquele instante. Fazia tempo que não recebia o seu toque.

Nos últimos dezoito meses, apenas fiquei com ele na minha mente, relembrando-me dos melhores momentos e, durante os meus sonhos, tinha a sorte de senti-lo novamente.

— Por que fez isso? — murmurei baixinho, mas como estava silencioso, não tive problemas de ele não escutar.

— Você iria morrer.

Não consegui permanecer calma diante de sua resposta.

— Ótimo. Agora, nós dois vamos morrer.

— O que queria que eu fizesse?

— Você estava com o moto clube, por que não continuou com eles? Por que não esperou por um plano?

— Já tem a minha resposta, Rosinha.

Fechei os meus olhos, ignorando o que aquele apelido causou no meu corpo e, principalmente, no meu coração.

— Não me chame assim — mandei, não pedi. — Não tenho mais o cabelo rosa e é um apelido íntimo demais. Não somos mais íntimos.

O dedo que acariciava a minha mão parou assim que disse a última frase.

— Você foi um idiota — disse, deixando que um pouco da raiva que sentia comandasse mais do que o meu coração bobo, pois esse já começava a pensar em bobearias, como o fato de ele ter se entregado por mim.

— Olhe o seu estado, Rebeca... — Ele dizer o meu nome era ainda mais doloroso, mas precisava me acostumar com isso. — Eu não podia deixar que eles tocassem em mais um fio dos seus cabelos.

— Mas eles vão, Ryder! — falei mais alto, irritada, triste e com muita dor. — Eu vou ser torturada até morrer e você vai assistir tudo! Não percebeu isso ainda?!

— Não vai. Eu vou arrumar um jeito de te tirar com vida desse lugar e... Ai! — resmungou, provavelmente com dor.

Fechei os meus olhos e suspirei, encostando melhor as minhas costas na cadeira. Ryder nunca conseguiria me tirar com vida daquele lugar, não quando ele nem conseguia respirar direito por conta de tanta pancada que levou há pouco.

— Sabe... Britney Spears deveria reescrever aquela canção — murmurei depois de um tempo. — Porque, com certeza, ela não menciona sequestro e tortura por se apaixonar por um criminoso em Criminal.

Ouvi Ryder prender o que poderia ser uma risada.

— Você está... sendo engraçada?

— Horas presa neste lugar já me fizeram aprender a brincar com a morte.

— Você não vai morrer, eu não vou deixar.

Como eu queria acreditar nele.

Seria tão mais fácil se Ryder tivesse a solução para o problema em que nos encontrávamos, mas, infelizmente, eu já sabia qual seria o nosso destino. Eu morreria com a única pessoa que me marcou com um tipo de marca permanente, sem pais para sentirem minha falta e com uma melhor amiga para chorar no meu enterro.

É... Aquilo, antes de ser trágico, me parecia decepcionante.



# 11

| DOR E TODOS OS  
SEUS SIGNIFICADOS |

*Contanto que você me ame  
Poderíamos estar passando fome  
Poderíamos estar sem casa  
Poderíamos estar sem dinheiro  
Contanto que você me ame*

**AS LONG AS YOU LOVE ME — JUSTIN BIEBER FEAT. BIG SEAN**

## **RYDER FRASER**

Ela estava bem ali, ao meu lado, tão perto de mim... Mas, ainda assim, muito distante. Rebeca não falou mais nada desde que a frase de que eu não a deixaria morrer saiu pela minha boca.

De costas, não conseguia ter a certeza de que estava dormindo ou apenas me ignorando. Provavelmente, a última opção. Ela não parecia querer tanto papo e, se havia uma coisa que eu não poderia fazer, era julgá-la.

Tentei observar ao nosso redor, buscando uma forma dentro da minha cabeça fodida de dor para fugir dali ou, pelo menos, tentar tirar Rebeca do caminho de Carl. Mas tudo era muito bem fechado, a começar pelas janelas, que tinham grades grossas e fortes o bastante para não serem derrubadas com tanta facilidade, depois tinha a porta, onde os dois idiotas que me amarraram estavam do lado de fora a vigiando. Era uma porta comum, fácil de ser arrombada, mas, para isso acontecer, eu não podia estar com as costelas quebradas.

Merda!

Sentia que uma ou mais tinham sido fraturadas. Todo o meu corpo estava latejando de dor, mas estava tentando não focar nisso, que, com certeza, era o menos importante diante da situação em que estávamos.

Eu sabia que não havia sido a melhor decisão que tomei, mas apenas quis arriscar confiar em alguém que já conhecia bem a reputação só para tentar evitar alguma tragédia envolvendo Rebeca, como a porra de um super-herói. Como podia cometer tantos deslizes assim? Um atrás do outro.

Nem se tivesse a oportunidade, eu conseguiria derrubar todos aqueles homens sem ser morto antes de dar o primeiro passo.

*Porra.*

— Tive um pensamento diferente do que viria de você a seguir. — Rebeca murmurou atrás de mim, confirmando que não estava dormindo.

Já era madrugada. Provavelmente, passava das duas da manhã, e ainda estávamos ali, naquela situação fodida.

— Como assim?

— Pensei que pediria desculpas — admitiu.

Eu tentei. Não havia sido por falta de tentativas que tal pedido não saiu da minha boca.

— Não consigo...

Ela riu baixinho e, em seguida, gemeu de dor.

— Para de fazer esforço, você está machucada — pedi.

— Daqui a algumas horas, estarei morta mesmo.

Minha nuca se arrepiou só com a sua insinuação.

— Já falamos sobre isso.

Rebeca encostou a cabeça na minha, cansada. E foi incrível como o simples toque fez com que meus pulmões puxassem mais o ar. Não era nem um toque pele a pele, e ela tinha tamanho poder sobre mim.

— Por que não consegue?

Suspirei, fechando os meus olhos por alguns segundos ao sentir a região das minhas costelas doerem *pra* caralho.

— Como você perdoaria algo que não tem perdão? — indaguei baixinho, apenas para ela ouvir. — Eu sei das minhas responsabilidades e das minhas culpas.

— Então você julgou novamente o que era melhor para mim?

Parei por um minuto, notando como fazia isso com todos ao meu redor, principalmente com as pessoas que amava. Sempre tentando tomar decisões que afetavam a todos e sem dar qualquer opção de escolha para elas.

Como se fosse possível, me senti pior do que já estava.

— Seria capaz de me perdoar?

— Tente.

Respirei fundo.

— Me desculpa por tudo... — Havia tantas outras coisas que queria dizer para ela, mas as palavras simplesmente não saíam da minha boca. — Fui um idiota e estúpido.

— Nisso, concordamos, mas já que vamos morrer a qualquer instante...

— Rebeca! — Eu a repreendi, mas ela me ignorou.

— Posso dizer que não sinto raiva de você. — Por que eu desconfiava dessa sua verdade? — Não tanto quanto deveria sentir.

Aquilo parecia ser mais esclarecedor.

— Não me odeia?

Novamente, ela riu baixinho em descrença.

— Odiar você ficou bem abaixo na lista dos meus afazeres dos últimos dezoito meses — admitiu. — E eu deveria, sabe? Como você mesmo disse, foi um idiota e estúpido com essa merda de pensamento de me deixar sozinha porque era única opção para ficar segura. Quando você ouviu que a solidão é a salvação, Ryder?

Engoli suas palavras, sentindo como se fossem cacos atravessando pela minha garganta.

— Eu estava tentando te proteger. Achei que estava fazendo o certo.

— Porque deu muito certo quando você fez isso com a sua irmã na primeira vez. — Foi irônica.

— Dessa vez, vocês conheciam o meu mundo, sabiam do que estavam se afastando — justifiquei. — Não imaginava que Carl estivesse vivo. Estava esperando por uma vingança de Jones diretamente a mim, mas isso não importa agora. Não quando estamos aqui.

— Verdade, isso não importa no momento porque estamos prestes a ser mortos pela sua decisão estúpida e idiota — concluiu, o que me fez fechar os olhos. — Não é irônico ter tentado tanto me proteger e eu estar aqui agora?

Claro que eu já havia pensado nisso e tido a certeza de que era uma brincadeira de muito mau gosto do destino.

— Quem pode te garantir que nosso futuro seria outro, se a minha escolha tivesse sido diferente?

Rebeca não respondeu em um primeiro momento, provavelmente pensando em uma resposta que não existia porque nem ela poderia garantir isso. Sabia que tinha tomado a decisão errada, mas ninguém poderia me dizer que as situações de agora seriam diferentes, se tivesse ficado com ela naquele dia.

— Você teria ficado no meu mundo? Nunca gostou dele e nós dois sabemos disso.

Ouvi um fungado e virei meu rosto por cima do ombro como se pudesse ajudá-la. Foi tão automático que fez com que todo o meu corpo doesse mais.

— Rebeca... — Eu a chamei. — Fala comigo.

Senti quando balançou a cabeça, arfando de dor conforme notava que chorava mais. Tentei sair das amarras daquela corda, mas estava tão apertada ao redor dos meus pulsos que era inútil tentar, só servia para machucar mais.

— Você não entende, né? Droga! — gritou. Ou pelo menos tentou, já que as dores que sentia por todos seus hematomas deviam estar insuportáveis como as minhas.

— O que eu não entendo?

— Eu teria feito qualquer coisa por você, seu idiota! — gemeu ao tentar se explicar. — Você era a droga do meu mundo e, quando me expulsou dele, foi como ser expulsa da minha própria casa. E, acredite, tenho propriedade para falar sobre isso.

Daria qualquer coisa para segurar suas mãos ou estar de frente para ela para ter aquela conversa.

— Você sempre foi importante para mim, Rebeca...

Ela fungou outra vez.

Não resisti e toquei sua mão com a minha novamente, a sentindo muito gelada.

— Eu nunca deixei de amar você... — admiti, pois achava que era um bom momento. Afinal, não sabia quando seria nosso último dia de vida. — Eu sempre pensei em você e não teve uma noite que eu não me questione se estava tomando a decisão certa.

Aquilo a fez chorar mais.

— Vou tirar nós dois dessa e vamos poder, enfim, conversar um de frente para o outro.

— Não temos mais o que conversar — retrucou, parecendo bem decidida.

— Qualquer que seja a justificativa, tudo entre nós está acabado.

Eu sabia que era a verdade, mas ouvir da sua boca era mil vezes pior.

— Você me ensinou uma lição valiosa. Não posso me entregar para uma pessoa da forma como me entreguei para você e deixar com que faça o que bem entender com o meu coração. — Ela respirou fundo. — Estou bem sozinha e, se por algum milagre, sair viva daqui, farei questão de nunca mais cruzar o seu caminho.

Talvez, eu merecesse mesmo aquilo. Mas por que era tão doloroso ouvir suas palavras cheias de mágoa e raiva? Pois, mesmo dizendo que não conseguia sentir ódio de mim, havia algo guardado ali dentro que até mesmo ela não reconhecia.

Pensei no que falar a seguir, mas a dor realmente não me ajudava a processar.

Um barulho ao longe chamou a minha atenção junto com as conversas rápidas e abafadas dos homens que estavam do lado de fora. Não consegui entender o que queriam dizer, mas parecia ser sério pela forma como começaram a se movimentar.

— O que aconteceu? — Rebeca questionou. — Nem amanheceu ainda...

Olhei para a janela, que não mostrava muita coisa, mas dava para ver que estava bem escuro lá fora. De repente, ouvi o baque de algo pesado cair no

chão. Um corpo?

— Meu Deus... — Rebeca murmurou atrás de mim.

*Deus? Não... Acreditava que era literalmente o demônio em pessoa.*

Mais barulhos, outros corpos caíram no chão, mas realmente não me preocupei com o que estava acontecendo do lado de fora. Aquilo era tão comum para eles que não sabia como não desconfiei do que estava acontecendo desde o princípio.

Alguns gritos e mais corpos caindo do outro lado aconteceram, assustando Rebeca.

— Ryder...

A porta foi aberta antes mesmo que eu pudesse tentar acalmá-la, e Poison surgiu das sombras, com uma... Espera aí, aquilo era uma pistola de dardo tranquilizante?

— A próxima vez que eu disser para ficar, você fica, idiota! — disse, colocando a pistola por dentro da jaqueta e se aproximando de nós. — Ah, é um prazer conhecer você finalmente, Rebeca. Mesmo que seja nesta situação.

— Como me achou tão rápido?!

Eu esperava que as pesquisas durassem, pelo menos, uma madrugada inteira, porque Carl estava bem escondido.

Poison começou a desamarrar a minha corda.

— Achou mesmo que eu cá naquele papinho de *vou tomar banho e encontro vocês daqui a meia hora*? Coloquei um rastreador no seu carro.

Aquilo, sim, me surpreendeu bastante.

Respirei aliviado ao sentir meus pulsos livres da corda. Tentei me virar, mas, aparentemente, havia me esquecido que estava muito machucado, pois me volvei para frente logo em seguida, quase caindo de dor.

— E ainda te encontro todo fodido... Juro que, se não fosse por esse seu rostinho bonito todo machucado, eu o socaria mais só para parar de ser teimoso!

Ouvi a risada baixa de Rebeca.

— Você veio sozinha? — Mudei de assunto.

— Jura que você me considera tão foda assim, Fraser? Fico lisonjeada, mas não. Akira e Hazel estão cuidando de tudo lá fora. Não sabemos quanto tempo temos, então é melhor irmos rápido.

Ela se afastou depois de liberar Rebeca.

— Poison. — Akira apareceu na entrada. — É melhor nos apressarmos porque acho que eles conseguiram acionar um alarme antes de caírem.

— Malditos! — Poison praguejou, pisando duro. — Preciso que ajude o garotão a sair rápido daqui.

Akira se aproximou de mim e, com a pouca delicadeza que tinha, me ajudou a levantar da cadeira.

— Merda...! — resmunguei, ao ficar de pé.

Com certeza, havia fraturado uma ou duas costelas.

— Quer que eu pegue a princesa no colo? — O idiota ao meu lado foi debochado.

— Não é hora de brincadeiras e nem provocações, Akira! — Poison chamou atenção do amigo. — Vamos embora!

Ela segurava e ajudava Rebeca a andar, que também mancava, mas parecia estar bem melhor do que eu, mesmo que estivéssemos ambos fodidos de hematomas. Eu mataria aqueles desgraçados!

— Onde está o seu pai? — perguntei para Poison.

— Não viemos para guerrear. Não ainda, então ele está na sede — explicou. — Isso que estamos fazendo é agir por impulso, mas a diferença é que foi com planejamento e sabedoria.

Revirei os meus olhos para a sua indireta de merda, e logo caminhamos em direção à saída daquele lugar.

— Hazel está com o seu carro e vai levá-los para o bar. — Poison disse, conforme caminhávamos o mais rápido que podíamos. — Depois, vamos dar um jeito em toda essa bagunça que, pelo visto, está só começando.

Olhei para os corpos sem vida caídos no chão e a falta de qualquer sangue que indicassem o que os haviam matado me chamou atenção.

— Eles parecem estar dormindo. — Foi Rebeca quem disse.

— Dormindo no inferno, só se for. — Poison completou. — Essa é a minha especialidade.

— O que deu para eles? — perguntei, lembrando-me da pistola que ela guardou do lado de dentro da jaqueta.

— Veneno — respondeu, me surpreendendo. — De cobra.

— O quê?! — Rebeca questionou.

— Ah, por favor... Nosso símbolo não é uma cobra à toa, né? Alguém tinha que honrar esses bichinhos venenosos.

— Uma...

Rebeca não teve tempo de continuar, pois o barulho de um tiro irrompeu por todo o galpão. Porém eu não tive a oportunidade de ver de onde tinha vindo porque, quando tentei me virar, senti uma fisgada no peito e uma dor tão forte pelo corpo que me fez cair no chão sem nenhuma resistência.

O tiro havia acertado em cheio em mim.

# 12

| SEM FIM |

*Você me deixa pendurada no teto  
Me deixou tão louca que eu mal consigo respirar  
Então não me deixe, não me deixe, não me deixe, não me deixe ir*  
**GANGSTA — KEHLANI**

## **REBECA WILSON**

Existiam momentos em que o mundo parecia girar a ponto de te deixar tonta. Eu mesma parecia muito estar vivendo um deles nos últimos dias, mas nada poderia se comparar com a forma como meu mundo parou quando ouvi um barulho de tiro e o corpo de Ryder cair no chão, um em seguida do outro.

*Esse pesadelo nunca acabaria?*

Minha mente gritou, mas eu estava em completo estado de choque.

— Merda! Não devia ter descarregado aquele cartucho pela metade! — A garota que se chamava Poison disse, parecendo irritada. — Vai ter que ser a arma de fogo, maldito.

Outro tiro preencheu o local, me fazendo pular no lugar.

— Pronto — disse, com a calma de quem havia escolhido de qual lado se sentaria no ônibus, e não atirado e matado uma pessoa. — Porra, Ryder...

Eu não queria olhar.

Ele estava vivo? Por que eu não escutava nada? O que havia acabado de acontecer ao meu redor? Quem havia atirado? Ainda me sentia paralisada, levando ar o suficiente para o meu pulmão não parar, mas quase não me sentindo capaz de respirar.

— Ryder, precisamos sair daqui o mais rápido possível! — Poison falou. *Ele estava vivo?!* — Precisamos correr até a Winter.

*Talvez, ele estivesse entre a vida e a morte.*

Meu Deus! Que meu pensamento estivesse errado.

Ele não podia morrer! Não pelas mãos daquele desgraçado. Não quando foi até ali para me salvar. Não quando me amava tanto. Não quando eu ainda o amava tanto. *Por favor...*

— Rebeca! — O grito de Poison me assustou e me fez acordar no mesmo instante. — Não é hora para desmaio! Preciso de você bem acordada para ajudar a transportar seu namorado para o carro.

Pisquei algumas vezes, tentando focar minha visão para enxergar o que acontecia ao meu redor. A primeira pessoa que encontrei foi *ele*.

Ryder estava gemendo de dor no chão e o seu sangue se espalhava cada vez mais em volta de todo o seu corpo. Eu já me sentia fraca, mas ver aquela cena foi o suficiente para me ajoelhar diante dele.

— Ryder... — Minha voz sussurrou.

Peguei a sua mão e ele a apertou com força, me olhando com certa dor e desespero naqueles olhos castanhos. Todo o seu rosto bonito estava ensanguentado e repleto de cortes, que provavelmente vieram dos anéis que Jones usava ao socá-lo. Meu rosto não deveria estar diferente, a não ser pela quantidade. Eu, provavelmente, tinha menos hematomas do que ele.

Enquanto eu levei uma surra para atrair o rato até a ratoeira, ele levou uma surra para ser morto.

— Vocês dois podem, por favor, namorar depois? — O rapaz que achava que se chamava Akira questionou. — Não sei quanto tempo temos.

— Como vamos... — Olhei para todo o corpo de Ryder, tentando achar o lugar do tiro.

— Não se preocupa, ele vai sobreviver. — Poison disse, ao se aproximar e me levantar do chão com certa força. — Foi só um tiro na perna.

Meus olhos foram rapidamente para sua perna, que jorrava sangue.

— Precisamos estancar o sangramento! — falei, um pouco desesperada. — Se ele perder muito sangue...

Uma pessoa apareceu no corredor do nada e quase levou um tiro com a arma que Poison carregava.

— Droga, Hazel! — Respirou fundo, travando a arma novamente. — Quase leva um tiro!

Era uma mulher linda, vestindo um conjunto todo preto e, inclusive, a mesma jaqueta de couro que Poison usava.

— Por que estão demorando tanto? São simples homens, Poison!

— Um deles conseguiu atirar. — Apontou para Ryder.

— Você não matou o desgraçado?

— Uma das seringas não estava cheia.

Hazel cruzou os braços como se fosse a própria mãe de Poison prestes a lhe dar uma bronca.

— Eu já disse que essas arminhas com veneno não são uma boa opção para guerrear! Nada se compara com armas de fogo. — Deu sua opinião. — Um tiro



na cabeça e a pessoa só vai acordar no inferno.

— Mais alguma coisa, mãe?

— Sim. É melhor continuar usando-as só na tortura mesmo e, por último, vamos sair daqui antes que toda a tropa de Carl chegue. Aí, sim, estaremos fodidos.

Acreditava que Hazel não percebeu que Poison havia sido irônica na sua pergunta. Ou, talvez, tivesse preferido ignorar e continuar dando seu ponto de vista sobre a situação.

— Ajuda a gente, então! — Poison exigiu. — Ryder não vai conseguir andar dessa forma.

— Como alguém pode ser tão azarado assim?! — Hazel perguntou, ao aproximar-se.

Eu a observei melhor, um pouco surpresa com como duas mulheres estavam em posições de poder dentro de um moto clube. Já havia assistido um pouco de uma série chamada *Sons of Anarchy* com Ryder e não me lembrava de mulheres serem tão importantes assim dentro daquele mundo. Porque, como o próprio Ryder havia me explicado, eles eram muito machistas.

Hazel era muito impressionante, quase tanto como Poison. Não só pela aparência — que, diga-se de passagem, eram lindas —, mas parecia haver poder as envolvendo com um misto de coragem, o que não tornava nada forçado, e sim completamente natural.

Os cabelos loiros de Hazel me lembravam o daquela cantora do pop que, agora, parecia estar indo para o rock. Achava que ela se chamava Miley Cyrus. Seus olhos tinham um tom azul tão lindo que eram impactantes. Já os de Poison poderiam ter o mesmo impacto, mas eram um tom de azul-turquesa, ainda mais impressionantes combinados com aqueles cabelos pretos e escorridos.

— Você pode zombar dele quando estivermos fora deste lugar. — Poison disse, quebrando minha observação.

Hazel e Akira ajudaram Ryder a se levantar. O coitado quase gritou de dor quando teve que se manter em pé apenas com uma perna.

— Você o leva no colo e eu vou na frente para ver se não tem mais ninguém acordado.

— O quê? Não! — Akira parecia indignado.

— Quer mesmo que uma dama como eu carregue um homem? — Hazel indagou, com um sorrisinho cínico nos lábios.

Ao meu lado, Poison bufou.

— Vamos logo!

Ela novamente voltou a me ajudar a caminhar, enquanto Akira, com muito desgosto, pegava o meu ex-namorado no colo. A cara fechada e o

comportamento impaciente não me restavam dúvidas de que o homem era bem irritante.

Nada deveria estar sendo mais humilhante do que ser carregado por alguém para fora daquele lugar para Ryder, e o idiota que o segurava estava dramatizando quanto a carregá-lo?

Segurei-me melhor em Poison e seguimos até a saída.

Naquele momento, rezei em silêncio pela primeira vez depois de muito tempo para que ninguém interrompesse o nosso caminho até estarmos o mais próximo da segurança possível.



Hazel dirigia o carro de Ryder há alguns minutos, enquanto Akira estava na nossa frente dirigindo uma moto, e Poison ia logo atrás de nós, também dirigindo o mesmo veículo que o homem. Preferi ficar no banco de trás com Ryder, que já estava suando frio e com olhos quase se fechando de tanta dor.

— Como ele está? — Hazel indagou.

— Péssimo — respondi, conferindo sua temperatura. — Está ficando quente.

— Continue fazendo pressão, vou acelerar mais — disse, pisando fundo no acelerador. — Se esse desgraçado morrer antes de me pagar uma rodada de bebida, eu faço questão de ressuscitá-lo.

Com a cabeça no meu colo, Ryder soltou uma lufada de ar, seguida por um pequeno sorriso de lado. Ele estava péssimo, mas estava tentando se manter acordado e forte para aguentar a dor que provavelmente devia estar insuportável.

Fiz mais pressão no local atingido, não me importando em sujar minhas mãos com todo aquele sangue.

— Estamos quase chegando. — Hazel informou depois de um tempo.

Assenti.

— Você vai ficar bem — murmurei para ele, que mantinha seu olhar o mais preso em mim que conseguia. — Tem que ficar...

Ryder tocou a minha mão, a apertando como podia. Não deveria ter vontade de chorar por um simples toque, mas estava tão fragilizada que as lágrimas começaram a escorrer sem nenhum controle. Que droga de vida! Como eu havia chegado naquele estado? Como o tempo em que passei com os irmãos parecia ter acontecido há meses, e não há dias?

Aquilo não era vida para mim, nunca foi e eu sabia disso.

Mesmo assim, deixei que ele se aproximasse e bagunçasse todo o meu mundo porque gostava disso. Porque havia me apaixonado no momento em que coloquei os meus olhos sobre ele. Então, sim, eu era a maior culpada de toda aquela merda, pois saber sobre tudo o que te espera e ainda seguir no mesmo caminho é um erro.

— Ei... — Ryder tentou falar.

Neguei com a cabeça, para que calasse a boca.

— É melhor você não fazer nenhum esforço, Fraser. — Hazel disse do banco da frente, observando toda a cena pelo retrovisor.

Olhei para a janela, tentando acalmar meu choro e meus pensamentos, pois sentia que estava a um passo de surtar. Tudo estava acontecendo tão rápido que não conseguia nem colocar a minha cabeça em ordem.

— Para onde estamos... indo? — perguntei, após parar de chorar.

— Para a nossa sede. Winter, a nossa médica, está esperando com tudo pronto para cuidar do garotão.

— É um local seguro?

— Só um idiota tentaria invadir a nossa sede.

Suspirei, sentindo que muitos haviam se esbarrado com eles ao longo dessa vida.

— E quantos idiotas você já encontrou por aí?

Ela me lançou um olhar que queria dizer: “*muitos*”, e aquilo realmente não me acalmou. Carl era muito idiota e o filho estava se igualando a ele.

— Temos tempo até eles resolverem aparecer. — Tentou me tranquilizar, mas claramente não tinha prática nisso.

Entramos em uma rua bem iluminada e cheia de casas, daqueles tipos de cenários onde provavelmente as crianças brincavam por ali quando era de dia. Lembrava-me da minha casa. Ou, melhor dizendo, da minha antiga casa.

Eu morava em uma cidade na Pensilvânia, em um bairro bem visto comparado aos outros por ser extremamente fiel à igreja que minha família frequentava. Eles eram muito rígidos, mas, quando estava fazendo dias bonitos, os pais deixavam as crianças saírem para brincar na rua, e aqueles eram os momentos que eu mais as via sorrir.

Passar por ali fez com que lembranças daquele passado distante surgissem em meus pensamentos. Não gostava delas e sempre fazia um esforço para não pensar na família que abandonei, porém, ao viver aqueles últimos dias com tantas lutas e derrotas, me fez pensar em diversos momentos se tomei a decisão certa quando me rebelei contra os meus pais.

Sabia que o que estava vivendo com eles não era uma vida, estava mais para uma prisão onde eu era um produto com apenas uma utilidade: conquistar a

atenção do pastor para que toda a minha família tivesse créditos com isso.

Hazel parou o carro e vi pela janela o grande bar que ficava afastado de todas as casas daquele bairro. Pelo que sabia por Ryder, quando me mostrou o lugar de longe, aquela era praticamente a segunda casa deles. Era ali que eles se reuniam para se divertir, trabalhar e falar sobre os negócios.

— Vamos tirá-lo daqui. — Hazel disse para Akira, já do lado de fora do veículo.

Ryder estava quase com os olhos fechados, muito fraco para raciocinar o que estava acontecendo ao redor. Talvez, a junção de tudo só o deixou mais abalado.

Akira o retirou do carro e Hazel o ajudou a estancar o sangue a partir dali. Eles o levaram com urgência para dentro do estabelecimento deles, sumindo da minha vista antes que eu tivesse chance de acompanhá-los.

— Vamos, Princesa. — Poison me estendeu a sua mão. — Você tem que se limpar e temos muito o que conversar.

*Temos?*

Peguei a sua mão com a minha limpa e, com a sua ajuda, fomos para dentro do bar. A primeira coisa que senti ao entrar foi o fedor de cigarro e maconha. Era tanto que fez com que a ânsia que nunca saiu de mim por completo voltasse com força, e eu precisei parar um pouco para não vomitar.

— Se vocês estivessem juntos, pensaria que está grávida. — Poison comentou, sorrindo. — Tudo te deixa enjoada?

Assenti.

— Não estou acostumada com essas coisas — admiti baixinho.

— Nem o seu namorado está.

Não sabia se havia entendido o que ela quis dizer com isso.

Observei cada canto à minha volta. Alguns homens estavam dormindo sobre as mesas e outros, sobre as cadeiras, parecendo chapados demais para saber até o lugar onde estavam. Havia algumas mulheres usando muito pouca roupa limpando algumas mesas que estavam vazias. Uma delas, inclusive, estava no colo de um homem, que dormia apalpando seu seio.

Eu estava mesmo enxergando certo? Ou os socos que levei estavam me fazendo ver coisas?

— Não fique tão apavorada. — Poison sussurrou para mim. — É bem diferente do deserto, não é?

O deserto era um local de festas e tráfico de drogas, mas, por ser ao ar livre, o cheiro das drogas não era muito forte como ali, em um lugar fechado. Com certeza, tinha uma grande diferença, a começar por isso até as garotas que andavam pelo local.

— Elas são membros?

Poison riu, balançando a cabeça em negativa.

— São putas.

— O quê?

— Isso mesmo o que você ouviu.

— Vocês as chamam assim?

— Acredite, eu gosto menos desse nome do que você, mas é meu pai quem dá as ordens, então...

— Mas elas... são garotas de programa? — perguntei baixinho, ao sairmos do salão principal do bar e seguirmos por um corredor até onde Ryder estava.

Sabia que era aquele o caminho, pois tinha sangue no chão.

— Elas limpam a casa, têm moradia e comida. Em troca, entregam seus corpos para os homens do clube e as mulheres que tiverem interesse, claro.

Aquilo era... muito estranho.

— Mas não são membros do clube.

— Óbvio que não — respondeu, como se realmente tivesse que ser óbvio.

— Elas são o que tem de menos importante neste lugar.

Sua afirmativa foi muito natural, o que me fez pensar que concordava com isso.

— E você, como mulher, está de acordo com isso?

Ela me olhou, arqueando as sobrancelhas.

— Você faz muitas perguntas para quem não está quase enxergando direito. — Voltou a pegar a minha mão. — Tudo o que ver a partir de agora é extremamente restrito, então, se vazar qualquer informação, vou atrás de você e te mato, entendeu?

A mudança abrupta de assunto me assustou.

— Ok.

Ela abriu a porta que havia à nossa esquerda e o que enxerguei não parou de me surpreender. Eles tinham um bom centro de primeiros socorros ali. Era uma sala grande com duas camas de hospital, um balcão comprido que tinha uma enorme pia, e armários por boa parte de uma parede.

Claro que eles não iam para o hospital quando eram baleados.

Ryder estava em uma daquelas camas, totalmente sedado e tomando soro, enquanto uma mulher alta e vestida de médica tirava a bala da perna dele. Todo aquele cenário parecia ser muito comum para eles, mas eu já estava pensando se tudo ao nosso redor era seguro e se não provocaria uma infecção nele, que ocasionalmente poderia levar à sua morte.

— Aquela é Winter, ela sabe o que faz. — Poison disse, fechando a porta atrás de nós. — Fique sentada aqui, que logo ela vai cuidar de você.

Assenti.

— Não vai ficar aqui? — perguntei, ao vê-la seguir até a porta.

— Preciso passar tudo o que aconteceu para o presidente — respondeu. — Depois, volto para ver como estão.

E ela saiu, me deixando a sós com a tal de Winter.

— Seu namorado vai ficar bem. — A mulher disse, me surpreendendo por ter uma voz tão... serena.

— Certeza?

— Claro. Já removi até uma bala do peito do presidente e ele está muito vivo, cheio de saúde.

Consegui ficar um pouco mais relaxada com isso. Winter devia ser a médica que Ryder confiava tanto a ponto de viajar um dia inteiro para saber sua opinião sobre o caso da irmã alguns meses atrás.

— Ele não é meu namorado. — Achei necessário corrigi-la.

— Mas ele gosta muito de você — rebateu, se ajeitando para começar a costurá-lo. — Só um homem que ama muito comete a burrice que ele cometeu.

Acabei sorrindo sem perceber.

— Ele foi mesmo um burro.

— Um burro apaixonado sempre tem os meus panos — comentou.

Infelizmente, achava que os meus também.

Não falei mais nada para Winter, apenas escorei minha cabeça na parede e fechei os olhos, sentindo todo o peso daqueles últimos dias caírem de uma só vez sobre mim. Por um momento, achei que morreria. Meu Deus... Como será que Alex estava? Minha pobre amiga deveria estar em surto, à beira do desespero sem notícias sobre mim. Precisava arrumar uma forma de falar com aquela garota.

Abri meus olhos, dando de cara com o teto branco de fundo e o grande símbolo deles bem no centro. Era mesmo uma cobra, como Poison havia dito mais cedo, mas não era apenas isso. A cobra enrolava uma arma, que estava com parte do cano dentro de um crânio de caveira, que também era enrolado pelo animal. A posição de ataque da cobra, mesmo tendo uma cabeça e uma arma com ela, era assustadora.

— Prontinho. Agora, ele vai dormir por bastante tempo e eu vou cuidar de você. — Winter se aproximou, retirando a touca e a máscara de proteção que usava.

Ela era linda.

Será que esse era um requisito para fazer parte dos Shadows of Night? A médica à minha frente era bem alta, incrivelmente loira e com os olhos azuis, que parecia também ser uma exigência para as mulheres do MC.

— O que foi? Não imaginava que os Shadows tivessem uma médica gorda? — brincou, entendendo completamente errado o meu olhar.

— Só estava pensando que as exigências do Shadows deve ser ter mulheres incrivelmente bonitas. — Fui bem sincera. — Juro que nem pensei sobre o seu peso.

— Estou brincando, garota. Sei que sou muito linda. — Riu e piscou um dos olhos para mim, bem confiante, o que me fez sorrir. Logo em seguida, uma careta de dor tomou todo o meu rosto. — Tadinha... Primeira surra?

Neguei com a cabeça.

— Meu pai sabia como usar uma cinta — respondi, um pouco triste com a lembrança.

Winter ficou em silêncio por um momento.

— Ryder estava pior, três costelas quebradas — informou o que eu já imaginava.

Suspirei pesadamente. Só queria que aquele pesadelo acabasse o mais rápido possível.

Winter pegou uma maleta e se sentou à minha frente, mas, conforme ela limpava os meus ferimentos e cuidava de mim, o único pressentimento que se instalou no meu peito foi que tudo aquilo ainda estava muito longe de ter um fim.

# 13

| SEM FIM |

*Quando a última linha se rompe  
Quando a última porta se fecha  
Eu não sou tão burra assim pra ficar por perto, por perto  
Eu não tenho tempo para olhar pra trás  
MISTAKE — DEMI LOVATO*

## REBECA WILSON

Uma cama de hospital nunca pareceu tão confortável como naquele momento. Tudo bem que eu estava bem longe de estar em um hospital, mas, mesmo assim, aquele colchão onde passei a noite pareceu ser o paraíso perto de onde estava antes.

Após Winter cuidar de mim naquela madrugada, ela me colocou para tomar um pouco de soro e pediu para eu descansar na cama improvisada deles. Achei que demoraria para conseguir dormir, mas foi só olhar para Ryder ao meu lado, dormindo tranquilamente, que caí em um sono profundo.

Quando acordei, meus olhos ainda estavam pesados e meu estômago chegava a doer de tanta fome.

— Ei, Bela Adormecida! — A voz de Winter preencheu o local. — Pensei que teria que acordá-la com um remédio.

Forcei os meus olhos a focarem, pois a luz daquela sala estava bem forte.

— Você ainda parece bem cansada — observou, e notei seu vulto se aproximando. — Ainda sente dor?

Assenti devagar com a cabeça, me sentando na cama com cuidado e, por força do hábito, levei as minhas mãos até os meus olhos para esfregá-los, mas fui interrompida antes que completasse a missão.

— Acho melhor não fazer isso. — Winter disse. — Toma, eu trouxe comida.

Ou ela era vidente ou meu estômago havia reclamado enquanto eu dormia.

Levou um tempinho para que eu conseguisse focar tudo ao meu redor, mas, quando consegui, a primeira coisa que enxerguei foi uma bandeja cheia de alimentos diversos diante de mim, desde pães até bolinhos.



— Aproveita, porque as meninas estavam inspiradas na cozinha hoje — incentivou. — Consegue comer sozinha?

Assenti.

— Obrigada.

Winter colocou a bandeja sobre o meu colo e se afastou um pouco.

— Agora, vou cuidar do seu namorado.

Olhei para Ryder, que ainda dormia como se não tivesse vivido as piores horas da sua vida na noite anterior.

De repente, a porta foi aberta, chamando a minha atenção. Poison entrou por ela com aquela mesma pose de superior de ontem, vestida com uma calça preta bem parecida com a de horas atrás e a jaqueta, que parecia quase ser um uniforme dos Shadows. Notei que Winter também usava uma agora; era o mesmo modelo, exceto pela sua função. Enquanto Poison era *executora*, Winter era *médica*.

— Eu pensei que tinham morrido. — Poison disse, ao se aproximar. — Se bem que Ryder parece estar morto.

— Por quantas horas dormimos?

— 14 horas. — Winter respondeu. — Simplesmente desmaiaram.

Peguei um pedaço de pão e levei à boca, quase gemendo ao sentir a comida boa sobre minha língua novamente.

— Depois que comer, o presidente quer conversar com você.

Se eu não estivesse com tanta fome, aquela informação com certeza tiraria o meu apetite.

— Comigo?

Poison assentiu.

— Por quê?

— Primeira regra, não se questiona o presidente.

Ok...a

Agora, eles precisavam entender que eu não era daquele mundo e não queria seguir nenhuma regra porque não tinha o menor interesse de fazer parte disso. Nunca quis tanto aquele apartamento vazio que Alex havia arrumado para mim como naquele momento; ou até mesmo a África do Sul. Parecia que tudo havia acontecido há décadas.

Continuei a comer em silêncio.

— Como ele está, Win? — Poison perguntou.

Vê-la pronunciar o apelido da médica com tanta delicadeza me surpreendeu um pouco.

— Não está mais com febre, mas ainda está fraco — respondeu, mexendo na perna de Ryder. — Vocês fizeram bem em estancar o sangue, mas ele ainda

perdeu uma boa quantidade.

— O que significa essa *boa quantidade*? — perguntei, preocupada.

— O bastante para ele ficar fraco, mas não para precisar de uma transfusão de sangue.

Respirei um pouco mais aliviada. Então, ele ficaria bem.

— Pode ficar tranquila, vocês têm muito o que viver ainda.

Apenas sorri, enfiando um pedaço de bolo na minha boca para não ter que responder àquilo. Não era algo que eu queria pensar tão logo.

— Que bom que ele está bem. — Poison comentou.

Ela parecia ser alguém fechada, mas, pelo pouco que conhecia, demonstrava preocupação com Ryder. O pensamento de que os dois já tivessem ficado juntos alguma vez no passado surgiu em minha mente, junto com um incômodo bem conhecido no meu peito. Meu ex-namorado tinha um passado e eu não era trouxa, sabia disso porque tive que presenciar todos os seus casos antigos que frequentavam o deserto querendo outra chance com ele. Era horrível e, às vezes, pensava que me largaria por um deles, mas era gostosa a sensação de tê-lo sussurrando no meu ouvido que eu era a única.

Aqueles eram velhos tempos... Eles não existiam mais entre nós.

— Terminou? — Poison indagou, assim que terminei de beber o meu café.

Assenti.

— Então, vamos. O presidente não gosta de esperar.



Como se aquele lugar não pudesse ser mais bizarro, os Shadows me surpreendiam ao ter uma sala pequena, que parecia muito com a de um interrogatório de delegacia. Não que eu já tivesse comparecido a um, claro, mas conhecia pelos filmes. Se tivesse uma janela grande em uma das paredes com visão ampla para quem estivesse do outro lado, juraria que eles tinham se inspirado totalmente em uma sala de interrogatório.

Dois homens mais velhos entraram na sala, tão altos que tornaram aquele pequeno cômodo minúsculo.

— Oi, Rebeca. — Um deles, o que parecia ser o mais jovem, cumprimentou. — Sou Hawk, vice-presidente do clube.

Não me havia mais dúvidas de que ser bonito realmente era uma exigência para ser membro daquele clube.

Hawk parecia ter mais de trinta anos por sua aparência mais madura, mas era muito bonito. Incrivelmente loiro, com olhos azul-esverdeados que me lembravam muito o mar, e ombros largos que se estendiam por braços fortes,

que mesmo não estando aparentes por conta de sua jaqueta, tinha quase certeza de que escondiam músculos.

— Esse é o presidente, o Sombra.

Aquilo não podia ser um nome, mas nem me arrisquei a perguntar. Diferentemente de Hawk, que tinha um rosto mais amigável, o presidente à minha frente, com os braços cruzados, possuía uma carranca no rosto que dava medo. Com certeza, nem sua aparência elegante para alguém com mais de cinquenta anos era o suficiente para suavizar a situação.

— Oi... — murmurei, sentindo falta de Poison.

Sentia-me mais segura quando ela estava do meu lado.

— Não vamos machucar você. — Hawk disse, se sentando ao meu lado.

— Só precisamos fazer algumas perguntas.

O presidente descruzou os braços e se sentou na cadeira à minha frente, ainda me olhando como se tentasse descobrir os meus piores segredos.

— Ok — respondi.

— Você foi levada de Campbell para o Novo México. Lembra de alguma coisa desse percurso?

Neguei com a cabeça.

— Eles me doparam — expliquei. — Lembro de ter alguns flashes de luz, mas nunca conseguia acordar.

— Provavelmente, continuaram te dopando até que chegassem ao galpão.

— O presidente disse, expondo sua voz grossa.

Hawk concordou.

— Quando chegou ao galpão, lembra do que aconteceu?

— Levei algumas horas para acordar — revelei. — Pelo menos, é o que eu acho. Mas sei que levei tempo o suficiente para eles me amarrarem na cadeira.

— Até esse momento, não sabia quem havia te sequestrado?

Neguei.

— Carl apareceu para você no mesmo dia? — O presidente perguntou.

— Ele só estava esperando que eu acordasse para sorrir e me dizer que estava vivo.

— Viu alguma coisa suspeita? — Hawk indagou.

Franzi a testa, entendendo a pergunta, mas não conseguindo compreender aonde eles queriam chegar com aqueles questionamentos.

— Não. Tudo estava escuro e, depois de algumas horas, eu estava apanhando, então não poderia lembrar de qualquer coisa, se tivesse visto — admiti.

— Alguma conversa? — O presidente insistiu.

— Na maioria das vezes, eles estavam zombando e achando tudo divertido — respondi. — Eu fui o brinquedo deles em um parque de diversões por aquele tempo.

Hawk assentiu, parecendo compreender.

— Winter cuidou bem dos seus ferimentos? — perguntou, um tanto preocupado.

Assenti, desviando o olhar para as minhas mãos. Eu amava Ryder com todo o meu coração, mas o homem ali do lado tinha um olhar intenso demais.

— Bom... Isso foi inútil, como imaginei que seria. — O presidente disse, se levantando.

Ele parecia estar bravo com alguma coisa que eu não contei por não fazer ideia do que fosse.

— Não acho que eles comentariam sobre a localização das nossas armas na frente da Rebeca. — Hawk comentou. — Mesmo que, para eles, ela fosse descartável, parecem ter tomado o mínimo de cuidado.

O presidente assentiu.

— Avise aos outros que vamos nos reunir daqui meia hora. — Deu a ordem para o loiro. — Leve Rebeca para o quarto.

O presidente saiu da sala e Hawk logo se levantou.

— Vamos?

Concordei, o seguindo para o quarto que descobri que era onde Ryder estava instalado. Enquanto caminhávamos pelo corredor estreito, tentei entender o que eles queriam dizer com *localização de armas*. Isso significava que Carl os havia roubado? Se fosse isso mesmo, só podia desejar meus pêssames.

Eu não conhecia nada sobre o mundo do moto clube, mas sabia o básico pelo que Ryder havia me dito. Ninguém roubava os Shadows, se não quisesse ser morto.

— Poison deve vir falar com vocês depois da nossa reunião. — Hawk avisou, quando nos aproximamos da porta do quarto. — Você e Ryder irão ficar sozinhos por algumas horas. Precisamos resolver certas coisas, e isso inclui Winter.

— Certo.

— Se cuidem.

Ele saiu assim que abri a porta. Entrei no quarto, me deparando com o vazio do seu interior, o que me fez automaticamente ficar preocupada. Onde estava Ryder?

O barulho da torneira do banheiro me chamou atenção e, antes que eu pudesse ir até o seu encontro, Ryder estava abrindo a porta e voltando para o quarto.

— Por que está de pé? Ficou maluco?! — Corri até ele.

— Precisava ir ao banheiro — respondeu.

— Se apoie em mim — pedi, já colocando seu braço ao redor dos meus ombros.

— É claro que não irei fazer isso — rebateu, tentando apoiar um pouco do peso na perna machucada. — Você não aguentaria o meu peso, Rosi... Rebeca — corrigiu-se, obedecendo ao meu pedido da última madrugada.

Ignorei a sensação que insistiu em me atingir e perguntei:

— Pode só me deixar ajudá-lo?

Ele não ousou negar.

Precisei fazer bastante esforço para que o idiota não pisasse com a perna machucada no chão até chegarmos na cama. Quando nos aproximamos, eu o sentei com cuidado e o fiz apoiar as costas na cabeceira antes de colocar as pernas esticadas no colchão.

— Odeio essa situação — murmurou, franzindo o rosto de dor.

— Não mais do que eu.

Estava prestes a ir para a minha cama quando ele segurou a minha mão.

— Como você está?

— Estou bem — menti, engolindo em seco.

Mas ele me conhecia bem. Ryder sempre conseguiu me ver através das mentiras, porém nunca ousou arrancar a verdade de mim. Acreditava que esse era outro motivo para eu amá-lo tanto.

Seus dedos se entrelaçando com os meus fizeram com que eu olhasse para nossas mãos.

— Acho que vou descansar um pouco mais — murmurei, mas não tive coragem de afastar nossas mãos.

— Precisamos conversar sobre nosso futuro.

— Não vamos ficar juntos — falei rápido demais, sem hesitar.

Ele sorriu fraco de lado, aparentemente triste com o que falei. É, eu também estava.

— Não é sobre o nosso relacionamento, mas sobre os próximos dias. — Ryder esclareceu. — Não podemos voltar para Campbell. Carl nos procuraria e, realmente, não quero imaginar o que poderia acontecer.

— E para onde vamos? Ficaremos escondidos?

— Acho que os Shadows são a nossa melhor opção agora.

— Ficar com uma gangue de motoqueiros, claro... — Fui um pouco irônica ao constatar sua ideia. — Eles são criminosos! — Ryder arqueou as sobrancelhas. — Ok, você também é, mas... Poison matou aqueles caras com veneno de cobra, lembra? Eles matam, não se importam com nenhuma vida e...

— Isso não é para você.

Neguei.

— Não, você sabe que não. Eu sou uma simples garota iniciando a carreira de médica veterinária e que, quando estava na faculdade, se envolveu com a pessoa errada.

O aperto da sua mão na minha se tornou mais fraco.

— É assim que você me vê?

Não.

— Até quando vamos ficar aqui, Ryder? — indaguei, mudando de assunto.

— Até Carl ter um fim.

Isso poderia levar meses e achei que ele leu os meus pensamentos.

— Sinto muito...

Assenti, largando a sua mão e esfregando o meu rosto, cansada e frustrada.

— Ai, droga! — gemi diante da dor que se alastrou por conta da minha atitude, sentando-me na beirada da cama.

— Ei! — Ryder segurou as minhas mãos. — Eu vou cuidar de você, ok? Ninguém mais vai tocar em um fio do seu cabelo, muito menos machucar esse rosto lindo. Me ouviu?

Ele estava próximo. Ou fui eu que me aproximei do seu rosto? Suas duas mãos seguravam os meus pulsos, mas, com a nossa proximidade, conseguia enxergar perfeitamente as sardas que tanto amava naquele rosto machucado, mas, ainda assim, lindo.

— Por um momento, quando levou o tiro, achei que morreria...

Ryder sorriu de lado.

— Foi só um tiro na perna, Rebeca.

— Eu entrei em pânico — expliquei minha situação, respirando fundo.

— Então se importa comigo. — Ele até tentou esconder o sorriso, mas não conseguiu.

— Nunca disse que não me importava, babaca.

— E, agora, está me ofendendo.

— Se vou passar os próximos dias com você, preciso me lembrar diariamente que não posso me render ao seu charme.

Ele virou o rosto levemente para a esquerda, com uma carinha de cachorro abandonado que quase domou o meu coração naquele momento.

*Argh!*

— Meu charme?

— Pode me soltar, Ryder?

Ele riu, me soltando e fazendo uma careta logo em seguida.

— Ai...! — gemeu, colocando a mão na região das costelas.

— Winter disse que você machucou feio essa região — falei.  
— Aqueles malditos...  
— É melhor descansarmos — ponderei. — Eu estou cansada, você não está?

Ryder assentiu.

Fui para a cama, sentindo seus olhos presos em mim, mas não o olhei de volta. Quando se tratava de ficar frente a frente com Ryder Fraser, eu virava uma manteiga derretida.



A porta foi aberta algumas horas depois por Poison.  
— Pombinhos, cheguei com novidades! — disse, parecendo feliz.  
— Por que você está animada? — Ryder questionou.  
— Não estou, só queria passar isso para vocês — disse, ao se sentar na beira da minha cama. — Essa noite, vocês irão vazar daqui.  
— O quê?! Para onde? — perguntei.  
— Nós temos uma ilha pequena e ninguém faz ideia disso. Lá, tem uma casa confortável o bastante para viverem o conto de fadas de vocês enquanto matamos alguns homens.  
— Você só pode estar de brincadeira comigo. — Ryder disse. — E o Carl?  
— Nós cuidaremos dele. Lembra o que o presidente disse? Ele é nosso agora.  
— Eu faço questão de matar o desgraçado, Poison!  
A morena soltou uma gargalhada alta.  
— E como? Aqui vai ser o primeiro lugar que eles vão te procurar, e vamos combinar que você não consegue nem andar direito?  
— Mas...  
— Calado, eu não terminei — mandou, me surpreendendo. — É melhor deixar isso para os adultos, Ryder.  
— É melhor você se lembrar que eu sou mais velho do que você.  
— De idade, pode até ser, mas, de experiência, nós sabemos bem que não é — retrucou. — Nós sabemos que o que teve até agora foi sorte, Ryder. Nunca precisou apontar o gatilho para alguém e atirar devido a essa sorte. Chegou em Campbell com o seu dinheiro, achou um local e começou a governá-lo. Simples assim. Mas e quanto a matar alguém? Tirar a vida de uma pessoa? Você conseguiria? Isso exige mais sangue frio do que você imagina.  
— Eu o odeio e ele machucou a minha mulher!

Um arrepio bem indevido subiu pelo meu corpo ao ouvi-lo falar aquilo.  
*Minha mulher*. Traste!

— Isso não é motivação o suficiente. — Poison falou. — Você não nasceu para esse mundo, Ryder, mas ainda não descobriu isso.

Ele suspirou, parecendo saber que havia perdido aquela discussão antes mesmo de iniciá-la.

— Nós vamos mesmo para uma ilha? — questionei, porque precisava confessar que ainda estava perdida nessa parte.

— Vão! — Poison sorriu, piscando para mim. — Considerem como um presente atrasado de Dia dos Namorados.

Nem consegui corrigi-la porque o choque havia me pegado em cheio.

Eu deveria saber como eles tinham uma ilha? Provavelmente não...



# 14

## | FUGA AO PARAÍSO |

*Você me mostrará o pedaço do meu coração que eu tenho sentido falta?  
Você me dará a parte de mim que eu não consigo ter de volta?  
Você me mostrará o pedaço do meu coração que eu tenho sentido falta?  
Porque eu mataria por você*  
**NO PEACE — SAM SMITH, YEBBA**

### **RYDER FRASER**

Quase não conseguia acreditar que havia topado aquela ideia de ir para uma ilha enquanto os Shadows iriam atrás de Carl. Eu mesmo queria ir até o desgraçado e matá-lo, pouco me importando quais consequências isso me traria, porque ele a machucou.

Rebeca estava quebrada e confusa por causa daquele idiota.

Jackson a assustou tanto que ela não teve alternativa, a não ser colocar seus medos para fora.

*“Eu sou uma simples garota iniciando a carreira de médica veterinária e que, quando estava na faculdade, se envolveu com a pessoa errada.”*

Então, era assim que ela me via agora. Ou, pelo menos, era assim que se forçava a me ver. Ouvi-la dizer aquela frase doeu quase tanto quanto a dor que senti quando levei o tiro na perna, pois Rebeca não era assim dezoito meses atrás.

Meu mundo sempre a surpreendeu, mas ela nunca falou ou reclamou sobre qualquer coisa, pois sabia desde o início onde estava se metendo. Mas, agora, ela dizia com mais clareza que aquilo não era para ela, o que, na minha cabeça, só significava que sua ficha havia caído com tudo o que aconteceu nos últimos dias.

Não podia culpá-la por estar confusa e com medo, no entanto.

Eu mesmo estava vivendo muitas daquelas coisas pela primeira vez. Poison não estava errada quando disse que eu era apenas um traficante de uma cidade pequena e que tinha sucesso com meus fornecimentos por conta da gigante Universidade de Campbell. Perto deles, eu era mesmo um fracassado.

Mas eu poderia matar Carl Jackson. Sabia muito bem usar uma arma, mesmo que nunca tivesse precisado chegar ao ponto de atirar em alguém para matar.

— Estamos quase chegando! — Winter disse, parecendo bem empolgada. — Quanto tempo não venho para esse lugar? Vamos poder aproveitar alguns dias quentes para nadar neste mar maravilhoso.

Estávamos em uma lancha, indo diretamente para a ilha dos Shadows depois de desembarcar na Flórida, do outro lado do país. E Winter e Rael seriam nossas sombras, literalmente, enquanto estivéssemos naquele lugar.

— Não estamos indo tirar férias, Win. — Rael disse, sorrindo para a loira.

— Você quis dizer que não estamos indo com esse objetivo, mas podemos aproveitar porque não temos mais nada para fazer além disso. — Winter rebateu. — Né?

Rael não respondeu. O secretário apenas a observou e se deu por vencido.

Tinha leves suspeitas de que os dois estavam juntos. Só pela forma como Rael olhava para Winter já era motivo o suficiente para ter a certeza de que ele era apaixonado por ela. Olhei para Rebeca ao meu lado, parecendo muito alheia aos dois para notar algo. Seus olhos estavam fixos no mar à nossa frente e seu semblante, fechado, demonstrando que não queria falar com ninguém no momento.

Não sabia o que ela estava pensando sobre ter que ficar em uma ilha praticamente sozinha comigo e sem contato com o mundo exterior também, pois era muito arriscado usar um dos nossos telefones e ligar para alguém. Afinal, Carl poderia nos rastrear.

Talvez, para Rebeca, todo aquele cenário parecesse um filme de terror sem fim.

Mas, ali, estaríamos seguros e, talvez, tivesse sido por ela que aceitei facilmente ir para aquele lugar. Não queria que Rebeca se machucasse mais. Eu a queria em segurança e sabia que, ali, perdidos na tal ilha escondida dos Shadows, teria isso.

Tratei de entrar em contato com Angeline antes de sair do bar; não queria deixar minha irmã apavorada com a ideia da minha morte e havia prometido que mandaria notícias, então passei uma rápida mensagem de texto dizendo que eu e Rebeca estávamos a salvo e protegidos pelo moto clube, mas que isso ainda não tinha acabado e, por esse motivo, não poderíamos conversar com frequência.

Óbvio que Angel me mandou um monte de mensagens, algumas me ofendendo por assustá-la daquela forma e outras pedindo para voltar para casa com Rebeca. No entanto, não respondi mais, deixei meu celular com Poison e

pedi para que também cuidasse de minha irmã. Não havia me esquecido da promessa de Carl e estava com medo do que eles poderiam fazer, caso a pegassem.

*“Não se preocupe, já mandei dois prospectos ficarem de olho nela.”*

Foi o que Poison disse, me tranquilizando por completo. Ela não mandaria dois prospectos quaisquer, confiava nela o bastante para isso.

— O que está achando, Rebeca? — Winter perguntou, parecendo alheia ao rosto sério da minha... dela.

Precisava lembrar frequentemente que Rebeca não queria mais nada comigo, e quem eu queria enganar no final de tudo isso? A mim mesmo? Não havia espaço no meu mundo para ela, sempre soubemos disso. A única diferença de agora para antes, era que ela não queria mais arriscar o seu coração e, quanto a isso, não podia julgá-la.

Nossa história não era um conto de fadas, como as dos irmãos Blossom, por exemplo.

— O lugar é mesmo lindo. — Rebeca elogiou, observando o mar que nos cercava.

— Espera só quando amanhecer! Vamos estar na ilha e você vai ver o que é o paraíso.

— Falta muito? — perguntei, pois estávamos naquela lancha há bastante tempo e já havíamos passado por algumas ilhas.

— Não achou que ficasse bem pertinho da Flórida, né? Nossa ilha é mesmo bem escondida. — Rael disse, virando levemente a direção para a direita.

Provavelmente, a ilha era o esconderijo que eles usavam para esconder coisas valiosas, já que ninguém, além dos diretores, sabia sobre ela.

Rebeca envolveu o próprio corpo com seus braços e notei, quando abaixei meu olhar, que sua pele estava arrepiada por causa do ar gelado da noite. Não estava muito frio para mim e, mesmo se estivesse, não ficaria com aquela jaqueta quando ela estava arrepiada daquela forma.

Tomei cuidado para tirar a jaqueta do meu corpo, mas ainda senti dor na região das costelas, onde aqueles filhos da puta haviam me chutado.

— Toma — murmurei perto do seu ouvido, colocando a peça sobre os seus ombros.

— Não precisa. — Ela tentou tirá-la, mas eu a interrompi.

— Você está arrepiada de frio, não seja teimosa — insisti, abraçando-a de lado para não ter chances de tirar a peça de roupa.

— Sério? Eu poderia te dar uma cotovelada.

— Você não faria isso comigo nessas condições — contrapus, sorrindo de lado ao vê-la revirar os olhos.

Aproveitei daquele momento abraçado ao seu corpo para matar um pouco da saudade que eu tinha da sua proximidade.



Poison não estava mentindo quando disse que a ilha era pequena. O lugar tinha uma grande área florestal e uma casa que não parecia ser muito grande para abrigar uma gangue de motoqueiros, por exemplo.

— Não é impressionante?! — Winter questionou ao meu lado, já fora da lancha.

— É muito bonito, Winter. — Rebeca respondeu por mim.

Estendi minha mão para que saísse da lancha com a minha ajuda, mas fui ignorado. Rebeca preferiu quase cair ao sair do que aceitar a minha mão. Suspirei. Seriam longos dias por ali...

— Vamos entrar. — Rael disse, tomando a frente. — Poison disse que tem roupas para vocês usarem no quarto onde vão ficar.

Assentimos. Winter e Rael estavam com suas malas e foram caminhando na nossa frente. Rebeca observava tudo com cuidado ao meu lado, impressionada com a ilha e a sua iluminação. E, por mais que quisesse me atentar aos detalhes do pequeno paraíso, meus olhos permaneceram nela.

Pela primeira vez, desde que nos vimos naquela situação, seus olhos estavam brilhando e, mesmo que não fosse algo perto da felicidade, ainda era admirável notar todas as linhas do seu rosto se unirem em uma expressão de fascínio.

Sentia falta de olhar para ela e, por conta disso, nunca me desfiz daquela foto no meu trailer. Mas nada poderia se comparar com a satisfação de observá-la ao meu lado. Era difícil não ser mais o motivo dos seus sorrisos e muito menos não ser quem era observado daquela forma, mas isso era uma responsabilidade única e exclusivamente minha. Precisava aprender a lidar com isso, o que, com certeza, seria mais difícil do que nos últimos dezoito meses.

Agora, ela estava bem ali e eu não podia tocá-la.

— Ryder? — Sua voz me despertou dos pensamentos. — Se apoie em mim.

— Hum?

— Você não vai andar até a casa pulando em uma perna só — explicou, colocando o seu braço fino ao redor da minha cintura. — Seria até engraçado, mas você está com as costelas ferradas também.

Sorri de lado com a sua preocupação.

— Foi por isso que não aceitou a minha mão para sair da lancha?

— É você quem precisa de ajuda aqui, não eu — justificou.

Era difícil caminhar nas minhas condições, principalmente atravessar a parte com areia da ilha, mas Rebeca fez com que eu me apoiasse mais nela do que deveria e, quando nos aproximamos da grama, Rael veio ajudar.

— Vem, Campeão. — Ele colocou o braço ao redor de mim. — Pode deixar que eu cuido a partir daqui, Rebeca.

Ela assentiu, afastando o seu braço de mim.

Segundos depois, que pareceram minutos, chegamos na entrada da pequena casa de um andar só. Ver que não existia escadas me aliviou um pouco, porém notar que existiam apenas três portas no corredor me deixou confuso.

— Aquele quarto vai ser meu e do Rael. — Winter apontou para uma porta do canto esquerdo. — E aquele vai ser o de vocês. A outra porta é o banheiro, caso não tenham adivinhado ainda.

Espera aí... o quê?

— Nosso quarto?! — Rebeca perguntou por mim. — Não estamos juntos, não vamos ficar no mesmo quarto.

Rael riu ao meu lado.

— Mas eu e Winter estamos, Boneca. — Piscou um dos seus olhos escuros para Rebeca. — Se não quiserem ficar no mesmo quarto, o sofá é bem confortável para um de vocês.

Winter sorriu, parecendo sem graça.

— Estou bem cansada, que horas são? — Olhou para o relógio em seu pulso. — Três horas da madrugada. Dá tempo de dormirmos um pouquinho.

Rael abraçou os ombros de Winter.

— Melhor irmos dormir, então. Amanhã, conversaremos sobre como vamos viver neste lugar enquanto não pudermos voltar.

E, assim, os dois seguiram para o seu quarto com suas malas. Meus olhos caíram em Rebeca, que soltava um alto suspiro no momento, não parecendo nada feliz com a divisão de quartos.

Sem mais delongas ou conversas, ela seguiu para o outro quarto sem nem observar os detalhes do interior da casa. Eu a segui como pude, devagar e apoiando um pouco do meu peso na minha perna machucada.

Rebeca havia fechado a porta antes que eu chegasse perto dela e, por um segundo, achei que tinha trancado a fechadura. Por conta disso, demorei mais do que o esperado para conferir com a minha própria mão. Encostei minha testa na porta, sentindo todas as emoções bagunçadas no peito se espalhando por

todo o meu corpo. Era quase como se tivesse corrido uma maratona nos últimos dias para alcançá-la.

Meu coração parecia doer e arder ao mesmo tempo, tamanha saudade que sentia dela. Encostado ali, quase conseguindo sentir sua respiração do outro lado da porta, o pensamento de como seria, se eu não fosse quem era, veio à minha mente. Tudo seria diferente? Poderíamos ficar juntos? Nossas vidas seriam normais? Não seríamos mais separados por um mundo?

Porque era exatamente dessa forma que nos sentíamos agora. Tão separados a ponto de a presença um do outro causar dor.

Ouvi um choro baixinho, que quase me fez pensar que vinha de mim, mas, ao abrir os meus olhos e aproximar mais meu ouvido da porta, consegui escutar um soluço seguido de um gemido sofrido do lado de dentro do quarto. Aproximei minha mão da maçaneta, abrindo a porta com cuidado e, primeiro, colocando a minha cabeça para dentro.

Rebeca estava sentada na cama, abraçando seus joelhos, e com o rosto escondido entre eles e seus braços enquanto chorava tanto a ponto dos seus ombros balançarem. A cena quebrou o meu coração em mil pedaços, causando um bolo na minha garganta ao me aproximar dela com cuidado.

— Eles... estavam ce-ertos. — Balançou-se para frente para trás, chorando mais. — M-meu D-Deus...

Não entendi o que ela quis dizer, mas não a interrompi naquele instante. Rebeca parecia estar colocando para fora algo que estava guardado ali dentro por muitos dias. Seu choro era cortante, seus soluços tiravam o meu ar e a forma como balançava o corpo, como se estivesse perdida, me deixou mais fraco do que já estava.

— Eu me apaixonei pelo diabo, mãe...! — gritou bem abafado por causa do braço que tapava sua boca. — Mãe, pai..., ele não vai me perdoar.

Quem?

Por que ela estava falando aquelas coisas?

Achei que era a hora de me aproximar porque realmente não estava mais aguentando ver aquela cena, quando Rebeca soltou mais um grito sofrido.

— Eu sou uma pecadora!

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

Aquela palavra não parava de sair da sua boca enquanto se balançava e chorava compulsivamente. Sentei-me devagar na cama, fazendo certo esforço

para não chamar a sua atenção, pois tudo o que não queria era assustá-la. Rebeca parecia estar presa em um pesadelo da sua mente, mas completamente acordada, o que era muito assustador.

— Eu o amo... — gemeu, arrependida. — Eu não posso aceitar o... mundo dele de novo.

Ela estava falando de mim agora e ainda bem que estava sentado, pois teria caído ali mesmo com aquela confissão.

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

*Eu sou uma pecadora.*

Ela voltou a repetir incansavelmente.

Levantei minha mão e, com cuidado, a aproximei de suas costas, acariciando-a devagar.

— Estou aqui, Bae... — falei baixinho, ainda a sentindo chorar. — Preferiria levar um tiro no peito do que vê-la dessa forma.

Rebeca chorou mais e, quando levantou o rosto, achei que fugiria de mim ou me afastaria, mas ela me surpreendeu ao se agarrar em mim, como se eu fosse sua única salvação, o total oposto do que realmente era para ela.

Ignorei a dor que me atingiu nas costelas ao sentir o seu aperto e tratei de apertá-la de volta como podia com os meus braços ao redor do seu corpo. Rebeca ainda chorava, mas não soluçava mais como antes.

— Isso tudo é sua culpa...! — murmurou, mas senti como se fosse um grito no meu ouvido.

— Eu sei. — Eu a abracei mais forte. — Não devia ter entrado na sua vida.

Ela negou, chorando mais e esfregando o rosto na minha camisa.

— Não... — disse. — Você não devia ter saído dela.

Aproximei meu rosto da sua cabeça e não resisti, deixei um beijo casto ali, sentindo os fios do cabelo preto e macio nos meus lábios.

— Quando tudo isso acabar... — doeria dizer as próximas palavras, mas eram necessárias para nós dois —, prometo nunca mais cruzar o seu caminho.

Então, a próxima frase que saiu da minha boca nos quebrou em mil caquinhos:

— Serei apenas o garoto errado que cruzou o seu caminho quando estava na faculdade.

Senti seu toque queimar minha pele por baixo da camiseta que usava, um tipo de queimadura que eu gostaria de sempre ter comigo.

— Esse é o nosso problema, Ryder... — fungou, acariciando o meu peito com as pontas dos dedos. — Para mim, você sempre será o amor da minha vida. Fechei os meus olhos, apreciando suas palavras mais do que deveria.

— E você é o da minha, Bae.

Beijei mais uma vez o topo da sua cabeça, não deixando de pensar em como a nossa situação era a mais fodida possível. Duas almas perdidas que, quando estavam juntas, eram o completo caos, e era por isso que éramos tão bons juntos.

A ruína um do outro. Era isso o que representávamos.



# 15

| MARCA |

*Talvez você deva me libertar  
Talvez eu não queira que você faça isso  
Talvez eu só queira ser  
Ser a pessoa que você simplesmente não pode perder  
Se você vai me deixar, então deixe  
Se você precisar de mim, me avise  
Me ame ou apenas me deixe ir*  
**THIS LOVE — CAMILA CABELLO**

## **REBECA WILSON**

Por que tudo tinha que ser tão difícil?

Eu estava surtando.

Sabia que aquele momento chegaria, mas não esperava que acontecesse logo agora. Na minha cabeça, só se passavam memórias da minha infância, onde meus pais me passaram tudo o que era errado e considerado do diabo para a igreja. Basicamente, era tudo o que estava vivendo naqueles últimos anos.

Era tudo o que estava sentindo no meu coração.

Mas a maior dor era tê-lo comigo.

Eu sabia que precisava ser forte e passar por aquilo com a responsabilidade da garota que entrou de cabeça, sabendo de tudo o que cercava Ryder, mas era tão fácil falar isso da boca para fora quando a realidade era muito mais assustadora.

No fundo, eu sabia me reconhecer como uma pessoa muito carente, que enxergou o carinho que nunca recebeu na vida de um traficante, mas havia também o que senti na primeira vez que senti os seus braços ao meu redor.

Ryder conseguiu me aconchegar com apenas um olhar, não foi só atração. Ou, provavelmente, não teríamos ido tão longe, pois eu o teria afastado antes que me convidasse para aquele trailer velho no deserto.

Mas, então, ele me olhou. Ele me entendeu sem nenhuma pergunta e me abraçou quando não havia pensado na possibilidade de ter os seus braços ao redor do meu corpo.

Ashton e Tyler estavam prestes a brigar na minha frente. Conhecendo o irmão mais velho dos Blossom, eu sabia que isso não daria boa coisa.

O irmão da minha melhor amiga tinha um temperamento forte e, com certeza, não ficaria “de boa” com a indireta que Ashton deu sobre ter sabotado o seu carro para que perdesse a corrida.

Tyler nunca perdia. E, naquele momento, a maioria presente ali olhava para os dois em busca de violência, loucos para terminar aquela festa com uma boa briga entre os melhores corredores do deserto.

Onde Nathan havia se metido? Era dever dele parar com a briga entre os dois antes que começasse pra valer.

Olhei ao redor em busca dele, mas não consegui enxergar a cabeça loira por perto e, quando ouvi o barulho de um soco, fiz o favor de me aproximar deles achando que poderia servir para alguma coisa que os impedisse de arrumar mais confusão. Tyler havia socado a cara de Ashton primeiro; notei pelo sangue que o segundo estava cuspidando no chão.

— Tyler! — gritei seu nome, mas ele nem se deu ao trabalho de me olhar.  
— Vamos para casa!

Eu sabia que estava parecendo a mãe dele, mas, que merda, nenhum dos seus irmãos estava por perto! Por que Nathan foi seduzir a tal garota mesmo? Tinha quase certeza de que havia transado com uma diferente na noite anterior. Um galinha mesmo.

— Tyler! — Meu grito foi de pavor dessa vez ao vê-lo socar Ashton mais uma vez.

Ai, meu Deus! Ele vai quebrar a cara dele.

Havia ódio no olhar de Tyler enquanto distribuía socos no rosto de Ashton, e o pobre garoto tentava se defender, mas claramente não sabia brigar.

— Tyler, o que é isso?!

Nathan finalmente apareceu, mas eu já estava me metendo atrás de Tyler para puxá-lo para longe, ou tentar, pelo menos, quando quase levei um soco no meu lindo rosto também. Se não fossem pelos braços fortes e tatuados que me puxaram para trás, estaria chorando por conta da força daquele soco na minha pele.

— Quer levar um soco, Rosinha?!

Sabia que era a pior hora para ter as sensações que estava tendo, mas não consegui evitar sentir meu corpo arrepiado com a sua voz rouca no meu ouvido e muito menos bloquear aquela onda de calor que bateu contra o meu pescoço e percorreu parte do meu corpo, me deixando mais quente do que era devido.

Mas, sobretudo, prestei atenção naqueles braços ao meu redor e não tive dúvidas sobre a quem eu pertencia.

*Mais tarde, perceberíamos que pertencíamos um ao outro, mas que nem a sensação de pertencimento era forte o bastante para fazer com que um relacionamento durasse.*

Agora, Ryder me abraçava com tanta proteção como naquela noite e, depois do nosso pequeno diálogo dramático, tudo o que eu conseguia escutar eram as batidas rápidas e descompassadas do seu coração. Sua mão acariciava minhas costas e sua boca estava tão próxima da minha cabeça que, se levantasse o meu rosto, nossas bocas raspariam uma na outra. Ou, pelo menos, ficariam muito próximas.

Não chorava mais e sabia que deveria me afastar naquele instante para não tornar tudo mais doloroso, mas me permiti aproveitar um pouco mais o seu abraço. Eu sentia tanto a sua falta que era difícil de colocar em palavras...

A raiva e o ressentimento que sentia eram um nada comparados com a saudade. Essa, sim, machucou todos os dias. E ainda machucava porque, mesmo juntos, ainda não tínhamos um ao outro e provavelmente nunca mais teríamos. Nosso amor não era saudável, não nas circunstâncias em que vivíamos agora. Talvez, essa fosse a verdade mais crua e dolorosa de ser engolida.

Afastei-me devagar de Ryder, primeiro retirando os meus braços da sua cintura e depois afastando a minha cabeça de seu peito. Não levantei o rosto para vê-lo; não sabia o que encontraria naquele olhar e nem se estava preparada para senti-lo sobre mim.

— Preciso ir... — murmurei, pulando para fora da cama antes que ele me segurasse.

— Para onde?

— Vou dormir no sofá — avisei. — Você pode ficar com a cama, precisa ter uma boa recuperação.

— Rebeca...

Peguei o cobertor que tinha nos pés da cama e saí do quarto, antes que ele terminasse o que quer que falaria.



Na manhã seguinte, acordei sentindo a claridade do sol bater diretamente no meu rosto e, ao abrir os olhos, notei que as cortinas da sala de estar estavam abertas, mostrando toda a vista que a grande janela apresentava: uma grande praia com ondas calmas no mar azul daquele dia ensolarado.

Sentei-me no sofá para enxergar melhor a natureza que cercava aquela ilha. Por mais que não estivéssemos ali nas melhores situações, era incrível poder aproveitar um pouco do pequeno pedaço de terra, apelidado por Winter

como um pequeno paraíso. Não podia nem discordar porque a ilha realmente representava isso.

Observei com atenção a sala que me cercava. Ela era conjugada com a cozinha em tons de verde e marrom, apresentando alguns elementos meio rústicos, o que tornava o lugar quase como um lar de família. Não havia muitas decorações nas paredes, somente alguns quadros e, claro, o grande símbolo dos Shadows bem em cima da lareira, que estava na minha frente.

— Olha quem acordou. — Ouvi a voz de Winter vinda do corredor. — Dormiu bem aí?

Assenti, me espreguiçando.

— Acabei de trocar os curativos do Ryder — informou, indo até a cozinha. — Toma café preto?

— Quem não toma café preto? — devolvi, sorrindo.

Gostava dela.

Winter parecia quase um anjo perto dos outros membros do moto clube e nem era pela sua aparência. Enquanto ela me passava uma paz quando estava ao meu lado, os outros pareciam ser sinônimos de tempestades, daquelas fortes o bastante para destruir uma cidade.

Aproximei-me da cozinha e me sentei bem em frente à bancada, entre um cômodo e outro, enquanto Winter começava a preparar o café.

— Acha que vamos ficar aqui por muito tempo?

Winter deu de ombros, colocando o café na cafeteria.

— Tudo depende muito da dificuldade que eles vão ter com o Carl — respondeu, não explicando muita coisa. — Sabe..., os Shadows não irão assustá-lo, eles irão matá-lo.

Meus braços ficaram arrepiados instantaneamente. Eu podia odiar Jackson como nunca pensei odiar alguém, mas saber que o destino dele seria a morte não me causava qualquer conforto.

— Mas não se preocupe, ele vai sofrer antes disso.

Aquilo era para me deixar melhor?

— Com certeza. — Rael concordou, ao se aproximar da cozinha usando bermuda e uma camiseta regata, revelando seus braços fortes, que abraçaram Winter por trás. — Dormiu bem?

Ele deu um beijo na sua bochecha, a olhando com tanto amor que mexeu comigo. Seu interesse pela resposta também estava explícito.

— E teria como não dormir bem? — indagou, sorrindo para o namorado.

Ou marido.

O que será que eles eram? Pareciam se amar muito, algo que não havia percebido horas atrás, quando chegamos na ilha, pois estava muito nervosa,

ansiosa e aérea com tudo o que estava acontecendo.

— Dormiu bem, Rebeca?

Acordei dos meus pensamentos quando ouvi o meu nome sair da boca de Rael.

— Notei que dormiu no sofá — disse, apontando para a coberta atirada no assento.

— Dormi. Ele é confortável.

A porta do quarto que Ryder dormiu se abriu e um ruivo com alguns hematomas no rosto apareceu, tentando caminhar até onde estávamos. Fui até ele antes que processasse os meus movimentos.

— Você é mesmo teimoso — praguejei, pegando sua mão e fazendo seu braço abraçar os meus ombros.

— Aprendi com você — disse, sorrindo de lado. — Como você está?

Não respondi e segui pelo caminho, o ajudando a chegar até a banquetta da cozinha. Era alto demais para ele se sentar, mas o engraçadinho não se importou em fazer outro esforço para se acomodar.

— Tem roupas para vocês no guarda-roupas do quarto. — Winter informou. — Depois do café, tomem um banho para relaxar.

Assenti. Eu estava precisando de um mesmo.

— Vamos conversar sobre a nossa estadia neste lugar. — Rael falou, se encostando na bancada de frente para nós. — Eu estou encarregado de algumas coisinhas, além da segurança de vocês, e Winter veio para cuidar dos ferimentos de Ryder e fazer companhia feminina para Rebeca.

— Que outras coisinhas? — Ryder perguntou.

Sentei-me ao seu lado, com a mesma dúvida que ele.

— Ensinar defesa pessoal para Rebeca e como utilizar uma arma.

Meus olhos se arregalaram.

— O quê?! — Ryder perguntou por mim. — Quem mandou isso?

— Poison — respondeu.

— E você obedece às ordens dela? Rebeca não precisa aprender isso.

— Acho que ela pode dizer o que precisa ou não aprender. — Rael esclareceu, sucinto, e me olhou. — Poison disse que seria bom para você, caso aconteça mais alguma tentativa de sequestro no futuro, que soubesse se defender.

— E você vai ensinar. — Ryder afirmou, parecendo bem incomodado com tal detalhe.

— Claro. Passo bastante tempo ensinando os prospectos. — Rael justificou, sorrindo de lado. — O que me diz, Rebeca?

Aprender defesa pessoal? E como usar uma arma? Eram duas coisas que eu gostaria de nunca ter que fazer, mas precisava confessar que ter uma chance contra qualquer perigo que pudesse me expor no futuro era tentador... E eu não tinha mais nada para fazer naquela ilha, não é mesmo?

— Eu topo — concordei, sorrindo.

— Só pode ser brincadeira... — Ryder resmungou baixinho ao meu lado, mas eu ouvi.

Virei-me para ele, sem entender o seu comportamento. Ryder não era o tipo de mocinho idiota que não gostava de ter a namorada aprendendo a lutar.

— O que você tem?

Rael soltou uma risadinha.

— Vamos nos divertir muito juntos, Boneca. — Piscou um dos olhos para mim.

Fiquei um pouco constrangida pela piscada, afinal, a sua namorada estava ali na cozinha e estava vendo tudo. Porém fiquei mais confusa ao vê-la dar uma risada seguida por um olhar provocante para o namorado.

— Vou tomar o meu banho!

Tomei um pequeno susto quando Ryder bateu o punho na bancada antes de pular da baqueta, se segurando o bastante para não fazer uma careta de dor, e andou o mais rápido que podia para o quarto onde havia dormido.

— Ele claramente acha que consegue fazer isso sozinho nos primeiros dias... — Winter comentou, rindo. — Com algumas costelas quebradas e a perna sempre abrindo os pontos porque não para quieto.

Olhei para ela.

— Isso é sério?

— Tive que arrumar tudo de novo hoje.

Suspirei.

— Só não entendi o porquê ele agiu assim.

— Tenho certeza de que logo você vai entender. — Winter disse, toda misteriosa.

— Por que não vai ajudar o seu namorado, Boneca? — Rael perguntou, abraçando a médica por trás.

— Ele não é o meu namorado.

Os dois riram.

Pensei bastante se deveria ou não ir até o quarto de Ryder e acabei sendo vencida pelo meu sentimento de pena. Não poderia deixar o coitado se virar sozinho naquelas condições.

Por fim, desci da banqueta e fui atrás dele. Não bati na porta antes de entrar, adentrei o quarto e dei de cara com Ryder tentando retirar sua camiseta.

— Deixa que eu te ajudo — falei, fechando a porta e caminhando até ele.  
— Se você continuar fazendo esforço, não vai se recuperar nunca.

Ryder não respondeu nada, parecia bem perdido nos seus pensamentos, então levei aquela atitude como um consentimento e toquei a barra da sua camiseta, a segurando com as pontas dos dedos e a puxando devagar pelo seu tronco.

— Uma mão de cada vez, ok?

Ele assentiu, finalmente me olhando. Hesitou por um momento, antes de perguntar:

— Vai mesmo fazer aulas com ele?

Passei o seu braço direito pela manga.

— É uma ótima forma de passar o tempo, não acha? Não tem nada para fazer de melhor nesta ilha. Não posso nem me comunicar com a minha melhor amiga, então vai ser legal aprender algo novo e que serve para a minha proteção. — O discurso saiu completo pela minha boca. — Por que está preocupado com isso?

— Podia esperar eu me recuperar — sugeri, fazendo uma careta ao passar o braço esquerdo pela manga. Era o lado das costelas afetadas.

Segurei a camiseta ao redor do seu pescoço, agora, sim, entendendo o que tanto o incomodava.

— Está com ciúmes?

— É claro que sim — confirmou, sem nenhum rodeio.

— Não estamos mais juntos, Ryder. E outra, ele é comprometido.

Ryder bufou, e eu soltei um riso fraco ao passar a peça de roupa pela sua cabeça.

— Vamos nos concentrar no seu banho, ok? — falei, jogando a camiseta na cama.

Afastei-me um pouco do seu corpo, descendo o meu olhar pelo seu peitoral coberto por sardas. Ryder sempre teve o corpo definido, mas seus músculos pareciam um pouco maiores agora e o peito firme, seguido pelo abdômen marcado, que fez com que eu me perdesse um pouco ali, naquela deliciosa visão.

O mal de conviver com o meu passado, era ser atormentada pelas minhas lembranças.

Era impossível conter a minha mente, e memórias de quando estávamos juntos preencheu a minha cabeça. Ele gostava quando eu o tocava e perdia o controle quando minha boca beijava a sua pele.

Engoli em seco a onda de desejo que me tomou naquele momento e ergui os meus olhos, tentando pensar em outra coisa, mas encontrar o olhar ardente de

Ryder não ajudou muito. Eles queimavam como brasa.

— Precisamos...

Não terminei porque fui interrompida pelas suas mãos tocando a minha cintura e me puxando para mais perto. Seus olhos percorreram o meu rosto e desceram devagar até os meus lábios, que, naquele segundo, estavam secos como um deserto.

— Sinto a sua falta... — murmurou, encostando sua testa na minha. — Você. Seu jeito. Seu sorriso. Seu corpo.

Sua carícia queimava minha pele, mesmo sobre a blusa que eu usava. Fechei os meus olhos, balançando a cabeça.

— Não... — Eu o interrompi contra os seus lábios, que já estavam a milímetros de distância dos meus.

Afastei-me, mas sua mão segurou a minha.

— Preciso de ajuda com a calça — explicou, desviando o olhar do meu e parecendo triste.

Ninguém estava mais do que eu.

Abri o zíper da sua calça, mas, antes de tirá-la do seu corpo, minha atenção foi tomada por um desenho que não estava nas costelas há dezoito meses. Aquilo era... eu?

Minha mão subiu devagar até a tatuagem, que parecia uma fotografia bem desenhada na sua pele. Era muito igual a uma foto que tirei no trailer dele quando comprei a câmera instantânea com o dinheiro que havia me dado de aniversário.

— Você... me desenhou. — Minha voz saiu surpresa, completamente encantada com a imagem à minha frente.

Eu ainda estava com os cabelos cor-de-rosa e um sorriso brilhante, que demonstrava o que sempre soube: com ele, também vivi os melhores momentos da minha vida.

— Eu... — Ryder parecia um pouco envergonhado. — Sim.

Não resisti e toquei a tatuagem, vendo a sua pele se arrepiar com o meu toque. Aquele desenho não era apenas uma loucura de amor. Principalmente vinda dele, um homem que era mais fechado.

— Tem um significado?

Ele assentiu.

— Você me marcou, Bae. — Pegou a minha mão livre e a levou para o seu coração. — Esse é o significado da tatuagem.

Meus olhos marejaram automaticamente, traçando cada linha daquela tatuagem com cuidado. Se as coisas não fossem tão complicadas, eu teria o



beijado ali mesmo e mostrado a ele que, no meu coração, também havia a sua marca.

Mas vivíamos em meio às complicações.

Éramos o melhor e o pior um para o outro ao mesmo tempo.

Confusos.

Perdidos.

Uma completa bagunça.

Era isso o que significávamos.

# 16

| BAE |

*Então, eu fiz você pensar que eu ficaria pra sempre  
Eu disse coisas que eu nunca deveria ter dito  
Sim, eu parti seu coração como alguém partiu o meu  
E agora você não vai me amar pela segunda vez  
SAVE YOUR TEARS — THE WEEKND*

## **RYDER FRASER**

Nada era tão doloroso do que vê-la com aqueles olhos marejados e cheios de confusão do que fazer naquele instante. Rebeca havia ficado surpresa com a tatuagem, principalmente com o significado que saiu da minha boca há alguns segundos, e notei, com a sua mão no meu coração, o quanto ainda me queria.

*Eu também, Bae.*

Sua outra mão ainda estava sobre a minha tatuagem, mas ela não a traçava mais porque seus olhos estavam em mim. E seus pensamentos também. *O que será que ela estava pensando?* Me perguntei, querendo saber, pelo menos, parte do que se passava por ali.

— É lindo... — murmurou, desviando o olhar para o desenho novamente. — Nunca imaginaria isso.

— Eu ter feito uma tatuagem? — Arqueei as sobrancelhas, tentando aliviar o clima. Afinal, eu era cheio desses desenhos pelos meus braços.

Rebeca sorriu, fungando logo em seguida. Dava para ver que ela estava segurando as lágrimas.

— Você ter me desenhado — falou o que eu já sabia. — Sempre soube que o que tivemos foi único, mas não imaginava que fosse tanto a esse ponto.

— É porque sempre seremos únicos um para o outro — expliquei, minha voz soando baixinha. — Pelo menos, para mim, sempre seremos.

Ela não respondeu. Não àquilo.

— Precisamos focar no seu banho... — disse, querendo mudar de assunto ao retirar a mão da minha pele. — Winter disse que seus pontos estavam abrindo. Tem que tomar mais cuidado, se quiser ter uma recuperação mais rápida.

Rebeca levou as mãos até o cóis da minha calça. Por mais que a situação fosse constrangedora para mim — não por ficar nu na sua frente, já que havia feito isso muitas vezes, mas por estar praticamente precisando de uma babá —, não conseguia deixar de me sentir mais satisfeito do que deveria ao tê-la cuidando de mim.

— Ok... Então, uma perna de cada vez — pediu, como se falasse com uma criança.

Ela estava tão linda tentando se concentrar em qualquer coisa que não fosse na tatuagem ou no meu corpo, que quase me dava vontade de esquecer que tinha meus machucados para levá-la para cama e pedir por um beijo seu.

Óbvio que ela teria que aceitar e claro que não conseguiria dar um passo sem sentir como se algo perfurasse o meu peito. Malditos impedimentos...

— Ryder? Pode se concentrar aqui, por favor?

Olhei para baixo e encontrei Rebeca agachada, enquanto a calça já estava nos pés. Ela segurou uma das minhas pernas e eu a ajudei a tirar parte da peça do meu corpo, assim como fiz com a outra parte logo em seguida.

Tentei evitar a imagem da última vez que ela esteve assim comigo, em uma situação bem diferente de agora, mas foi meio que impossível quando se ergueu e passou o olhar por todo o meu corpo como se eu não estivesse consciente dos seus atos.

*Porra!*

Aquele banho seria mais complicado do que eu imaginava.

Na minha cabeça, naquele instante, só se passavam imagens dela me beijando, me tocando e me chupando... *Merda!* Já fazia muito tempo... Quase dois anos, mas conseguia me lembrar de cada sensação, cada ponto de prazer e cada expressão prazerosa que passava pelo seu rosto quando eu a comia gostoso.

— Acho que... o banho você consegue tomar sozinho, né? — perguntou, um pouco nervosa.

Ela teria caído ao se levantar, se não fosse pela minha mão que segurou a sua. Reprimi o sorriso e assenti à sua pergunta. Seria muito delicioso ter suas mãos passando pelo meu corpo enquanto me dava banho, mas, para mim, que já estava me controlando para não ter uma ereção apenas com as lembranças, seria meio trágico para o meu pau, se ela me tocasse e eu não pudesse fazer nada quanto a isso.

O quarto tinha um banheiro pequeno e foi para lá que eu fui antes que fizesse outra coisa, como agarrá-la.

Fechei a porta e respirei fundo. Precisava me concentrar no banho e não na garota que não queria mais nada comigo no outro cômodo.



Foi bem difícil tomar banho porque, a cada movimento, sentia uma pontada forte de dor na região das minhas costelas e no meu peito. Foi um inferno! Mas, pelo menos, a perna estava me incomodando menos, não sabia se pelos remédios que estava tomando ou porque realmente ter uma parte da sua pele costurada doía menos do que costelas fraturadas. Talvez, fosse mesmo a última opção.

Depois de me secar, coloquei a cueca com tanta dificuldade que tive que me sentar no vaso e respirar fundo. Tinha momentos em que realmente achava que meus pulmões estavam sendo perfurados.

— *Tudo bem, aí?*

— Não — murmurei, mas ela ouviu, pois, um segundo depois, estava abrindo a porta.

— Você devia ter me chamado.

— E ter uma ereção na sua frente? — indaguei, a fazendo arregalar os olhos em surpresa. — O que foi? Não é como se meu pau estivesse machucado.

Ela segurou a risada.

— Engraçadinho e um safado, é isso o que você é — disse, ao se aproximar e estender a mão para mim. — Vamos vestir você.

Agora, sim, eu estava me sentindo como um bebê.

Peguei na sua mão, mas, ao invés de me levantar com a sua ajuda, a puxei um pouco mais forte, o que foi o suficiente para que se desequilibrasse e caísse no meu colo. Felizmente, foi na coxa da perna que não havia sido atingida.

— Ryder Fraser! — Ela soltou um gritinho fofo, os olhos cheios de preocupação ao tentar não me machucar. — Por que fez isso?

— Por que acha que estou sendo engraçadinho? — devolvi, afastando seu cabelo para um lado só e observando melhor suas bochechas começarem a corar.

Estava seminu com ela no meu colo, motivo o suficiente para deixar nós dois aéreos.

— Para de graça, Ryder... — pediu, tentando se levantar, mas eu firmei o meu aperto na sua cintura. — Me solta?

Soou como uma pergunta, não como uma ordem, e, por isso, neguei.

— Minhas costelas ainda estão doendo, não quero me levantar agora.

Não era uma mentira, afinal. Tirando, claro, o fato de que elas doeriam por um bom tempo.

— Mas eu não preciso ficar no seu colo — disse, fazendo um esforço para não olhar para mim.

— Só preciso ficar com você assim por um momento — admiti. — Fingir por alguns minutos que ainda estamos naquele trailer velho nos amando.

Ela finalmente me olhou, negando com a cabeça devagar.

— Isso só é dificultar tudo.

— Não pode fingir que é mais difícil do que estar neste lugar comigo e não poder me beijar, me tocar... Porque, para mim, parece com a sensação de estar no inferno. E olha que nunca estive lá para estar falando com tanta propriedade.

Rebeca suspirou.

— Como você está? — perguntei, pois ainda não havíamos falado sobre o que aconteceu naquela madrugada.

— Estou praticamente presa em uma ilha, prestes a ter aulas de defesa pessoal e convivendo com o meu ex-namorado vinte e quatro horas por dia. Como acha que estou?

Sorri de lado, mais triste do que aliviado em ouvir aquilo. Claro que ela não desejava a minha presença.

— Sinto muito... Se as coisas pudessem ser feitas de outra forma, eu faria.

— Não, você não faria. — Riu fraco, me olhando com certa provocação.

— Nunca teria tomado outra decisão porque é teimoso.

Um bom ponto, mas aquela conversa não nos levaria para nenhum lugar.

— Eu quero saber como você realmente está depois dessa madrugada.

— Vou ficar bem, foi só um surto... — disse, desviando o olhar para o chão.

— Você disse que era uma pecadora — lembrei de suas palavras. — Por quê? Sei que toda essa situação a fez surtar, mas algumas palavras que saíram da sua boca me preocuparam mais do que outras.

— Acho que foi só um segundo... Já passou.

Rebeca tentou se levantar novamente, mas a impedi.

— Por que não me conta?

— E por que você quer saber? — Seus olhos me encararam, magoados. — Não temos e não vamos ter mais nada.

— Eu ainda me preocupo com você, Bae.

— Para de me chamar assim! — falou mais alto.

— Sabe o que essa palavra significa?

— Ryder...

Levei minha mão até o seu queixo primeiro, tocando com cuidado aquela região como uma forma de investigar se ainda suportaria receber o meu toque. Rebeca não se afastou ou me mandou parar, apenas continuou ali, me olhando.

Subi até a sua bochecha, enchendo a palma da minha mão com o seu rosto, e a acariciei com o polegar.

— *Before anyone else* — murmurei o significado. — Você sempre veio antes até de mim mesmo.

Ela respirou fundo, absorvendo o que eu havia acabado de falar. Era a mais pura verdade e nós sabíamos disso. Ou, então, nunca teria desistido do nosso relacionamento. Tudo o que fiz até então foi pensando nela porque sempre coloquei o seu bem-estar na frente de qualquer coisa.

— Se eu soubesse que, independentemente da minha escolha, você estaria em perigo, nunca teria acabado com o nosso relacionamento daquela forma.

— Mas você não tinha como saber.

Neguei.

— Sei que você nunca mais me aceitará na sua vida novamente e, acredite, eu entendo mais do que gostaria essa sua decisão. — Minha boca ficou com um gosto amargo só de falar tais palavras. — Mas saiba que eu sempre vou me importar com você e sempre irei te amar.

Rebeca engoliu em seco, me observando com um olhar indecifrável até mesmo para mim. Talvez, fosse naquele momento que ela decidisse sair de cima de mim e, dessa vez, não a impediria porque nem assunto nós tínhamos mais.

Quando o seu rosto abaixou levemente e seu olhar passou pelo meu corpo, tive sérios problemas em não deixar que pensamentos maliciosos se infiltrassem na minha cabeça. Ela estava ali, no meu colo, aceitando a minha carícia... E foi bem difícil não pensar na última vez que estive nela.

Minha respiração alterou-se quando ela voltou a tocar o seu retrato na minha pele. Era um toque inocente, mas meu pau não entendeu muito bem isso, pois o maldito já estava querendo erguer-se para ser acariciado também.

Rebeca molhou os lábios e eu me senti inclinar em sua direção, louco para beijar aquela boca, mas fui parado por seu rosto se voltando para o meu. Mesmo que agora estivéssemos a milímetros de distância, ela não demonstrou nenhum receio ao me encarar de volta.

Nossas respirações se misturaram e seu toque na minha tatuagem parou ali, com a sua mão sobre ela. Parecia haver uma comunicação silenciosa que nem eu era capaz de entender naquela troca de olhares que poderia tirar o meu fôlego. Sua mão passou pelo meu abdômen e, devagar, ela subiu, acariciando-me e causando arrepios desconhecidos por todo o meu corpo.

— Péssima ideia, Bae... — murmurei rouco, me sentindo duro com apenas um carinho. Acreditava que havia virado virgem de novo.

Rebeca desceu o olhar, notando meu pau criando uma grande ereção no meio das minhas pernas.

Eu poderia levar todas as suas respostas como uma abertura para beijá-la, mas não fiz porque sabia que não era. Dolorosamente, Rebeca estava se despedindo.

— Eu também sempre vou te amar... Mesmo que seja burro e idiota na maioria das vezes.

Sorri, sentindo vontade de chorar.

Meu Deus! Que mistura de sensações! Só ela conseguia me deixar assim.

— Vou esperar você no quarto para vesti-lo — disse, enfim saindo do meu colo. — Cuide... *disso*.

— Queria que você cuidasse — falei com um tom divertido, tentando esconder o que realmente estava sentindo naquele instante.

Ela sorriu para mim e, antes de sair do banheiro, pude ouvir um: “*nos seus sonhos*”.

# 17

| ATIRE |

*Você pode pegar esse coração  
Curá-lo ou quebrá-lo ao meio  
Não, isso não é justo  
Me ame ou me deixe aqui*  
**LOVE ME OR LEAVE ME — LITTLE MIX**

## **REBECA WILSON**

Observei meu reflexo no espelho, notando como os meus machucados estavam com uma aparência mais “agradável” do que no dia anterior. As pomadas que estava passando naqueles hematomas tinham dado algum resultado, afinal.

Lavei o meu rosto com cuidado e passei o medicamento novamente nos meus machucados. Se estava dando certo, o melhor era continuar até que só houvesse memórias daquele pesadelo, e não cicatrizes. Pelo menos, esperava que não ficasse com nenhuma marca.

Já fazia dois dias que estávamos na ilha, completamente isolados e sem nenhuma ligação de Poison para nos atualizar do que estava acontecendo do outro lado. Ela disse que não entraria em contato para não ser rastreada, mas tamanho silêncio estava me deixando mais nervosa.

No caso, mais do que eu já estava.

Eu sabia que ir para aquela ilha e ficar vinte e quatro horas com Ryder seria difícil, porém estava sendo pior do que imaginava. Os minutos em que fiquei em cima do seu colo, pele contra pele, respiração contra respiração, atormentaram a minha noite e não me deixaram dormir.

*Merda!*

Deveria saber que ele sabia jogar sujo.

Ryder era bom em me deixar de pernas bambas e completamente hipnotizada. Foi isso o que ele fez comigo e, por muito pouco, não me deixei levar. Até cheguei a me perguntar se me afastar era o certo, quando o que queria era bem o contrário disso, mas fiz muito bem em seguir a razão.



O único problema era que, no meu coração, tudo estava errado. Maldito órgão que ainda batia como um desesperado por ele!

Respirei fundo e aponte para mim mesma no reflexo do espelho.

— Sem Ryder para você! — Fiz igualzinho como uma criança. — Daqui alguns dias, você estará fora deste lugar e fora da vida dele.

Por que eu sentia que era uma piada dentro daquela cena? Aquilo não daria certo.

Talvez, eu devesse me manter distante dele. Sabia que era irônico pensar nessa ideia, visto que estávamos em uma ilha isolada, mas havia muitas formas de ignorar uma pessoa dentro de uma casa. Por meses, fiz isso com os meus pais, achando que serviria para alguma coisa.

Até que serviu.

Cinco cintadas no meu corpo.

*Péssimas lembranças.*

— Ok. Você consegue, Rebeca — falei para mim mesma, sorrindo para o meu reflexo. — Foque no seu desenvolvimento neste lugar.

Sim, era isso o que eu tinha que fazer.

Naquela manhã, começariam as minhas aulas com Rael e, por mais que não estivesse tão animada para aprender a dar uns chutes e me defender, estava ansiosa para fazer outra coisa que não fosse olhar para Ryder naquele lugar.

Ok, esse era o plano. Eu só precisava segui-lo.

Abri a porta e dei de cara com o diabo. *Quanta ironia, hein, destino?* Só podia ser uma forma de me dizer que isso nunca funcionaria.

— Oi. Você parece ótima — disse, me observando por completo. — Seus cortes estão com uma aparência melhor.

Assenti.

— Você está melhorando também — aponte. — Winter disse quanto tempo ainda tem de recuperação?

*Era melhor eu calar a minha boca e fingir desinteresse.*

— Um longo mês — respondeu. — Mas vou melhorar.

— Ótimo! Agora, preciso ir e você precisa entrar — expliquei o que não precisava ser explicado.

Antes que eu me afastasse, Ryder segurou a minha cintura. Não teve força, foi apenas um toque, mas que, ainda assim, teve poder de me arrepiar.

— Por que está nervosa?

— Eu não estou.

Ele semicerrou o olhar em minha direção, não acreditando em uma só palavra.

— É por minha causa?

Neguei com um aceno de cabeça.

— Então por que falou para Winter tomar conta de mim agora? Inclusive, dos meus banhos... Obviamente, não aceitei o último.

— Está tomando banho sozinho? — Aquilo me preocupou um pouco.

— Não vou deixar que outra mulher me toque, Bae.

Era por conta dessas coisas que precisava me manter longe dele. Isso não era algo que deveria ser dito, poxa! Deixava-me completamente desnorteada, do mesmo jeito como estava agora, com Ryder me olhando como se eu fosse a única que pudesse me aproximar dele.

*Por que ele tem que ser tão... sexy?*

— Preciso me manter distante de você — expliquei, mais alto do que o necessário.

Achava que estava apenas fazendo o trabalho de frisar isso na minha cabeça.

— Estamos presos em uma ilha — provocou, mas vi que estava levemente triste com isso.

— E o que pretende? Que essa ilha seja um caminho fácil para voltarmos? Não estamos em um filme, Ryder. — Fui mais dura do que gostaria. — Somos ex-namorados que estão nesta situação por segurança, apenas isso.

Pensei que ele daria dois passos para trás e me deixaria sair, mas Ryder me surpreendeu ao rebater:

— Isso é o que diz para convencer a si mesma?

*Sim.*

— Essa é a nossa realidade e ninguém disse que é bonita.

Dessa vez, abaixei sua mão e saí daquele banheiro. Precisava de ar puro, bem longe dele.



— Então..., Ryder está emburrado. Aconteceu alguma coisa? — Winter perguntou, se sentando ao meu lado.

Estávamos nas espreguiçadeiras em frente à casa, apreciando a vista do mar que, naquela manhã, estava agitado por causa do vento forte. Havíamos tomado café e eu decidi ir para fora primeiro e esperar Rael se arrumar para nossa aula.

— Não consigo entendê-lo — admiti a verdade.

— Por quê?

— Não podemos voltar e ele fica dando a entender que me quer de volta... Sendo que já falou que, quando sairmos daqui, voltaremos ao que éramos

nesses últimos dezoito meses. É confuso.

— Ele deve estar confuso também. — Eu a olhei bem séria. Ela estava defendendo-o? — Calminha, não estou no lado de ninguém aqui. Só estou tentando ver essa situação de fora, sabe?

— Não adianta, não temos um conserto.

— Nem se ele quisesse voltar? Talvez, seja isso que Ryder esteja analisando.

— Para o bem do meu próprio coração, é melhor que não seja isso — falei, pegando a garrafinha de água e bebendo um gole. — Seria péssimo.

— E posso saber o motivo?

— Eu sou uma médica veterinária e ele é um traficante, isso não explica tudo?

— Há dezoito meses, você era uma estudante e ele, o mesmo traficante — lembrou-me. — Sempre soube que o mundo de vocês era diferente.

Sim, era verdade.

— Mas eu me deixei levar e, acredite, sabia que nos destruiríamos e permaneci mesmo assim.

— Agora, é você quem está me deixando confusa. — Winter comentou, sorrindo.

— É complicado, Winter... Acho que me apaixonei por ele à primeira vista e, quando se aproximou, foi meio difícil de me afastar. Eu estava tão necessitada de algo diferente e que fosse meu naquela época, que não me importei com as consequências desse amor.

— Mas ele ter te deixado a fez pensar melhor.

— Sim. — Suspirei, me deitando na espreguiçadeira. — Nossa aventura acabou e temos que encarar a vida adulta agora. Mas dói muito.

— Imagino que sim... — Soltei um suspiro. — Eu mesma não imagino a minha vida sem o Rael.

— Namoram há quanto tempo?

Ela sorriu, toda apaixonada.

— Namoramos por três anos e estamos casados há um.

Quatro anos juntos. Aquilo era parte da vida de uma criança.

— É bastante tempo... Pode me dizer como se conheceram?

— Posso te contar parte da história — concordou, se ajeitando melhor no seu lugar. — Ele queria fazer parte do clube há seis anos, então o presidente fez todos os testes e treinamentos para que, enfim, se tornasse um membro. Quando isso aconteceu, eu já estava completamente encantada por ele.

— Rael era o seu *crush*? — perguntei, brincando.

— Tipo isso. — Sorriu. — Levou um tempo até que ele me notasse, porque dificilmente eu faço parte da zona do clube. Prefiro ficar na minha.

— Mas...?

— Você é mesmo curiosa, né? — divertiu-se. — Teve uma festa de comemoração do aniversário do presidente. Óbvio que eu não faltaria, e foi nessa festa que ele me serviu uma bebida e começamos a conversar.

— Você conversando com o seu *crush*. Por que a imagino fazendo exatamente essa cara?

O jeito que ela parecia estar se lembrando de cada detalhe daquela noite que conversaram pela primeira vez era muito fofo. Se estivéssemos em um desenho animado, com certeza haveria coraçõezinhos nos seus olhos.

— Porque eu fazia — confirmou, risonha. — Não sei como ele não percebeu que eu estava caidinha por ele.

— Demorou para vocês ficarem juntos?

— Pequenos dramas, mas nada fora do normal — respondeu, vagamente.

— Vocês formam um casal lindo.

— Ele é a maior beleza desse casal, pode falar a verdade — falou, mas não havia nenhuma insegurança quanto à sua beleza.

Winter era apenas muito apaixonada. Dava para ver como era o completo oposto das duas mulheres que ficaram no Novo México.

— Como entrou nesse mundo?

— Curiosa mesmo! — Riu.

— Se não puder falar, eu vou entender.

— Eu era médica no exército — contou. — Fui expulsa depois de brigar com o meu superior por coisas que não concordava lá dentro.

Minha vontade era de perguntar o que acontecia, mas respeitei a resposta sem muita informação que a loira me deu.

— Conheci os Shadows por acaso. — Continuou a falar. — Eu estava passeando de noite quando um tiroteio aconteceu na praça de Santa Fé me fez procurar um esconderijo. Era uma briga entre os Shadows e um MC rival. E, em meio a esses tiros, Hawk levou um na barriga.

— Meu Deus...

— Acredita que aquele loiro gostoso veio parar bem nos meus pés?!

Sorri da forma como falou do vice-presidente do clube.

— Os tiros cessaram depois de um tempo, mas eu não podia deixá-lo ali. Ia contra o meu juramento de médica — explicou. — Quando o Sombra se aproximou, eu disse que era médica e podia cuidar dele e, mesmo desconfiando disso, o presidente me deixou acompanhá-los.

— Então, você se tornou a médica deles.

Ela negou com a cabeça.

— Não foi tão fácil assim, mocinha — respondeu. — Precisei ajudar muito esses motoqueiros rebeldes para conseguir a confiança deles.

— Mas você conseguiu e, pelo jeito, quis fazer parte disso.

Winter deu de ombros, desviando o olhar para o mar à nossa frente.

— Não era muito diferente do lugar onde eu estava.

— Tenho outra pergunta. — Essa curiosidade havia surgido do nada.

Ela riu fraco.

— Diga.

— Os outros não vão precisar de você? Já que é médica...

— Eles sabem se virar bem e se caso grave acontecer, vão ter que usar um hospital.

Um movimento ao nosso lado chamou a minha atenção e um Ryder segurando nos ombros de Rael surgiu de dentro da casa.

— Vamos ter uma plateia na nossa primeira aula, Boneca.

Notei a mandíbula de Ryder trincar.

Eu sabia que era cruel rir do seu ciúme, mas não poderia negar que era engraçado.

Ryder se sentou na minha espreguiçadeira, pouco se importando com a distância que havia falado que precisávamos mais cedo. *Cretino!*

— Já vamos começar? — perguntei para Rael.

— Espera um pouquinho, vou trazer alguns equipamentos. — Olhou para Winter. — Me ajuda, amor?

Ela assentiu, pulando da sua cadeira e indo para dentro com ele, deixando-me sozinha com Ryder.

— Lembra do nosso primeiro encontro? — perguntou baixinho, me deixando confusa.

*Por que ele estava me perguntando isso?*

— As flores pelas quais você se apaixonou no vaso daquela mesa eram idênticas a essas.

Não queria olhar, mas acabei desviando os meus olhos para onde ele estava indicando. E lá estavam as íris pelas quais me apaixonei no primeiro encontro que tivemos. Não havia reparado antes e, agora, estava agradecendo por isso, pois lembrar de como tudo aconteceu era ainda pior.

*Por quê? O que ele pretendia com isso?*

Levantei-me rapidamente e, antes que ele processasse, eu estava entrando na casa e indo diretamente para o quarto.

— Já estou indo...

— Depois — pedi para Rael, interrompendo o que elealaria ao cruzar comigo.

Não enxerguei muito bem o que ele segurava, mas também nem me importei em focar. Sentia-me uma idiota por estar chorando mais uma vez, mas não tive alternativa, a não ser entrar no quarto e quase quebrar a porta ao batê-la.

*Argh!*

Eu não aguentava mais aquilo.

*O que ele quer de mim? Por que fica falando essas coisas?*

Não havia trancado a porta, o que me irritou mais ainda, pois Ryder estava entrando no quarto no instante seguinte, com o semblante preocupado ao me ver em um novo estado de surto. Mas, dessa vez, era de raiva!

— Bae...

— Para! — Alterei a voz. — Para de me chamar assim, porra!

Ele engoliu em seco.

— Por que está fazendo isso?! O que você quer de mim?! — perguntei as principais questões que estavam na minha cabeça naquele instante. — Você disse que seria apenas um cara errado que passou pela minha vida no passado!

— E você disse que eu sempre seria o amor da sua vida.

— Isso não significa que quero você de volta!

Foi como estapeá-lo. Eu senti minhas próprias mãos arderem diante das minhas palavras.

— Você está com raiva de mim.

— Agora, eu estou! Parece que você conseguiu isso.

— Não. — Ele me contrariou. — Você sempre esteve com a raiva guardada aí dentro, desde a tarde em que te deixei no deserto.

Neguei enquanto ele se aproximava.

— Está tentando me dizer como eu me senti? Você não sabe de nada!

— Essa é a droga da questão, Rebeca! — disse, me olhando profundamente. — Eu sempre soube lê-la melhor do que você mesma!

Ri, negando em meio às lágrimas que caíam.

— Apenas para de me confundir porque é isso o que você está fazendo! — mandei, não pedi. — Ficar trazendo memórias não vai ser bom para ninguém.

— Não estou te confundindo, eu amo você e sempre vou querer você.

— Ryder...!

— Você tem raiva de mim e, acredite, eu também tenho, mas não pode negar que ainda me deseja na sua vida.

— Eu posso até desejar *você*, mas não desejo a *sua vida* — frisei bem aquilo. — Não mais.

Ele abriu um sorriso sem graça nenhuma nos lábios.

— Não mais... — repetiu devagar o que eu havia acabado de falar. — Sempre soube que eu não era a porra de um príncipe encantado, Rebeca.

— Acho que estava cega.

Ryder se afastou e pensei que ele me deixaria em paz, mas, mesmo de costas para mim, continuou a falar:

— Levei um tiro por você e morreria por você sem pensar duas vezes. — Sua voz era baixa, mas chegava até mim como um grito. — Entrei na droga daquele covil de cobras porque não suportava mais vê-los batendo em você, achando que era a porra de um super-herói para salvar o seu dia.

*Por que isso estava doendo mais do que antes?*

— Te deixei porque tinha certeza de que, ao meu lado, você correria riscos, então pensei que fingir não me importar com você adiantaria alguma coisa. — *Ele não parava de falar.* — Foi um erro que demorei demais para me arrepender de verdade.

Minhas lágrimas não paravam de cair.

— Fiz tudo isso e faria tudo de novo só para te ver bem. — Finalmente, se virou para mim, revelando seus olhos castanhos marejados. — Sabe o quanto custa para alguém como eu deixar as pessoas que mais ama por saber que não faz bem para elas? Então, sim, estou sendo um egoísta aqui da mesma forma que você está sendo ingrata.

— Ingrata?! — Sua acusação me chocou.

— Sim — respondeu, firme na sua conclusão. — Pensar em tudo o que está sentindo é fácil, não acha?

Dessa vez, fui eu que me aproximei dele, afundando o meu dedo no seu peito assim que fiquei a milímetros de distância.

— Eu estou reagindo com base nas suas atitudes, seu idiota! — gritei. — Não foi você quem foi abandonado mais uma vez como se fosse um peso morto!

— Não foi você quem teve que fazer escolhas difíceis de adultos!

— E agora você está me chamando de criança?! — Continuei gritando, pouco me importando se Winter e Rael estavam escutando. — Quer saber? Eu odeio você! E essa merda de discussão não está servindo para nada!

Obviamente, ele não permitiu que eu me afastasse.

— Você me odeia?!

Não respondi porque minha atenção foi capturada pela sua mão livre retirando uma arma de dentro da sua jaqueta.

— Se você me odeia tanto, por que não acaba logo com essa merda? — Destravou a arma e apontou diretamente para o seu coração, pegando a minha

mão, que já estava trêmula, e levando até ela. — Acaba comigo!

Ele não engoliu em seco ou hesitou, parecia tão certo de suas palavras que até mesmo meu choro cessou.

— É só você apertar o gatilho — disse, largando a arma na minha mão. — Mas faça isso olhando nos olhos do único homem que já a amou a ponto de morrer por você.



# 17

| ATIRE |

*Te amo tanto, te amo tanto  
Que construo uma mentira bonita para você  
Te amo tão loucamente, te amo tão loucamente  
Que tento me apagar e me tornar seu boneco*  
**FAKE LOVE — BTS**

## **RYDER FRASER**

Loucos.

Era isso o que éramos.

Era assim que Rebeca me deixava.

Era isso o que nos transformávamos quando estávamos juntos.

Ela ainda segurava a arma na mesma posição, encarando-a como se odiasse mais aquela situação do que eu mesmo. Sabia que éramos fodidos, isso já não era mais nenhuma novidade, mas não conseguia ficar longe dela.

Não quando ela estava bem ali na minha frente.

Sabia que isso me tornava um tremendo babaca por não deixar para trás, mas quando se encontrava um amor como o nosso, era meio difícil não se viciar. No meu coração, sempre iria ser Rebeca Wilson. Desde que a deixei naquele deserto, tinha certeza disso.

— É por você ser o único homem que morreria por mim, que eu quis morrer quando você se foi. — Sua voz soou baixa com a confissão que saiu dos seus lábios. — Nós poderíamos ter passado por isso.

Ergueu seu rosto, me olhando com aquele olhar indecifrável que eu não gostava, pois me lembrava que não sabia tudo sobre ela, mesmo que tivéssemos tido um passado.

— Nós poderíamos ter sido indestrutíveis.

Com mais facilidade do que eu imaginava, consegui entender perfeitamente o que ela queria dizer com aquilo: ela não teria acordado do seu conto de fadas particular, eu ainda seria o príncipe que ela idealizava e nós ainda estaríamos juntos.

Foi mais difícil do que eu imaginava entender que o nosso término havia vindo para um bom motivo, afinal.

Eu não era um príncipe.

O deserto não era um reino.

Nós não vivíamos em um conto de fadas.

Ela deixaria de me amar por conta de todas essas coisas?

— Você estava cega — repeti o que ela havia confessado há minutos.

— Nosso amor me tornou cega, Ryder — completou. — Isso é doentio.

— Você acha que eu não sei disso? Daria tudo para ser diferente, porque você trouxe tudo o que eu precisava na época em que estávamos juntos... — falei a verdade. — Você me trouxe vida depois de anos vagando por esses estados sem expectativa de nada.

Olhei para a arma que ainda estava apontando para o meu coração.

— Voltar a viver sem expectativas não me parece agradável.

Ela olhou para onde eu olhava, parecendo voltar a se lembrar que segurava uma arma na sua mão.

— Trava essa merda, Ryder — implorou. — Não quero dar um tiro em você por acidente.

Reprimi o riso, fazendo o que ela havia pedido.

— Pronto.

Rebeca largou a arma no chão como se levasse um choque.

— Nunca mais faça essa merda, me ouviu?! — Deu um tapa no meu peito.

— Não parece estar mais calma.

Ela pareceu notar que estávamos bem próximos, pois seu olhar caiu para a minha boca e, mais uma vez, em pouco tempo ali, tive que me controlar para não puxá-la para mim.

— Como pode achar que eu o mataria?

— Nunca achei que faria isso.

Era engraçado ver como era ingênua. Sabia que ela nunca apertaria o gatilho e achei que era bem óbvio.

— Você é um idiota!

Sua mão ainda estava no meu peito desde o tapa que recebi, então levei a minha até a sua cintura e a puxei para mais perto. Dessa vez, não me controlando ao aproximar o meu rosto do seu.

— O que está fazendo? — perguntou baixinho, quase contra a minha boca.

— O que já deveríamos ter feito há alguns minutos.

Grudei a minha boca na sua, quase gemendo ao sentir a maciez dos seus lábios contra os meus depois de dezoito meses. *Porra!* Era uma comparação

ridícula e de mau gosto, mas sentir novamente aquele contato era como um ex-viciado sentindo o sabor da droga novamente.

Pensei que Rebeca me afastaria em um primeiro momento, mas ela não o fez. Seus braços passaram ao redor do meu pescoço e ela correspondeu ao beijo, entreabrindo sua boca e conectando nossas salivas com tanta saudade quanto eu.

Agarrei sua nuca com força, colocando os fios dos seus cabelos entre os meus dedos e ditando o ritmo do beijo. Ela poderia estar amolecendo nos meus braços, mas sua boca ainda era firme contra a minha, tentando acompanhar aquele ritmo intenso que enviava calor por nossos corpos.

*Senti tanta falta disso.*

Trouxe seu corpo para mais perto do meu, fazendo com que meu pau já semiereto encostasse em sua barriga. Era só tê-la dessa forma para ele se animar. Suas unhas arranharam a minha nuca e um gemido saiu da sua boca ao senti-lo. *Porra!* Eu queria levá-la para aquela cama naquele mesmo instante e mostrar que isso o que tínhamos juntos era único.

Até tentei me movimentar e trazê-la comigo, mas uma fisgada nas minhas costelas me lembrou de que eu não estava apto nem para dar um amasso de respeito.

— Seus machucados... — Rebeca murmurou, separando a boca da minha e me olhando com preocupação.

Achava que eu tinha resmungado de dor.

*Merda!*

— Vem aqui.

— Ryder... — Soou como um aviso, mas ela me acompanhou até a cama e me ajudou a sentar, com as costas bem apoiadas na cabeceira da cama.

— Agora, se senta aqui — pedi, indicando para a perna que não havia levado um tiro.

— Não! Ryder, é melhor eu ir treinar com o Rael e...

— Vem! O Rael sabe esperar e eu ainda não matei a saudade de você o suficiente.

— Isso é péssimo... — murmurou, fazendo o que pedi e se colocando em cima do meu colo, tomando cuidado para não me machucar. Ainda senti uma dorzinha chata, mas fiz de conta que não havia sido nada.

— O quê?

— Toda essa situação só serve para nos machucar mais — respondeu, o que de fato era verdade.

— Eu sei.

*Mas continuamos fazendo.*

Rebeca ergueu seu braço e tocou o meu rosto com sua mão, aproximando-se mais de mim conforme acariciava a minha bochecha.

— Aquele tapa doeu muito? — perguntou do nada, me fazendo soltar uma risada.

— Não foi nada comparado com te deixar.

— E você o mereceu.

— Nunca disse que não.

Ela parou com a mão ali e ergueu seu rosto para me olhar.

— Eu amo você — declarou-se, parecendo sentir dor ao colocar isso em voz alta depois de tanto tempo.

Rebeca não deixou que eu correspondesse às palavras, sua boca tomou a minha e, então, perdi o raciocínio até mesmo da minha dor na região das costelas. Aquela droga estava me incomodando.

Voltei a agarrar sua nuca e a beijei com vontade, engolindo seu gemido ao trazê-la para mais perto e deslizar minha outra mão por todo o seu corpo. Simplesmente me esqueci até mesmo de como respirar conforme os segundos se passavam e a força do nosso beijo aumentava cada vez mais, ainda mais intenso do que o outro trocado de pé.

Toquei sua pele por baixo da blusa, sorrindo no meio do beijo ao senti-la se arrepiar conforme subia mais minhas carícias. Era uma sensação eufórica e completamente fora do meu controle ver o quanto tudo ainda era melhor do que a última vez.

Desci meus beijos pelo seu pescoço, gostando da forma como ela se inclinou para me dar espaço para chupar e lambe aquela pele macia que eu amava.

— Ry... — gemeu, apertando os dedos entre meus cabelos com o chupão que dei no seu pescoço. — Seus machucados... — Ela murmurou baixinho, tão entregue com aqueles olhos fechados que só fez o meu pau latejar dentro da calça.

Queria tanto não estar fodido naquela cama para enfiá-lo dentro dela, mas minhas costelas doendo a ponto de tirar o meu fôlego foram uma boa lembrança da situação em que eu ainda me encontrava.

— Droga... — resmunguei, precisando atirar a cabeça para trás e tentar buscar oxigênio.

Parecia que algo havia atravessado os meus pulmões.

— Você é muito teimoso... — Ela se levantou em um pulo. — Está bem? O que está sentindo?

— Tudo dói, até o meu pau.

A danada riu e poderia jurar que, se não tivesse com tanta dor, teria admirado ainda mais aquele sorriso lindo.

— Eu vou procurar um remédio para dor.

— Foi só por causa do esforço. — Eu a tranquilizei. — Vou ficar bem.

— Não devíamos ter feito isso.

Arqueei as sobrancelhas.

— Está dizendo isso por causa do estado em que estou agora ou por causa da nossa situação?

— Os dois... — Suspirou. — Não quero brigar com você de novo.

— Eu também não.

Por mais que amasse vê-la nervosinha, era muito melhor quando estava me olhando como se eu fosse o único homem que importava para ela.

— Eu amo você, Bae — falei, segurando a sua mão. — Não sei o que vai ser de nós no futuro e confesso que isso me apavora um pouco, mas posso dar certeza no que sinto em relação a você.

— Acho que isso é o suficiente por agora.

Ela sorriu de lado no mesmo momento em que alguém bateu na porta.

— *Tudo bem aí dentro?* — Era Rael.

— Sim. — Rebeca respondeu. — Já estou indo.

— *Estou te esperando lá fora.*

— Vai mesmo fazer isso comigo? — Dramatizei um pouco, admitia.

— Deixa de ser ciumento! Ele tem namorada.

— E te chama de *Boneca*. — Eu a lembrei.

Rebeca deu de ombros, como se não se importasse com aquilo, e caminhou até a porta.

— Descanse, e depois a gente conversa sobre... *nós*.

Uma conversa de adultos, era isso o que ela queria dizer e era isso o que eu faria questão de ter.

— Vou com você.

Nem deixei que ela protestasse. Levantei-me com dificuldade e a segui para fora do quarto com ainda mais dor, mas não deixaria os dois sozinhos lá na frente.



— A discussão de vocês, pelo menos, ajudou em algo? — Winter perguntou bem curiosa ao meu lado.

— Não sei.

Era a resposta certa. Afinal, não era porque terminamos nos beijando que tudo estava às mil maravilhas. Ainda sentia que vinha mais drama pela frente porque nada entre nós era fácil.

— Como assim, não sabe?

— Nos beijamos. Mas isso não significa muita coisa.

— Não na situação de vocês. — Winter concluiu certo. — Posso dar minha humilde opinião?

— Você vai dar, mesmo se eu não quisesse — falei. — É tão abusada quanto suas melhores amigas.

Winter riu, parecendo concordar comigo. Não estava olhando para ela no momento, pois meus olhos estavam fixados em Rebeca à minha frente aprendendo defesa pessoal com Rael. Ele estava muito próximo ao ensiná-la como reverter uma chave de braço.

Estava odiando a visão.

— Cedo ou tarde, você vai ter que tomar uma decisão. — Winter disse, finalmente atraindo a minha atenção para o seu rosto. — Ela ou o deserto.

— Por que acha isso? Já tive os dois antes.

— Antes de ela ser sequestrada e espancada por sua culpa. — Machucou mais a minha confiança. — Existe uma linha tênue entre ser idiota e burra, sabe? Não acho que Rebeca seja burra.

— Está chamando a minha garota de idiota?

— Ela se apaixonou por um traficante sabendo de todas as consequências — explicou seu ponto de vista. — Não me leve a mal, adoro a sua namorada, mas ela foi idiota ao se apaixonar justamente por você.

Notei que Winter estava brincando, o que me fez revirar os olhos.

— Engraçadinha.

— Agora... Falando sério, Fraser — disse, com uma expressão mais séria. — Não se confundam com essa realidade. Isso aqui é temporário e, daqui alguns dias, vamos voltar para as nossas vidas. E, aí, como vocês farão?

Infelizmente, Winter tinha razão e eu odiava isso.

— Se você me disser que a escolha é ela, então concordo em fazer deste lugar o cenário em que vocês voltarão a se amar loucamente. Mas, se essa escolha for o deserto, então não a machuque mais.

Voltei a olhar para frente, sentindo uma pontada horrível no peito, que nada tinha a ver com as minhas costelas, e sim com a visão de Rebeca rindo ao estar toda animada por ter conseguido derrubar Rael.

— Odeio você — murmurei para a loira ao meu lado.

— Sinto muito por ter feito o papel de voz da razão — lamentou, parecendo realmente sentida. — Mas é para o bem de vocês.

Apenas assenti.

A maior merda era saber que Winter tinha razão em cada palavra. Mas como faríamos? Eu experimentei dezoito meses da minha vida sem a sua presença e podia dizer com facilidade que foi a segunda pior vivência que tive.



Rebeca estava saindo do banheiro quando me olhou, parecendo notar que tinha algo para dizer.

— O que foi?

— Vamos ter aquela conversa? — perguntei, sentindo o meu coração acelerar.

Percebi quando ela engoliu em seco, mas assentiu, largando a toalha que usava para secar seus cabelos na cadeira e vindo se sentar à minha frente na cama.

— Passei horas nesta cama pensando sobre nós — comecei, sentindo um aperto tão conhecido no meu peito.

— Então, foi por isso que veio para dentro mais cedo. Achei que tivesse sido por causa do Rael.

— Também não estava gostando nada dos toques dele em você, se é o que quer saber — confirmei, a fazendo sorrir.

— Posso saber o que pensou sobre nós?

Tomei fôlego antes que perdesse a coragem.

— Você tinha razão sobre nós. É errado eu continuar te trazendo para o meu mundo quando claramente você não quer mais viver nele — falei. — Acho que esses últimos dias foram muita coisa para processar. E eu sinto sua falta, Bae, e continuo amando você. Esses são os principais sentimentos que me fizeram te querer de volta assim que chegamos neste lugar. Eu só queria ter mais alguns minutos com você e aproveitar para fazer com que entendesse que nunca foi minha intenção desistir de você, mas que a afastei somente para que não corresse nenhum risco.

*“Acho que precisamos desistir de nós de uma vez por todas, Bae, porque claramente amor não é tudo o que temos na nossa história.”*

Rebeca me ouviu atentamente, mas sem expressar nada que pudesse me dar uma ideia do que estava pensando.

— Eu não sei ser outra coisa além de um traficante e você não pode ser outra coisa além de uma médica veterinária. — Suspirei, procurando a sua mão e a tocando. — Dizendo ou não, sei que, para você, seria melhor que eu saísse

desse mundo, mas... eu nunca pedi para que você se tornasse alguém do meu, né?

Ela assentiu levemente.

— Somos destinados ao fracasso e tentar que isso dê certo vai só nos machucar. Cada vez mais — repeti, tentando me convencer de que aquilo era o certo. — Fala alguma coisa, Bae... Sei que está com a mente fervendo de palavras.

Rebeca abaixou o rosto, olhando para nossas mãos unidas.

— Você só disse a verdade.

Então era só isso o que ela tinha para dizer? Concordar com cada palavra que eu disse?

— Eu saí de uma prisão há anos e, definitivamente, nunca quis entrar em outra — falou, me deixando um pouco confuso quanto à primeira parte. — Eu sabia quem você era quando me interessei por você, Ryder, e sabia que nos autodestruiríamos quando começamos a nos relacionar... Mas eu só...

Seus olhos se encheram de lágrimas e aquela dor no meu coração aumentou.

— Só...?

— Droga...! — Fungou. — Me sinto patética.

— Fala comigo, Bae.

Ela respirou fundo, me olhando com os olhos cheios de lágrimas e tristeza.

— Só queria ter tido um tempo para me despedir — confessou.

— Se despedir?

— Você apenas me deixou naquele lugar, Ryder — lembrou-nos. — Me pegou completamente de surpresa e me quebrou ao meio.

— Eu sei...

*Droga!* Eu sabia e odiava aquilo.

— Então foi bem mais difícil do que eu imaginava.

Acreditava que, naquele momento, eu a entendia melhor do que antes.

— Vem aqui — pedi, a puxando com facilidade para mais perto de mim.

— Quero que me responda algo com sinceridade.

Ela assentiu, e eu toquei seu rosto, enxugando as suas lágrimas com meus dedos.

— Vai ser menos doloroso se usarmos esses dias aqui para nos despedirmos?

Esperei sua resposta, torcendo para que fosse o melhor para nós.

Ela decidiria nosso futuro agora, não eu.



# 19

| DECISÃO |

*Dizer adeus  
É uma morte por mil cortes*  
**DEATH BY A THOUSAND CUTS — TAYLOR SWIFT**

## **REBECA WILSON**

O que eu responderia?

Aquele lugar ser uma oportunidade para nos despedirmos ou não, seria doloroso de qualquer forma e nós dois sabíamos disso. Então, qual resposta eu deveria dar? Arriscar o meu coração e aproveitar cada segundo com ele para, depois, cada um seguir para um lado? Ou dar logo um fim e aguentar o restante dos dias pensando em como seria, se estivéssemos juntos por aquele tempo?

Minha resposta era óbvia.

Se a dor seria a mesma, aproveitar o tempo que tinha ao seu lado parecia a única saída lógica. E, mesmo que não seguisse essa decisão, por quanto tempo conseguiríamos nos manter afastados presos no mesmo lugar? Independentemente das nossas dores, do nosso passado e das nossas vidas, ainda iríamos continuar querendo um ao outro.

Levantei minha mão e toquei o seu rosto, aproximando o meu até que ficássemos frente a frente. Minha resposta não veio através de palavras, minha boca tocou a sua e rapidamente fechei os meus olhos, dando aquele beijo com o máximo de verdade que tinha dentro de mim.

Ryder não perdeu tempo, seus braços me abraçaram e nem a dor que senti nas suas costelas foi o suficiente para me soltar. Ele apenas resmungou contra os meus lábios, mas continuou a me abraçar, me beijando com mais carinho do que mais cedo.

Era um contato leve e romântico na mesma medida, que causava um estremecimento por todo o meu corpo. Sua língua parecia acariciar a minha enquanto as memórias de nós dois preenchiam minha mente.

Nosso primeiro encontro.

Nosso primeiro beijo.

Não houve um momento em que eu hesitei e quis ir embora. Ryder foi o que eu sempre quis, mesmo que na pior versão de estilo de vida.

— Você é minha até sairmos desta ilha — murmurou contra a minha boca, descendo os beijos pelo meu queixo.

Eu poderia viver com aquilo.

Um pouco do nosso amor para nos despedir parecia uma loucura e não poderia dizer que não era. Não era nem o suficiente, mas, talvez, se tornasse o necessário para os nossos corações entenderem que haveria um fim.

Levei minhas mãos até a sua nuca, deitando a cabeça para o lado oposto em que ele beijava, dando mais espaço para suas carícias lentas e seus beijos fortes, com chupões que me incendiavam por completo.

Ryder colocou as mãos dentro da minha camiseta ao mesmo tempo em que voltou a grudar a boca na minha, me beijando com mais paixão e desejo pelo contato físico. Agarrei seus cabelos, deixando que suas mãos subissem pela minha cintura e alcançassem os meus seios tapados pelo sutiã.

— Ryder... — gemi, quando me apertou com suas mãos. — Não podemos... Você está todo machucado...

Ele mordeu meus lábios devagar, se afastando para me olhar.

— Quero sentir você, Bae — disse.

— Eu também..., mas só depois que você melhorar.

— Sabe quanto tempo leva para uma costela ficar 100% boa de novo? Muitos dias. E eu tenho uma ideia.

Arqueei as sobrancelhas e quase ri do seu sorriso safado. *Droga!* Eu realmente sentia falta das nossas aventuras.

— Tira a roupa para mim.

Eu poderia negar? Claro que sim. Mas me levantei e o observei deitar-se com cuidado na cama, sem tirar os olhos de mim, apenas esperando que eu obedecesse ao seu pedido.

E assim o fiz.

Primeiro, retirei a blusa e a atirei no cantinho do quarto. Sem desviar meus olhos dos seus, levei meus dedos ao cóis do meu short de pijama, o retirando devagar, e sentindo a minha própria pele se aquecer apenas com o seu olhar.

— Você é tão linda... — elogiou, me admirando. Simplesmente amava quando aqueles olhos estavam brilhando em minha direção. — Tira tudo, Bae. Quero você peladinha para mim.

Mordi meu lábio inferior, sentindo minha boceta umedecer com o desejo que a sua voz rouca provocou. Retirei meu sutiã, expondo meus seios e vendo-o repetir a mordida no seu próprio lábio. Conseguia ver perfeitamente seu pau já

crescendo dentro da calça com minha seminudez, então fui para o próximo passo.

Segurei cada lado da minha calcinha e a deslizei pelas minhas pernas, deixando que a pequena peça caísse sobre os meus pés e terminando de revelar toda a minha nudez. Precisava confessar que, mesmo com o tempo que ficamos juntos, ainda me sentia um pouco tímida diante do seu olhar. Era tão intenso e capaz de me fazer pegar fogo que me intimidava, mas existia uma satisfação ainda maior do que qualquer vergonha ao ser observada daquela forma por ele.

— Vem aqui, Bae.

Eu fui. Mesmo não sabendo até onde iríamos, eu fui.

— Queria muito te foder e fazer amor com você nesta cama... Meu pau chega a estar babando na cueca — admitiu, sem nenhuma cerimônia. — Mas eu posso fazer outra coisa... Deite-se aqui, amor.

Deitei-me ao seu lado, bem pertinho para que não precisasse se mover muito, e esperei com tanta expectativa pelos seus próximos passos que minha boceta chegava a latejar. Sentia muito a sua falta.

Ryder puxou o meu rosto para perto do seu e me beijou com desejo, engolindo a minha língua conforme suas mãos começavam a me tocar. Primeiro, meu ombro, para depois descer até o meu seio e apertá-lo na sua palma, fazendo com que eu gemesse na sua boca.

— Ry...

— Eu ainda quero chupá-los — gemeu contra a minha boca, voltando a me beijar em seguida.

Seu polegar esfregou ali, apalpando e beliscando ao mesmo tempo em que me engolia com sua boca. Tentei me aproximar dele no automático, louca para me aliviar um pouquinho, mas ele não permitiu. Continuou com os movimentos torturantes até que perdêssemos o fôlego.

Só quando largou a minha boca que voltou a mexer com a sua mão.

— Vire seu rostinho lindo para esse lado... — Fiz o que ele pediu, liberando espaço para a sua boca tocar o meu pescoço. — Isso.

Ryder deixou um beijo casto na minha clavícula, subindo até ficar no centro do meu pescoço, bem onde eu quase sentia minha veia pulsando. Ele arrastou a língua ali, para depois começar a sugar, enquanto suas mãos desciam um pouco mais, traçando um caminho quente e perverso pela minha barriga.

Gemi e não aguentei aquela espera, peguei sua mão e a levei até o meio das minhas pernas.

— Porra...! — gemeu, ao me sentir extremamente molhada contra seus dedos. — Eu entraria facilmente aqui..., me apertando contra essa boceta enquanto te foderia forte. — Gemi com suas palavras e com os movimentos

lentos que começava a fazer por ali. — Que delícia, amor. Continua gemendo para mim... Que saudade eu senti dessa sua boceta.

Seu dedo médio encontrou meu clitóris e quase fui ao céu quando começou a esfregar fortemente essa parte.

— Não para... Ryder...

Ele gemeu, esfregando mais forte e capturando minha boca com a sua, engolindo os meus gemidos, que cada vez ficavam mais altos. Ryder enfiou um dedo na minha entrada, depois enfiou mais um e continuou a me esfregar, deixando-me quase maluca com a fricção gostosa que recebia.

Não consegui ficar parada, somente o beijando como se não estivesse recebendo nada, então afastei minha boca da sua, tomando ar e jogando minha cabeça contra o travesseiro, completamente entregue à sensação de sua mão na minha boceta. Sentia que estava muito próxima de ter um orgasmo, e era por quase estar perto que gemia cada vez mais alto.

Porém, quando os toques de Ryder começaram a ficar mais lentos, meus olhos se abriram e o olhei, implorando para que não parasse agora.

— Ryder...

— Quero sentir seu gosto — disse, retirando os dedos da minha boceta e levando-os até a sua boca. — Tão gostoso...!

A cena dele chupando seus próprios dedos era quase o suficiente para me fazer gozar, mas ainda faltava algo, e eu mesma levei minha mão até o meu centro para continuar o trabalho, mas Ryder me impediu antes que chegasse perto.

— Quero tentar algo.

— O quê?

Porra! Eu queria gozar.

— Quero sentir a sua boceta na minha boca, Bae — respondeu, se ajeitando na cama com certa dificuldade. — Senta com ela na minha cara.

Eu podia apontar todos os motivos pelos quais aquilo era muito errado para a sua recuperação, mas estava com tanta vontade de gozar e de sentir um pouco dele em mim que nem raciocinei direito, apenas me ajoelhei na cama e aproximei-me dele.

Fui cuidadosa ao passar uma perna para o outro lado e fiz questão de ficar bem longe das suas costelas e do seu peito, apoiando-me na cabeceira da cama.

— Tenho certeza de que essa é a visão do paraíso. — Ele disse, me fazendo sorrir um pouco envergonhada.

Eu estava com a boceta pingando bem sobre a sua cabeça. Mesmo que tivéssemos intimidade no passado, ainda me sentia tímida para algumas coisas.

Só que, como sempre, Ryder conseguia quebrar qualquer constrangimento meu porque me deixava muito confortável na sua presença.

— Senta e goza na minha cara, Bae.

Não era nem louca de negar um pedido daquele.

Sentei-me, sentindo sua mão — a do lado das costelas saudáveis — segurar a minha coxa, e a sensação que tive ao tê-lo abocanhando a minha boceta foi tão mágica que me deixou paralisada por alguns segundos. Agarrei-me com força na cabeceira, fechando os olhos e quase gozando com sua língua lambendo toda a minha entrada.

— Meu Deus... — gemi.

Ryder apertou a minha coxa e eu me movimentei, dando espaço para que pudesse falar. Sua boca lambuzada com a minha lubrificação era uma visão que não sairia da minha mente com facilidade.

— Rebola na minha cara e goza como não faz há meses, amor.

Ele colocou o meu clitóris na boca, o sugando e me levando à loucura com aquela sensação. Experimentei me movimentar, arrumando força dos meus braços que se agarravam à cabeceira, e, com esse novo movimento, sentia ainda mais a boca de Ryder por tudo lá embaixo. Conseguia sentir mais o controle das minhas próprias sensações, o que era incrível.

Rebolei mais, apertando minhas mãos e gemendo com seu rosto batendo contra a minha boceta. Não conseguia me concentrar em só um movimento, me vi gemendo e me movimentando mais rápido em busca do meu orgasmo, totalmente entregue.

A fricção de ir para frente e para trás enquanto a sua língua fazia o trabalho de me sugar e me lambe era tão incrível que, quando senti minhas pernas ficarem bambas, sabia que o meu orgasmo estava se aproximando.

Continuei com meus movimentos, jogando a cabeça para trás, mas tomando todo o cuidado para não cair sobre o seu corpo. Se eu o machucasse, seria péssimo.

— Eu... Ryder...!

Queria avisar que estava quase gozando, mas meu ápice chegou antes mesmo que eu completasse a frase, o que pareceu satisfazer Ryder embaixo de mim, que engoliu tudo o que podia enquanto eu me desmanchava sobre ele.

Quando senti que não havia mais nenhum líquido para sair de mim e que sua língua já estava me causando estremecimentos estranhos de tão sensível que me encontrava, pulei conforme consegui para o outro lado da cama.

Ryder respirou fundo ao meu lado, resmungando o que não pareceu ser um gemido de prazer.

— Machuquei você? — Ergui-me, buscando o lugar que estava doendo no seu corpo.

Suas costelas.

Suas mãos estavam sobre elas.

— Acho que... respirar fundo não é muito bom — admitiu, fazendo uma careta.

— Eu falei que não podíamos fazer isso, Ryder! Meu Deus... Precisa de alguma coisa?

— Gozar dentro de você seria delicioso.

Ri, balançando a cabeça em descrença com sua forma de ser engraçadinho, mas não consegui evitar olhar para baixo. Ryder estava muito excitado.

*Tadinho.*

— Quase gozei com você gozando na minha cara — disse. — Faltou muito pouco.

— Como estão suas costelas?

— Vou sobreviver — respondeu. — Elas só estavam me lembrando de que eu não posso te comer do jeito que queria agora.

Confiando na sua resposta, levei a minha mão até a calça do seu pijama e a enfiei ali dentro, tirando o seu pau para fora.

— Rebeca! Porra! — gemeu, fechando os olhos. — O que pretende fazer?

— Você disse que faltou pouco para gozar, só vou ajudar você...

Ele gemeu quando comecei a acariciá-lo para cima e para baixo, aumentando cada vez mais os movimentos.

— Que saudade dessas... mãozinhas me masturbando... Porra! — disse, gemendo. — Não aguentava mais ter que me aliviar com as minhas mãos pensando em você.

Ryder levou sua mão para o meu seio enquanto eu continuava o tocando. Ia levar a minha boca para o seu pau, mas me lembrei que ele nunca conseguia ficar quieto quando estava entre os meus lábios, então preferi continuar apenas com a masturbação. Não queria que ele se machucasse mais por causa do prazer.

— Mais rápido... — Apertou o meu seio. — Porra!

Fui mais rápido, espalhando seu líquido por toda sua extensão. Ele gemeu mais alto e vi que fez um esforço para não erguer uma das pernas quando começou a gozar fortemente na minha mão.

Deixei o seu pau e limpei meus dedos com a minha língua, ouvindo-o gemer.

— Vem aqui, Bae.

Droga! Meu coração reagia como um bobo quando ele falava o novo apelido.

Eu fui até ele, aproximando nossos rostos ao me deitar ao seu lado.

— Senti falta de nós assim.

Sorri, ignorando o que *nós juntos* significava agora.

— Eu também.

Ryder me puxou para mais um beijo e, ali, no meio daquela cama e nos seus braços, eu voltei a me sentir feliz.

# 20

| FANATISMO |

*Alguns erros são cometidos  
Tá tudo bem, tudo ok  
No final, é melhor para mim  
Essa é a moral da história, meu bem*  
**MORAL OF THE STORY — ASHE**

## **REBECA WILSON**

*Eu estava nervosa enquanto andava de um lado para o outro no meu dormitório. Sabia que o que estava prestes a fazer não era certo, e nem era porque a minha melhor amiga não parava de repetir isso nos meus ouvidos, mas porque realmente aquela situação era um crime para alguém como eu.*

*Dá tempo de cancelar, Rebeca!*

*Era o que a minha mente gritava lá no fundinho, mas a voz do pecado parecia estar mais alta naquela noite. Afinal, só ela para me encorajar a sair com um traficante.*

*O que eu tinha na cabeça, meu Deus? Merda? Porque não podia nem usar os meus pais como desculpa, já que eles estavam a quilômetros de distância de mim.*

*Meu celular apitou, fazendo-me tomar um susto. Será que ele já estava ali? Ai, meu Deus! Não daria tempo de desistir... Contudo, quase conseguia ver meu lado perverso afirmar: “como se você quisesse desistir disso”.*

*Peguei o telefone e meu peito se aliviou ao ver o rostinho da minha melhor amiga na tela do aplicativo de mensagens.*

**Alex:**

*Que tipo de traficante leva uma garota a um encontro?*

*Alex não aceitava a ideia do meu encontro porque era uma boa amiga e se preocupava comigo. Eu deveria ouvi-la mais, mas estava tão curiosa a respeito daquele ruivo desde que o vi pela primeira vez que era difícil me manter concentrada em ignorá-lo.*

**Eu:**

*Ele está sendo fofo, mostra que Ryder não é tão ruim assim.*



**Alex:**

*Claro que não é...*

*Suspirei, pensando no que responder a seguir.*

**Eu:**

*Está brava comigo?*

**Alex:**

*Difícilmente, você consegue me deixar brava.*

*Sorri de lado. Ela era uma excelente amiga.*

**Eu:**

*Mas estou saindo com um cara que você aconselhou a não sair.*

**Alex:**

*Ser uma boa amiga não é ficar brava por a outra não seguir um conselho, um pedido ou qualquer coisa que eu gostaria.*

*Com o tempo, aprendi que ser uma boa amiga é deixar com que aprenda com sua própria jornada o que é certo e errado.*

*Faço muito isso com os meus irmãos.*

**Eu:**

*Você é incrível, sabia?*

**Alex:**

*Aproveite seu encontro e, se algo acontecer contra a sua vontade, ainda tem meu número como chamada de emergência, né?*

**Eu:**

*Sim, ainda tenho. Mas não se preocupa, não irei precisar disso.*

*Uma nova mensagem chegou no celular.*

*Era de Ryder.*

*Ele estava ali embaixo e, agora, não tinha mais como escapar daquele encontro. Bom, não era como se eu fizesse questão de fugir.*

*Sair do dormitório, descer as escadas do prédio e ir ao seu encontro foi quase como algo automático. Era a primeira vez que tinha um encontro de verdade, então estar muito nervosa era normal, mas, de uma maneira estranha, também estava com bons pressentimentos para aquela noite.*

*Ter aceitado sair com ele foi sem pensar, mas, depois que entrei no meu quarto e pensei a respeito, achei que não seria uma má ideia. Eu era apenas uma jovem universitária saindo com um rapaz que achava bonitinho.*

*Ok. Não era tão simples.*

*Mas estava colocando o estilo de vida de Ryder no fim da minha lista de preocupações. O que me atraía para ele era um pouco mais apavorante e que estava em primeiro lugar nessa lista.*

*Meu coração só começou a acelerar quando me aproximei dele. Ryder estava lindo, vestindo uma camiseta branca que mostrava as diversas tatuagens pelos seus braços musculosos. Uau! Ele tinha muitas delas. Também vestia uma calça preta com uma jaqueta de couro amarrada na sua cintura.*

*A pose dele escorado no seu carro brilhante era ainda mais impactante para o meu pobre coração. Estava sentindo no fundo dele que não tinha chance de evitar que uma tragédia acontecesse.*

*— Uau... Você está linda, Rosinha — elogiou, parecendo verdadeiro ao me admirar dentro do vestido branco com alças grossas e saia rodada. — Tudo isso é para mim?*

*Ele não parecia convencido, só... brincalhão. Completamente diferente do que era naquela pose dentro do deserto. Foi possível sentir meu coração se acelerar ainda mais.*

*— Obrigada. — Sorri, um pouco tímida.*

*Eu ainda era muito reservada naquela época.*

*— Vamos. — Ele se desencostou do carro e abriu a porta para mim. — Estou com fome e você?*

*— Também — menti. Estava tão nervosa que não sentia fome.*

*Entrei no carro e coloquei o cinto de segurança. Logo depois, Ryder estava ao meu lado, fazendo o mesmo e dirigindo em direção ao restaurante onde havia feito as reservas.*

*— Não precisa ficar nervosa — surpreendeu-me ao dizer. — Hoje à noite, sou apenas um cara normal que está saindo com uma garota linda.*

*Ele piscou para mim, voltando a prestar atenção na estrada à nossa frente. Já eu não consegui desviar meu olhar tão facilmente assim. Além de notar o meu nervosismo, ele falou aquelas palavras com tanta verdade que me comoveu de alguma forma.*

*Ele não era normal, mas, naquela noite, gostaria de ser.*

*Acreditava que o entendia mais do que imaginava.*

*— Qual é o seu curso? — Puxou assunto.*

*— Medicina veterinária — respondi. — Você não estuda?*

*Estava curiosa quanto a isso.*

*— Tenho vinte e sete anos, Rosinha.*

*— Mas não fez nenhuma faculdade, né?*

*Ele negou com a cabeça.*

*— Não tinha tempo e nem dinheiro para estudar — disse. — Você não é daqui de Campbell. É de onde?*

*— Pensilvânia.*

*Aquilo, eu poderia responder.*

— Seus pais devem sentir sua falta estando tão longe.

Sorri, sem ânimo algum.

— Com certeza, eles sentem...

Falta de me colocar na linha.

De me bater quando não seguia uma regra.

De me humilhar quando não chamava atenção do pastor.

— Gosta de massa? — perguntou, parecendo alheio aos meus pensamentos.

— Sempre quis ir em um restaurante italiano de verdade, só para provar as melhores massas — contei.

Ryder sorriu.

— Então vai gostar do lugar que reservei para nós.

Não resisti e o olhei outra vez.

— Estamos indo para um restaurante italiano? Mas não existe nenhum em Campbell...

— É por isso que estamos saindo da cidade. — Apontou para frente, e, então, vi a placa de “volte sempre” de Campbell. — A cidade vizinha tem um restaurante italiano com cozinheiros da Itália.

— Sério?! E eu deveria saber como sabia que isso era tudo o que eu queria?

Ele soltou um risinho baixo, deixando-me mais admirada pelo seu perfil. Se sério, aquele homem beirava a perfeição, sorrindo ele chegava a ela sem dificuldade nenhuma.

— Não sou stalker, pode ficar tranquila.

— Graças a Deus! Pois já estava pensando em como fugir de um carro em movimento.

Dessa vez, eu o fiz rir mais abertamente, o que me causou, literalmente, borboletas no estômago.

— Você se machucaria toda.

Era um bom ponto.

— Foi apenas um palpite que tive — explicou-se. — Afinal, como alguém poderia odiar massa?

— É como odiar batata. — Dei o meu ponto de vista. — Não confio em pessoas que não gostam de batata.

— Que bom que eu gosto dos dois, então.

Foi meio inevitável sorrir.

Seguimos o caminho até o restaurante conversando e nos conhecendo um pouco mais. Na verdade, ele me conhecendo, já que, sobre sua vida, parecia

*não querer se abrir muito. Deixei de lado o meu passado com os meus pais e respondi as perguntas mais simples.*

*— Está gostando de Campbell? — perguntou, assim que chegamos ao restaurante.*

*Ryder fez questão de abrir a porta do carro para mim e, quando saí, ele segurou a minha mão, me causando mais uma onda de arrepios e nervosismo.*

*Sua mão era macia e muito confortável.*

*— É uma boa cidade.*

*— E o deserto?*

*Estávamos nos aproximando da entrada iluminada do restaurante.*

*— Ele ainda me assusta algumas vezes — confessei sem pensar.*

*Droga... Que ele não levantasse muitas questões sobre aquilo.*

*Percebi que Ryder faria exatamente isso, mas foi interrompido pelo atendente à nossa frente.*

*— Boa noite! Sejam bem-vindos. Tem reserva, senhor?*

*— Sim, em nome de Ryder Fraser.*

*O moço conferiu algo em seu tablet e assentiu.*

*— Por aqui, por favor.*

*Nós o seguimos até o fundo do estabelecimento, onde nos deixou a sós após apontar para uma mesa bem reservada, longe de todas as outras. Bem no centro dela, havia um vaso lindo de flores, as quais reconheci na hora.*

*Íris.*

*Eram tão lindas que me deixaram encantada.*

*— Meu cabelo já foi roxo dessa forma — contei para ele, ao me sentar em frente às flores.*

*Ryder se sentou ao meu lado, não na minha frente, como achei que faria. Naquela posição, estávamos muito mais próximos e o meu coração acelerou só com esse detalhe.*

*— Você deve ter ficado linda — afirmou, me olhando com aquele olhar profundo.*

*Eu quase desviei, mas não consegui. Havia algo naquelas pupilas que me puxavam em sua direção.*

*— Não gostei muito, então pinteí de rosa.*

*Ele segurou uma mecha do meu cabelo, fazendo-me respirar fundo quando aproximou o rosto um pouco mais do meu. Se não estivesse vidrada nos seus movimentos, nem teria percebido.*

*— Poderia facilmente se tornar a minha cor favorita.*

*Sorri diante de sua cantada péssima.*

*— Foi horrível?*

*Assenti, prendendo o riso.*

*— Droga, acho que não sou bom nisso...*

*Naquilo, nós tínhamos que discordar. Ryder era o tipo de homem que nem precisava abrir a boca para conseguir deixar uma garota caidinha por ele.*

*— Mas não foi uma cantada — falou, surpreendendo-me. — Rosa fica muito bem em você.*

*Agora, não tinha como não ficar envergonhada com a sinceridade que enxerguei em sua frase.*

*— Obrigada.*

*— O que quer pedir? — perguntou, ainda bem próximo de mim.*

*No momento? Acreditava que nem sabia o meu nome.*

*— Já comeu aqui?*

*Ele assentiu.*

*— Uma vez — respondeu, e antes que o pensamento de ser outra garota que ele levava ali preenchesse minha mente, ele continuou: — Minha mãe amava comida italiana, então vim até aqui para me sentir um pouco mais próximo dela.*

*Amava.*

*No passado.*

*Será que sua mãe não era mais viva?*

*— Mas esse não é o assunto para o momento, Rosinha — explicou, antes que eu perguntasse alguma coisa. — Podemos pedir lasanha, o que acha?*

*— Parece ser delicioso.*

*Ele assentiu.*

*Com uma levantada de mão, o garçom se aproximou e Ryder fez nossos pedidos, pedindo também um vinho para acompanhar. Felizmente, o garçom não pediu o meu documento para confirmar a minha idade.*

*— Nem perguntei se gostaria de uma taça de vinho.*

*— Nunca provei, mas eu quero.*

*— Sério? Quantos anos você tem?*

*— 20.*

*Ele pareceu surpreso.*

*— Você é bem novinha...*

*E isso era bom ou ruim?*

*Não sabia se gostava da forma como ele estava me olhando no momento. Como se fosse um erro estar ali.*

*— Você não é tão velho assim — falei, chamando a sua atenção.*

*— Na sua idade, eu já tinha provado coisas mais fortes do que vinho.*

— Criações bem diferentes, não é? — brinquei, mas isso pareceu deixá-lo um pouco mais inseguro ao meu lado.

Será que ele estava se dando conta da nossa realidade logo naquele momento? Por mais que fosse o sensato a se fazer, não era isso o que eu queria. Aquela noite era para ser divertida ao lado de alguém que me viu além de uma aberração cheia de tatuagens e piercings. Além de um produto para ser trocado por pura paz de espírito.

Aquilo era sobre mim.

— Eu...

Ele iria falar alguma coisa, mas eu fui mais rápida.

Calei a sua boca com um beijo.

Ryder ficou estático por alguns segundos, e eu temi que estivesse me achando uma maluca e que me afastaria rapidamente, mas ele fez o contrário. Sua mão agarrou a minha nuca e o ruivo aprofundou o beijo, enfiando sua língua dentro da minha boca e me deixando completamente mole nos seus braços.

Meu Deus... Ele era bom. Muito bom.

Sorte a nossa estarmos em um lugar mais reservado do restaurante porque tinha quase certeza de que, de longe, nosso beijo era visto de forma muito maliciosa. A forma como eu o sentia segurar a minha nuca, como nós parecíamos desesperados por mais, era intensa demais.

— Você não tem vergonha?!

Meus olhos se abriram rapidamente e me afastei de Ryder de forma abrupta.

Meu pai estava ali. Ele me olhava com tanto nojo que me fez lembrar daquela noite que falei não poder me casar porque havia acabado de perder a virgindade com um estranho.

— Sua imunda! — Minha mãe apareceu ao seu lado, com tanta raiva e nojo de mim que nem conseguia me olhar.

Olhei para Ryder, mas ele não estava mais ao meu lado.

Nem ele. Nem o restaurante.

Eu estava de volta àquela casa, bem no meio da sala de estar, ajoelhada e implorando para que me entendessem.

— Uma impura! É isso o que você é! — Meu pai gritou, fazendo-me tremer. — O diabo está no seu corpo. Você se entregou para o pecado!

— Não! — gritei mais alto. — Eu fiz isso porque vocês não me escutavam! Eu não quero me casar com o pastor e...

Um tapa foi acertado no meu rosto rapidamente.

— Não repita isso, demônio! — Meu pai respirava fundo, arregaçando as mangas da camisa nos seus braços. — Irá sair da minha filha!

— Pai..., não! — chorei. — Sou eu!

— Não me chame de pai! — Retirou o cinto da sua calça, causando-me medo. — Vai aprender a respeitar as ordens dos seus pais e irá se arrepender por ter feito essa escolha!

— Pai...! — Levantei a minha mão para tentar impedi-lo, mas tudo o que ele fez foi acertá-la com o cinto.

Gritei de dor.

— Vire-se de costas.

Minhas lágrimas não podiam mais ser seguradas naquele momento.

— Não, pai, por favor...!

— Agora!

Minha mãe se aproximou e, antes que eu pudesse pedir por sua misericórdia, ela estava batendo no meu rosto já ardido pelo tapa do meu pai.

— Seu pai mandou fazer agora!

Virou-me de costas para o meu pai com toda a força que tinha e me empurrou contra o chão quando tentei me levantar.

A primeira cintada nas costas veio sem que eu notasse. Gritei tanto, mas sem utilidade nenhuma porque, naquele bairro, ninguém se metia nos assuntos dos outros. Gritos como aquele eram mais comuns do que se poderia imaginar porque era a punição por não seguir as regras.

Na segunda, eu consegui chorar em silêncio, mesmo que o meu coração gritasse com toda a força que tinha.

Eles eram meus pais. Como podiam fazer aquilo comigo?

Ou eu estava mesmo errada? Por que estava me sentindo errada agora?

Não...

Outra cintada.

Mais uma.

E mais uma.

Quando minha pele começou a arder mais intensamente, eu soube que tinha aberto feridas, totalmente diferente da última vez que havia levado uma surra como aquela.

— Mãe...

Tentei alcançá-la com minha mão, mas minha visão estava turva.

Quando a próxima cintada veio, eu gritei. Tão alto que temi ter acordado até a outra parte da cidade.

Mas ninguém me ouviu.

Eu estava sozinha.

— Rebeca! Rebeca, acorda!

Fui retirada da escuridão com uma voz grave me chamando e balançando meus ombros. Abri meus olhos rapidamente, dando de cara com o rosto cheio de preocupação de Ryder na minha frente.

*Meu Deus...*

Aquele sonho... Aquele pesadelo pareceu tão real que...

Não aguentei e fui para os braços de Ryder, o abraçando com a força que me restava e enfiando o meu rosto no vão do seu pescoço.

— Não me deixa sozinha, por favor...!

— Ei...! — Ele alisou as minhas costas, com uma voz tão dolorida que quase me fez chorar. — Você não está sozinha. Não mais, eu estou aqui.

Ele me abraçou com a força que conseguia, beijando o topo da minha cabeça em busca de tentar me confortar com suas palavras. Mas mal ele sabia que seus braços já eram o suficiente para me trazer tudo o que queria me passar.



# 21

| PASSADO DEVERIA  
PERMANECER NO  
PASSADO |

*Permaneça ao alcance, durma bem  
Aqui em minha mente  
Aqui em minha mente  
Esperando*

**HEART LIKE YOURS — WILLAMETTE STONE**

## **RYDER FRASER**

Era estranho voltar a acordar com Rebeca ao meu lado, mas não um estranho ruim. Pelo contrário, era tão bom que me surpreendia não ter esquecido de nenhum detalhe. Principalmente de quando acordava de um pesadelo, como naquele momento.

Aquela não era a primeira vez que ela acordava assustada de um sonho ruim, mas era a primeira vez que tremia nos meus braços, me implorando para não deixá-la. Aquilo era muito ruim... *Muito!* Conseguia sentir no fundo do meu coração quão traumático seria quando nos separássemos depois da nossa estadia na ilha.

Alisei suas costas, tentando mantê-la calma e ignorando completamente a dor que sentia nas minhas costelas. Rebeca havia se atirado nos meus braços e estava me abraçando forte. Era impossível não sentir dor, mas, por ela, para fazê-la ficar bem, não me importaria com isso agora.

Rebeca tremia e chorava compulsivamente, quase tão parecido com o surto que teve na nossa primeira noite por ali. A única diferença era que ela estava quieta, apenas soluçando.

— Eu amo você, Bae... — sussurrei no seu ouvido, esperando que aquelas palavras fossem o suficiente para confortá-la. — Não sei com o que sonhou, mas estou aqui, ok? Seja quem foi que te machucou dessa forma, não machucará de novo.

Ela assentiu com a cabeça ainda enfiada no vão do meu pescoço, confirmando que era sobre alguém do seu passado.

Alisei mais suas costas, sentindo aquelas malditas cicatrizes das quais nunca me falou o significado sob as tatuagens. Engoli em seco, temendo a merda que aquilo poderia dizer, mesmo em silêncio. Eu tinha certeza de que era sobre isso.

Rebeca sempre estremecia quando eu a tocava assim, mas, naquele momento, ela estava tão presa aos seus pensamentos que nem percebeu quando minha mão parou em cima da maior cicatriz.

Demorou para que ela parasse de chorar, mas eu deixei que fosse até onde achava que era necessário, pois não queria pressioná-la a nada. Quando pareceu um pouco mais calma, Rebeca levantou o rosto e, ao me ver, arregalou os olhos e saltou do meu colo.

— Meu Deus! Suas costelas, sua perna, me desculpa... — pediu, com o rosto ainda molhado pelas lágrimas.

— Ei... — Aproximei a minha mão de seu rosto e enxuguei suas lágrimas. — Não se importe comigo agora, ok?

— Mas...

— Vem aqui.

Encostei-me na cabeceira da cama e abri meu braço para ela. Rebeca veio com cuidado, se aconchegando ao meu lado e deitando a cabeça no meu ombro.

— Quer me contar o que está acontecendo?

Ela suspirou e não me respondeu. Acreditava que ficaria mesmo em silêncio e, por mais que me incomodasse, entendia esse seu lado reservado. Rebeca estava machucada, e tudo bem não querer falar sobre quem fez aqueles machucados. Quando estávamos dessa forma, falar poderia fazer com que a dor se tornasse ainda maior.

Eu a entendia e, por isso, nunca pressionei para me contar o que aconteceu.

— Meus pais eram da igreja — contou, deixando-me confuso com a novidade ao tentar relacioná-la com sua dor. — Fui criada para ser uma boa garota, como eles eram considerados boas pessoas. Por um tempo, achei que esse era o certo, mas, então, precisei ir para a escola e lá era bem mais difícil de ser controlada porque existem crianças com todos os tipos de criação.

*Por que eu estava sentindo um pressentimento ruim quanto a essas primeiras informações jogadas para mim?*

— Comecei a fazer perguntas para eles. Do tipo, por que as meninas podem sair com os meninos para brincar e eu não? Ou a que me rendeu o meu primeiro tapa na cara, por que aquela garota pode usar short no verão e eu só posso usar essas saias gigantes?

Merda.

Os pais dela... Puta que pariu!

— Não questionei mais nada por um tempo porque tinha medo de levar mais um tapa — confessou, parecendo envergonhada diante de tal confissão. — Eles queriam que eu acreditasse que todo esse mundo de festas, diversão e farra era do diabo. Eu acreditava neles. Afinal, eram os meus pais, e todos os meus amigos do bairro também acreditavam fielmente nessa crença. — Respirou fundo, e aproveitei aquela pausa para apertá-la mais contra mim. — Mas eu era adolescente e, quando se está nessa fase da vida, você tem vontade de fazer outras coisas, principalmente estudando em uma escola com jovens cheios de hormônios.

— É a ordem da vida, Bae — aponte, mesmo que ela ainda não quisesse a minha opinião.

— Não para eles — contrapôs. — Um dia, fui a uma festa de aniversário de uma colega. Era durante o dia e, mesmo assim, levei uma surra por ter voltado dez minutos depois do horário.

Aquilo só podia ser brincadeira...

— Eles não queriam que eu fosse, essa era a verdade.

— Seus pais eram...

— Isso não é nem a pior parte, Ryder.

Ouvir tal frase da sua boca me deixou um pouco perplexo.

— O que você quer dizer com isso?

— Descobri que meus pais estavam arranjando um casamento para mim com o pastor da nossa igreja — respondeu, deixando-me enojado. — O homem tinha idade para ser meu pai, mas eles não se importavam com isso, muito menos com a minha felicidade.

— Sinto muito... Mas, então, você fugiu?

— Antes, eu fui a uma festa e bebi tanto a ponto de entregar a minha virgindade para um estranho que nem lembro o rosto — contou, terminando de me deixar surpreso com todo o seu passado. — Eu sabia que existia uma forma de não me casar com o pastor, então, por isso, me entreguei para aquele garoto na festa.

Isso era quase como um abuso.

Ela estava bêbada a ponto de não lembrar do rosto do cara, como isso poderia ser considerado apenas sexo? Sabia que era a sua intenção, mas mesmo assim... Senti meu sangue ferver de raiva. Se não fosse pelos pais babacas, isso não teria acontecido.

— Quando voltei para casa, contei para eles o motivo de não poder me casar e então... — Notei sua voz perder a força.

Talvez, eu já estivesse entendendo para onde tudo aquilo iria agora.

— Sonho com essa noite de vez em quando — disse, contando sobre seus sonhos. — Eles me chamaram de palavras horríveis e me bateram tanto a ponto de ter essas marcas que, hoje, você toca sob as tatuagens.

Fechei os meus olhos por um momento, pedindo forças para não explodir com aquela confissão. Como eles puderam fazer isso com a própria filha?

— Eu fiquei deitada no tapete da sala sangrando e chorando por uma madrugada inteira. — *Porra!* Aquilo doeu bem mais do que as minhas costelas. — Não sei como consegui ter forças, mas eu tive... A ponto de cometer o que considero o meu primeiro pecado.

— O que você fez?

Duvidava muito que tivesse sido um pecado, mas esperei por sua resposta para poder julgar.

— Meus pais tinham um cofre onde guardavam suas economias e eu peguei boa parte do dinheiro — admitiu, parecendo muito envergonhada. — Foi com esse valor que consegui fugir para Campbell.

— Você estava escapando deles, meu amor... — Beije o topo da sua cabeça. — Eles mereceram.

— Eu falei isso muitas vezes para mim mesma nos últimos anos, mas é difícil desprender algo assim da minha cabeça.

— Eu os odeio por terem feito isso com você. — Puxei seu queixo para que me encarasse. Não havia mais lágrimas por ali, e isso me aliviou um pouco. — Você só queria ter uma vida normal, não se casar com um homem que era muito mais velho do que você por puro fanatismo religioso.

Ela assentiu.

— Sei que fugi da forma errada, mas, na minha cabeça, só se passava uma coisa. Se eles fizeram isso comigo agora, o que seria de mim no dia seguinte?

Concordei. Estava pensando exatamente isso naquele instante.

— Você fez certo em fugir. — Beije sua bochecha. — Sei que não está feliz porque, logo depois, entrei na sua vida, mas...

— Não fala mais isso, Ryder. — Encostou o queixo no meu peito, olhando-me com os olhos cheios de paixão. — Encontrar você foi um dos melhores presentes dessa fuga.

Sorri de lado, levando minha mão até uma mecha do seu cabelo, que estava atrapalhando minha visão de todo o seu rosto perfeito.

— Você me mostrou o que é liberdade, mesmo que tenha sido em linhas tortas — disse, sorrindo fraco. — Perdi o medo de festas e aprendi a aceitar o mundo que me cercava, sem estar amarrada à educação que recebi deles. Então, é por isso que sou grata por você ter entrado na minha vida.

Acariciei sua bochecha, um pouco sem palavras ao saber como ela realmente me enxergava.

— Ter esses pesadelos ainda é um inferno... — confessou, desviando o olhar para o lado. — Acho que é porque sinto a falta do que eles deveriam representar para mim.

— Como assim?

— Seus pais foram incríveis para você, não foram?

Assenti.

— Por um tempo — afirmei. Depois que a minha mãe faleceu, meu pai nunca mais foi o mesmo.

— Eu não tive bons pais nem por um tempo, Ryder.

Aquilo me fez entender bem o que ela queria dizer. A saudade do que nunca teve poderia ser pior do que daquilo que já teve. Sabia bem porque, por muito tempo, invejei os jovens da minha idade levando uma vida normal com garotas e universidade.

— Quando conheci Ravenna e Dylan, os pais dos irmãos Blossom, senti um vazio muito triste no peito e, mesmo que eles tenham me tratado com muito carinho e amor, ainda não parecia a mesma coisa. Uma voz sempre vinha na minha mente afirmando que eu nunca saberia como é ser amada daquela forma pelas pessoas que são designadas a dar esse amor para mim.

— Sinto muito, Bae. — Eu a abracei mais forte como pude. — Por isso, sempre se sente sozinha.

Ela concordou.

— Por isso, sempre imploro para que não me deixe sozinha. — Rebeca afastou o rosto, me olhando com cuidado. — Não enquanto estivermos por aqui.

Assenti, entendendo bem o que significava. Ela voltou a me abraçar e repousou a cabeça no meu peito quando nos deitamos na cama.

— Sonhei com nosso primeiro encontro — contou, deixando-me surpreso.

— Por isso acordou gritando? — brinquei, a fazendo rir.

Como era bom ouvir sua risada verdadeira.

— Começou com o nosso encontro, mas, quando eu o beijei, fui levada para a noite em que apanhei do meu pai — explicou.

— Por que nunca me falou sobre eles?

— Já foi muito difícil falar para a Alex, e eu sabia que você poderia fazer alguma coisa, caso quisesse.

— E o que mudou agora?

— Você não vai fazer nada com eles porque se importa muito comigo e, mesmo que tenham me machucado, ainda são meus pais.

— Eles nunca foram seus *pais*.

— Ai... A verdade realmente dói — murmurou, e era sério o quanto aquilo a afetou. — Eu sei disso, mas eles foram as pessoas que me criaram.

— Não farei nada com eles, Bae. Saber que esses dois nunca mais irão tocar em um fio de seu cabelo é a única coisa que importa para mim.

— Obrigada. — Beijou meu peito.

— Me fala sobre a parte boa do seu sonho — pedi, pois não queria pensar nas mãos sujas daquele homem batendo na minha mulher. — Preciso aliviar a minha raiva.

— Está com muita?

— Se as minhas costelas estivessem boas, teria socado a parede deste quarto.

Rebeca começou a acariciar meu abdômen.

— Foi o nosso encontro. Você não se lembra dele?

— Lembro até do seu jeito tímido para entrar no carro.

— Eu estava tremendo de nervosismo — lembrou, rindo e me fazendo sorrir.

— Estava linda com aquele vestido branco.

— E você estava um verdadeiro *bad boy* com esses braços de fora e roupa preta.

Naquilo, eu tinha que concordar.

— Você me beijou antes dos pedidos chegarem — lembrei-me, sentindo paz só com aquela lembrança. — Safadinha.

— Fiquei com medo dos seus pensamentos.

Aquilo me deixou confuso.

— Como assim?

— Quando eu falei sobre nossas idades e criações, você pareceu bem incerto sobre estar fazendo a coisa certa ao se encontrar comigo.

Parecia que ela conseguia me ler muito bem já naquela época. Realmente, havia passado na minha cabeça que merda eu estava fazendo ao me encontrar com uma universitária como se fosse um rapaz normal. Afinal, eu trabalhava com drogas e claramente o deserto não parecia ser o seu lugar.

Naquele momento, eu tive a chance de me levantar e sair do restaurante, mas quando Rebeca me beijou, foi como se mil fogos de artifício explodissem dentro de mim. Senti-me como um garotinho virgem dando o seu primeiro beijo na garota que estava a fim, mas agi como o verdadeiro experiente que era ao trazê-la para mais perto e beijá-la com desejo e paixão.

Tive a certeza de que havia me ferrado. Mas não consegui escapar do enlace que nos uniu naquela noite.

— Tudo mudou quando você me beijou — confessei.

— O quê? — Levantou o rosto, sorrindo de um modo fofo. — Percebeu que não viveria mais sem mim?

— Basicamente isso, Bae.

Seu sorriso se desmanchou quando eu a trouxe para mais perto e a beijei com carinho e muita calma. Amava fodê-la forte, amava beijá-la forte a ponto de deixar suas pernas bambas, mas amava mais ainda essa calma que se infiltrava entre nós quando nos beijávamos com lentidão.

Seu olhar apaixonado e seu sorriso lindo após um beijo como aquele eram apenas o bônus de todo o nosso amor.



Acordei não sentindo Rebeca ao meu lado e, antes que pudesse entender o que estava acontecendo, a porta do quarto foi aberta por Winter.

— Ainda bem que você não está pelado — disse, observando o meu corpo coberto por uma bermuda. — Vamos trocar os curativos, Bonitinho?

— Cadê a Rebeca?

— Tomando café com o Rael.

Cerrei a minha mandíbula. Os dois juntos ainda me enciumavam.

— Você é muito ciumento, meu Deus! — Riu. — Ele é *meu marido*.

— E eu sei que vocês já incluíram pessoas nessa relação.

— Nossa, velhos tempos! Mas sabe que Rebeca seria perfeita para o papel? Talvez, eu faça o convite...

— Winter!

Ela riu mais alto, sentando-se na cama, perto da minha perna com o curativo.

— Vocês voltaram? — perguntou bem curiosa, enquanto começava a separar o que precisava em cima do colchão. — Ignorou tudo o que te falei?

— Vamos aproveitar os momentos que temos aqui — respondi para ela. — Depois que sairmos desta ilha..., será cada um para um lado.

— Como podem ser tão estúpidos?

— Não quero a sua opinião, Winter — falei, simplesmente.

— Que bom que já sei como isso vai terminar. Então, posso esperar por uma ligação sua chorando ou...

— Nunca liguei chorando para você.

— Mas para Poison já — rebateu, limpando a minha ferida.

Não acreditava que Poison havia exposto a minha conversa bêbado para as amigas. *Argh!* Essa garota era terrível. Precisava excluí-la do meu ciclo de

amizade.

— Não sei por que eu ainda permaneço amigo dela.

Win riu.

— Eu entendo vocês — disse depois de um tempo, me surpreendendo. — Por mais doloroso que seja, acho que seria menos, se todos soubessem quando aquilo que nos traz felicidade acabaria. Quantas pessoas morrem por aí sem ter uma despedida decente? — Deu de ombros. — O amor de vocês pode não morrer tão cedo, mas esse relacionamento sim.

— Por isso, vamos nos despedir.

— Aproveitem! Acho que Poison queria isso para vocês também — falou, tapando a minha ferida com as gases novamente. — Deve ter agradecido por você ter levado o tiro.

Ri baixinho.

— Do jeito que ela é amorosa, não duvido.

Winter me acompanhou na risada.

— Oi.

Rebeca estava parada na porta do quarto, nos observando.

— Oi, Beca! — Winter cumprimentou. — Seu namorado está novinho em folha.

A médica se levantou e piscou para mim antes de sair do quarto.

— Posso te fazer uma pergunta? — Rebeca perguntou, ao se aproximar de mim.

— Claro.

— Você e a Winter já tiveram alguma coisa?

Sua dúvida me surpreendeu. Realmente não esperava algo do tipo.

— Por quê?

— Só responde, Ryder.

Não resisti e a puxei para a cama com o meu braço do lado saudável, trazendo-a para o meu lado.

— Está com ciúmes, Bae?

Ela até tentou não fazer um beicinho, mas acabou fazendo-o mesmo assim.

— Isso é um *sim* para a minha pergunta?

Neguei com a cabeça, beijando o canto dos seus lábios.

— Nunca ficamos.

— Nem com a Poison?

Ri, negando com a cabeça outra vez.

— Winter, Poison e Hazel são apenas amigas — respondi com a verdade.  
— Não precisa ficar com ciúmes.



— É só curiosidade — esclareceu rapidamente, dando de ombros. — Seria estranho ficar aqui sabendo que vocês dois ficaram no passado.

— Tenho certeza de que, para aquela loira, seria divertido — expus minha opinião, levantando o seu rosto. — Mais alguma pergunta?

Ela sorriu.

— Por enquanto, não.

— Ótimo! — Aproximei meu rosto do seu. — Bom dia, Bae.

Não esperei que respondesse e grudei a minha boca na sua, aproveitando a nossa proximidade para levar minha mão até seus cabelos e bagunçá-los, a fazendo rir no meio do beijo.

— Você parece melhor — comentei, após separarmos nossas bocas.

— Eu estou. — Enxerguei sinceridade na sua resposta. — Vamos tomar café?

— Primeiro, eu preciso de um banho. O que acha de me ajudar com ele?

— Fiz a carinha fofa que ela odiava, pois nunca conseguia dizer não quando eu a olhava dessa forma.

Rebeca revirou os olhos, rindo.

— Vamos logo.

Implorei em pensamentos para que aqueles dias na ilha demorassem para passar porque tudo o que eu mais queria era aproveitar cada hora deles com aquela mulher.

# 22

| MINHA PARA  
AMAR |

*Não posso te perder, amor (não posso te perder)  
Não posso te perder, amor (não posso te perder, amor)  
Não posso te perder, amor (não posso te perder, amor)  
Oh (oh)*

**LOST IN THE FIRE — THE WEEKND (FEAT. GESAFFELSTEIN)**

## **RYDER FRASER**

O tempo parecia colaborar comigo e Rebeca. Notei isso conforme os dias foram se passando e nenhum sinal para voltarmos para casa foi dado. Era um pouco preocupante, pois o moto clube dificilmente atrasava uma missão.

Pensei que eles seriam rápidos, mas algo me dizia que as coisas estavam mais complicadas em Santa Fé e eu nem sabia se conseguia imaginar a porcentagem da dificuldade que eles poderiam estar tendo naqueles últimos dias.

O único lado bom de tudo aquilo era ter mais tempo com a minha garota.

Havíamos estabelecido uma boa trégua com beijos e carinhos enquanto eu não conseguia me mexer direito. Estar ali naquela ilha com ela era quase como viver a adolescência que não tive durante a minha vida.

Era divertido, calmo e relaxante.

Até mesmo me sentia curar mais rápido.

— Prontinho. — Winter disse, depois de ver a ferida da minha perna. — Está cicatrizando muito bem.

— É bom poder caminhar sem sentir dor.

— Como estão as costelas?

— Melhores a cada dia — respondi. — Não sinto mais dor para respirar.

— Pelo que vejo, mais uma semana e você vai estar quase 100%.

— Graças a Deus!

Estava sendo uma experiência horrível ter Rebeca ao meu lado e não poder aproveitar cada segundo dela por conta de dores. Queria me jogar de uma ponte

a cada vez que eu a tocava e não podia ir mais longe porque meus movimentos eram limitados.

— O que foi? As bolas já estão roxas? — A idiota à minha frente perguntou, rindo.

— Você não acha que está muito engraçadinha?

Ela deu de ombros, arrumando em seguida seus itens de primeiros socorros na maletinha que carregava.

— Vocês estão bem?

Assenti.

— Estamos indo muito bem. Não brigamos mais, então acho que isso é uma vantagem para a situação em que estamos.

Minha amiga concordou.

— Mais para o fim da ilha, tem uma piscina natural. A natureza fez questão de dar esse presente para este lugar. Aproveitem que a maré está baixa e que parece que vai fazer calor hoje, tudo para um ótimo primeiro encontro.

— Às vezes, eu me esqueço do quanto você é romântica — comentei, gostando da ideia que havia me dado.

— Poison diz que eu sou o coração do moto clube — falou, sorrindo. — Acho que ela tem razão, afinal.

— Você realmente é, Winter — concordei.

— Alguém naquele lugar tinha que ter esse órgão batendo, né? — Riu baixinho.

— Tem notícias deles?

— Como eu teria? — Suspirou, frustrada. — Estamos isolados nesta ilha.

— Não está nem um pouco preocupada com esse silêncio? Já faz semanas.

— Eu sei... — disse, se levantando. — Eles não fazem o tipo que demoram para agir, mas, talvez, tenhamos subestimado o Carl.

— Ele é só um grande traficante, Win.

— Jackson cresceu muito nesses últimos meses.

— Mas vocês têm um exército espalhado pelo mundo. — Eu a lembrei.

— Um bom plano sempre é bem pensado, Fraser — completou, dando as costas para mim e indo em direção à porta. — Nunca se esqueça disso. É uma lição para você também.

Winter saiu do quarto, deixando-me sozinho com os meus próprios pensamentos. Se havia uma coisa que aquela mulher fazia tão bem quanto cuidar dos nossos ferimentos, era nos colocar para pensar, quase como uma maldita psicóloga.

Ela podia não saber o que estava acontecendo, mas entendia perfeitamente a demora dos Shadows e estava praticamente tranquila quanto a isso.

Bom, eu também deveria me manter seguro de que o moto clube estava fazendo um bom trabalho, mas era inevitável não pensar que, a qualquer momento, Carl poderia estar ali, machucando Rebeca novamente.

Era dele que estávamos falando.

E ele sabia ser cruel quando queria. Foi exatamente por isso que fugi.

— Ei, tudo bem? — A voz de Rebeca me despertou das minhas preocupações ao entrar no quarto.

— Melhor do que ontem. — Estendi minha mão para ela e a puxei para o meu colo.

Agora, eu conseguia segurá-la sem sentir dor na minha perna.

— Winter disse que você está mesmo melhor — comentou, colocando um dos braços ao redor do meu pescoço. — Mas está bem pensativo.

— Esse silêncio da Poison está me incomodando.

— Estou pensando que tem seu lado positivo — murmurou.

Sorri com sua confissão.

— Eu também, Bae. — Alisei seu cabelo, passando para as suas costas. — O que acha de um piquenique? Winter disse que tem um lugar perfeito para isso no final da ilha.

Ela sorriu, expondo o quanto a ideia a animava.

— Isso parece perfeito. — Levantou-se do meu colo. — Vou arrumar tudo o que precisamos. Tem preferência por alguma coisa?

— Você — respondi. — Minha preferência é você.

Rebeca sorriu, meio envergonhada e totalmente apaixonada, daquele jeito que eu amava e saiu do quarto, parecendo bem empolgada com a ideia do piquenique. Era bom ser o motivo dos seus sorrisos, e não das suas lágrimas.



— O que você trouxe de tão pesado aqui? — perguntei, pois estava sendo um cavalheiro ao levar a cesta para o nosso encontro.

Rebeca havia trocado de roupa e estava ainda mais bonita do que antes. Vestia a parte de cima de um biquíni todo preto amarrado com tiras finas no seu pescoço e nas suas costas, um short de tecido leve no mesmo tom de preto e alguns detalhes em branco, junto com uma sandalhinha rasteira, bem parecida com um chinelo.

— Sanduíche de frango para o nosso almoço, potinhos com frutas para a nossa sobremesa e refrigerante — respondeu. — Não tinha cerveja.

Pareceu decepcionada com esse último. No mínimo, Rael e Winter haviam bebido todas as que sobraram da noite anterior.

— Duvido que eles fiquem muito tempo sem cerveja, é capaz de a gente chegar e ter alguns fardos nos esperando.

Rebeca assentiu.

— Está pesado? Não está prejudicando suas costelas?

— Estou bem, Bae.

Não iria deixá-la carregar aquela cesta pesada até o nosso destino, que parecia ser bem mais longe do que Winter havia nos informado.

— Será que não passamos do lugar? — Rebeca questionou.

Estava prestes a perguntar isso também quando levantei o rosto e vi as rochas ao redor da água, dando forma para a piscina natural que a loira havia comentado.

— Acabamos de chegar nele.

Era mesmo um lugar lindo cercado pela natureza. Antes de chegar na parte da piscina natural, havia um bom pedaço de gramado, onde com certeza usaríamos para fazer o nosso piquenique.

— Uau! — Rebeca murmurou, admirada com o local.

Ela foi na minha frente, deixando de olhar para o chão que pisava e passando a observar tudo o que nos cercava. Parei um pouco ali na entrada do lugar, apenas para vê-la com aquele sorriso encantado nos lábios e os olhos brilhantes.

Rebeca amava a natureza e os animais. Conseguia ver que ela finalmente estava desapegando das memórias que nos levaram até ali e aproveitando aqueles dias como se fossem os últimos. Ela não teve mais nenhum pesadelo depois daquela noite em que me contou o que havia passado, também não tocamos mais no assunto porque era óbvio que a machucava. Estávamos vivendo um dia após o outro, sem assuntos que nos feriam e aproveitando a presença um do outro enquanto a tínhamos.

Era o melhor a se fazer no momento.

— Você não vem?

Sua voz me despertou. Assenti, caminhando até ela.

Rebeca colocou os braços ao redor do meu pescoço, assim que larguei a cesta no chão, e coloquei minhas mãos na sua cintura, apertando-a contra mim. Abaixei meu rosto e fechei os meus olhos, beijando sua boca em seguida.

Era naqueles momentos em específico que eu me desapegava de todas as preocupações com o moto clube, pois a tinha nos meus braços, exatamente como queria desde que acordei naquela cama de hospital na sede dos Shadows.

Levei minha boca até o seu ouvido e murmurei:

— Você está muito gostosa com esse biquíni, sabia? — Notei sua pele se arrepiar naquela região e sorri, deixando um beijo ali. — Vem, vamos aproveitar

este lugar.

O sol já estava quente, o que confirmava a previsão da minha amiga de que seria um dia agradável. Aproveitei para retirar a camiseta e logo em seguida a bermuda, ficando apenas de cueca. Felizmente, já conseguia fazer essas coisas sozinho. Olhei para Rebeca e a encontrei me encarando.

— Vem, Bae. — Indiquei a piscina com um maneio de cabeça. — Depois tiramos um tempo para comer.

Minhas costelas estavam incomodando levemente e achava que era por causa do trajeto até ali. Por isso queria entrar na água logo; sabia que ajudava a aliviar qualquer dor no corpo.

Rebeca retirou o short que vestia, revelando a peça de baixo do biquíni preto. Estava bem curioso de como eles tinham um conjunto que servia perfeitamente no seu corpo e que, principalmente, moldava-o como uma bela obra de arte.

Entrei na água antes que ela, recebendo de bom grado a temperatura gelada, já que meu corpo estava ficando quente apenas com a visão da minha mulher bem ali.

Rebeca se aproximou e colocou apenas os dedinhos do pé na água antes de se afastar rapidamente.

— Está gelada!

Dei risada.

— Você se acostuma — disse, jogando o meu corpo para trás.

A água batia no meu peito e não era tão fundo. Com o sol em nossa direção, logo estaríamos querendo que fosse mais gelada.

Ela suspirou e, sem pensar muito, fechou os olhos e se jogou na água, perto de mim.

— Meu Deus! — Abraçou seu próprio corpo todo arrepiado.

— Vem aqui que eu te esquento. — Eu a puxei e a abracei, deixando um beijo no seu ombro. — É só nos primeiros segundos.

Ela assentiu.

— Este lugar é incrível, não acha? — indagou depois de um tempo.

— Muito!

— Sabe... — Tocou meus braços por baixo da água. — Sei que temos um prazo de validade acordado agora, mas... Em um mundo perfeito, não me importaria de viver com você para sempre aqui.

Engoli em seco.

Odiava lembrar daquele ponto. O nosso acordo que sempre viria em nossa mente para nos lembrar que tudo aquilo era temporário. Que aquilo tinha um fim.

*Não se você não quisesse.*

É, achava que sabia disso.

— Não vamos tocar nesse assunto, Bae.

Ela concordou.

— E sobre o que vamos falar? — perguntou, fingindo um sorriso ao se virar para mim.

Eu sabia exatamente como trazer aquela felicidade para seu rosto novamente. Deslizei minhas mãos pela sua coluna até chegar na sua bunda e a apertei contra a minha virilha.

— Sobre o quanto você está deliciosa hoje.

— Acho que você já falou algo parecido — comentou, contendo um sorriso.

— Posso repetir isso o dia todo. Duvida de mim?

Ela negou com a cabeça, rindo.

— Nem um pouquinho! Sei que é bem doidinho quando quer.

— Acho que o amor nos deixa loucos no final de tudo, não é?

Rebeca passou as mãos ao redor do meu pescoço.

— Somos a prova viva disso.

Abaixei levemente minha cabeça e capturei a sua boca, beijando-a com desejo e paixão, dois sentimentos que pareciam não sumir de dentro de nós. Rebeca arranhou minha nuca e eu aproveitei para apertar sua bunda mais uma vez. Um murmúrio seu foi engolido pela minha boca, conforme o nosso beijo esquentava cada vez mais.

Puxei seus cabelos, fazendo com que inclinasse a cabeça para trás, e eu aproveitei aquele espaço para deslizar minha boca pelo seu pescoço. Beije toda aquela parte, chegando até a sua clavícula e subindo novamente, chupando sua pele, sentindo o seu gosto natural que eu tanto amava e escutando os seus gemidos baixinhos.

Rebeca se encostou mais em mim, completamente mole. Com certeza sua boceta já estava molhada e não tinha nada a ver com a água que nos cercava. Sabia disso porque meu pau também já reagia dentro da cueca apenas com os seus gemidos.

Queria tanto fodê-la...

*Porra!* Fazia tanto tempo e, não querendo dar razão para Winter, mas estava mesmo quase sofrendo de bolas roxas.

— Sabe sobre o que estou pensando? — perguntei, invadindo com a minha mão a calcinha de seu biquíni e espremendo sua pélvis no meu pau já duro.

— O... quê? — gemeu, apertando a minha nuca e finalmente me olhando.

Seus olhos estavam em chamas tanto quanto os meus deveriam estar.

Aproximei minha boca do seu ouvido e revelei:

— Quero foder você bem aqui, tão forte e gostoso que você não vai nem conseguir raciocinar com o que está entrando primeiro, a água ou o meu pau. — Mordi o lóbulo da sua orelha.

— Suas coste...

— Não sinto dor dentro da água, Bae — falei. — E, se eu sentir, foda-se! Estarei no meu lugar favorito.

Levei uma das minhas mãos para frente e, sem deixar que pensasse em uma resposta, toquei sua boceta, fazendo-a gemer meu nome e grudar a testa na minha.

— Sei que sente a minha falta também... — Beije sua boca. — Olha como essa boceta está pingando por mim, Bae.

Ela respirou fundo e abriu mais as pernas, me deixando tocá-la. *Porra!* Meu pau parecia que explodiria conforme eu a tocava lá embaixo. Eu a penetrei com dois dedos e levei o polegar ao seu clitóris, esfregando forte ali com movimentos circulares, que a levaram à loucura.

— Isso... — Puxou os fios curtos do meu cabelo. — Ryder...

— Geme, amor... — Entrei e saí da sua entrada apertada, apreciando a visão linda do seu descontrole. — É gostoso, né?

Rebeca concordou veementemente com a cabeça. Ela começou a movimentar os quadris para frente e para trás, tentando a todo custo gozar em pouco tempo.

— Ainda não, minha Linda — falei, beijando seu queixo e diminuindo a velocidade dos meus dedos.

— Ryder, mais rápido...

— Eu vou, mas quando estiver dentro de você — declarei.

Retirei minha mão de dentro da sua calcinha e ela me ajudou a tirar minha cueca.

— Merda! Estamos sem camisinha. — Eu a lembrei.

— Winter deu pílula anticoncepcional para mim — contou. — Ela disse que, uma hora ou outra, a gente poderia transar e não queria ter um sobrinho tão cedo.

Eu ri.

— Me lembre de agradecer àquela loira depois — respondi, trazendo seu corpo para perto de mim. — Coloque as pernas ao meu redor, Bae.

— Tem certeza? Você não vai se machucar?

— Quero você e sei que me quer também, depois lidamos com as consequências porque, no momento estou duro. Não está sentindo?



De propósito, ela se esfregou em mim, mas antes que parasse, eu a levei até a maior pedra daquela piscina natural e a encostei ali.

— Abre as pernas para mim, Bae.

Rebeca mordeu os lábios, me olhando com tanto tesão que me deixou mais duro, mas, assim que abriu as pernas, peguei o meu pau e o encaixei bem na sua entrada. Fechei meus olhos por poucos segundos, sentindo aquela entrada apertada que eu tanto amava.

— Ry...

— Calminha, amor...

Abri meus olhos, encontrando os seus desesperados por alívio. Ela enrolou as pernas ao meu redor e empurrei meu quadril mais um pouco, gemendo conforme seguia avançando e a sentindo me apertar mais.

— Droga! Eu senti tanta falta dessa boceta.

Apertei suas coxas e não resisti, enfiando tudo de uma vez só, o que nos fez gritar. Dei um pequeno espaço de tempo para ela respirar e voltar a se acostumar com o meu tamanho. E quando a mulher à minha frente voltou a abrir os olhos, eu saí e entrei novamente, recebendo as sensações duas vezes mais forte.

*Porra!*

Fazia tanto tempo...

— O quê...? — murmurou.

Neguei com a cabeça, não conseguindo falar, e estoquei nela cada vez mais forte. Rebeca gemeu, esquecendo completamente da pergunta e se concentrou nas sensações que nossos corpos conectados daquela forma nos causavam.

— Tira seu biquíni, quero mamar nesses seios.

Mesmo com as mãos trêmulas, ela obedeceu. Levou os braços para trás e desamarrou as cordas que seguravam a parte de cima do biquíni. E, assim que as soltou, seus seios foram expostos. Não dei tempo e abocanhei o seio direito enquanto a fodia, recebendo na minha língua aquele bico durinho de excitação. Mamei forte, adorando a sensação dos seus braços atrás de mim e de suas unhas arranhando as minhas costas.

Rebeca me apertou mais contra si, ajudando nos movimentos ao rebolar contra o meu pau, fazendo-me revirar os olhos com aquele ritmo enlouquecedor.

— Estou muito perto...! — gemeu.

— Vamos gozar juntos — falei, passando a mamar o outro seio.

Repeti os movimentos com a minha boca e língua, a fazendo gemer mais alto.

— Ry...

*Eu sei.*

Porra.

Retirei o meu pau quase até o fim e estoquei novamente, chupando fortemente aquele seio gostoso. Com certeza ficaria uma marca, mas nós não nos importávamos com isso. Era ainda mais maravilhoso.

Pau com boceta.

Forte e lento.

Bruto e carinhoso.

Nós éramos uma mistura bagunçada e gostosa.

Minhas pernas estremeceram e senti uma fisgada de dor nas costelas, mas nem isso foi capaz de interromper o meu orgasmo, que veio com toda a força ao mesmo tempo que o dela. Nossos gozos se misturaram e eu larguei seu seio, deitando minha testa no seu ombro, tentando recuperar o fôlego e ainda gemendo enquanto me libertava dentro dela.

Aquela também foi a primeira vez que transamos sem nenhuma proteção. Somando isso com o nosso primeiro contato mais intenso depois de dezoito meses só trazia mais emoção.

Rebeca encostou a cabeça na pedra, parecendo tão cansada e satisfeita quanto eu. Levantei meu rosto para apenas observar aquele semblante satisfeito e feliz na sua face, como se fosse possível me sentir ainda mais completo. Não havia nada no mundo que poderia destruir isso que tínhamos, e, disso, eu tinha certeza.

Os únicos que tinham esse poder, infelizmente, éramos nós mesmos.

# 23

| MEDO |

*Eu sei que eu não consigo encontrar ninguém tão incrível quanto você  
Eu preciso que você fique, preciso que você fique, ei  
STAY — THE KID LAROI FEAT. JUSTIN BIEBER*

## REBECA WILSON

Joguei-me na grama depois de arrumar meu biquíni no lugar. Havia o encontrado no fundo do guarda-roupas do quarto onde estávamos e, pela etiqueta que tirei tanto da parte de cima como da parte de baixo, nunca havia sido usado.

Não acreditava que havia transado dentro daquela piscina natural, não só uma vez, mas sim duas, e, agora, estava ali, ainda sentindo minha intimidade sensível e quase sem forças nas pernas. Nunca havia feito nada parecido e precisava confessar que amei a sensação de estar dentro da água sendo preenchida por Ryder.

E, por pensar nele...

Ryder se aproximou de mim, vestindo sua cueca preta e se deitando ao meu lado, sem deixar de fazer uma careta quando finalmente encostou a cabeça no gramado.

— Você se machucou — murmurei, virando-me para ele. — Está doendo muito?

Ele sorriu, negando com a cabeça e me puxando para mais perto.

— Para de se preocupar tanto, Bae. Nunca estive tão bem. Não nos últimos dezoito meses, pelo menos.

Suspirei, deixando que um sorriso fraco preenchesse os meus lábios. Deitei minha cabeça no seu peito, apreciando a calma do lugar que me permitia escutar apenas as ondas do mar batendo contra as pedras e, agora, as batidas normalizadas do seu coração. Aquele, com certeza, era o meu som favorito.

Sempre me acalmou depois dos pesadelos.

— Não me falou como foi sua experiência na África do Sul.

— Como sabia que eu estava lá?

— Nunca deixei de saber tudo sobre você — respondeu, surpreendendo-me. — Charles falava que eu parecia um obcecado.

Ri fraco.

— Fiquei desesperado quando soube que não havia sinal de você na cidade.

— Então soube que eu tinha viajado. — Ele assentiu com a cabeça, e eu completei: — Foi uma longa viagem, mas serviu para algumas coisas...

— Me esquecer? — brincou.

— Infelizmente, isso não.

Nós rimos, e gostei mais desse lado de rir da nossa desgraça do que chorar, como estávamos fazendo nos últimos meses.

— E como foi?

— Precisava amadurecer e aprender a ser sozinha. A África do Sul me ajudou muito nisso. Foi lá que consegui colocar muitas coisas na balança e observar melhor o que era e o que não era bom para mim.

— Sua vida comigo — adivinhou, com a voz baixa.

— O que você faz é errado e isso não é nenhuma novidade.

Ele concordou, alisando minhas costas.

— O que mais aconteceu? Conheceu... alguém?

Não achei necessário mencionar que o meu supervisor havia dado em cima de mim muitas vezes, já que não foi recíproco, então apenas respondi:

— Isso foi o que mais conheci. Fiz bastantes amizades por lá. — A palavra *amizades* pareceu deixá-lo aliviado. — Cuidei de muitos animais, inclusive a minha favorita. A Princesa.

— O que era? Uma ave? Imagino você dando esse nome para uma.

Neguei, levantando o meu rosto para observar sua expressão quando revelasse sobre ela.

— Princesa era uma gorila.

— Gorila?! — Ele estava bem surpreso. — Você deu um nome fofo para uma gorila?

— Ela é uma fofa! — defendi. — É uma pena que não estou com o meu celular aqui, tenho várias fotos nossas armazenadas no *Icloud*.

— Eu nem deveria estar surpreso. — Sorriu. — Você parece ter um carinho especial por ela.

— Princesa me aceitou mais rápido do que os outros médicos — revelei, lembrando-me daquela grande gorila.

Como será que estava agora? Já estaria vivendo na reserva livremente?

Sentia falta dela.

— Sempre falei que você era perfeita para a profissão.

Assenti.

Era verdade mesmo. Ryder sempre foi a pessoa que mais confiou em mim e o único a saber sobre minhas inseguranças quanto ao curso. Por ter escolhido muito rápido devido à bolsa de estudos limitada, logo na metade do curso, estava com medo de não estar no lugar certo e, mesmo com a pouca experiência que ele tinha sobre vida profissional, me encorajou a continuar e confiar em mim mesma.

Lembrava de ter me apaixonado mais por quem Ryder era naquele dia.

— Ficou com alguém esse tempo que estivemos separados? — quis saber.

Sabia que aquela pergunta poderia vir a qualquer hora, só estava esperando o momento para me preparar para mentir. Nãoalaria que havia ficado com alguém que, até então, era meu amigo. Se estávamos usando aquele tempo para ficarmos juntos e nos despedirmos, não daria assunto para uma discussão sem fundamento nenhum. Ryder sabia ser ciumento quando queria e, acredite, ele sempre queria.

— Não. E você?

Torci para não enxergar a mentira na minha cara. Por mais que tivesse ficado com Sebastian, não foi nada especial, foi apenas sexo e depois uma amizade que se construiu após eu chorar nos seus braços por causa do ruivo ao meu lado.

— Não. — Surpreendi-me ao ver a verdade nos seus olhos. — Não vou mentir, eu tentei, mas nunca consegui ir até o fim.

— Ryder Fraser ficou dezoito meses sem transar?!

Não poderia nem fingir que aquilo não me divertia. Ele merecia por ter me magoado.

— Pode começar com as piadinhas. — Deu-me permissão. — Mas isso é para você ver que estava falando sério quando confessei que havia me marcado.

*Fofo.*

— Não vou mentir dizendo que estou triste por isso.

Ele riu, me pegando de surpresa ao me colocar em cima do seu colo.

— Ryder Fraser! — Equilibrei-me o máximo que consegui para não tocar na região das suas costelas.

— Você fica linda me tratando como um bebê.

— Só estou preocupada com a sua recuperação...

— Você só precisa lembrar que o bebê aqui te fodeu duas vezes naquela piscina.

Uma onda de calor subiu por todo o meu corpo e, além de se concentrar na minha boceta, também chegou ao meu rosto. Eu podia senti-lo ficar quente, e nem era pelo sol acima das nossas cabeças.

— E você ainda fica tímida.

— Idiota! — Como não podia bater no seu peito, bati no seu braço.

— Vem aqui, Bae.

Colocou a mão na minha nuca e me puxou para mais perto, selando meus lábios com os seus logo em seguida. Iniciamos um beijo lento ao mesmo tempo em que eu ignorava a sensação ruim de ter sido a única que havia se envolvido com alguém naqueles dezoito meses separada dele.

Ryder havia me magoado, eu estava carente e confusa, e Sebastian foi o único que me atraiu naquela época. Agora, via que foi algo mais emocional do que sexual, mas, até percebermos isso, já havíamos transado.

Sabia o que tinha feito e, mesmo com a confissão de Ryder, não me arrependia porque a amizade de Sebs, mesmo que virtual, acabou se tornando importante para mim.

Então não havia problemas ali.

Meu coração ainda permanecia ao Ryder e ele sabia disso.



Depois de um dia incrível ao lado de Ryder, voltamos para a casa quase ao anoitecer. Aproveitamos cada segundo daquele dia na presença um do outro, ora jogando conversa fora, ora ficando em silêncio e, em vários momentos, dando alguns amassos.

Foi importante para nós aquele dia e, de longe, foi o melhor que tivemos desde que chegamos naquela ilha.

— Foi divertido, não acha? — perguntou, já na entrada da casa.

Assenti, olhando para nossas mãos unidas.

— Obrigada... — agradei, voltando-me para ele. — Por ter nos dado essa chance.

Era importante, para mim, ter aquele tempo antes do fim.

Ryder levou a mão livre ao meu rosto e acariciou a minha bochecha, sorrindo de lado.

— Eu que tenho que agradecer, Bae — disse. — Foi você quem deu a permissão para que isso acontecesse e conheço pessoas que julgariam muito isso.

*Alex.*

*Angel.*

Os nomes vieram à minha mente, um por um. Elas provavelmente me dariam uma lição de moral por estar com Ryder só para nos separarmos novamente, dificilmente entenderiam o que se passava no meu coração.

Provavelmente, o único que faria um esforço para me entender seria Nathan. Sabia que ele nunca havia deixado de amar Clarke Hale e achava que se, há alguns anos, soubesse que teriam um prazo de validade, teria usado o tempo que tinha para se despedir.

É... Ele me entenderia.

Céus... Sentia falta dos irmãos Blossom. Será que estavam muito preocupados comigo?

Claro que estavam. Podia imaginar minha melhor amiga andando de um lado para o outro todos os dias, não satisfeita com a única informação que tinha sobre mim. Se eu, ao menos, pudesse falar com ela...

— Ei, pombinhos! É melhor vocês entrarem. — Era Rael.

Olhei sem entender para Ryder, que deu de ombros e me puxou para dentro de casa.

— Algum problema? — Ryder perguntou, assim que entramos.

Winter estava no sofá e Rael se sentou ao lado dela.

— Poison ligou. — A médica disse.

Aquilo me trouxe um pressentimento muito ruim.

— Ligou? — Ryder parecia tão surpreso quanto eu. — Pensei que ela não ligaria até pegarem o Carl.

A não ser que...

Entreolhamo-nos, e vi ali o quanto queria que nossos pensamentos estivessem errados. Sem Carl, significava voltar para casa e voltar significava nos separar.

Definitivamente.

— Ela conseguiu criptografar a ligação, então ninguém vai conseguir rastrear. — Winter explicou. — Poison ligou apenas para nos deixar informados de que vai ser mais difícil do que pensavam pegar Carl Jackson.

— Como assim? — perguntei.

— Ele simplesmente sumiu. — Rael respondeu pela médica. — A última notícia que tiveram dele era que estava em Los Angeles. O presidente mandou alguns membros para averiguar e, assim, conseguir bolar um plano, mas não havia mais ninguém lá.

— Está tudo abandonado. — Winter completou.

— O desgraçado está se escondendo! — Ryder disse, parecendo furioso ao largar a minha mão e esfregar seu rosto. — Ele faz isso quando não tem plano nenhum.

— Então, até conseguirmos achá-lo, ficaremos aqui.

Por um lado, aquilo era bom, mas por outro... Meu peito ainda estava apertado, como se aquela notícia tivesse um fundo muito grande de maldade.

— Não acredito que ele esteja se escondendo. — Rael deu sua opinião, muito parecida com a minha. — Ele deve estar tramando alguma e não quer ser interrompido por nós.

— O que o Carl está fazendo não é problema nosso, amor. — Winter falou para o marido.

— Você sabe que temo pelos meus irmãos, Win.

— Eu também, mas estamos falando dos Shadows of Night, hum? Nós somos fodas.

— Espero que essa briga não traga complicações para o nosso clube. — Rael continuou a expor sua preocupação. — Não precisamos de mais uma dor de cabeça, quando ainda nem nos livramos dos Sons of Devil.

— Nunca vamos nos livrar dos nossos principais inimigos. — Winter disse, como se fosse óbvio.

— Quando não deixarmos nenhum vivo, teremos uma chance de livramento.

A forma fria que disse sobre matar todo mundo me causou certo estremecimento. Rael parecia ser um homem frio que não se importava com qualquer vida, fora as dos seus irmãos e a da sua esposa. Notei isso com as aulas que estávamos tendo. Ele sempre falava em matar o inimigo, bater para machucar e nunca se deixar perder em uma briga.

— Acho que vou para o banho — falei, sentindo-me nervosa de uma hora para a outra.

Onde Carl estava? Por que aquele silêncio? Ele machucaria mais alguém? Estava nos procurando? Só de pensar no que vivi naqueles dias presa com aqueles homens, ficava com vontade de chorar.

Foi um pesadelo.

Os socos, os tapas, os xingamentos e toda a humilhação...

Aquilo foi uma tortura.

— Ei... — Senti duas mãos segurarem o meu rosto. — Vamos ficar bem, ok? Estamos seguros.

Ryder me olhava com compreensão, provavelmente sabendo o que se passava na minha mente naquele momento.

— Não tenho tanta certeza... — admiti baixinho. — Estou sentindo um pressentimento ruim.

— É porque você está com medo, Bae. Está tudo bem, é só um atraso. — Tentou me tranquilizar, acariciando as minhas bochechas com os polegares. — Vamos aproveitar isso aqui juntos, ok?

Assenti.

— Vem, vamos para o quarto.



— Daqui a pouco, vou fazer o jantar. — Winter informou, a fim de deixar o clima mais leve. — Querem alguma coisa especial?

Neguei.

— Estamos cheios do piquenique, mas valeu, Win. — Ryder agradeceu.

A médica sorriu e piscou para mim, antes de entrarmos no nosso quarto.

Suspirei, largando a toalha que enrolava o meu corpo e entrando no abraço que Ryder oferecia com os seus braços naquele instante.

*Por favor, que seja apenas o meu medo falando mais alto.*

# 24

| TRÊS AMORES |

*Talvez eu esteja muito ocupado sendo seu para me apaixonar por outra pessoa*

*Agora pensei bem sobre isso*

*Me arrastando de volta para você*

**DO I WANNA KNOW? — ARCTIC MONKEYS**

## **RYDER FRASER**

Peguei uma xícara de café e caminhei até a varanda. Estava uma manhã agradável naquele dia, sem muito vento e com um sol não muito forte. Sentei-me em uma das espreguiçadeiras e tentei relaxar, mesmo que a visão à minha frente incomodasse bastante.

Odiava sentir ciúmes, principalmente quando não havia motivo para tal sentimento.

Rebeca estava rindo de algo que provavelmente Rael contou ou fez para ela, enquanto o idiota se aproximava por trás e agarrava seu pescoço.

Apertei mais a xícara entre minhas mãos.

Talvez, houvesse motivo.

Por que estavam tão próximos? Por que ela sorria daquele jeito para ele? E por que diabos ele não afastava mais aquele quadril da sua bunda?

Eu não merecia ficar assistindo aquela porra.

Levantei-me para acabar com aquela palhaçada quando senti uma mão me puxar de volta para a espreguiçadeira.

— Ai! — A região das costelas incomodou um pouco por conta do baque.

Olhei para trás e Winter me encarava com um sorrisinho irônico nos lábios, também segurando uma xícara de café.

— O que pensa que está fazendo, Fraser? — Ela indagou.

— Você não está vendo o mesmo que eu?! — Apontei para os dois.

Ela olhou para o seu namorado, avaliando a cena e não demonstrando nada além do mesmo sorriso irritante nos lábios.

— Estou vendo meu marido lindo e gostoso treinando sua namorada.

— Ele está praticamente colado nela! — insisti, ainda apontando para os dois, que agora davam risada outra vez.

*Argh!*

Sabia que estava sendo um escroto por pensar assim, mas aquela risada e aquele sorriso deveriam ser apenas meus.

— Ele não está fazendo nada de mais, Fraser. Você que está todo inseguro quando o Rael é casado e a Rebeca ama você.

Certo, ela falando assim parecia mesmo bem infantil, beirando ao ridículo. Suspirei, bebendo um grande gole do meu café, o que me fez queimar a ponta da língua.

— Porra!

Winter riu, sentando-se ao meu lado.

— Acordou com muito azar hoje.

Voltei a olhar para frente, decidido a ignorá-la porque Winter sabia ser irritante quando queria. Virei-me a tempo de ver Rebeca conseguindo sair com facilidade do encaixe de Rael e derrubá-lo no chão com certo esforço, mas com perfeição. O idiota riu, parecendo bem orgulhoso dela enquanto eu... Bem, eu estava orgulhoso também, mas com ciúmes. Eu poderia estar ensinando tudo isso a ela.

E iria. Só precisava de mais alguns dias.

— Não é possível que você não sinta nem um pouquinho de ciúmes — comentei.

— Da Rebeca? Não. — Pareceu sincera na sua resposta. — E nem é porque ela não é bonita, porque sabemos que a bicha é uma gostosa. — Sorri com sua afirmação. — Só... confio no meu marido e sei o que ele está fazendo.

— O que ele... — Olhei para ela, desconfiado. — Rael está me provocando?

— Ele só está se divertindo.

Bufei.

— Um jeito bem ridículo de se divertir, sabia?

— Não pode nos culpar. Estamos nesta ilha há semanas e já está ficando entediante.

Revirei meus olhos, ainda sentindo minha língua ardida por conta do café quente.

— Transem que passa.

— Fizemos isso enquanto vocês estavam no piquenique — contou, pouco se importando com o excesso de informação. — O dia todo.

— Winter!

Ela riu, finalmente se levantando.

— Vou começar a fazer o almoço — disse, indo para dentro de casa.

Larguei a xícara na mesinha que tinha ao meu lado e voltei a olhar para frente, dessa vez ignorando a interação dos dois e pensando mais em Poison e na sua ligação. Ela não havia ligado mais desde a última ligação há dois dias, mas não era preocupante porque esse era o jeito dela. Nunca ligaria para saber como a gente estava, mas sim para dar uma má notícia.

Minha única preocupação era Carl. Seu silêncio era covarde, mas seu sumiço era estranho.

*O que ele pretendia?*

Se estava com tanta sede de vingança por mim, por que não fazia de tudo para me encontrar? A não ser que fosse exatamente isso...

Esperava mesmo que a ligação que Poison fez tivesse sido com o maior cuidado do mundo porque, por mais que estivéssemos com um homem treinado do moto clube ali e eu, que estava quase 100% recuperado, ainda era pouco, dependendo da quantidade de homens que Jackson arrumasse.

Estava tentando evitar pensar nisso, mas minha mente ansiosa nunca parava de procurar formas de imaginar como Carl, só para ter uma pista do que ele poderia estar tramando naquele instante.

Fiz de tudo para que Rebeca se mantivesse calma e achava que havia funcionado, visto que ela parecia mais tranquila e à vontade do que quando soube da ligação de Poison. Fazia o mesmo esforço para não deixar transparecer que sua preocupação era válida, principalmente o seu pressentimento ruim.

— Ei! — Rebeca surgiu na minha frente com um lindo sorriso e deixou um beijo rápido nos meus lábios. — Por que está nos olhando dessa forma? Não me diga que ainda está com ciúmes.

Ela parecia bem brava com isso.

— Ele é um idiota. — Não menti ao dizer.

Levei um soco no braço da garota diante de mim.

— Não fala mal do meu professor, ele é ótimo! — Antes que eu a pegasse no colo para fazer com que repetisse aquelas palavras, Rebeca já estava se afastando rapidamente. — Estou indo ajudar a Winter com o almoço.

— Quando eu puder correr atrás de você, vai se arrepender disso, Rebeca Wilson!

Ela riu, parecendo achar muito divertido me provocar.

Suspirei ao vê-la dar as costas. Eu até iria atrás, mas Rael se sentou ao meu lado, o que me fez ficar.

— Por que gosta de me provocar? — perguntei, sem rodeios.

Ele riu, pegando a minha xícara de café e tomando um gole da bebida. Abusado que nem a esposa.

— Não sei do que está falando, cara — rebateu, apreciando a vista do mar.  
— Isso aqui não é lindo? Se eu não gostasse tanto do moto clube, ficaria aqui para sempre com a Winter.

Tanto a fidelidade dele como a de Winter sempre seriam do moto clube. Sobre isso, não me restavam dúvidas. O que me surpreendeu foi ele ter outra perspectiva de vida, caso não estivesse junto com os Shadows.

— Acha que conseguiria? Se não gostasse tanto de fazer parte do MC?

Ele afirmou com a cabeça.

— Sim, conseguiria. Mas eu amo ser uma sombra — respondeu. — Isso é quem eu sou e, por isso, o pensamento de fazer qualquer outra coisa que não seja estar com eles me deixa tenso. Eu morreria por eles sem pensar duas vezes, entende? Isso é o que costumo chamar de amor.

Todos eles eram assim, o que era bem bonito para criminosos.

— E você, Ryder Fraser?

— Eu?

— Winter me contou sobre o que está acontecendo entre você e Rebeca — revelou, tomando mais do meu café. — Acha certo?

— Não é sobre ser certo.

— Você morre de ciúmes de nós, isso não é nenhuma novidade, mas já parou para pensar que, quando ela sair daqui, anos vão se passar e, talvez, um dia, você se esbarre com ela grávida de outro cara? — perguntou, e, antes que eu processasse, continuou: — Ela vai conhecer outro amor, sabia? Já ouviu falar na teoria dos três amores?

— Rael...

Realmente não queria ter aquele papo estranho agora, pois só de imaginar Rebeca com outro cara, sentia meu estômago revirar.

— Nem somos amigos, por que está me dando conselhos?

— Quem disse que estou dando conselhos? Só estou dividindo meu ótimo conhecimento com você.

— Não quero saber.

— A teoria dos três amores foi escrita por uma professora de antropologia. Não lembro o nome dela agora, mas isso nem é importante. — Começou a falar, pouco se importando com a minha recusa. — Ela diz que o ser humano só se apaixona por três pessoas ao longo de sua vida, cada uma diferente da outra com o objetivo de aprender a amar e ser amado da forma certa.

“O primeiro amor é chamado pela professora como fase da luxúria. Sabe aquele amor da adolescência que você acha que vai durar para sempre? Ele toma a gente de forma avassaladora, faz com que percamos noites de sonos,

estudos e parte da juventude porque acreditamos fielmente que será sempre ele no futuro.”

Claro que estava surpreso por ele saber sobre tudo aquilo.

— Já teve esse amor antes?

Neguei.

— Estava mais preocupado em não deixar a minha irmã morrer de fome na adolescência.

O semblante de Rael mudou.

— Isso foi pesado, cara.

— Só a verdade. — Peguei a minha xícara da sua mão e bebi o café. — Continua.

Queria ver até onde ele iria com o assunto.

— O segundo amor é mais complexo e se chama fase da paixão — revelou. — É o amor que nos faz questionar. Ele ensina o verdadeiro significado dessa palavrinha que muitos falam da boca para fora sem nem saber sobre o que é sentir isso, de fato. Existe muito aprendizado nessa fase e, por isso, pode causar feridas que demoram a cicatrizar. O segundo amor pode ter mentiras, traições e dores mais complexas que nos fazem ficar por um longo tempo por acreditar que podemos mudar o outro.

*Por que estava relacionando isso a mim e Rebeca?*

— Já o terceiro amor é a fase do compromisso. Ele acontece sem nem percebermos porque chega sem avisar. É estabelecido por uma conexão forte que, quando nos damos conta, já estamos fazendo planos para uma vida juntos e superando todo o passado doloroso porque aquela pessoa vale a pena — explicou, roubando toda a minha atenção. — A professora disse a seguinte afirmação, *a luxúria é necessária para a paixão, mas, mais tarde, a paixão pode sobreviver sem a luxúria. A paixão é necessária para o compromisso, mas, mais tarde, o compromisso pode sobreviver sem a paixão.*

Tentei entender o que ele queria me dizer com aquilo. Parecia coisa de livro de romance, totalmente diferente da nossa situação ali.

— Por que está me contando tudo isso?

— Rebeca vai conhecer o terceiro amor — afirmou, fazendo-me engolir em seco. — Está preparado para, no futuro, vê-la nos braços do seu verdadeiro amor?

— Não diga bobagens. — Ri, sem ânimo nenhum.

— Eu estou dizendo bobagens? Você acha que ela vai viver a vida toda presa ao que sentiu por você? Esteja preparado, porque o que eu quis dizer com tudo isso é que você é o segundo amor. Aquele que a faz cometer erros, mentir e

que a deixa completamente fora de si, mas que, mesmo com emoções tão intensas, ainda pode ser superado.

Recebi suas palavras duras como socos no meu rosto. Claro que estava consciente de toda a merda, mas era pior ter alguém me lembrando a cada instante disso.

*O que eles queriam, afinal?*

— Que você pense bem — respondeu, o que me fez perceber que havia questionado em voz alta. — Você seria capaz de mudar essa teoria e ser os três amores dela? Ou, pelo menos, os dois últimos?

— Ela não quer mais esse mundo, Rael.

— E você ainda vê sentido em ficar nesse mundo? — revidou. — Você conheceu a Rebeca e a ama. Consigo enxergar isso, mesmo não o conhecendo de verdade. Então por que se prender a uma vida fodida quando pode ter a liberdade nos braços dela?

Aquilo era hipócrita vindo justamente dele.

— Você deixaria o moto clube por Winter?

— Minha situação é bem diferente da sua e, por isso, não tivemos preocupações.

— Mas e se ela fosse apenas uma médica de um hospital qualquer, deixaria?

Ele suspirou, colocando as mãos nos joelhos antes de se levantar.

— Existe apenas uma coisa que eu amo antes do moto clube, Ryder. Essa coisa é uma pessoa e essa pessoa é *ela*.

Deu sua resposta e saiu, antes que eu pensasse em qualquer outro questionamento ou fala.

Não era sobre o deserto mais. Disso, eu sabia, pois experimentei os piores meses naquele lugar sem Rebeca. O que me fez entender, então, que aquela mulher havia ocupado um lugar acima dele rapidamente.

Era sobre mim mesmo.

Se eu desistisse de tudo por ela e por Angel, ainda seria uma pessoa ruim nas suas vidas. Ainda seria um fracassado que não tinha nada de bom, sem nenhuma perspectiva de vida, além da que tinha até então, se era que eu poderia afirmar que estar no deserto era estar vivendo uma vida.

Claro que doeria ver Rebeca com o seu terceiro amor. Muito pior do que a dor que sentia só de imaginar, era sacrificar o nosso sentimento. Mas era o melhor para ela.

Porque, acima de mim mesmo, eu queria o melhor para ela e para a minha irmã. E eu não era o melhor.

Para ninguém.





# 25

| CONFISSÃO |

*Em uma noite interminável  
Foi você quem me deu a manhã  
Posso segurar sua mão agora?  
Oh, eu posso consertar as coisas  
MAKE IT RIGHT — BTS*

## REBECA WILSON

Ryder estava estranho.

Almoçamos em um silêncio muito questionador e tive que passar a tarde com Winter, porque ele parecia não querer papo, já que se levantou depois de comer e foi para o quarto com uma desculpa esfarrapada de que estava com dor de cabeça.

Sabia perfeitamente quando ele mentia.

— Rael jogou umas verdades na cara dele. — Winter contou, ao aparecer na sala com uma mochila. — Bom, eu e Rael vamos passear pela ilha.

— Agora? — Olhei para a janela só para confirmar que era mesmo noite e eu não estava doida. — E o que quer dizer com *verdades*?

— O cenário desta ilha à noite é ainda mais bonito. — Rael explicou, ao se juntar com a esposa.

— Entendi... E posso saber o que você falou para o Ryder?

Ele negou.

— Conversa de amigos — disse, deixando-me mais confusa. — Ele vai melhorar, só coloquei aquela cabecinha para pensar mais. Talvez, realmente esteja com dor.

Winter riu.

— Vamos, ou ficará muito tarde — apressou, entregando a mochila para ele.

— Como quiser, amor.

Eles se despediram e saíram logo em seguida. Até pensei em me sentar no sofá e esperar a madame ruiva sair de lá de dentro e dar o ar da graça, mas

preferi interferir. Não foi esse o combinado entre a gente e estava começando a me preocupar com o que Rael disse a ponto de deixá-lo daquela maneira.

Bati na porta e não ouvi nada do outro lado. Mesmo assim, entrei no quarto.

Fiquei um pouco surpresa por encontrá-lo dormindo. Será que pensou tanto a ponto de isso acontecer? Aproximei-me da cama e o observei melhor. Não consegui evitar um sorriso ao vê-lo descansando tão confortavelmente. Olhando-o dessa forma, nem parecia que era um traficante, e sim um bebê. Com barba, mas ainda um bebê.

Sentei-me ao seu lado e levei minha mão ao seu cabelo, começando um cafuné devagar, tentando não interromper seu sono. Ryder não pareceu sentir e permaneceu dormindo tranquilamente.

Enquanto fazia aquele carinho e o observava, foi impossível não pensar no meu azar para o amor. Mal havia conhecido esse sentimento e já estava destinado ao fracasso simplesmente por ele ser um traficante. Estava tentando obedecer ao Ryder e evitar pensar que nos separaríamos quando saíssemos daquele lugar, mas surgia automaticamente na minha cabeça.

Será que eu conseguiria superá-lo?

Será que seria mais fácil?

O que seria de nós no futuro?

Eu encontraria alguém melhor para mim?

Queria tanto poder saber as respostas de todas essas perguntas e das que ainda surgiriam até sairmos de lá...

— Consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro fazendo barulho daqui, Bae.

Olhei para baixo e encontrei seus olhos abertos em minha direção.

— Agiu estranho hoje... Não pode me culpar — murmurei.

— Não para — pediu, referindo-se ao cafuné. — Me desculpa.

Continuei a mexer no seu cabelo.

— Vai me dizer o que o fez ficar assim?

— Eu falei.

— Não acredito na sua dor de cabeça.

Ryder suspirou.

— É só que... Rael me fez pensar em algumas coisas, mas isso não importa agora — respondeu, passando um braço ao redor da minha cintura. — Como foi a sua tarde?

Sabia que não adiantava insistir. Ryder era muito teimoso e, provavelmente, não me falaria tão cedo.

— Fiz sessão de filmes com a Winter. Sabia que ela ama comédia romântica?

— Não estou nem um pouco surpreso, Win é muito romântica — respondeu. — O que assistiram?

— *A Proposta* e *Esposa de Mentirinha* — respondi, lembrando-me da tarde divertida com muito filme e pipoca com a médica. — Tem algo especial em ver protagonistas fingindo um relacionamento.

— Ainda prefiro assistir a um bom filme de ação. — Deu sua opinião.

— Homens... Nunca vão entender de verdade a sensação de ver um filme bom de romance. É uma pena...

Ele sorriu, virando-se para mim e abraçando-me ao deitar a cabeça no meu colo. Sorri por ver como ele ficava ainda mais fofo daquela forma.

— Por que está sorrindo assim?

— Você parece um gatinho indefeso — comentei, retirando os fios do cabelo que haviam caído em sua testa. — É lindo.

— Você que é linda, Bae. — Pegou minha mão e a beijou. — Por que essa casa está tão silenciosa?

— Winter e Rael foram passear pela ilha — expliquei. — Inclusive, precisamos fazer o nosso jantar. O que quer comer?

Ele sorriu bem malicioso e, antes que falasse a bobeira que já imaginava, eu o interrompi:

— Comida de verdade, Fraser.

— Estraga prazeres — resmungou. — Vamos cozinhar, então.

Com uma disposição surpreendente, Ryder se levantou da cama e me puxou para fora do quarto.



— Isso parece mais difícil do que eu imaginava. — Ryder comentou, enquanto tentava achatar a carne moída para transformá-la em hambúrguer. — E se isso aqui se desmanchar na frigideira?

Prendi a risada ao notar sua falta de experiência.

— Não se preocupa, não vai — falei, separando os dois pães na bancada e me aproximando dele. — Deixa isso comigo, acho melhor você separar as coisas para montar o hambúrguer.

Ryder pareceu decepcionado consigo mesmo, mas assentiu, largando a carne moída para mim. Ergui o meu rosto e deixei um beijo na sua boca antes de me concentrar na tarefa.

— Você foi bem! Misturou os ingredientes muito bem.

— Se eu não soubesse, ao menos, fazer isso, poderia me considerar uma merda.

Eu ri, pegando um monte de carne e a achatando no formato certo.

— Sua autoestima está maravilhosa hoje, sabia?

Ele foi até a geladeira e a abriu, procurando por alguma coisa.

— Tenho algo a perguntar para você — disse do nada, com a cabeça enfiada no refrigerador.

— Tem tudo aí para comermos um bom hambúrguer.

— Não é sobre comida — respondeu. — É sobre amor.

Franzi a testa, parando de mexer com a carne na mão abruptamente, bem confusa sobre aonde ele gostaria de chegar com o assunto.

— O que tem o amor?

— Já se apaixonou antes de ter se apaixonado por mim?

Que tipo de pergunta era aquela? Realmente havia surgido do nada, e ele estava bem curioso, esperando a minha resposta com os olhos em cima de mim.

— Não sei se posso considerar paixão — falei, lembrando-me daquele passado que parecia cada vez mais distante.

— Mas você se lembra, então significa que foi... marcante.

*Ah... Com certeza havia sido.*

Ainda me lembrava da força do tapa que levei do meu pai quando ele descobriu o que estava acontecendo entre mim e Leonard.

— Não vai me contar? — perguntou, aproximando-se com a maionese, o ketchup e a mostarda.

— Por que quer saber sobre isso agora? Papo estranho para falar com o cara que ama.

Ryder sorriu, deitando a cabeça no meu ombro.

— Não se preocupa, não vou sentir ciúmes de um pivete.

— Como sabe que ele era um pivete?

— Tenho minhas suspeitas.

— Eu tinha catorze anos — contei, deixando os hambúrgueres no prato prontinhos para fritar. — Estava quase entrando no ensino médio e havia um garoto muito bonitinho na minha sala que parecia ignorar todas as garotas que estavam a fim dele e dava atenção só para mim. Nos tornamos bons amigos, mas sempre sentia borboletas no estômago quando ele me olhava com admiração e... Ei! Você disse que não ia sentir ciúmes!

Ryder estava quase revirando os olhos com a minha declaração.

Ele riu e segurou a minha mão.

— Continua, Bae.

— O nome dele era Leonard e, como eu disse... Comecei a gostar dele, mas ele não era da igreja como eu, sem falar que eu era proibida de namorar, então nem sonhava que poderíamos ficar juntos, mesmo que não conseguisse evitar o que estava sentindo. — Continuei a contar. — Foi com ele que tive o meu primeiro beijo e o que era para ser marcado como o melhor dia da minha vida, foi o pior.

— Por quê?

— Uma mulher da igreja viu e contou para o meu pai.

— Merda...

— Pois é... Você deve imaginar como apanhei naquele dia. — Ri fraco, mesmo não achando engraçado. — Não foi de cinta, mas a mão dele pesou bastante.

— Sinto muito, Bae... Você só estava se divertindo.

— Fiquei tão mal porque não pude me despedir de Leonard, já que me mudaram de escola rapidamente... — murmurei, suspirando em seguida. — Achei que era uma pecadora e me odiei até me tornar uma adolescente mais madura.

— Só de pensar que esses malditos quase a fizeram perder a cabeça... — grunhiu, irritado com meus pais. Ryder me puxou para o seu peito e me abraçou apertado. — Queria ter estado por perto para te proteger nessa época — disse baixinho.

Sorri fraco.

— Acho que facilmente teria me apaixonado por você na escola — confessei.

— É mesmo? Por quê?

— Porque você é o amor da minha vida. Não é óbvio?

— O segundo... — frisou tão baixinho, que quase nem escutei.

— Leonard não foi um amor.

— Mas foi alguém marcante para você — completou, não parecendo tão incomodado com isso como imaginei que poderia ficar. — Ele a fez sentir algo pela primeira vez e, se vocês tivessem liberdade, teriam se apaixonado loucamente um pelo outro.

Ponderei sobre aquilo. Talvez, Ryder tivesse razão.

— Não sei..., mas por que essa pergunta?

— Não posso querer saber mais sobre o seu passado?

— Pode, é só que...

Ele me interrompeu, beijando a minha boca.

— Vamos fritar essa carne, estou com fome.

Acreditava piamente que Ryder ainda me deixaria louca com suas mudanças repentinas de assunto e de comportamento.

— Ok... — respondi, levando a carne para o fogão.

O óleo já estava bem quente na frigideira acima do fogo. Coloquei a primeira carne, cuidando para que não passasse do ponto, enquanto Ryder arrumava os acompanhamentos na bancada atrás de mim.

Estava fazendo o segundo hambúrguer quando senti braços ao redor de mim e um beijo no meu pescoço, que, mesmo já conhecendo o dono daqueles lábios, se arrepiou com o contato.

Sorri, gostando de como parecíamos um casal normal cozinhando o nosso jantar naquela noite.

— E se... — Ele começou, mas parou, parecendo ponderar as suas palavras.

— O quê?

— Ainda ficaria comigo, se eu largasse tudo?

O susto com a sua pergunta foi tão grande que fez com que eu calculasse mal ao virar o hambúrguer e um pouco de óleo quente saltasse no meu dedo.

— Merda!

— Rebeca!

Falamos ao mesmo tempo, mas eu já estava saltando para trás e balançando minha mão no ar, a fim de aliviar o ardor. Droga! Aquilo doía.

— Você está bem?! Me deixa ver isso.

— Estou bem, foi só um pouquinho no dedo — falei, colocando o dedinho na boca. — O susto foi maior.

Ryder se aproximou e tirou o meu dedo da boca, avaliando a vermelhidão ele mesmo. Levantei o meu rosto e o encontrei concentrado na minha recente queimadura, parecendo bem alheio ao que a havia provocado.

*Por que ele veio com essa pergunta do nada?!*

Eu não imaginei aquilo, né? Ryder realmente perguntou se eu ficaria com ele, caso largasse tudo? Não podia ser parte da minha imaginação surtada e iludida.

— Por que me perguntou aquilo?

Ele levantou o olhar, encontrando os meus olhos fixos nele. Quando negou com sua cabeça, quis bater nele.

— Não foi nada...

Retirei minha mão da sua rapidamente e me virei para a carne ainda no fogo. Por sorte, não estava queimando, ou seria capaz de dá-la queimada para o idiota atrás de mim.

Parecia ter sido alguma coisa, ele só tinha perdido a coragem de continuar e, como eu estava devendo uma resposta, respondi:

— Você sabe a resposta, mas acho que preciso relembrá-lo dela. — Desliguei o fogo à minha frente. — Uma vida sem perigo ao seu lado era tudo o que queria, mas nós sabemos que o deserto vem na frente de qualquer coisa para você.

Tirei o hambúrguer da frigideira e o coloquei no prato.

— Estão prontos — avisei, virando-me e o vendo de costas, parecendo pensar no que fazer quanto à minha resposta. — Vou tomar um banho e depois volto para jantarmos juntos.

Larguei o prato ao lado dos queijos e afastei-me. Achei que iria para o quarto sem sua resposta, mas ele me chamou, fazendo com que parasse no meio do caminho.

Não virei para olhá-lo.

— Você e Angel vêm na frente de qualquer coisa. Desde sempre.

Na minha cabeça, veio a seguinte lembrança de suas palavras sobre o nosso primeiro término: *“fiz isso para protegê-la”*. Talvez, não fosse mesmo porque amava o deserto e o colocava acima das únicas pessoas que se importavam com ele, mas, ainda assim, ele o preferia no final do dia.

Apenas assenti, voltando a caminhar em direção ao quarto.

# 26

| DESCOBERTA |

*Você não sabe o que você fez, fez comigo  
O seu corpo leve fala comigo  
Eu não sei o que você fez, fez comigo  
O seu corpo leve fala comigo*  
**UNDER THE INFLUENCE — CHRIS BROWN**

## **RYDER FRASER**

Achava mesmo que tinha ferrado com tudo.

Não devia ter feito aquela pergunta, mas realmente estava com a cabeça muito cheia depois de toda a verdade que já sabia ser descarregada de uma vez por todas na minha cara por Rael. Agora, Rebeca parecia estar estranha, muito pensativa por ter recebido tal pergunta do nada e um pouco distante por eu ter me acovardado rapidamente.

Nós dormimos juntos e abraçados, mas ainda a senti diferente. Tive certeza disso ao não ser acordado pela manhã por ela, e sim acordar com a cama vazia. Nos últimos dias, Rebeca fazia questão de me acordar como éramos antigamente: com beijos e carinhos.

Pensei um pouco para onde ir, sentindo minha cabeça uma bagunça naquele dia. Consequia ouvir as vozes e as risadas de Winter e Rebeca na cozinha, e eu deveria me levantar e ver o que estavam fazendo, mas, talvez, precisasse pensar melhor para onde seguir.

Não podia bagunçar a cabeça de Rebeca daquela forma; havia feito uma promessa e dificilmente não cumpria uma. O problema era justamente a minha mente estar uma bagunça.

Parecia ser simples.

*Saia do deserto e vá viver com a mulher que você ama.*

Droga, era realmente simples! Então por que eu simplesmente não conseguia ir? O que me prendia àquela vida agora? Eu seguiria magoando as pessoas que me amavam por ser covarde demais?

*Você é um covarde, Ryder Fraser.*



O que Rebeca me disse uma vez voltou à minha cabeça. Ela estava certa. Nunca pensei que não estivesse, mas, naquele momento, sentia-me ainda mais covarde por estar vivendo a situação em que estávamos, quando tudo o que queríamos no fundo de nossos corações era acabarmos juntos.

Carl teria um fim.

E o meu eu criminoso também poderia ter um fim.

Mas qual seria o preço disso?

Largar tudo o que eu tinha parecia ser a única redenção que não era capaz de ter. O medo praticamente me paralisava e as perguntas o acompanhavam: e se eu fizesse isso e vivesse uma vida normal, por quanto tempo ela duraria até ter que voltar para o submundo novamente? Quem poderia me garantir que seria uma porta trancada para sempre?

*Ninguém.*

E quanto a todos os concorrentes que fiz durante esses anos? Ainda assim era um risco, mesmo que eles fossem um nada comparado a Carl Jackson.

Mas viver sozinho também me apavorava. Era vazio e triste.

*“Você não nasceu para esse mundo, Ryder, mas ainda não descobriu isso.”*

Lembrava perfeitamente do que Poison havia me dito antes de irmos para aquela ilha e achava que, agora, estava começando a entender melhor o que ela quis dizer com essa frase.

A verdade era que não achava que alguém que havia nascido para o crime teria dúvidas como eu estava tendo no momento, nem que teria se envolvido com alguém como Rebeca, exatamente como fiz.

Suspirei. Ficar deitado pensando estava piorando toda a minha situação. Precisava pensar mais sobre o meu plano e, enfim, tomar uma decisão.

Deixá-la ir ou ficar.

Dessa vez, de uma vez por todas.

Levantei-me e segui para o banheiro, fiz toda a minha higiene e, quando saí do quarto, parei antes de entrar na cozinha, pois a conversa entre as mulheres me chamou atenção.

— É impossível que você não tenha ficado com ninguém nesse tempo em que estiveram separados. — Winter comentou baixinho, mas como eu estava próximo, ainda que fora da vista delas, escutei. — Sou mulher que nem você e sei que, quando estamos com raiva e tristes, agimos sem pensar.

Sorri. Ela não conhecia Rebeca...

— Por que está perguntando isso?

— Vamos, me diga.

Estava pronto para interrompê-las porque já sabia da resposta para a pergunta impertinente de Winter, quando fui parado pela resposta de Rebeca.

— Bom... teve um... — *O quê?!* — E só estou falando isso para você porque me sinto muito mal agora. Menti para o Ryder sobre isso.

Talvez, eu estivesse prestes a ter um ataque cardíaco.

Só isso explicava o fato do meu coração estar doendo como se tivesse descoberto que fui traído. *Por que ela mentiu para mim?*

— Não queria que ele descobrisse. Sebastian é alguém especial para mim e...

Parei de escutar a partir dali. *Sebastian?* O nome não me era estranho, mas a fúria que estava sentindo era bem peculiar. *Como assim, especial?* O que ela queria dizer com essa merda? Voltei para o quarto e, por um milagre, me controlei para não bater a porta com força.

Precisava respirar, mesmo que sentisse como se meu ar estivesse sendo roubado daquele quarto.

Ela ficou com outro homem.

Ela mentiu para mim.

Ele era especial para ela.

*Na vida, temos três amores.*

Será que ela já havia conhecido o seu terceiro e, teoricamente, último amor? Sentei-me na cama novamente, colocando uma das mãos no meu coração, pois realmente o sentia latejar com uma dor pior do que senti nas costelas nos últimos dias.

Eu pedi por aquilo. Não poderia ser hipócrita, já que estávamos separados por minha culpa.

*Merda! Porra!* Isso não diminuía a minha raiva. E nem era por Rebeca, em específico. Sentia de mim mesmo e daquele tal de *Sebastian*.

Eu sabia o quanto ela me amava, nunca tive dúvidas em relação aos nossos sentimentos porque foi justamente o que me fez afundar nessa aventura ao lado dela, mas saber que Rebeca havia ficado com outro naquele meio tempo me fazia arder de ciúmes e muito medo.

Eu era esquecível.

Ele havia chamado a sua atenção.

Sebastian era *especial*.

Levantei-me de supetão. Não resisti e soquei a porra do abajur ao lado da cama, sentindo minha mão doer com o impacto, mas não me importei. Estava com muita raiva para focar na dor.

Alguém abriu a porta do quarto rapidamente e, quando me virei, meus olhos pousaram em Rebeca olhando para o abajur estilhaçado no chão. Ela

levantou o rosto, sem entender, e fechou a porta assim que percebeu que algo estava errado comigo.

— É melhor sair — murmurei, virando-me para o outro lado.

Vê-la naquele momento não ajudaria em nada na minha raiva.

*Por que mentiu para mim? Por que ele era especial? Estava brincando comigo?*

Afinal, nos despediríamos e ela teria os braços dele a esperando no seu apartamento? *Porra!* Eu estava sufocando.

— O que aconteceu? — Rebeca se aproximou. — Por que está irritado? São apenas onze horas da manhã. O dia está lindo lá fora, Winter e Rael acabaram de sair para aproveitar a ilha, e poderíamos...

— Por que mentiu para mim? — Minha voz saindo mais alterada do que pretendia.

Virei-me de uma vez, quase fazendo com que ela batesse o seu rosto no meu peito devido sua proximidade. Rebeca até tentou dar um passo para trás, mas a segurei pela nuca.

— Do que você está falando? — Sua voz saiu meio insegura.

Ela sabia. Só de olhar para os seus olhos, sabia que ela tinha plena consciência do que eu estava falando.

— Ele é especial para você?

— Ryder...

— Responda, Rebeca!

Ela respirou fundo e pareceu irritada com a minha fúria.

— Não seja hipócrita... Você me largou e, se não fosse a porra do meu sequestro, eu ainda estaria naquele apartamento frio sofrendo por você.

*Bom ponto.*

— Você ainda conversa com ele?

— Sebastian é meu amigo!

Ri em escárnio. Tive que dar risada do quão ridículo tudo aquilo era.

— Um amigo que já comeu você? Sério, Rebeca? Acha que eu tenho quantos anos?

— Quer mesmo que eu responda?

Era “incrível” como havíamos brigado mais naqueles últimos meses do que no nosso primeiro ano juntos. Detalhe: o ano que nunca, sequer, discutimos.

— Ele é só meu amigo agora, até namora uma garota! — explicou, ainda parecendo irritada. — E você não tem que ficar puto por eu ter mentido para você. Fiz isso porque sabia que agiria exatamente assim e estou tentando não brigar com você por coisas inúteis que não têm mais conserto.

*Como nós.* Era isso o que aqueles olhos desesperados queriam dizer.

— Agora, me solta — pediu. — Vou deixar você esfriar sua cabeça.

Não a soltei. Se existia uma coisa que eu não faria naquele momento, seria soltá-la.

Abaixei o meu rosto e grudei minha boca na sua, transmitindo no meu beijo tudo o que eu realmente sentia. *Raiva, desejo e medo*. Três sentimentos que me consumiam e que se agarravam a cada ação minha a partir dali.

Rebeca apoiou as mãos no meu peito e, em um primeiro momento, notei que tentou me afastar porque, com certeza, ainda estava irritada comigo. Mas, no meio disso, ela desistiu, me puxando pelo tecido da camiseta e correspondendo ao meu beijo, parecendo estar com tanta raiva quanto eu.

Então, ela havia transado com outro?

Porra! Isso ainda me faria ter pesadelos! Mas eu faria questão de que não acontecesse de novo.

Foda-se como isso soasse ruim.

Rebeca era minha. Eu era dela.

E sempre seria assim.

Eu a joguei na cama comigo por cima, ainda a beijando, quando ela mesma me interrompeu.

— Ryder..., suas costelas.

— Foda-se! — murmurei, realmente não me importando com a dor que poderia ter, mesmo já tendo passado pouco mais de um mês. — Você é minha! Ou esqueceu disso com esse cara *especial*?

Ela suspirou e segurou o meu rosto entre suas mãos.

— Você é um cretino!

Aproveitei que ela estava de vestido e enfiei minha mão por dentro da saia, tocando sua coxa e subindo cada vez mais.

— Isso não é nenhuma novidade para você — rebati, acariciando sua pele e a sentindo abrir mais as pernas, dando liberdade para mim. — Isso é o quanto você ama que eu seja assim.

Toquei na sua boceta ainda tapada pela calcinha, fazendo movimentos com o meu dedo médio para cima e para baixo, a observando fechar os olhos e arquear a cabeça levemente para trás. Aproveitei para beijar seu pescoço, chupando fortemente aquela pele a ponto de deixá-la marcada.

Esse era o objetivo.

Subi até chegar ao seu ouvido e mordi o lóbulo da sua orelha.

— Farei você se lembrar do porquê eu sou inesquecível, Bae — sussurrei, a fazendo gemer baixinho conforme meu dedo trabalhava lá embaixo. — Sua boceta fica molhada só com a minha voz, e nós sabemos disso... Olha como ela está pingando só com um carinho.

— Ryder...

Ela gemeu mais alto quando fiz de conta que enfiaria um dedo por dentro da calcinha dela.

— Hum?

Rebeca agarrou meu rosto com firmeza, me olhando no fundo dos olhos ao enfiar as unhas na minha nuca.

— Eu deveria odiar você...! — Saiu como um gemido sôfrego, pois meus movimentos ficavam mais rápidos contra o seu clitóris.

Beijei o vão do seu pescoço.

— Sabemos que isso é impossível.

Tomei sua boca, engolindo seus gemidos e gostando de como sua calcinha parecia ficar cada vez mais úmida sob meus dedos. Meu pau estava completamente duro dentro da cueca e fiz questão de que ela sentisse isso ao pressioná-lo contra sua coxa.

Aumentei a pressão dos meus dedos no seu clitóris.

Sabia que ela poderia gozar só com isso pela forma como gemia e pressionava suas unhas nas minhas costas. Diria que estava muito perto de isso acontecer, de tão sensível que a sentia conforme minha língua dançava dentro da sua boca.

Mas eu não queria que ela gozasse agora, então retirei a minha mão de sua boceta e aproveitei para arrastar a calcinha junto.

Afastei-me dela para retirar minha camiseta e sorri ao ver seus olhos gulosos na direção do meu pau. Naquela manhã, faria questão de ter sua boquinha nele. *Porra!* Só de pensar, ele dobrava de tamanho.

— Você sabe o que fazer, Bae.

Ela se ajoelhou na cama e veio na minha direção, se aproximando de mim. Ao colocar as mãos no meu peito, me empurrou para mais afastado da cama e se sentou bem em frente ao meu pau. Rapidamente, Rebeca retirou minha calça e minha cueca, deixando que meu pau duro pulasse na sua direção.

Fazia tempo que ele não tinha aquela boquinha gostosa em volta de si, e tanto eu quanto ele parecíamos estar ansiosos. Rebeca o agarrou e, sem falar nada, o abocanhou, fazendo-me engolir um gemido e segurar seus cabelos fortemente.

— Porra, amor...! — Quase fechei os meus olhos, recebendo aquela língua gostosa alisar meu membro. — Chupa gostoso como só você faz...

Prendi seu cabelo com minhas mãos para vê-la melhor e fiz o possível para me controlar ao ter sua boca me chupando. Eu havia ensinado cada passo daquilo para ela e, porra...! Ainda se lembrava perfeitamente de como me deixar maluco.

Meu pau ia cada vez mais fundo na sua garganta e não havia sinal dos seus dentes, apenas daquela língua atrevida ajudando nas sucções. Apertei seus cabelos, movimentando meus quadris com cuidado para não sufocá-la, pois reconhecia que já estava indo fundo demais.

— Bae... — gemi.

Ela não parou. Rebeca tocou a parte que não conseguia enfiar na boca, me masturbando conforme me chupava. Nem seus olhos marejados foram o suficiente para que parasse, e eu me senti estremecer com a força daquele prazer. Sua boca me engolia cada vez mais. Forte e feroz, mostrando que ainda estava irritada com a minha abordagem de minutos antes.

Eu também ainda estava com o tal cara especial na cabeça.

Sabia que era um pensamento escroto, mas me sentia furioso só de pensar nela fazendo um boquete nele.

Empurrei com mais força meu pau na sua boca e Rebeca gemeu, chupando ainda mais forte.

Merda! Minhas pernas amoleceram conforme senti o orgasmo vir com força, diretamente para a boca de Rebeca, que recebeu tudo sem desgrudar os olhos dos meus. Ela sabia me deixar completamente louco.

Rebeca lambeu todo meu pau e, quando o largou, pareceu surpresa por ainda estar semiereto.

— Tira esse vestido para mim, Bae.

Ela seguiu a minha ordem, retirando o vestido e a calcinha em poucos segundos.

— Agora, deita nessa cama — pedi, vendo-a fazer exatamente isso. — Duvido que alguém um dia consiga deixá-la pingando dessa forma.

Falei, ao ver sua lubrificação também espalhada pelo meio das suas coxas. Se eu entrasse nela naquele instante, a faria gozar rapidamente, de tão melada que estava. Mas me agachei e segurei suas pernas, as abrindo mais para mim.

— Você é minha, Bae — avisei, passando as mãos pelas suas coxas. — Seu corpo é meu. — Estapeei sua boceta com a palma da mão aberta, a fazendo gritar. — Sua boceta é minha.

Não deixei que se recuperasse do tapa e enfiei minha boca no meio das suas pernas. Lambi seus grandes lábios, subindo minha língua até seu clitóris, e o abocanhei, ouvindo o gemido mais alto de Rebeca.

Ela segurou meu cabelo conforme eu chupava cada vez mais forte aquele nervinho que enviava o maior prazer por todo o seu corpo. Lambi e suguei como se fosse o meu doce favorito. Aproveitei para levar minha mão até a abertura da sua boceta e a abri mais para mim, sentindo sua lubrificação aumentar naquela região.

Rebeca estava a um passo de gozar, então desacelerei os movimentos, sorrindo diante de seus resmungos.

— Não para... Ryder... — Puxou meus cabelos, querendo que eu prestasse atenção nela.

— O que eu disse, Bae? Você é toda minha, principalmente hoje. — Passei minha língua pelos seus pequenos lábios, a fazendo estremecer. — Tão sensível... Será que, se eu colocar dois dedos aqui, você goza?

Ela revirou os olhos quando fiz que a penetraria com meus dedos.

— Ryder, me fode...! — implorou, levantando o rosto e me encarando com os olhos em chamas.

— Primeiro, você vai gozar na minha boca.

Voltei a colocar minha boca na sua boceta, recebendo seu clitóris nos meus lábios e voltando a chupá-lo. Eu a queria mais sensível do que já estava. Queria deixá-la mais marcada do que já estive um dia por mim.

Enfiei três dedos de surpresa em sua entrada, a pegando completamente desprevenida, e, como imaginava, ela se desmanchou na minha boca e nos meus dedos em um gozo tão forte que a fez fechar os olhos com força e jogar a cabeça para trás.

Aquela, com certeza, era a visão do paraíso.

— Fica de quatro, Bae.

Ela ainda parecia aérea e, por isso, fiz questão de eu mesmo virá-la de bruços e empiná-la para mim.

— Ryder...

Eu sabia que ela estava bem sensível e foi por isso que a abri mais. Coloquei minha mão na sua boceta e pude sentir o seu orgasmo, que ainda escorria pela boceta, bem do jeito que eu queria. Sem falar mais nada, me posicionei atrás dela e a penetrei fundo, a fazendo gritar.

Tapei sua boca com uma das minhas mãos, a trazendo para trás e fazendo com que grudasse seu corpo no meu.

— O que acha disso, amor? Senti saudade de me ter assim, não é? Forte, intenso e bruto do jeito que sempre gostamos.

Seus olhos estavam marejados e, se eu não a conhecesse, poderia julgar que a tinha machucado, mas sabia que aquilo era sinal do seu puro prazer.

— Quero que goze de novo comigo, mas, antes... — deslizei minha mão pelo seu pescoço, pela sua clavícula, até chegar no seu seio e apertá-lo —, quero que tenha a certeza de que não importa quantos paus passem por essa boceta, ela ainda vai ter o meu como preferido... E sabe por que, amor?

Ela gemeu, com meu pau parado lá dentro, doido para se mexer, e com minha mão esmagando seu seio.

— Porque você é minha! Entendeu?

Rebeca assentiu veemente, fechando os olhos e praticamente implorando para que eu a fodesse do jeito que gostava.

E eu fiz.

Deixei que caísse na cama e segurei seus quadris, saindo e entrando dela incansáveis vezes, a ponto de fazê-la enterrar o rosto no travesseiro para que seus gemidos não fossem ouvidos pelo casal que dividia aquela ilha conosco.

Não sentia dor, conseguia sentir apenas o prazer em cada canto do meu corpo conforme estocava nela. Não resisti e estapeei aquela bunda gostosa empinada em minha direção, a fazendo gritar.

— Você gosta disso, né?

Fiz de novo, do outro lado.

— Ry...!

— Estou sentindo sua boceta ficar ainda mais molhada, Bae — gemi, realmente a sentindo mais úmida.

Dei mais um tapa ao mesmo tempo em que me enfiava com toda a força dentro dela. Merda... Aquele vai e vem era tão gostoso que me fazia querer viver ali dentro para sempre. Rebeca parecia também não se importar, caso isso acontecesse. Mas, conforme nossos movimentos continuavam mais intensos, o fim também se aproximava. Senti isso quando dei mais um tapa na sua bunda e Rebeca me apertou fortemente contra sua boceta, nos fazendo gozar ao mesmo tempo.

*Porra!*

Era sobre isso que estava falando.

Só consegui sair de dentro dela quando minha porra já havia enchido o seu interior e caí ao seu lado, exausto e muito ofegante a ponto de ouvir as batidas do meu próprio coração. Ou seria do dela?

Olhei para Rebeca e ela se virou para cima, tão suada e ofegante quanto eu. Quando me olhou, soltou um riso cansado, mas veio até os meus braços, quase como se precisasse desse toque depois do que fizemos.

Aspirei o perfume do seu cabelo e fechei meus olhos.

— Ainda está com raiva? — perguntou depois de um tempo.

Odiava saber que ela havia ficado com outro, isso não conseguia controlar, mas acreditava que havia merecido essa por ter feito o que fiz e como fiz.

— Só não minta mais para mim, ok?

Ela assentiu, abraçando a minha cintura.

Eu tinha muitas certezas depois daquele dia, só precisava de um tempo para lidar com todas as consequências que provavelmente teria.



Abri a boca para compartilhar com Rebeca o que se passava na minha cabeça, quando uma batida na porta interrompeu qualquer coisa.

— *É melhor vocês virem para a sala.* — Era Rael do lado de fora. — *Temos problemas.*

Olhamo-nos no mesmo momento com tantas dúvidas que poderiam ser ouvidas, mesmo em meio ao silêncio, mas tínhamos uma certeza em comum: os dias de paz pareciam ter acabado.

# 27

| VINGANÇA |

*Nade, nade agora  
Eu posso te levar, embora eu nunca tenha estado lá  
A maré está batendo ao meu redor de novo e de novo, sim  
Eu me afoguei por um minuto, mas seu corpo continuou me puxando, garota*  
**SWIM — CHASE ATLANTIC**

## REBECA WILSON

Tudo aconteceu muito rápido.

Em um momento, estávamos transando loucamente, nos amando em detalhes e deixando que nossos sentimentos finalmente falassem um com o outro em meio ao calor dos nossos corpos.

Para, um segundo depois, tudo desabar.

Mesmo por baixo das roupas e em um dia quente, sentia o frio congelar todo o meu corpo. Ao meu lado, Ryder tentava manter-se concentrado nos seus pensamentos que, naquele instante, eu não fazia ideia por onde estavam, enquanto Winter tentava controlar as lágrimas, mas sem sucesso algum.

Rael não chorava, mas parecia guardar uma grande fúria dentro do seu peito. E nem foram aqueles dias com ele que me fizeram perceber isso, foi a sua feição, que parecia pronta para matar a primeira pessoa errada que aparecesse na sua frente.

Ele estava inconformado.

Ryder também parecia estar.

Mas Winter estava desolada, era quase como se tivesse perdido um pai. Talvez, ele fosse mesmo como um pai para ela.

*O presidente está morto.*

Foi o que ouvi atrás da porta, assim que Ryder saiu para saber o que Rael queria dizer com *problemas* quando nos interrompeu mais cedo. Ryder ainda tentou saber como isso havia acontecido, tão em choque com a notícia como todos naquela casa.

*“Hawk não conseguiu explicar direito, mas parece que foi uma emboscada”,* Rael respondeu.

“*Temos que voltar*”, ele disse logo em seguida.

E lá estávamos nós, no Novo México novamente, dentro de um táxi comum a caminho do bar dos Shadows. A viagem aconteceu rapidamente, mas o silêncio durante o percurso foi difícil de lidar.

Era angustiante.

Não conhecia muito sobre o presidente para ter algum tipo de afeto por ele, mas as três pessoas ao meu lado conheciam e gostavam o suficiente para sentirem a perda bem nos seus corações.

Poison devia estar destruída.

Perder um pai nunca era fácil, principalmente se o amava muito e, mesmo que não fossem uma família tradicional, tinha certeza de que ela o amava. Lembrava-me perfeitamente do olhar de admiração que ela o lançava quando achava que não estava sendo observada.

*Quem poderia ser tão burro a ponto de matar o presidente dos Shadows of Night?* Era isso o que eu me perguntava durante todo o percurso daquela viagem.

A suspeita mais óbvia era Carl Jackson e, talvez, até tivesse sido ele, mas o moto clube tinha muitos inimigos, então não achava que eles descartariam todos os outros rivais rapidamente.

Pelo ódio no olhar de Rael, eles iriam até a morte para encontrar o culpado e matá-lo de uma forma bem pior do que fizeram com Sombra.

Era de arrepiar de medo.

Quando esse pesadelo acabaria?

Onde aquele maldito estava se escondendo?

O que seria de mim e Ryder agora que estávamos naquela cidade novamente?

Certo. Não era hora para pensar naquilo, quando uma pessoa importante para ele havia sido brutalmente assassinada.

— Este é o endereço? — O taxista parecia bem desconfiado ao ver o grande símbolo dos Shadows na entrada do bar.

— Sim. — Rael respondeu, entregando uma nota de cem dólares para ele. — Pode ficar com o troco.

Eu estava no meio, entre Winter e Ryder, enquanto ele estava na frente. Assim que saiu do carro, Ryder fez o mesmo, dando espaço para que eu pudesse sair também. A médica foi a última a sair e, ao olhar para o bar à nossa frente, seus olhos marejaram.

— Isso só pode ser um pesadelo... — murmurou. — Quem teve coragem de fazer isso?!

— Vamos descobrir, amor. — Rael disse, a abraçando de lado. — Vamos entrar, temos muito o que fazer.

Ela assentiu.

Olhei para Ryder, que parecia bem abatido diante de nossa nova situação.

— De todas as pessoas do mundo, ele seria a última que passaria na minha cabeça que seria assassinado — disse, assim que os dois seguiram para dentro do bar. — Por mais que fosse um criminoso, o presidente não era qualquer um. Bem..., ele criou este lugar.

Apontou para o bar, me abraçando de lado com um dos braços.

— Ele tinha muitos inimigos, não?

— Carl o matou. — Ryder parecia ter certeza. — Ele quer pegar dois coelhos com uma cajadada só.

Fiquei sem entender onde ele queria chegar com isso.

— Os Shadows of Night dominam o tráfico de drogas. São os principais justamente por estarem quase na divisa entre o México e os Estados Unidos — explicou. — Eles têm muito e não conseguiram facilmente, por isso são cheios de inimigos.

— E de outros traficantes querendo pegar o que é deles — completei, agora entendendo muito melhor.

Ryder assentiu.

— Mas Carl não pode estar sozinho. — Era mais uma coisa que parecia ter certeza. — Ele dominava alguns condados de Los Angeles e foi crescendo com o tempo, mas agora expandir para outros estados?

— Ele não pode ter ganhado força nesses últimos anos? — perguntei com a minha óbvia falta de conhecimento daquele mundo.

— É o que eu pensava, mas e se não for?

— Talvez, eles saibam de algo. — Indiquei para o bar com um maneio de cabeça. — É melhor entrarmos para entender direito o que aconteceu.

Ryder concordou.

— Depois de tudo isso, vamos conversar, ok?

Assenti. Ele me olhava sério, o que me deixou curiosa e confusa ao mesmo tempo.

— O que vai ser a partir daqui? Digo..., ficaremos com eles?

— Não podemos dar as costas agora — respondeu. — Carl ainda está vivo e planejando alguma coisa. Isso só termina quando ele estiver morto. E, agora, minhas costelas estão boas e meu tiro na perna está cicatrizado.

Até tentei acompanhá-lo em direção ao bar, mas parei assim que processei suas palavras.

— Você está me dizendo que vai se meter nessa briga?

— Eu faço parte dessa briga, Bae.

Neguei com a cabeça. Só de pensar nele machucado novamente, me dava calafrios.

— Não — interrompeu-me, antes que eu falasse qualquer coisa. — Nem tente me convencer a não fazer isso, Bae. Será inútil.

— E o que eu tenho que fazer?! Esperar por um telefonema dizendo que você está morto?!

Ryder levou as mãos para o meu rosto e o segurou, fazendo-me encará-lo.

— No final, eu sempre volto para você. Não percebeu isso ainda? — Sorriu de lado, beijando meus lábios rapidamente. — Para de ficar pensando só no pior.

Não era como se ele fosse fazer uma viagem longa. Estávamos falando sobre ele entrar em uma briga quando nunca havia feito algo parecido fora do seu território, afinal.

— Vamos entrar. Depois conversamos sobre isso.

Não tive alternativa, além de segui-lo. Claro que Ryder se meteria nisso. Principalmente agora que o presidente estava morto, o conhecendo como eu o conhecia, sabia que, no fundo do seu coração, se sentia um pouco culpado por essa morte.

Merda!

Aquela situação só me deixava mais ansiosa para um fim de todo o pesadelo, mesmo que o nosso fim estivesse envolvido consequentemente nisso.



Pensei que não me aceitariam na reunião, mas fiquei surpresa quando Hawk apontou para a cadeira ao lado de Ryder, para que eu me sentasse. Estávamos no porão que eles usavam para fazer suas reuniões.

Todos, exceto por Poison, estavam ali.

Não a havia visto nem quando chegamos ao bar.

— Quer nos explicar como o nosso presidente está morto, Hawk? — Rael questionou. — Que merda está acontecendo?!

O loiro sentado à ponta da mesa parecia abalado, mesmo que tentasse contornar isso com aquele semblante sério e inabalável. Ele suspirou, fechando as mãos em punhos ao parecer se lembrar de alguma coisa.

Rael, Winter, Ryder e eu éramos os únicos que não sabiam da história direito, enquanto os outros do outro lado — Akira e Hazel — mostravam os mesmos semblantes de Hawk.

— Iríamos receber uma entrega ontem do México. — Hawk começou a explicar. — Fizemos tudo de acordo como sempre fazemos, seguimos todos os protocolos do clube até que... dois carros filhos da puta nos emboscaram na hora da troca. Era noite, tentamos escapar, mas eles literalmente morreram para matar o nosso presidente.

*O quê?!*

Aquilo era...

— Foi armado especialmente para isso. — Winter completou o meu pensamento. — Quase como uma missão suicida.

— Foi uma missão suicida. — A voz da Poison tomou o local. — Eles tinham que morrer matando o meu pai.

Se ela estava mal, não fez questão de demonstrar. No rosto, usava uma maquiagem forte com sombra e delineado pretos, e, como sempre, foi difícil ler o que estava se passando com ela através daquele semblante.

Furiosa? Ela, com certeza, estava.

— Não posso acreditar nisso... — Winter murmurou, segurando o choro. — Se eu estivesse aqui...

— Não teria adiantado em nada. — Poison completou, se sentando ao lado de Hawk. — O tiro foi na cabeça.

Fechei meus olhos ao abaixar a minha cabeça, tentando imaginar como havia sido a dor deles ao ver o presidente cair com um tiro na cabeça.

— Mataram o desgraçado que atirou? — Ryder perguntou.

— Você acha que somos idiotas? — Akira, que até então estava quieto, rebateu.

Abri meus olhos só para ver como ele era um estúpido.

— O atirador foi o único que fizemos questão que sobrevivesse. — Hawk explicou. — Está no nosso galpão sendo vigiado por todos os prospectos. Poison está tentando fazer ele falar. Inclusive, veio de lá agora. — Olhou para a morena. — Alguma novidade?

*Meu Deus...*

Como eles podiam ser tão frios?

O pai dela estava morto e ela estava torturando o assassino? Como conseguia? Como não estava se desmanchando em lágrimas naquele momento? Por que parecia estar vivendo apenas um dia normal naquele lugar?

Aquilo exigia demais e, para ser bem sincera, a única pessoa que parecia humana naquela sala era Winter.

Eu, que não tinha nenhuma feição pelo presidente, quase havia chorado por ver Winter tão mal.

— Ainda não, mas ele vai falar — disse, e finalmente vi um brilho, mesmo que fosse de fúria, passar pelos seus olhos azuis e nebulosos. — Nem que seja a última coisa que ele faça.

— Será a última coisa que ele irá fazer. — Hazel afirmou, tão furiosa quanto os outros.

— Teremos o enterro daqui a uma hora. — Hawk anunciou. — Chamamos vocês aqui porque precisamos de Winter e Rael no time. Uma guerra está se aproximando e precisamos nos preparar para ela. Se eles pensam que ficaremos desequilibrados pela morte do nosso *prez*, iremos provar que isso só nos deu mais força para acabar com a raça do desgraçado.

— O Sombra vive em nós agora e é o nosso dever honrar o que esse moto clube é e sempre significou para o meu pai. — Poison completou, recebendo o apoio de Hawk com um aceno de cabeça. — Vamos fazer isso.

— Vocês acham que o Carl está envolvido? — Ryder perguntou.

— Ele é o nosso principal suspeito. — Hawk respondeu, encostando suas costas no encosto da cadeira. — Para mim, é bem óbvio que você ter ficado com a gente fazia parte do plano.

— Como... assim? — Fui eu que perguntei.

— O que ela está fazendo aqui? — Poison indagou para Hawk.

Deveria me sentir ofendida por não ser desejada ou ela só estava passando por um momento difícil?

— Isso também se trata deles, Poison. — Ele justificou.

Ela não questionou mais, parecendo obedecê-lo, como fazia quando era o seu pai quem ocupava aquela cadeira. Então, agora Hawk era o presidente? Talvez, fosse assim que funcionava por ali.

— Respondendo à sua pergunta, Rebeca. Estou suspeitando que o Carl tem todo mundo exatamente da forma como sempre quis bem aqui. Os Shadows com um grande território e vocês, com seus passados patéticos que fazem com que ele queira se vingar — disse. — É por isso que eu trouxe vocês, porque sei que é isso o que ele quer.

Então, agora éramos como iscas? Isso não me confortava muito.

— É por isso que precisamos montar um plano rápido. — Poison falou. — Não podemos perder mais ninguém importante.

— Vamos fazer isso, mas, primeiro, iremos enterrar o seu pai.

Só consegui ver o quanto aquelas palavras mexeram com ela porque estava observando cada respirar de Poison na minha frente. Ela estava quebrada. Mas, diferentemente de qualquer outra mulher com quem já cruzei o caminho, tratava isso como o menor dos seus problemas.

— Reunião encerrada por agora. — Hawk me fez pular na cadeira ao bater um martelo. — Vejo vocês depois.

Ele foi o primeiro a sair. Logo em seguida, Hazel e Rael fizeram o mesmo.

— Poison... — Winter tentou falar algo com a voz embaraçada.

— É melhor irmos nos arrumar. — Poison a interrompeu. — Não se preocupa, Coração. Meu pai me ensinou a passar por isso.

Winter deixou com que uma lágrima escorresse pela sua bochecha.

— Mas ele não está aqui para me ensinar como fazer isso.

Aquilo pareceu machucar mais Poison, pois vi seus olhos marejarem por leves segundos, até que ela respirou fundo e lançou um sorriso fraco para a médica.

— Apenas respire e transfira essa dor para algo mais útil. — Ela se levantou e seguiu até a porta. — Não irei descansar até ter a cabeça dos dois Jacksons em cada uma das minhas mãos.

A imagem me apavorou quase tanto quanto o ódio que senti em cada palavra dita.

Ali estava a sua concentração: *vingança*.

Pelo jeito, não haviam ensinado a ela que essa palavrinha só trazia mais vazio para dentro dos nossos corações.



# 28

| IDEALIZAÇÃO |

*Ninguém disse que seria fácil  
É uma pena nos separarmos  
Ninguém disse que seria fácil  
Mas também ninguém nunca disse que seria tão difícil  
Eu estou voltando para o começo*  
**THE SCIENTIST — COLDPLAY**

## **RYDER FRASER**

Pensei que nada me deixaria mais furioso com Carl do que ele ter sequestrado Rebeca, a levando para aquele maldito galpão e a torturando da forma que fez, mas, então, ele matou alguém especial para mim.

Ele estava fodido nas minhas mãos.

Eu faria questão de olhar no fundo dos seus olhos e matá-lo. Provar para aquele maldito filho da puta que o Ryder covarde que ele tanto acreditava existir aqui dentro não existia, pois seria o mesmo que enfiaria uma bala no meio da sua testa. Da mesma forma que fez com Sombra.

O presidente estava morto.

Isso ainda parecia irreal para mim.

Como alguém como ele poderia estar morto? Era quase como um quebra-cabeça com peças erradas. Estávamos falando de um homem que fundou um moto clube do zero e que, em pouco mais de quarenta e dois anos, conseguiu expandi-lo por boa parte dos Estados Unidos e se tornar um dos maiores clubes de motoqueiros do país.

Como poderia morrer de uma forma tão... simples?

Acreditava que era o que muitos se perguntavam conforme o caixão abaixava cada vez mais.

Todos os membros pareciam inconformados com o acontecimento, e não era para menos. Eu mesmo estava tentando processar que não teria mais aquele homem para ter uma boa conversa quando precisasse.

O presidente era importante para todos ali, e eu conseguia ver no olhar de cada um o quanto queriam uma vingança. Mas eu iria fazê-la por eles.

Não aguentava mais Carl Jackson.

Dessa vez, ele havia ido longe demais.

Que se fodesse que queria o que os Shadows tinham, que se fodesse que não tinha medo de mim. Eu o encontraria o mais rápido possível e mostraria o que aconteceria quando se mexia com pessoas que eu amava. Ele poderia ter chegado nesse ponto com Rebeca e, só de lembrar, sentia-me mais irritado com a presença desse homem no mesmo mundo que eu.

*Porra!*

Acompanhei o caixão chegar no fundo do buraco que haviam cavado.

O presidente estava morto.

*Porra!*

O homem que me estendeu um braço quando não fazia isso com todo mundo, só porque viu potencial em mim. Não para algo tão sujo quanto o que Carl Jackson fazia, afinal, o presidente repugnava qualquer tráfico que envolvesse pessoas. Mas Sombra confiou em mim.

Eu o tinha como um guardião, quase como uma criança que tem em um adulto o seu super-herói, a quem pode correr sempre que estiver em perigo.

E ele sempre me ajudaria.

Engano achar que se envolveu nessa briga só porque me devia uma e porque Carl já estava dando problema para eles. O presidente se importava comigo e gostava de mim, o que o fazia me defender quase como se fosse um membro.

Agora, ele estava morto.

Definitivamente, estava sendo difícil, para mim, processar essa parte.

Senti a mão de Rebeca segurar a minha, como se sentisse que eu precisava de uma força. Eu a olhei e ela estava com os olhos fixos no caixão, como todos os outros ao redor do buraco.

— Acho melhor você começar, Poison. — Hawk falou para a morena, entregando-lhe uma pequena pá com terra.

Ela assentiu, segurando e olhando novamente para o caixão, como se não conseguisse acreditar que estava enterrando o pai tão cedo.

Sabia que ela estava segurando muita coisa ali dentro. Poison era muito forte e isso nunca foi questionável, mas enterrar a pessoa que mais amava no mundo não era fácil para ninguém, nem para a mulher que naturalmente foi treinada para ser perigosa por simplesmente ter nascido com o dom de ser boa em não demonstrar seus sentimentos.

— Prometo vingar a sua morte, pai. — Ela declarou, jogando a terra por cima do caixão.

Poison entregou a pá para Hawk, que fez o mesmo que ela.

— Prometo seguir seu último desejo exatamente da forma que queria — disse, não deixando só a mim, como à Poison também, curiosas.

Os outros fizeram o mesmo, mas sem falar uma palavra sequer. Winter foi a última a colocar terra e a única que se agachou, deixando uma rosa preta cheia de espinhos bem em frente à sepultura com o título “O Sombra”.

Era interessante que, mesmo na sua morte, eles não revelavam o seu nome.

— Obrigada por ter me acolhido, pai — agradeceu, e, de canto de olho, notei Poison enxugar uma lágrima, provando que não era tão congelada por dentro como parecia. — Prometo cuidar das crianças para você.

Rael soltou um sorriso fraco e ajudou a esposa a se levantar com cuidado, abraçando seu corpo em seguida.

— Podemos ir? — Hawk perguntou, assim que a terra foi colocada de volta no buraco pelos funcionários do cemitério.

Poison assentiu.

Abracei Rebeca pela cintura, e nos viramos em direção à saída daquele lugar. Eu, sentindo um peso muito mais pesado do que qualquer outro que já tivesse sentido na minha vida.



— Vocês podem ficar com esse quarto. — Hazel apontou para uma porta à nossa direita. — As garotas já o arrumaram e o limparam para vocês.

Assenti.

— Obrigado, Hazel.

Ela apenas assentiu e nos deu as costas, voltando-se para as escadas que a levaram para o bar. Abri a porta e encontrei um quarto simples do outro lado, havia uma cama com cabeceira de madeira de aspecto antigo e, em frente à uma porta que provavelmente levava ao banheiro, ficava um pequeno guarda-roupas da mesma cor da cama.

— Parece bom. — Rebeca observou. — Será que vamos ter roupas aqui também?

Suspirei quando entramos no quarto.

— Deveríamos comprar roupas.

— Concordo com você, mas... — Apontou para uma mochila em cima da cama. — Acho que as que trouxe da ilha devem servir por alguns dias.

Sentei-me na cama e a puxei para o meu colo, apenas a abraçando por aquele tempo. Estava me sentindo tão cansado e não era nem o dia seguinte ainda.

— Você está bem? — perguntou, colocando uma das mãos ao redor do meu pescoço e acariciando os meus cabelos com a outra.

Ela gostava de me fazer cafuné.

Sorri fraco. *Como eu poderia imaginar viver sem isso?*

— Ainda parece inacreditável, sabe?

— Me parece também... E eu só o vi uma vez.

— Ele era uma boa pessoa.

— Pareceu assustador na primeira vez que o vi — admitiu. — Sem ofensas.

— O presidente era assim. Pelo tempo que fiquei com ele no passado, o vi sorrir muito pouco — contei. — Ouvia dizer que, quando a mulher dele estava viva, ele estava sempre sorrindo.

— Com a morte dela, deve ter sido como se não houvesse mais tantos motivos... — Pareceu pensar em voz alta. — Não é uma droga o quanto ficamos dependentes da pessoa?

— Acho que é o risco de se apaixonar, Bae.

Levantei meu rosto e a olhei.

— Vai voltar a sorrir quando tudo isso acabar? — *Quando não estivermos mais juntos.* Era isso o que seus olhos estavam me dizendo.

— Você seria capaz?

— Acho que tudo, um dia, é superado. Não concorda? — perguntou, e eu assenti. — O presidente provavelmente ficou muito tempo com a sua esposa, então, com certeza, foi mais difícil para ele.

— Acha que o tempo determina isso?

Ela assentiu.

— Mas não vamos tocar nesse assunto...

— Eu discordo de você, Bae. — Toquei seu rosto com o meu polegar. — Sinto que conheço você há muito mais de dois anos.

— Dois anos e seis meses — ressaltou, em tom de brincadeira.

— Não estou falando sobre isso. Para mim, é como se fossem 20 anos — confessei. — Porque somos almas gêmeas e todo aquela palhaçada de filmes de romance, sabe?

Rebeca riu, me fazendo sorrir junto.

— Admiro a sua tentativa de ser romântico.

— Fico contente com isso.

— Almas gêmeas podem se encontrar e estarem destinadas a não viver uma vida juntas — murmurou. — Talvez, seja mesmo a nossa situação.

Não era isso o que eu queria dizer. Meu coração se apertou com a expressão triste voltando a dominar aquele seu rosto lindo.

— Vou tomar um banho. — Pulou do meu colo, antes que eu falasse qualquer coisa. — Estou com fome, você também?

Assenti.

— Vou esperar você lá embaixo, ok? — Levantei-me também, e ela assentiu à minha pergunta. — Vou ver se estão preparando alguma coisa para comer.

Antes que se virasse, segurei o seu rosto entre minhas mãos e a beijei.

— Amo você — murmurei contra a sua boca, antes de soltá-la e sair do quarto.



Havia alguns membros do clube sentados, fumando e bebendo enquanto conversavam entre amigos. Era uma noite atípica para aquele bar, já que a música não embalava o local e todas as vozes eram escutadas, mesmo que os assuntos das conversas não fossem compreendidos.

Poison estava de frente para o bar, virando um copinho de uísque puro.

— Pensei que não estaria aqui — falei, ao me aproximar.

Com a sede de vingança que enxergava nela, achei que estaria no galpão torturando o homem que havia matado o seu pai.

— Precisei dar uma pausa — justificou, balançando o copo de bebida para mim. — Isso aqui cura.

— Tenho certeza que não.

Ela riu, se servindo mais de uísque.

— Você não tem certeza nem do que quer fazer da sua vida.

— Winter abriu a boca para você?

— Na nossa ligação — contou. — Precisava de uma história para me distrair.

— E o que achou?

— Dramática demais.

Sorri fraco, pegando o copo de uísque da sua mão e virando a bebida em minha garganta.

— Ei! — protestou, pegando o copo de mim e se servindo novamente.

— Como você está?

— Ah, não... — murmurou, contrariada. — Podemos falar sobre o seu relacionamento com a Rebeca, o que acha?

— Eu e a Rebeca estamos bem — menti. — Por que não me conta como realmente está se sentindo?

— Eu perdi o meu pai, Ryder, como você quer que eu me sinta?

— Sinto muito. Se não tivesse...

— Cala a boca, você não tem culpa de nada! Calado, você é um poeta — cortou-me. — Meu pai sabia que ia morrer.

Ignorei sua tentativa de me ofender e tentei entender o que ela queria dizer com aquilo.

— O quê?!

— Pois é. — Riu, sem ânimo algum. — Ele deixou um plano de morte para Hawk. Velho sensível, você não acha?

— O que quer dizer com *plano de morte*?

— Simples... — Aproximou-se mais de mim e sussurrou:— Ele queria que eu ficasse no lugar dele.

*Espera, o quê?!*

— Mas e...

— Hawk? Continuará na vice-presidência.

Aquilo me deixou muito surpreso.

— Não quero ser machista, mas...

— Eu sei o que está pensando, Ryder. E é o que todos eles vão pensar — comentou, parecendo insegura pela primeira vez. — Mas esse era o desejo do meu pai e ele deixou escrito e assinado, ainda por cima.

— Hawk está de boa com isso?

— Hawk nunca almejou a presidência.

— Então você será a nova *prez*?

Ela negou.

— Não agora, não é *tão* simples — admitiu. — Preciso que Hawk tome conta de tudo enquanto eu me preparo para o cargo.

— Pensei que fosse menos burocrático.

Afinal, bandidos tinham leis?

— Para os homens, sempre é, mas... — Olhou ao redor. — Tem noção de que terei que provar para mais de dez *chapters* que posso ser a presidente do *mother chapter*?

— Você sabe que não tenho muita noção dos significados dentro desse universo, mas conheço um pouco de quem você é e, principalmente, que o presidente nunca tomaria uma decisão pensando apenas no que sente. — Apontei para o seu coração. — Ele sempre usou a cabeça e, se escolheu isso, é porque sabia que só você pode bater naquele martelo.

Ela sorriu e, surpreendendo até a si mesma, me abraçou.

Acreditava que estava bêbada. Só isso explicava Poison estar mostrando algum afeto.

Um arranhar de garganta surgiu ao meu lado e, quando levantei o rosto, dei de cara com Rebeca, que parecia bem curiosa diante dos braços da morena ao meu redor.

*Bêbada.*

Foi o que os meus lábios pronunciaram sem emitir algum som. Rebeca prendeu a risada, mas Poison a viu quando se afastou.

— Oi, Rebeca. Não se preocupe, não quero seu namorado. — Levantou-se. — E vocês dois, tratem de se resolver de uma vez por todas! Merecem um final feliz.

Ela pulou do banco e se afastou, indo em direção à porta que levava para os escritórios do clube.

Puxei Rebeca para o meu lado e a abracei.

— O que acha de comermos e irmos lá para cima?

— É uma ótima ideia.

Fiz sinal para uma das meninas atrás do balcão, ainda com a última frase de Poison na minha cabeça.

Sim, nós merecíamos um final feliz e, talvez, fosse bem diferente do que idealizávamos.

# 29

| PASSADO |

*Você me fez experimentar algo  
Que não posso comparar a nada  
Que eu já conheci, e tenho esperança  
Que depois dessa febre eu sobreviverei*  
**THE HEART WANTS WHAT IT WANTS — SELENA GOMEZ**

## REBECA WILSON

Ryder estava dormindo quando descí as escadas do bar do moto clube na manhã do dia seguinte. Ele estava tão cansado emocionalmente e até fisicamente, que preferi não acordá-lo para tomar café.

Tudo o que havia deixado bem pensativo, e percebi que parecia muito estressado com a ideia de ter sido Carl o responsável pela morte do presidente.

— Bom dia, flor do dia! — Hazel cumprimentou, vestida com a mesma jaqueta de sempre. — Dormiu bem?

— Bom dia! Sim, obrigada por perguntar. — Sentei-me em uma das cadeiras em frente ao bar. — Isso está vazio...

Onde estavam as meninas que trabalhavam ali? Recusava-me a chamá-las *daquela* palavra, mas nem elas e nem os membros estavam pelo salão.

— Você acordou bem cedo. — Apontou para o relógio na parede, que marcava oito horas da manhã. — Acho que a Alma deve estar fazendo o café agora.

— Alma?

— Uma das putas.

Ah... Isso ainda era estranho.

— E muitos membros não moram aqui, só têm quartos quando não conseguem andar para casa no fim da noite, e como ontem não tivemos farra...

— Entendo.

Hazel se sentou ao meu lado.

— Você deve estar achando isso tudo bem estranho. — Praticamente adivinhou meus pensamentos.

— Acho que já soa óbvio, né?



Ela assentiu com um aceno de cabeça.

— Um pouquinho — respondeu. — Assim que pegarmos o Jackson, você poderá voltar para a sua vida normal e sem graça.

— Acha a minha vida sem graça?

Hazel nem me conhecia direito para julgar o meu modo de viver daquela forma.

— Para mim, que amo o que faço, é muito sem graça — explicou. — Mas vamos falar sobre coisas interessantes. Fiquei sabendo que estava tendo aulas de defesa com o Rael.

— Apenas para me proteger.

— Então não pretende mesmo ficar com o Ryder?

— Parece que Winter não te contou tudo.

Ela negou, rindo.

— Minha amiga não sabe fazer uma fofoca direito. — Pareceu decepcionada com o fato. — Não posso nem julgá-la, porque é impossível pensar em outra coisa que não seja na morte do presidente.

Winter estava mesmo muito abatida com isso.

— Não vamos ficar juntos depois que tudo isso acabar... — respondi, ainda não sabendo como lidar com aquilo. — Cada um vai seguir com a sua vida.

— Você parece estar melhor com isso.

Dei de ombros.

— Tivemos bons momentos na ilha e... Às vezes, você tem que aceitar que algo não é para sempre — expus meu ponto de vista.

— Você é uma mulher incrível, Rebeca, e nem preciso te conhecer bem o suficiente para saber disso.

— Por que diz isso?

— Qualquer outra, até mesmo eu, estaria furiosa com a burrice do Ryder.

— Ela riu, e não me segurei, acabei a acompanhando.

— Não me entenda mal. No início, eu realmente o achava a pessoa mais burra do universo. Por muitos meses, me perguntei o que diabos o prende naquele lugar. Não seria só sair? Por que ele simplesmente não sai, se me ama tanto como diz? Ah, certo... Talvez, ele não me ame tanto assim — admiti o que se passava pela minha mente, pois até mesmo antes do sequestro, eu tinha pensamentos como aqueles. — Acho que o entendi melhor nesse último mês do que antes. Ryder não tem perspectiva de vida, acha que o deserto o resume porque tinha apenas vinte anos quando teve que se tornar adulto rapidamente e entrar de cabeça nesse mundo só para não ver a irmã passar por dificuldades.

— Isso parece gerar um pouco de admiração em você.

— Eu o chamo de covarde, mas, talvez, ele não seja tanto assim, sabe? Ryder arriscou a vida dele só para não ver mais a irmã passar fome. Não sei como é estar nessa situação, mas quase consigo tocar o medo que ele sente de passar por isso de novo.

— Posso dizer, como alguém que está desse lado da moeda, que não trocaria a minha vida por um amor, mesmo que fosse o único que sentisse nessa vida. Nós, que estamos dentro disso, só temos isso e, como você mesma disse, não temos perspectiva de vida — comentou. — Mas é bom que você não o julga, porque Ryder já deve estar fazendo isso por vocês dois.

Assenti devagar com a cabeça.

Recentemente, eu estava o sentindo diferente no sentindo de estar pensativo demais, como se algo o incomodasse mais do que antes. Para ser bem exata, era desde aquele dia em que teve uma conversa com Rael.

— As coisas vão complicar agora? Digo, me referindo à morte do presidente. — Mudei de assunto.

Hazel deu de ombros.

— Temos um ao outro e Hawk será um bom presidente. — Sorriu de lado, pegando algo na cintura e, quando tirou de dentro da jaqueta uma arma, fiquei levemente confusa. — Sabe usar?

Neguei.

— Rael não teve tempo de chegar nessa parte do treinamento, e nem sei se quero. Ela me dá medo.

Hazel riu, achando engraçado o que falei.

— É bom rir depois de um dia tão triste — disse, voltando a colocar a arma na cintura e se levantando. — Vou treinar alguns tiros. Se quiser aparecer por lá depois, é só seguir o corredor até uma porta com um alvo preso na madeira.

Assenti.

— Ei, posso usar aquele telefone? — Apontei para o aparelho do lado de dentro do bar, colado à parede.

— Para quem quer ligar?

— Faz mais de um mês que não falo com a minha melhor amiga. Acho que ela merece, pelo menos, ouvir a minha voz.

Hazel pensou um pouco antes de finalmente assentir.

— Obrigada. — Sorri após suspirar, verdadeiramente animada.

Nossa, sentia tanta falta de Alex que doía.

— Tudo o que queremos é o Carl agora, então seria bom que ele soubesse que vocês estão no moto clube. Estamos preparados para uma guerra.

A forma como disse isso tão confiante e saiu rapidamente do bar me causou arrepios. Será que eles já tinham confirmações de que realmente era Carl o culpado pela morte do presidente? Dei de ombros e corri em direção ao telefone.

Felizmente, ainda sabia o número de Alexandra de trás para frente. Disquei-o e esperei ansiosamente que atendesse a ligação.

— *Alô?*

Senti meus olhos marejarem ao ouvir a sua voz do outro lado da linha.

— Oi, Butterfly.

Sua respiração ficou pesada por um bom tempo, até que soltou um soluço bem audível.

— *Beca?! Ai, meu Deus... Beca?*

— Sou eu. — Ri fraco, mas senti as lágrimas caírem. — Meu Deus! Que saudade de você.

— *Onde você está?! Como você está?! Meu Deus... Rebeca, estou tão preocupada. Por que não mandaram notícias? Angeline está louca com uns caras a seguindo para a proteção dela. Que merda está acontecendo?!*

Tadinha... Ela estava tão nervosa que não conseguia se concentrar em uma só pergunta. Parecia muito comigo no início do mês.

— Calma, vou explicar tudo — garanti. — Primeiro, estou bem. Na medida do possível, claro.

— *Você realmente foi sequestrada? Droga! Devia tê-la proibido de ir àquele encontro com o Ryder!*

Ri novamente. Só ela para me fazer rir em meio às lágrimas.

— Não sei se adiantaria muita coisa.

— *Você tem razão.*

— Mas, sim... Eu fui sequestrada e sofri agressões que não gosto nem de me lembrar agora.

— *Rebeca...* — Ela estava pensando no que falar. — *Sinto muito.*

— Ryder me salvou. Ou o moto clube, ou os dois juntos. — Sinceramente, ainda tinha dúvidas quanto à atitude de herói de Ryder naquele dia. — O que importa é que não fiquei tanto tempo com eles e não sofri tanto quanto poderia. Eles iam me matar.

— *Foi mesmo o Carl?*

— Sim... Aquele cretino. — Eu realmente o odiava.

— *Merda* — murmurou.

— Ficamos escondidos em uma ilha que o moto clube tem, porque Ryder levou um tiro e quebrou algumas costelas. Se alguém o encontrasse daquela forma, poderia ser pego rapidamente ou até mesmo morto.

— *Uma garota ligou para Angel dizendo que vocês estavam bem e que ficariam escondidos por um tempo, só não imaginava que fosse em uma ilha.*

— Poison deve ter sido a garota — informei. — Não mandamos notícias porque nossos celulares poderiam ser rastreados e muita coisa está acontecendo.

— *Não está me ligando para dizer que está vindo para casa?!*

— Não, amiga... Ainda não — admiti, meio triste e feliz com isso. — Enquanto estávamos na ilha, o moto clube foi atacado e o presidente foi assassinado. Tudo indica que pode ter sido o Carl.

— *E no que isso a envolve?*

— Não posso deixar Ryder sozinho aqui, ele tende a agir sem pensar quando está sob efeito da raiva.

— *O qu... Ryder?! — Parecia confusa. — Não me diga que vocês voltaram. Rebeca Wilson! Você foi sequestrada por causa desse traficante!*

Agora, ela parecia furiosa.

Não poderia ficar chateada por isso. Alex fez um grande esforço para me entender durante todo esse tempo em que estive apaixonada por Ryder, mas parecia que, então, ela havia mandado tudo se ferrar.

— Eu sei.

— *E voltou com ele?!*

— Não voltamos, nós só.... passamos um tempo juntos. Mas juro que, depois de tudo isso, cada um vai seguir para um lado.

— *Claro, e aí, eu terei que juntar cada caquinho do seu coração. Por que está se deixando sofrer dessa forma? É angustiante!*

— Eu o amo, Alex... — declarei. — Você não ama o Vincent?

— *São situações bem diferentes.*

— Se Dylan não tivesse deixado vocês ficarem juntos, teria ido contra a sua família? Ou teria preferido, ao menos, ter um tempo com ele para se despedir?

Ela demorou um pouco para responder.

— Sei que são situações diferentes, mas se trata do mesmo sentimento, Alex.

Por fim, minha amiga suspirou.

— *Só quero você aqui, bem e segura.*

— Vou voltar a incomodar você pessoalmente, pode ter certeza. — Sorri de lado, me encostando na parede ao meu lado. — Como você está?

— *Eu surtei* — contou, deixando-me um pouco em dúvida sobre o que queria dizer com aquilo. Tinha a ver com sua bipolaridade? — *Não tinha notícias suas, estava muito preocupada e...*

— Não me diga que teve uma recaída...

— *Foi só por uma semana* — falou, como se aquilo explicasse tudo. — *Passei o tempo todo na cama chorando, sem comer e com muita ansiedade.*

Droga!

Senti meu coração doer com aquela confissão.

— *Me desculpa... Não queria que isso tivesse acontecido...*

— *Não é culpa sua ter sido sequestrada, Rebeca!* — Riu, sem graça. — *Estou melhor agora. A médica aumentou alguns medicamentos e, depois que recebi a notícia que você estava em segurança, fiquei um pouco mais tranquila.*

— *Estou bem, ok? Tente se preocupar menos comigo.*

— *Como se isso fosse possível. Eu amo você e sempre irei me preocupar.*

Foi impossível não voltar a chorar. Droga! Alexandra Blossom era perfeita, mesmo que teimasse o contrário. Ela era o tipo de amiga que levaria um tiro por você, caso estivesse em uma situação como essa.

Por isso, sempre frisei o quanto ela era um presente na minha vida.

— *Obrigada...* — Solucei. — *Sinto sua falta também.*

— *Acha que isso ainda vai demorar muito?*

— *Eles ainda estão procurando pelo Carl.*

— *Meu Deus...* — Soltou um risinho nervoso. — *Não se sente como se estivesse naqueles filmes de ação?*

— *Com certeza.* — Sorri.

Eu era a perfeita mistura de sorriso e lágrimas naquele momento.

— *Preciso desligar agora, chegou uma emergência aqui no hospital* — disse, me lembrando que tinha uma vida normal a esperando. — *Me liga de novo?*

— *Claro que sim.*

— *Se cuida, ok? Nada se meter nessas confusões.*

— *Vou me cuidar.*

Despedimo-nos e, quando botei o telefone no gancho novamente, senti meu coração um pouco mais aliviado por ter escutado a sua voz.

Sabia que Alex poderia ter uma recaída por toda a situação em que eu me encontrava e não tinha como me sentir menos culpada por isso, mas sabia que eram coisas que não estavam no meu controle. Então, naquele instante, só queria acabar tudo isso e poder abraçá-la novamente.

Depois de tudo isso, Alex era a única que eu não poderia viver sem a presença.



— Olha quem apareceu... — Hazel disse, depois de acertar um tiro bem na bolinha vermelha no centro do alvo. — Ficou curiosa?

— Entediada — corriji, me sentando para observá-la melhor.

Aquele lugar era bem peculiar.

As paredes eram de tijolos pintados de preto, cinco alvos estavam grudados na parede dos fundos e, mais à frente, estava um tipo de mesa com suas divisórias para cada pessoa poder acertar o tiro.

— Você treina sozinha?

— Eu prefiro, mas logo os chatos se aproximam e eu vazo daqui — respondeu. Sorri diante de seu comentário, mas continuei a observar ao redor. — Matou a saudade da sua amiga?

Assenti.

— Sim, obrigada por permitir a ligação.

Ela apenas concordou, segurando a arma com uma das mãos e voltando a colocar os protetores nos ouvidos.

Observei Hazel dar vários tiros, sem errar nenhum, bem parecido como uma boa profissional. Pelo menos, para mim, que não tinha noção de como segurar uma arma direito, era o que parecia.

Ela deu um, dois, três, oito tiros e sorriu satisfeita quando largou a arma e tirou os protetores novamente.

— Parece que não enfraqueci — apontou, bem orgulhosa de si mesma. — Continuo perfeita.

— Você é o que dentro do moto clube? — Deixei minha curiosidade falar mais alto e perguntei.

— Sargento de Armas, mas eu prefiro que me chamem de *sniper* — respondeu, vindo se sentar ao meu lado. — Nas últimas missões, tenho ficado longe e atirando. Como uma verdadeira *sniper*.

Só pelo seu sorrisinho, dava para ver o quanto gostava daquilo.

— Você mata pessoas.

— Mato inimigos, é bem diferente. — Piscou um dos olhos para mim. — Quer tentar?

Olhei para a arma. A última vez que tinha tocado em uma, quase poderia ter acertado Ryder por não saber lidar com aquilo. Lembrava-me perfeitamente do seu peso, mas essa que Hazel segurava parecia ter o dobro.

— Você está aqui — disse Ryder, ao entrar na sala e nos observar mais atentamente. — Procurei você por todo lado, o que está fazendo aqui?

— Conversando com Hazel.

A loira se levantou em um pulo.

— Vou ver se o café já vai ser servido na cozinha. — Apressou-se ao dizer.  
— Não se preocupe, garoto. Não estava fazendo sua caveira para a sua namorada.

Ryder revirou os olhos e se sentou no meu lado. Quando Hazel saiu, ele me puxou para mais perto.

— Tudo bem?

Assenti.

— Sabe atirar? — perguntei. *Mas que pergunta idiota!*

— Foi uma das primeiras coisas que tive que aprender quando entrei nesse mundo.

— O que acha de me ensinar?

Ryder arqueou as sobrancelhas em minha direção e, por longos segundos, pareceu tentar entender aquela simples pergunta.

Bom... Era isso ou continuar no tédio naquele lugar.

# 30

| PLANO |

*Eles dizem: tenha medo  
Você não é como os outros  
Amante futurista  
DNA diferente  
Eles não te entendem  
E.T — KATY PERRY*

## **RYDER FRASER**

— Está falando sério? — indaguei. Quase não podia acreditar no pedido de Rebeca. — Por que você quer aprender a atirar?

Sinceramente, não sabia como me sentia em relação àquilo. Ao mesmo tempo em que um pouquinho de orgulho se instaurava no meu peito, também me sentia confuso.

— Estou dentro de um moto clube que é alvo de uma gangue de traficantes — apontou, como se explicasse tudo. Talvez, até fosse um bom motivo.

— Sabe que não precisa, né? Eu posso proteger você.

Ela sorriu de lado e levou uma de suas mãos até minha bochecha, a apertando como se eu fosse uma criança. Eu a segurei rapidamente, interrompendo-a antes que continuasse com aquilo.

— É fofa a sua proteção, mas você não vai estar sempre comigo, Ryder — lembrou, trazendo meu nervosismo à tona. — Além disso, estou curiosa quanto a como atirar.

Levantei-me com um sorriso no rosto, tentando não pensar demais.

— Está ansiosa para dar alguns tiros?

Ela negou rapidamente.

— Nem pensar! Acho que não teria coragem de atirar nem em uma barata, e você sabe que odeio esse inseto.

Joguei a cabeça para trás e soltei uma risada.

— Ok! — Dei-me por vencido. — Posso te ensinar algumas coisas.

Peguei uma *M1911* da coleção de armas de Hazel.



— Você vai aprender com essa — expliquei, indicando a arma que segurava. — Coloque os óculos e os fones de proteção.

Rebeca parecia hesitante, mas animada ao seguir o meu pedido.

— Incrível... Você ainda fica mais bonita dessa forma — observei, e ela sorriu, um pouco sem graça com o elogio feito de uma hora para a outra.

Era engraçado a maneira como eu ainda a deixava envergonhada quando já tínhamos um relacionamento longo.

— Preparada?

Ela assentiu, bem animada.

— O que devo fazer?

— Segure-a com firmeza. — Entreguei a arma a ela. — A primeira coisa que você precisa saber é que não pode ter medo dela. Essa arma é a sua segurança, mas também pode ser a sua morte em um piscar de olhos.

Rebeca soltou um riso nervoso.

— Você sabe como me deixar mais ansiosa. — Foi irônica.

Ela pareceu meio incerta ao pegar a arma, mas, quando a segurou com as duas mãos e a avaliou com cuidado, seu aperto se tornou mais firme, exatamente como orientei.

— Fique aqui na frente — falei, apontando para o lugar em que o atirador tinha que se posicionar em frente ao alvo. — Vou me posicionar atrás de você, ok?

— Certo.

Fiquei atrás dela como disse e segurei a sua mão que estava com a arma.

— Com calma, você a posiciona assim. — Mostrei, pegando sua outra mão e a levando até a pistola. — É melhor que você use as duas mãos, ok?

Ela assentiu.

— O papel dessa mão é dar apoio, ela não deve pegar a arma, certo?

— Acho que entendi — soprou.

Arrumei seus dedos ao redor da pistola.

— É importante que seus dedos não fiquem no caminho da correção, ou então você pode sentir tanta dor nos dedos que é capaz de deixar a arma cair no chão carregada e com a trava de segurança desativada.

— Perigoso...

Balancei a cabeça em concordância. Minha outra mão ficou em cima da sua e meu corpo se aproximou um pouco mais, grudando no seu e, dessa forma, apoiei meu queixo sobre seu ombro.

— Suas pernas estão bem-posicionadas e, agora, você tem que focar no alvo.

Seu cabelo estava preso em coque alto, então foi fácil notar seus pelinhos da nuca se arrepiarem com a minha voz sussurrada naquela região. Sorri.

— Pronta?

Ela apenas murmurou um “sim”.

— Ok. Agora, você precisa mirar. Vamos fazer isso juntos. — Posicionei a arma bem em direção ao alvo vermelho. — Consegue ver a linha da arma até o alvo?

— Um pouco.

— Feche um dos seus olhos.

Eu a observei fechar o esquerdo e olhar para a mira com o direito.

— Talvez, isso dê certo.

— Claro que vai, sou eu que estou te ajudando — gabei-me, a fazendo rir.  
— Se tem uma coisa que sou bom, é em mirar.

— Certo, certo. Vamos ver isso, convencido — disse, apertando os lábios em uma linha fina. — Posso atirar?

— Calminha, não é tão simples como parece — falei, achando graça da sua pressa. — Precisa tomar fôlego primeiro.

Ela o fez, expirando boa parte do ar.

— Agora, preste bem atenção, Bae — murmurei, notando sua pele se arrepiar novamente. — Você vai destravar a arma e colocar o dedo no vão do gatilho, mas não vai puxá-lo bruscamente, ok? Faça em um movimento constante. A arma vai disparar e você vai permanecer nessa mesma posição até que o alvo seja atingido. Entendeu?

— Sinceramente? Me perdi quando você disse *Bae*.

Ri, afundando meu rosto em seu pescoço e não resistindo ao deixar um beijo naquela região.

— Estou vivendo aquela típica cena de filme em que o protagonista surge por trás para ajudar a protagonista em alguma coisa — disse.

— E, geralmente, o que acontece?

— Sempre rola uma tensão sexual e eles acabam se beijando.

*Interessante.*

— Tensão sexual nós temos, mas agora o beijo? Posso pensar em muito mais do que beijos depois que você acertar o alvo. — Deixei outro beijo no seu pescoço. — O que acha?

Rebeca mordeu o cantinho de seu lábio inferior.

— Pode me explicar de novo?

Expliquei tudo novamente e, dessa vez, Rebeca pareceu prestar mais atenção nas minhas palavras.

— Acho que estou pronta.

— Aperte o gatilho, Bae.

Com uma confiança que não consegui deixar de admirar, ela apertou o gatilho bem em direção ao alvo. A bala foi reta para o ponto vermelho, exatamente onde eu imaginava que iria quando a mirei e, mesmo com o impulso do tiro, Rebeca manteve-se com os pés no chão, sem ir para trás.

Quando a olhei, seus olhos estavam arregalados por baixo dos óculos que usava. Peguei a arma da sua mão com cuidado e a travei novamente.

— Eu... consegui? — Parecia bem surpresa consigo mesma.

Sorri, assentindo.

— Você conseguiu.

— Ai, meu Deus! — Abriu um sorriso largo e, sem hesitar, pulou no meu colo. — Isso foi incrível!

— Está sorrindo assim por que deu um tiro?! — Eu a abracei, deixando a arma no apoio ao lado.

Ela riu ao concordar.

— Sei que parece estranho, mas é uma sensação diferente!

— A arma te dá poder, deve ser isso o que você está sentindo — concluí.  
— Você fica linda atirando, Bae.

— Preciso tentar uma vez sozinha, sem sua ajuda — disse, já descendo do meu colo e pegando a arma do apoio outra vez. — Se afaste ou pode levar um tiro.

Rimos.

— Por alguns segundos — aponte, a deixando sem entender sobre o que estava falando. — Esse é o tempo que vou me manter afastado de você.

Rebeca ergueu o rosto e me deu um selinho, mas, antes que eu pudesse transformá-lo em um beijo, ela já estava se virando para o alvo e focando no seu objetivo.

Ela seguiu todas as minhas instruções e, ao atirar sozinha, não acertou o alvo, mas foi tão próximo que me senti muito orgulhoso por ela ter conseguido esse efeito no primeiro tiro sem ajuda.

— Droga... Foi péssimo, né?

— Jura? — Eu a abracei por trás. — Você deveria visitar uma aula de tiros para ver como são os primeiros tiros das pessoas.

— Então fui bem?! — perguntou, virando o rosto para mim.

— Existe alguma coisa em que você não é boa, Bae?

— Muitas...

Não deixei que terminasse e a beijei, tirando a arma já travada da sua mão e a colocando na mesinha ao nosso lado. Rebeca correspondeu ao beijo,

abraçando meu pescoço e se deixando levar. Passei minha mão pela sua cintura, a trazendo para mais perto de mim conforme nossas línguas se encontravam.

Desci mais minhas mãos e apertei a sua bunda, espremendo sua virilha no meu pau, que mais um pouco e já poderia começar a endurecer só com aquele corpo delicioso grudado ao meu.

— O que acha de eu dar para você muito mais do que beijos agora? — perguntei no seu ouvido, descendo os beijos pelo seu pescoço.

— Aqui?! — murmurou, fechando os olhos. — E se alguém entrar?

— Você quer se importar com isso agora?

Ela negou com a cabeça, soltando um risinho quando fui até a porta rapidamente e a tranquei.

— Só por precaução.

— Você é maluco. Sabe disso, né?!

— Totalmente. — Eu a puxei para perto de novo. — Agora, tira essas roupas para mim, Bae.

Rebeca mordeu o lábio inferior e, com o desejo já brilhando em seu olhar, fez o que pedi. Eu amava ver aquele corpo sendo despido por ela mesma. Conseguia sentir perfeitamente o quanto aquilo a deixava mais confiante e confortável na minha presença.

Mas, dessa vez, eu a ajudei.

Retirei sua blusa fina e salivei ao ver seus seios médios e firmes escondidos por baixo daquele sutiã rosa.

— Já disse que você fica bem de rosa?

— Sempre que você me vê de rosa. — Sorriu.

Saudade de chamá-la de *Rosinha*.

Saudade dos tempos antigos em que vivíamos como dois jovens adolescentes sem nenhuma preocupação.

Rebeca retirou sua calça, e aproveitei para fazer o mesmo com a minha e a camiseta que usava também. Só de olhar para o seu corpo tapado com aquela minúscula calcinha e aquele fino sutiã, me dava vontade de esquecer as preliminares e fodê-la fortemente contra a parede mais próxima.

— Porra! Você fica mais gostosa a cada dia que passa. — Eu a elogiei, agarrando sua mão e a fazendo passar pelo meu abdômen até o meu pau, que, agora sim, já estava duro. — Olha como me deixa só de me olhar assim, Bae.

Ela soltou um sorriso tímido, fechando a mão sobre o meu pau já sob a cueca. Fechei os meus olhos, amando a sensação de tê-la me masturbando devagar, mesmo que parecesse uma tortura aquela velocidade.

Levei minha boca até o seu pescoço e pressionei meus lábios em sua pele, sentindo como ela respirava rapidamente devido à vibração do seu pulso. Lambi

sua pele, chegando em sua mandíbula e descendo cada vez mais, percorrendo um rastro com a minha língua até chegar à sua clavícula. Abri meus olhos e, como se me olhasse de volta, encontrei uma corda curta que estava pendurada na parede. Automaticamente, tive uma ideia que fez meu pau doer dentro da cueca.

Peguei suas mãos e as coloquei em suas costas, levando seu corpo para trás até estar encostado na parede, bem ao lado de onde eu queria. Peguei a corda e olhei para Rebeca, só para analisar qual reação ela teria.

Nunca pensei que confusão e tesão ficariam tão bem misturados.

— Me dê suas mãos, Bae.

Mesmo com dúvidas, ela me entregou suas duas mãos, juntando os pulsos para que eu os amarrasse. Assim que a preendi em um aperto não tão forte para não machucá-la, ergui as mãos para o alto até que ficassem presas ao prego que antes segurava as cordas.

— Isso não é justo... — resmungou. — Não vou poder tocar em você? Por que estou sendo castigada?

— Apenas uma experiência nova, Bae — respondi, ao sorrir de forma maliciosa, amando ver aquele peito subindo e descendo, parecendo estar cheio de expectativa. — Mas, se quer ser castigada por algo, vamos lembrar que ficou com outro cara.

Ela bufou.

— Hipócrita! Não vai esquecer disso nunca?

Pisquei para ela.

— Não.

E, como não queria que perdesse o foco de onde estávamos ao se irritar comigo — porque eu sabia que poderia acontecer —, segurei sua nuca e beijei sua boca, calando qualquer coisa que ela fosse falar conforme descia minha mão livre pelo seu corpo até chegar ao cóis da sua calcinha.

Não perdi tempo e afastei a peça, encontrando sua boceta molhada. Rebeca gemeu contra minha boca assim que a toquei devagar, explorando aquele lugar que já sabia desenhar de olhos fechados. Continuei a beijando forte ao mesmo tempo em que meus movimentos aumentavam lá embaixo. Encontrei seu clitóris e o esfreguei com meu polegar, alucinado ao engolir aqueles gemidos baixos.

Notei que ela estava tentando abaixar os braços, e teria conseguido, por isso parei de esfregar aquele nervinho delicioso.

— Ry...

— Mãos para cima, Bae. Quero você assim, bem entregue para mim. Ok?

— Suas pupilas estavam dilatadas de desejo em minha direção, mas ela assentiu à

minha ordem. — Sem se mexer ou, então, eu não te faço gozar.

— Cafajeste!

Sorri de lado, voltando a esfregar meus dedos no seu clitóris.

— Droga... Ryder! — Fechou os olhos, batendo a cabeça na parede ao jogá-la para trás. Não pareceu sentir dor, pois continuou a gemer. — Não para...

— Estou longe de parar com você.

Agradei por aquela sala ser a prova de som por causa dos tiros, então, dessa forma, poderia ouvi-la por completo sem preocupações. Eu era maluco por aqueles gritos de prazer, que sempre foram músicas para os meus ouvidos.

Agachei-me na sua frente e desci sua calcinha por suas pernas, para depois separar suas coxas com as minhas mãos.

— Quer se esfregar na minha cara de novo? — Não esperei sua resposta e coloquei uma das suas pernas no meu ombro, fazendo o mesmo com a outra, deixando-a suspensa e abrindo-a todinha para mim. — Já está pingando, Bae? Me pergunto se é porque a amarrei ou porque sabe o que a espera. Talvez, os dois.

— Por favor, Ryder...

Atendi ao seu pedido, enfiando minha cara na sua boceta e abrindo minha boca contra seu clitóris. Passei minha língua e o capturei com os meus lábios, chupando e lambendo ao alternar de forma lenta e rápida. A visão dela se contorcendo e fazendo de tudo para não desamarrar a corda do prego era maravilhosa e deixava o meu pau a ponto de explodir.

Eu estava comendo a boceta dela com minha boca bem contra a parede.

*Porra!* Se aquilo não era o paraíso, eu nem sabia o que poderia ser.

— Seu gosto é tão delicioso, Bae... — gemi, colocando dois dedos dentro dela e a fazendo gritar.

Continuei a chupar seu clitóris conforme metia meus dedos e os girava lá dentro. Rebeca gritava de prazer e eu fazia de tudo para buscar cada vez mais rápido seu orgasmo, completamente louco para meter duro nela a ponto de fazê-la ver estrelas.

Não demorou muito para que viesse, visto que meus movimentos em seu clitóris não paravam e a penetração com meus dedos só a ajudou. Ela explodiu na minha boca em um orgasmo tão profundo que foi capaz de triplicar o meu tesão.

Lambi tudo, ouvindo seus gemidos baixos e apelativos por estar com a boceta toda sensível.

— Consegue ficar em pé?

Ela negou com a cabeça, me fazendo rir baixinho.

Em um movimento rápido, me levantei e coloquei suas pernas trêmulas ao redor da minha cintura. Levantei seu sutiã, fazendo com que os seios pesados praticamente pulassem em minha direção.

— Porra, você é tão gostosa... Estou muito duro!

Ela rebolou levemente contra o meu pau, fazendo-me gemer.

— Espere um segundo, Bae — pedi, levantando mais suas pernas e retirando a minha cueca com certa dificuldade devido à nossa posição. — Agora sim...

Trouxe seu quadril mais para baixo, deixando que meu pau passasse por aquela boceta molhada de lubrificação e gozo.

— Pronta para me receber? — perguntei, levando minha mão até o seu clitóris e voltando a esfregá-lo.

Rebeca movimentou as mãos em cima de nós e gemeu, assentindo.

— Está gostoso? — Aumentei a velocidade, a fazendo se esfregar mais contra o meu pau. *Tortura!* — Porra, Rebeca!

Não me aguentei e meti de uma vez só com força, nos fazendo gritar quase que imediatamente. Não dei tempo para respirar, comecei a fodê-la do jeito que sentia saudade, encostando minha testa na sua e recebendo seus gemidos contra a minha boca, me fazendo entender que estava tudo bem ir dessa forma.

Nossos olhos não se desgrudaram nem por um minuto; dois pares vidrados um no outro, com as pupilas dilatadas e brilhosas de tanto prazer. Rebeca começou a movimentar o quadril, indo para cima e para baixo conforme eu investia cada vez mais, e, como se aquilo não bastasse para foder com todo meu autocontrole, ela me apertou firme em o seu interior, me fazendo urrar.

— Porra!

Meti mais forte e descontrolado, tanto que, se não fosse pelos seus gemidos, acharia que estava machucando-a.

— Pode... descer com essas mãos impacientes, Bae.

Imediatamente, ela circulou o meu pescoço com seus pulsos ainda amarrados na corda. Ter aquele cordão contra a minha nuca ao passo que nós dois quase nos fundíamos à parede foi o ponto final para o ápice do meu prazer.

Gozamos juntos, forte e firmes.

E, quando a segurei firme contra o meu corpo, tive medo de que minhas pernas bambas nos derrubassem no chão.

— Isso foi perfeito... — Ela sussurrou no meu ouvido, beijando o meu pescoço.

Conseguia ouvir seu coração bater forte contra o seu peito da mesma forma que o meu.

— Nós somos perfeitos, Bae.

E, então, nem tive tempo de aproveitar o nosso momento porque uma batida na porta nos interrompeu completamente.

— *Sou eu!* — disse Hazel, no corredor. — *Poison quer que você desça para uma reunião de emergência.*

Logo depois, ouvi seus passos se afastando.

Voltei-me para a mulher que ainda estava em meu colo com os lábios vermelhos, suor pingando pela testa e exibindo a expressão mais linda de todas por tudo o que havíamos vivido ali há pouco.

— Queria aproveitar um pouquinho mais com você, mas parece que Poison ama me foder. — Minha fala frustrada a fez rir. — Você já tomou café?

Ela negou.

— Por que não vai até a cozinha procurar algo para comer enquanto vejo o que Poison quer? — perguntei, afastando seus cabelos da testa e dando um beijo ali.

— Ok.



Todos da hierarquia dos Shadows estavam no porão e eu, sentado ao lado de Akira, que permanecia com a expressão impassível, esperava que a reunião começasse.

— O que descobriu, Poison? — Hawk perguntou, ocupando seu lugar como presidente, mesmo que fosse por pouco tempo.

— O desgraçado finalmente falou. — Poison começou. — Não foi fácil, mas tive a confirmação de que o Carl foi o mandante.

— Aquele desgraçado! — Hawk bateu na mesa, furioso com a confirmação.

— Descobriu o lugar onde ele está? — perguntei, porque aquilo era o mais importante.

— Sim... — Ela olhou para Rael. — Quer nos compartilhar algo, Rael?

O secretário assentiu, clicando em alguma coisa no seu *tablet*, até que a imagem de uma grande casa apareceu no quadro branco com a ajuda do projetor.

— Essa é a casa em tempo real onde Carl Jackson está se escondendo. Fica a três horas daqui e, como podemos ver, está cheia de seguranças e com câmeras de vigilância por todo o lugar.

Aquilo não podia ser chamado de uma simples casa, pois era grande e com um pátio ainda maior ao seu redor.



— Sabemos que o sistema de segurança pode ser desligado, mas, para isso, precisaríamos entrar lá sem levantar suspeitas.

— O quê?! — Akira parecia confuso. — Por que só não invadimos? Somos os Shadows of Night, caralho!

— Vamos pedir ajuda para os outros *chapters*, mas ainda seria melhor romper o sistema de segurança primeiro. — Poison deu a sua opinião. — Dessa forma, eles ficam sem conexão para pedir ajuda.

Hawk assentiu, escondendo um sorriso orgulhoso dos seus lábios, mas não para mim. Ele era praticamente um tio para Poison.

— É um bom plano, mas como vamos executá-lo? — perguntou para a mais nova.

— Precisamos de carros velozes e um bom corredor, é por isso que você está aqui. — Poison disse, virando-se em minha direção. — Acha que consegue achar isso para nós?

— Com certeza ele consegue. Não tem aquele deserto à toa, né, Ryder? Suspirei.

Um carro veloz? Isso seria fácil. Mas um bom corredor? Essa parte seria muito mais difícil.

— O último vai ser um pouco mais difícil. — Fui sincero. — Para que você precisa de um bom corredor?

— Os guardas têm uma troca de turno de quarenta segundos vigiada pelas câmeras monitoradas em tempo real. — Rael informou, despertando-me a curiosidade de saber como ele já sabia de tudo isso. Talvez, o assassino do presidente tenha contado. — Temos três para passar pelo portão sem ser vistos.

— Três segundos para sair do carro e trinta e sete para entrar no pátio? — Akira perguntou.

Rael negou com a cabeça.

— A pessoa que ir desligar o sistema precisa tomar cuidado com as câmeras que tem lá dentro também, então, de cinco em cinco segundos, terá que se esconder nessas árvores no jardim frontal. — Mostrou ao dar zoom no jardim em frente à mansão de Carl. — A última câmera demora seis segundos para girar uma volta completa e é esse o tempo que a pessoa vai ter para chegar até o sistema da casa.

Akira riu.

— Essa missão é impossível! — definiu. — Vamos apenas invadir e matar esses desgraçados!

— Não sabemos o que o Carl tem escondido. Ele ficou sumido por muito tempo e olha o que aconteceu. Nosso presidente está morto. — Hawk o lembrou. — Gosto do plano, é cuidadoso.

— Somos sombras e agiremos como uma. — Poison lembrou a todos.

— Ficarei num prédio com uma boa visão da casa para atirar a qualquer momento. — Hazel disse. — Tudo bem para vocês?

— Não existe ninguém com melhor mira do que você, Hazel. — Hawk a elogiou. — É o seu papel.

— Vai se aproximar da casa só quando todos se aproximarem, é isso? — Poison perguntou.

— Isso. — Hawk concordou. — Assim que todo o sistema estiver desligado, iremos invadir, então precisamos achar um ponto para estarmos próximos para executar o plano com perfeição.

— Precisamos treinar essa entrada e o tempo. — Poison indicou. — Dessa forma, podemos ver quem é mais rápido para conseguir executar essa parte do plano.

— Perfeito! — Hawk assentiu. — E você, precisa achar um bom corredor para nós.

Era a mim quem ele se direcionou.

Aquilo seria bem mais difícil do que eu imaginava, já que o melhor corredor que eu conhecia estava prestes a estrear na maior corrida automobilista do mundo.

Talvez, eu precisasse fazer alguns contatos antigos, afinal.

# 31

| MEMÓRIAS |

*Estive em todos os lugares, cara  
À procura de você, amor  
À procura de você, amor  
Procurando por você, amor*  
**WHERE HAVE YOU BEEN — RIHANNA**

## **RYDER FRASER**

Entrei no quarto ainda pensando no que faria para poder contribuir com o plano dos Shadows of Night.

Era um bom plano.

Eles eram sombras que entrariam durante a noite e acabariam com a raça de Carl.

“Você só participa do plano, se conseguir o que pedi”, foi o que Poison deixou claro antes de eu sair da capela de reuniões. *Merda!* Peguei o meu celular — que havia sido recuperado pela inteligência de Rael — e digitei uma mensagem para o maior ladrão de carros de todos os tempos.

Aaron me trazer os carros era moleza, mas conseguir um bom corredor era o problema. Os dois melhores que eu conhecia não queriam mais fazer parte desse mundo.

— Os irmãos Blossom devem estar tão orgulhosos dele. — Rebeca disse, olhando para algo na televisão, bem alheia à expressão de preocupação em meu rosto.

Como se o universo gostasse de brincar comigo, ali na televisão estava passando uma reportagem anunciando a estreia da maior corrida automobilística junto com os seus corredores, e o grande destaque era o lançamento de Tyler Blossom nas pistas.

Estavam apostando alto que ele poderia ficar entre os primeiros ganhadores.

— Parece que alguns vídeos dele correndo no deserto vazaram na internet. — Rebeca falou, explicando o porquê de ele já receber confiança do público dessa forma. — O pessoal amou que um corredor de corridas clandestinas vai

estar na *Gold Rush* e já estão apostando nele. Você perdeu a entrevista que ele deu, mal consigo acreditar que Tyler Blossom está se tornando famoso!

Sorri ao ver o sorriso orgulhoso em relação ao amigo. Rebeca tinha um carinho muito especial por aquela família e achava que conseguia imaginar o motivo, já que eles a acolheram quando ela estava vivendo um pesadelo.

— Angel estava junto? — perguntei, me sentando ao seu lado.

Não conseguia ficar muito longe, então a trouxe para mais perto de mim. Seus cabelos estavam úmidos, indicando que havia tomado banho depois do nosso sexo incrível na sala de treinamento de tiros.

*Porra!* Ainda nem conseguia acreditar que Poison havia interrompido um possível segundo *round*.

— Não, mas com certeza estava perto dele.

— Como pode ter tanta certeza?

— Simples. Tinha momentos que ele olhava para alguém atrás da câmera com aquela carinha boba de apaixonado.

— Fico muito tranquilo por Angel tê-lo encontrado — admiti o que nunca havia falado em voz alta. — Ele a faz muito bem.

— Eles foram feitos um para o outro. — Rebeca comentou. — Ela o ajuda muito, sabe? E o incentiva. Acho que o mais importante dentro de um relacionamento é ser o maior fã um do outro, e eles conseguem isso com facilidade.

E ali estava.

Sabia que ela tinha falado sem a intenção de me alfinetar, mas ainda me sentia mirado, pois nunca seria alguém que ela pudesse admirar. Como poderia? Quem admiraria um traficante? Por mais que eu a amasse e fosse o seu maior fã, ainda assim, não a merecia.

Mas, além de covarde, eu também era muito egoísta.

Essas duas características, quando estavam juntas, podiam te deixar maluco.

— O que foi? — Rebeca estava me olhando com dúvida.

— Nada. — Sorri fraco, beijando sua bochecha.

— O que Poison queria? Você pode falar?

— Para você, sim. — Não sabia se podia, mas não esconderia mais nada dela. — Foi o Carl quem matou o presidente e descobrimos onde ele está escondido.

— E por que isso parece ruim para você?

— Poison tem um plano e ele inclui carros bons e ótimos corredores.

Voltei a olhar para a televisão, onde ainda falavam de Tyler Blossom.

— Nem pensar, Ryder! — Rebeca percebeu na hora o que eu estava pensando. — Além disso ser uma loucura, o Tyler nunca aceitaria e muito menos a Angel. Eles estão construindo suas carreiras.

— Eu sei.

— Precisa achar outra forma.

— Mas não existe outro jeito — rebati.

— Você não vai chamá-los. De jeito nenhum.

— Você acabou de dizer que eles não aceitariam.

— Mas eu sei que você pode ser bem convincente quando quer. — *É, ela me conhecia bem.* — E sua irmã faria qualquer coisa por você, mesmo que você a tenha decepcionado duas vezes.

Suspirei, levando uma das mãos ao meu cabelo e passando pelos fios ruivos, levemente nervoso com a nossa realidade.

— Então, o que eu faço, Bae? Não podemos deixar o Carl escapar!

— Eu, sinceramente, não sei — confessou, deitando a cabeça no meu peito e abraçando a minha cintura. — Mas envolver o Tyler e a Angel não é o certo.

— Eles são os únicos que podem correr em um intervalo de três segundos e não serem pegos pela câmera.

Não era certo que Angeline atenderia à minha ligação, caso eu ligasse para ela, muito menos certo que conseguiria um *sim* para aquele plano maluco. Sabia que era arriscado e que era péssimo envolver pessoas que não queriam mais estar envolvidas nisso.

Mas não era apenas por mim que eu precisava deles.

Era por Angel.

Era por Rebeca.

Enquanto Carl estivesse vivo, eu ainda seria seu alvo e as pessoas que mais amava também seriam.

— Não sei o porquê tento convencer você do contrário. — Rebeca comentou, ao parecer ler a minha mente. — Vai ligar para eles de qualquer forma, né?

— Uma última missão.

— Para eles, não para você — disse, retirando suas mãos de mim e se afastando. — Faça como quiser, Ryder.

Odiava senti-la e vê-la distante daquela forma.

— Não pode ficar brava comigo.

— Não estou brava com você, eu só... Deixa *pra* lá. — Levantou-se, colocando os chinelos e se afastando cada vez mais. — Vou encontrar com a Hazel.

— Agora são amigas?

— Ela é uma garota legal. — Deu de ombros.

— Ei! — Eu a chamei, assim que já estava com a mão na maçaneta. — Amo você, ok?

Ela sorriu, mas consegui ver nos seus olhos o que não conseguia dizer em voz alta. Rebeca estava triste porque aquele era, teoricamente, o nosso fim.

— Eu também e, provavelmente, será para sempre — disse, e saiu do quarto antes que eu a impedisse.

Precisava resolver essa parte da minha vida o mais rápido possível também, ou deixaria a única garota que já amei nessa vida escapar por minha culpa.

Única e exclusivamente minha.



— *Me deixa ver se eu entendi...* — Angel ponderou, do outro lado da linha, parecendo aérea com toda a história que eu havia acabado de contar. — *Depois de surgir meu primeiro cabelo branco por estar preocupada com você, está me pedindo para voltar para as pistas e ajudá-lo a assassinar um cara? Quem você acha que eu sou?! A porra da Letty Ortiz?!*

— Considerando que você está quase casada com o Dominic Toretto...

— *Eu não estou brincando, Ryder Fraser!* — Agora, ela parecia irritada. — *Que vontade de dar na sua cara bonita!*

— Também sinto sua falta.

— *Eu não sinto* — mentiu muito mal, suspirando de forma pesada. — *E você sabe qual é a resposta para esse seu pedido.*

— Eu sabia que recusaria.

— *Então por que me ligou?*

— Porque faz tempo que não falo com a minha irmã e não queria mais causar preocupações a ponto de você realmente ficar com o cabelo branco. Já imaginou todo esse ruivo se tornando branco? Péssima forma de começar a carreira musical.

— *Agora, você está zombando com a minha cara.* — Riu fraco, irônica. — *Idiota!*

— De qualquer forma, estou bem, Ruivinha — falei, caminhando pela rua movimentada de Santa Fé. — Vou arrumar uma forma de vencer o Carl.

— *Não acha que está muito obcecado por isso?*

— Ele matou o presidente, Angel.

— *Esse homem devia ser bem importante para você, então.*

— E preciso te lembrar que ele sequestrou a Rebeca?

— *Com certeza, você não precisa me lembrar disso. Foram os piores dias da minha vida em Campbell! Todo mundo aqui ficou preocupado.*

— *Vocês não foram os únicos.*

Deixei que meu olhar se dispersasse quando uma criança passou correndo por mim e, logo atrás dela, passaram mais três, todas se divertindo em uma brincadeira que parecia ser com pique-pega.

Preferi sair do bar para ligar para Angel e, então, estava ali, andando um pouco sem rumo e com os pensamentos a milhões por hora.

— *Fiquei sabendo que você e Rebeca estão juntos.*

Franzi a testa.

— *Como?*

— *Rebeca ligou para a Alex mais cedo.*

— *Está em Campbell?*

— *Estou em Los Angeles com Tyler. Hoje foi a última coletiva de imprensa dele, mas Alex fez uma chamada de vídeo com todos para contar que vocês estavam bem na medida do possível* — explicou.

— *Fizemos um acordo.*

— *Vai mesmo terminar com ela de novo?*

— Não sei... — respondi, após respirar fundo, me sentindo um garoto inseguro e patético. — Não quero. Ela é a mulher da minha vida, Angel.

— *Então não a perca, pelo amor de Deus! Você não precisa do deserto.*

Sempre parecia tão simples quando era dito daquela forma.

— *E você não pode ser uma cantora famosa com um irmão traficante, né?*

— *Sabe... Eu nunca tinha parado para pensar nisso, mas realmente é um fator que pesa bastante* — respondeu. — *Só não se deixe levar pelo que tem, Ryder. Você entrou nessa porque não tínhamos nada, mas, agora, você tem tudo aquilo que perdeu, não é mais aquele jovem de vinte anos dando o que comer para a irmã com fome, mesmo que indiretamente. Não é mais o rapaz confuso e sem futuro, só continuará assim, se seguir por esse caminho. E a pior parte vai ser o arrependimento que irá te perseguir pelo resto da sua vida.*

Fazendo conexão com tudo o que Angel estava me falando ao telefone, uma criança gritou do outro lado da rua e só entendi que aquilo era o universo me mandando uma mensagem ao vê-la cheia de graxa de carro entregando uma ferramenta para um homem mais velho agachado embaixo de um veículo.

— Um dia, vou ser como você, papai! — Ela gritou para ele, soltando um sorriso fofo que só uma criança da faixa etária de dez anos daria.

Aquilo despertou uma memória antiga dentro de mim.

— *Sabe o que é isso?* — *Meu pai me perguntou.*

*Neguei, observando o objeto de ferro na minha mão. Era pesado e bonito.*

— *É uma chave de fenda.*

— *O senhor a usa bastante — falei, pois me lembrava de todos os dias vê-lo trabalhando com uma.*

*Ele assentiu com um sorriso no rosto.*

— *Um dia, você vai tomar conta disso tudo para mim, não vai, filho?*

— *É claro, pai! Eu amo carros.*

— *Vem cá, garotão. Vou te ensinar como fazer um carro voar.*

— *Isso é possível?!*

*Ele riu diante de minha inocência, assentindo e piscando para mim.*

Então, eu sabia que não era possível e que ele só estava tirando sarro da minha cara ao me mostrar como usar o macaco hidráulico do carro. Aquela era uma memória tão antiga que me perguntava se não fazia parte de uma ilusão, já que só me lembrava do meu pai sendo agressivo, bêbado e imbecil.

Havia me esquecido que, dentro daquele homem que morreu com minha mãe no seu acidente, estava um pai que me enchia de sonhos e desejos.

Naquela época, eu tinha tanta perspectiva.

Naqueles dias, eu era tão feliz.

— *Você também teve que amadurecer muito rápido, Ryder. — Ouvi a voz de Angel me chamar para a realidade. — Não ache que, só por ser o irmão mais velho, era sua obrigação arcar com tudo sozinho.*

— *Por que está me dizendo isso? — murmurei.*

— *Hoje, eu vejo que todos erramos — admitiu, parecendo tão madura que me surpreendeu. — Nosso pai errou ao se afundar na bebida, mas aquilo era tudo o que ele pensava ter para abafar sua dor. Erramos ao não sermos bons filhos da mesma forma que ele errou ao não ser um bom pai nos seus últimos anos. A vida é feita de erros e acertos, mas precisamos de todas essas experiências para não vivermos infelizes cometendo sempre os mesmos.*

Assenti, mesmo que ela não pudesse me ver, e sentindo-me bem em ouvir aquilo da mesma forma que me sentia orgulhoso.

— *Você amadureceu bem.*

— *Eu também acho, sabe?*

Nós rimos.

— *Se cuide e volte em segurança, ok?*

— *É uma promessa.*

— *Ótimo. E, agora que te coloquei para pensar, irei desligar. Sinto muito por não poder ajudá-lo.*

— *Tudo bem... Vou dar um jeito, Ruivinha.*

Despedimo-nos e, ao enfiar o telefone no bolso, olhei para a interação do pai e do filho à minha frente outra vez.



Talvez, eu precisasse reviver memórias antigas.

Talvez, fossem nelas que eu encontraria a cura para tamanha angústia que estava sentindo até então.

# 32

| VISITAS |

*Tudo o que você tem que fazer é ficar um minuto  
Leve o tempo que precisar  
O relógio está correndo, então fique  
Tudo o que você precisa é esperar um segundo*  
**STAY — ALESSIA CARA FEAT. ZEDD**

## **RYDER FRASER**

Rebeca insistiu em ir comigo encontrar Aaron Wright na entrada da cidade de Santa Fé, e eu até preferi que tivesse insistido ao ver que o bar estava lotado de homens. Conhecia muito bem a reputação de alguns idiotas que frequentavam ali e até mesmo de alguns membros nojentos dos Shadows.

Nem tudo eram a mil maravilhas, como a hierarquia do moto clube.

— Aaron Wright. — Rebeca testou o nome ao meu lado, chamando a minha atenção. Ainda estávamos dentro do carro, esperando que o garoto chegasse. — Nunca me falou sobre ele.

Geralmente, gostava de deixar as coisas do meu passado lá, bem no fundo da minha memória. E Aaron, mesmo que o considerasse um irmão mais novo, ainda fazia parte do passado.

Por morarmos em estados diferentes, não tínhamos mais tanto contato como era quando estava na Pensilvânia.

— Encontrei Aaron quando fiz a minha primeira parada, na Pensilvânia.

— Você já esteve na minha cidade natal?

Assenti, um pouco surpreso por me dar conta de que a cidade natal da mulher da minha vida era um ponto importante do meu passado.

— Logo que fugi de Jackson — informei, retirando o meu cinto de segurança para me virar para ela. Dessa forma, era melhor de conversarmos. Sem falar que eu faria qualquer coisa para assisti-la. — Eu tinha dinheiro e sabia me defender muito bem. Em questão de meses, consegui abrir um lugar dentro do submundo daquela cidade. Não era como o deserto, mas era bem afastado do centro, como ele. Ficava em uma área de uma antiga empresa de cosmético. Reformei boa parte dela e abri um local para festas, onde os jovens

das universidades ao redor podiam beber e se drogar sem o risco de serem pegos.

— Um deserto mais moderno. — Rebeca disse para mim.

— Não aconteciam corridas lá, então o dinheiro era bem inferior ao que ganho no deserto. Pode não parecer, mas as apostas dão muita grana.

— Seu carro bom e sua casa quase luxuosa dizem isso — provocou, com um sorrisinho atrevido nos lábios.

— Minha casa não é luxuosa.

Estava bem longe de ser, na verdade.

— Por isso, *quase*. — Piscou para mim, quase me fazendo esquecer de que estava contando uma história para ela, pois a vontade que sentia era de agarrar sua cintura e trazer aquela garota para o meu colo, o meu lugar favorito para mantê-la perto, mas Rebeca fez questão de me trazer ao foco. — Continua a história, antes que ele chegue.

O garoto estava mesmo atrasado. *Dez minutos*.

— Encontrei Aaron quando ele tinha catorze anos. Estava em um estado deplorável. — Lembrar do garotinho magro e assustado ainda me deixava triste diante de sua história. — Era uma noite chuvosa e ele estava com uma camisola de hospital, agachado no chão e tremendo de frio, a ponto de poder ouvir as batidas dos seus dentes de longe.

— Meu Deus... — Rebeca se mantinha ouvinte, mas seus olhos estavam arregalados, provavelmente imaginando a cena.

— Eu o acolhi antes que pegasse uma pneumonia e morresse ali mesmo. Então o levei para o meu abrigo e cuidei dele de verdade — resumi, lembrando aos poucos dos hematomas sobre sua pele clara e da fraqueza daquela criança. — Aaron me disse o seu nome só no dia seguinte. Isso, depois de perceber que eu não o machucaria como quem havia o feito com ele.

— Quem o machucou?

— Não posso falar sobre o passado dele, Bae... É doloroso e frio demais para compartilhar como se fosse uma fofoca — falei, notando que ela havia entendido perfeitamente o que eu queria dizer. — Ele confiou isso apenas a mim.

— Ele ama você.

— Do jeito Aaron de amar.

— O que mais pode me dizer?

— Só que, quando ouvi sobre pelo que passou, precisei conter o meu estômago para não colocar tudo para fora. — Ainda me sentia assim só de lembrar. — Aaron é alguém muito motivado pela raiva e eu não posso julgá-lo, não quando ficou sem nada no final de tudo.

— Você está me deixando mais curiosa.

Coloquei minha mão ao redor do seu ombro e massageei sua nuca, a sentindo relaxar sob meus dedos.

— Ele não queria ir para casa, preferiu ficar comigo e, em um resumo perfeito, aprendeu tudo o que eu sabia — expliquei. — Tive que partir quando soube que capangas de Jackson estavam na cidade. Então dei uma chance de ele vir comigo, mas, em dois anos, já havíamos construído algo razoavelmente bom no submundo, e Aaron também tinha assuntos pendentes naquela cidade. Preferiu ficar de dono daquele lugar e aperfeiçoá-lo.

— Aperfeiçoar?

— Hoje, as lutas clandestinas na Pensilvânia são muito famosas no submundo.

— Lutas? Tipo UFC?

— Sem tantas regras.

— Está aí um lugar que eu não visitaria nem se me pagassem! Graças a Deus, você optou por corridas. São menos violentas.

Ri baixinho do seu pavor.

— Aaron luta também. É o melhor.

— Certeza de que ele tem algum problema na cabeça...

Reprimi a gargalhada ao ver um carro se aproximar de nós. Era o mais veloz da sua coleção de carros roubados e ele o havia adquirido para a última corrida que tive com Carl há quase dois anos.

— Não saia daqui, ok?

— Por quê? Quero conhecê-lo.

Nem tive tempo de falar qualquer outra coisa, pois ela já estava saindo do carro antes mesmo que eu a impedisse novamente.

— Tanto faz... — murmurei, apressando-me para sair do carro também.

Segurei a mão de Rebeca assim que me aproximei dela e caminhamos com cautela até o *SSC Tuatara*, o carro mais veloz do mundo. Dali de dentro, saiu Aaron Wright com sua carranca de sempre, mas parecendo mais relaxado do que a última vez que o vi.

— Algo aconteceu com você — observei, assim que ele parou na minha frente.

— E você só me liga quando tem problemas.

— Respeitar os mais velhos é importante, sabia? — Eu o provoquei. Para a minha grande surpresa, ele soltou uma lufada de ar que, se não fosse pelo sorriso que quase se abriu nos seus lábios, acharia que era apenas o seu modo irritado com a vida. Podia contar nos dedos de uma mão as vezes que o vi sorrir.

— É bom ver você, garoto.

Ele assentiu com a cabeça, abaixando o olhar para Rebeca.

— Essa é a Rebeca, minha namorada.

— Não sabia que estava namorando — devolveu, voltando-se para minha mulher. — Oi, Rebeca. Sou Aaron.

— Ryder me contou sobre você.

— Espero que não tudo. — Não parecia com tanto medo de eu ter dado com a língua nos dentes.

— Apenas o necessário — falei, mostrando que podia confiar em mim ainda. — Está pronto para correr?

Aaron era um bom piloto. Bem melhor do que eu, pelo menos. Era nele que estava a minha esperança para que pudéssemos executar o plano de Poison, que, naquele dia, só estava à espera dos meus itens de ação, já que o restante estava tudo encaminhado.

O garoto tatuado assentiu, levantando sua mão e balançando as chaves na minha frente.

— Estou pronto.

Algo prateado e que pareceu brilhar no seu dedo chamou a minha atenção.

— Isso é... — Peguei a sua mão, que até ela era tatuada, e avaliei aquele objeto. — Um anel? Você está namorando, Aaron Wright?!

Ele abaixou sua mão rapidamente, parecendo sem jeito ao ser pego no flagra.

— O carro está mais potente do que antes, acho que vai dar para executarmos esse plano — desconversou.

— Acha? — Rebeca indagou.

— Nada é certo neste mundo. — Ele a respondeu.

Mas eu ainda estava preso na surpresa de ele estar namorando. Para mim, que sabia perfeitamente sobre o seu passado, aquilo era muito surpreendente. Tudo bem que ele não era mais o menino de dezesseis anos, mas, até os seus vinte, conversávamos com mais frequência e ele sempre se mostrou obstinado a fazer justiça contra todos que o machucaram.

A não ser que...

— Não me diga que é *ela*.

Aaron até tentou disfarçar, mas não conseguiu fugir de mim. *Ele era um grande filho da puta!*

— Está feliz? — Resolvi fazer essa pergunta.

Mesmo que Rebeca estivesse ao meu lado e ele odiasse quando eu fazia perguntas parecendo um pai preocupado, ainda assim, Aaron assentiu.

— O que mudou, garoto?

— Percebi que tudo o que estava vivendo não fazia mais sentido, não quando poderia tê-la ao meu lado.

Aquilo não era só uma evolução, era um completo choque que poderia queimar muitas pessoas. E, se minhas suspeitas estivessem certas, Aaron havia perdoado o seu próprio inferno para ter uma chance no submundo com ela.

Porém ele não me falaria os detalhes naquele momento. Aaron ainda era um garoto muito fechado, apesar de ter notado leves mudanças agora no seu comportamento, então, por isso, voltei ao assunto do plano contra Carl Jackson.

— Se você está pronto, vamos apresentá-lo para os Shadows.



— Você me matou hoje, Ryder Fraser! — Rebeca dramatizou ao meu lado.  
— Não se pode falar em códigos quando tem uma pessoa muito curiosa na mesma conversa.

— Desculpa, Bae — pedi, realmente me sentindo culpado por ter feito aquilo. — Mas não é nada de importante.

— Você pareceu bem surpreso por ele estar namorando.

— É que... Aaron sempre teve nojo de mulheres e qualquer tipo de relação com elas, sabe? — Ela negou com cabeça, mais confusa ainda. — É complicado falar sobre isso sem revelar um passado que ele confiou somente a mim.

— Bom... Que legal que ele tenha superado isso, né?

Observei Aaron entrar no carro à nossa frente, pronto para testar mais uma vez a sua velocidade embaixo da câmera. Já estávamos em um dos galpões do moto clube há alguns minutos ensaiando a forma como passaríamos despercebidos pelas câmeras que haviam sido posicionadas pelo lado de fora do estabelecimento. Aquilo era o mais parecido que tínhamos com a casa de Carl.

— Sim. É bom que ele parece feliz agora.

Sabia que, para muitos, a sua carranca ainda continuava a mesma, mas eu havia convivido dois anos com o garoto, sabia reconhecer quando algo havia mudado. E aquela versão diante de mim era uma versão feliz de Aaron Wright.

Precisava confessar que até eu havia pensado que isso nunca poderia acontecer. Mas parecia que milagres realmente aconteciam.

*“Percebi que tudo o que estava vivendo não fazia mais sentido, não quando poderia tê-la ao meu lado.”* Sua frase ainda estava ecoando na minha cabeça. Era impossível não relacioná-la à minha situação com Rebeca.

Desde que ela entrou em minha vida, nada do que eu fazia tinha sentido, se estivesse vivendo sem ela.

— Isso é o seu melhor corredor? — Poison surgiu ao meu lado, com os braços cruzados e parecendo irritada com a suposta falta de velocidade de Aaron.

— Preciso lembrar que são *três segundos*? — revidei. — Dê um tempo para ele. Tenho certeza de que vai conseguir.

— Não temos tempo, Ryder! A qualquer momento, aquele filho da puta pode nos pegar de surpresa de novo — disse, soltando os braços ao lado do seu corpo de forma frustrada. — Você não quer pegá-lo?!

— Você sabe que quero isso tanto quanto você.

— Pois não parece. — Seus olhos caíram em Rebeca ao meu lado. — O que parece é que isso é uma colônia de férias para você e sua namorada recheada de acontecimentos. Pouco me importo que o que vocês têm vai acabar quando Carl morrer, mas espero que não esteja adiando esse momento por causa disso.

Senti meu sangue ferver com a acusação e precisei respirar fundo para não mandar aquela irritadinha se foder. Rebeca percebeu que me irritei porque segurou mais forte a minha mão, quase como se me desse um aviso para deixar aquilo para lá.

Eu sabia que Poison estava passando por um momento difícil. O luto era uma merda e eu tinha lugar de falar para ter certeza disso, mas agora dizer que eu estava adiando o momento pela minha própria felicidade? Era um absurdo!

Ela estava surtando.

— O Sombra era importante para mim. Não tanto quanto para você, Poison, mas, ainda assim, era alguém que eu salvaria de uma bala sem pensar em mim. — Eu a avisei. — Então, é melhor pensar antes de me acusar de algo assim.

Poison bufou, voltando-se para Aaron.

— Inicie o tempo de novo, Rael! — mandou. — Vou entrar no carro.

Ela entrou na parte de trás, como o combinado, e Rael reiniciou o tempo assim que Aaron estava pronto para dirigir.

Novamente, a câmera pegou a traseira do carro.

— Droga! — resmunguei.

— Mais uma vez! — Rael gritou, reiniciando o tempo. — Um pouco mais rápido, Aaron.

Não adiantou muito. Aaron conseguiu ir mais rápido, mas a câmera ainda o pegou fazendo uma curva.

— Isso não vai dar certo! — Akira, o pessimista, disse. — Por que não invadimos logo esse lugar?

— Estou começando a concordar com Akira. — Rael murmurou, analisando algo no seu *tablet*. — O tempo é muito curto e, mesmo com o carro mais veloz, ainda não conseguimos fazer um bom trabalho.

Poison saiu do carro e não economizou ao bater a porta com força. Aaron fez o mesmo, um pouco frustrado por não conseguir me ajudar.

— Tudo bem. — Eu o tranquilizei, quando se aproximou. — Vamos dar um jeito.

— Precisamos de um plano B. — Hawk, que avaliava tudo em silêncio, comunicou. — Invadir é uma opção agora.

— Arriscar a vida dos nossos membros, você quer dizer. — Poison rebateu.

— Eles sabiam que poderiam morrer em qualquer missão assim que vestiram o *cut*.

A frieza com que disse aquilo não surpreendeu ninguém, nem mesmo Rebeca ao meu lado. Acreditava que ela já estava se acostumando com o coração gelado deles.

— Certo. — Poison se deu por vencida, soltando um longo suspiro. — Vamos fazer desse jeito então, desde que o Carl esteja morto no final desta semana.

A porta do grande galpão foi aberta e tive que piscar duas vezes para ter certeza do que estava vendo. Não era uma ilusão projetada pela minha mente, porque os quatro parados diante de nós tinham a atenção de todos.

— Acho que eles vieram ajudar. — Hazel apontou, segurando sua valiosa arma na cintura.

Rebeca não se segurou nem por um minuto e correu em direção à Alexandra, pulando no seu colo e quase a fazendo se desequilibrar e cair no chão. Elas se abraçaram tão forte que chegou a ser comovente. Mas não me demorei muito as olhando porque minha surpresa estava mesmo em Tyler e Angel, parados ao lado de Hazel de mãos dadas.

Minha irmã foi a primeira a reagir, sorrindo de lado e dando de ombros.

— Não conseguimos ficar longe da adrenalina.

Olhei para Tyler, que assentiu levemente com um breve sorriso nos lábios.

— Uma última corrida pelo seu deserto.

Finalmente, senti a esperança daquele plano voltar a funcionar porque, se havia uma coisa que Tyler Blossom era bom, essa coisa era em ser rápido.

Sorri, enfim sentindo que as horas de vida de Carl Jackson estavam contadas.



# 33

| ADRENALINA |

*Não me culpe, o amor me deixou louca  
Se você também não fica, não está fazendo direito  
Senhor, salve-me, minha droga é meu amor  
Vou usá-la pelo resto da minha vida  
DON'T BLAME ME — TAYLOR SWIFT*

## REBECA WILSON

Eu mal conseguia processar o que estava enxergando e, naquele instante, tocando.

Alex estava ali na minha frente e, se não fosse pelo seu abraço tão apertado, acharia que tudo fazia parte de um sonho.

— O que você está fazendo aqui?! — perguntei, segurando o seu rosto entre minhas mãos.

Seus olhos estavam marejados e ela esboçava um sorriso lindo na boca. Que saudade dessa gostosa!

— Assim que a Angel me disse que viriam ajudar vocês, peguei uma mochila, coloquei algumas roupas e entrei no carro com eles — contou, me abraçando de novo. — Senti sua falta!

— Vincent deve estar tendo um ataque cardíaco neste momento, mas estou feliz que está aqui. — Eu a abracei de volta.

— Ele está viajando com meu pai — murmurou. — Claro que, depois que voltarmos, ele vai ficar sabendo, mas aí já vou estar na sua frente, sã e salva.

Nós rimos do seu atrevimento.

— Droga... — Eu a apertei mais contra mim, querendo me fundir naquele abraço. — Senti muito a sua falta, Butterfly.

Só nos separamos quando percebemos ao mesmo tempo que Angel e Ty estavam conversando com Ryder.

— Uma última corrida pelo deserto. — Foi o que Tyler disse, parecendo confiante de que conseguiria fazer aquilo facilmente.

Todos os sombras os olhavam, provavelmente os achando crianças demais para estarem ali, mas logo enxergariam que Tyler Blossom era a única chance

que tinham.

Ryder se aproximou e, pegando sua irmã de surpresa, a puxou para um abraço apertado.

— Obrigado — agradeceu baixinho.

Angel levantou os braços devagar e o abraçou com cuidado, quase como se fosse uma miragem aquilo estar acontecendo entre eles, mas conseguiu sentir de onde estava o quanto relaxou ao ser abraçada pelo seu irmão.

— No final, a família é tudo o que importa — disse para ele. — E não quero ter o desprazer de te enterrar tão cedo.

Poison se aproximou também, junto com Aaron.

— Vocês são...? — Parecia bem curiosa e um pouco desconfiada.

Considerando que eles eram criminosos de primeira, era certo sua desconfiança.

— Fica tranquila, Poison. — Ryder garantiu. — Essa é a minha irmã Angeline Fraser e o seu noivo Tyler Blossom, o melhor corredor que já pisou no deserto.

— Esse nome não me é estranho. — Hazel comentou, ao semicerrar os olhos, pensativa.

— Talvez, você tenha visto a coletiva de imprensa que ele fez ontem. — Angel respondeu, orgulhosa do noivo. — Sua estreia é daqui um mês.

Akira tossiu, chamando a nossa atenção por parecer ter se engasgado com a própria saliva.

— Que merda...?! Um piloto de corrida? E se descobrem? A imprensa deve estar na sua cola!

Por mais que Akira fosse uma pessoa difícil de lidar e, na maioria das vezes, bem arrogante, sua preocupação era muito valiosa. Olhei para minha cunhada.

— Imagino que vocês tenham um plano quanto a isso.

Angel assentiu.

— Não fomos vistos vindo até aqui, não se preocupem, e Tyler vai usar uma touca na cabeça quando for correr para vocês na parte do plano. Bem estilo bandidão! — Ela não conseguiu conter a piada, me fazendo segurar a risada. — Mas, sim, é um risco que estamos correndo.

— A imprensa é o que menos me importa agora. — Poison debochou. — Você sabe correr melhor do que ele?

Notei Aaron suspirar alto do outro lado, parecendo não gostar da ofensa da morena.

— Sou bom no soco, não no volante — defendeu-se. — E se Tyler vai correr, posso voltar para a minha cidade?

Ele era mesmo uma criatura estranha.

Sua altura era impressionante, bem provável que tinha quase dois metros de altura, mas o que o deixava mais surpreendente era a quantidade de desenhos espalhados pela pele. Orelha, pescoço, braços, mãos e provavelmente o resto do corpo estava tapado para todos.

Aaron era um rapaz bonito, para falar a verdade. E muito gostoso, com todo respeito por Ryder, mas aquele semblante sempre sério, que dava a entender que mataria a primeira pessoa que o irritasse, deixava toda sua aparência bonita, um pouco assustadora.

— Acho que podemos treinar e ver no que vai dar. — Hawk disse. — Não temos tempo a perder, precisamos agir rapidamente.

Ryder assentiu.

— O que acha, Tyler?

— Angel me contou que temos que passar em um intervalo de três segundos até o outro lado. — Olhou de um ponto para o outro, parecendo calcular algo na cabeça. — Para isso acontecer sem que a câmera pegue o carro, preciso de impulso o suficiente para usar o nitro.

— O que isso quer dizer, exatamente? — Hawk perguntou.

— Como é a estrada até a casa do Carl?

Rael se aproximou com o *tablet* e o estendeu para Tyler. Meu amigo avaliou com cuidado, tocando na tela e recalculando tudo na sua mente.

— Não vai ser fácil, mas não é algo tão difícil — disse por fim, devolvendo o aparelho para Rael. — Vou sair com o carro na mesma distância que preciso para passar por essas câmeras.

— Aaron já tentou isso. — Poison avisou, um pouco entediada.

— Com todo respeito, mas eu não sou o Aaron. — Ty se gabou, não se importando com quem estava lidando e nem querendo saber quem era.

Sem perder tempo, ele caminhou até o carro e adentrou, sendo o foco da atenção de todos até sair do galpão e voltar com toda a velocidade que teoricamente precisava. Tyler passou tão rápido pela câmera que temi tê-lo perdido em um piscar de olhos. A velocidade era tão impressionante que fez com que os pneus raspassem no concreto daquele local ao frear longe de nós.

— E então...? — Hawk perguntou ao Rael.

O secretário olhava para o aparelho em suas mãos com os olhos levemente arregalados.

— Dois segundos e meio — murmurou, um pouco chocado.

— Meu noivo. — Angel não perdeu a oportunidade de dizer, toda orgulhosa.

Eu sabia que ele conseguiria fazer aquilo.

Correr era mais do que ter o melhor carro do mundo nas suas mãos, era saber calcular todos os pontos de aceleração e freio quando precisava, e isso, Tyler sabia fazer muito bem.

O irmão mais velho dos Blossom desceu do carro e voltou a se aproximar de nós.

— Deu certo?

Todos assentiram.

— Então temos tudo o que precisamos para acabar com a raça dos Jackson's. — Hawk concluiu, sorrindo pela primeira vez desde a morte do presidente. — Obrigado pela ajuda, Tyler.

— Irei apenas dirigir e depois sairemos deste lugar — avisou para nós.

Não esperava algo muito diferente.

— Você vem com a gente para Campbell, Beca? — Angel perguntou.

Não tinha pensado nisso e a sua pergunta me deixou um pouco surpresa. Olhei para Ryder, que parecia curioso pela minha resposta. O que fazer, afinal?

As próximas horas naquele lugar iriam se transformar em uma guerra e não sabia se seria útil ou só os atrapalharia.

— Seria melhor. — Hazel se intrometeu na resposta, parecendo adivinhar os meus pensamentos. — Não seria bom que Rebeca ficasse no clube quando ainda só sabe o básico de defesa pessoal.

Ryder suspirou.

— Tem razão — disse, ainda com os olhos em mim. — É melhor você ir para Campbell com elas, Bae.

*Mas e quanto a nós?*

Notar que aquele era o nosso fim definitivo me trazia novamente a tal sensação de vazio no peito. Achei que aqueles últimos dias ao seu lado facilitariam na hora da despedida, mas parecia que Winter estava certa quando disse que isso só machucaria mais.

— Quando eu voltar, nós resolvemos tudo, ok? — Ele falou, provavelmente sabendo por onde os meus pensamentos andavam.

Com “resolver tudo”, ele queria dizer “acabar de vez”.

Era tão cruel sentir isso através da sua voz e pela forma que me olhava com pesar. Apenas assenti com a cabeça, pois aquele era o combinado que eu mesma havia proposto. Sabia desde o início que não podia ter a esperança de fazê-lo mudar de ideia.

— Vamos treinar mais algumas partes do plano. — Poison ordenou, interrompendo nossa conversa. — Se tudo der certo, amanhã iremos pegar esse desgraçado.

— Por que não vamos conversar lá fora? — Angel sugeriu para mim e Alex. — Não fazemos parte disso, de qualquer forma.

Assenti.

Era uma boa ideia.

Estava me virando para sair do galpão com as meninas quando Ryder segurou meu pulso e me puxou devagar para ele.

— Vai dar tudo certo, ok?

Eu não queria pensar no que poderia dar errado naquele plano e muito menos nas consequências que eles poderiam ter ao invadir a casa de Carl. Poupei-me de impedir que Ryder fosse porque sabia que nada poderia tirar da sua cabeça a fúria que sentia por aquele homem. Enquanto ele não o visse morto, não descansaria.

E, por mais que eu odiasse a morte, estava torcendo para que Jackson partisse logo, pois não gostaria mais de viver com o medo constante de que algo poderia acontecer comigo por ter me apaixonado por um criminoso.

— Ok — murmurei em concordância.

Ryder segurou o meu rosto entre suas mãos e me beijou rapidamente. Ainda teríamos aquela noite para nos sentirmos um no braço do outro e aquilo teria que ser o suficiente.

— Eu sei o que está pensando — falou baixinho, aproximando a boca do meu ouvido. — Mas não vamos focar nisso agora, ok?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Preciso ir.

Ele me soltou depois de me beijar mais uma vez.

Droga... Aquilo era mais difícil do que descreviam.



Minhas amigas e eu balançávamos nossas pernas no ar, sentadas no muro não tão alto que ficava ao redor do galpão do moto clube.

— Ainda não acredito que vocês estão aqui — murmurei a verdade.

Já havia piscado e me beliscado algumas vezes só para ter certeza.

— O que não faço pelo meu irmão, não é mesmo? — Angel riu de si mesma. — Se me dissessem que eu participaria de um plano com uma gangue de motoqueiros para pegar um traficante há um ano, eu teria rido na cara da pessoa.

— Nem me fale! Isso ainda me deixa zozza — admiti, encostando a minha cabeça no ombro de Alex, que não demorou para começar a me fazer cafuné. Que saudade. — Eu aprendi a dar um tiro, vocês têm noção disso?! Lembram

de onde estávamos há três anos? Nosso maior problema era como fazer Sky e Caleb voltarem.

Alex riu, concordando.

— E a gente ainda achava aquilo muita dor de cabeça...

— Me lembre de nunca mais reclamar de boca cheia — pedi, após suspirar.

— E como todos eles estão?

— Nathan já começou a jogar há algumas semanas e Clarke iniciou a sua turnê. — Alex respondeu. — Sky e Caleb já estão em Nova Iorque.

— Sério?! — Não consegui fingir que não estava animada por eles.

— Se mudaram definitivamente.

— Então só você está em Campbell agora?

Nem parecia que apenas alguns meses haviam se passado, parecia que haviam sido anos.

— Sim. Ty e Angel foram os últimos a saírem da casa.

— Foi bom enquanto a nossa farra juntos durou... Agora, precisamos viver a vida adulta, mesmo que, às vezes, o passado nos chame. — Angel disse, observando o interior do galpão dali. — Essa gente... motoqueiros, né? — perguntou, e eu assenti. — São gente boa? Confiáveis?

— Ryder confia neles — respondi. — E sempre me trataram muito bem.

— Fiquei surpresa por ter mulheres nesse time. Achei que eram machistas demais. — Alex apontou.

— Também fiquei bem surpresa quando descobri — compartilhei minha experiência. — Vocês precisam conhecer a Winter. Ela é a médica e o coração desse moto clube.

Alex sorriu.

— O que isso quer dizer?

— Que ela é como você. — Era mesmo uma comparação boa, as duas tinham muitas semelhanças em relação à personalidade. — Boa, engraçada e que se preocupa com todos.

— Já gosto dela — falou, alisando a minha bochecha. — E como você está com tudo isso, Beca?

Levantei meu rosto, vendo as duas me olharem preocupadas.

— Com o quê?

— Ryder.

Dei de ombros, afastando minha cabeça do carinho de Alex para, dessa forma, conseguir falar melhor com elas.

— Meu futuro ex-namorado irá para uma missão que tem como objetivo matar um idiota, então acho que estou tentando não surtar que essa é a minha realidade agora.

— E, depois disso aqui, cada um vai para um canto? — Angel perguntou.

— Esse é o combinado.

— Não acho que isso vai acontecer... — Ela deu a sua opinião. — Ryder sofreu muito naqueles dezoito meses.

Dei de ombros.

— Não vou me iludir com a ideia de que ele irá me escolher ao invés do deserto — falei, olhando para frente e respirando fundo. — Não posso mais exigir isso dele, não quando me apaixonei por ele já sendo o Rei do Deserto. Chega a ser hipócrita.

— Não fala assim... — Alex tentou me consolar.

— Eu sou hipócrita, Alex — admiti, sem nenhum medo. — *Não se muda por alguém*, não é o que sempre nos ensinam?

— Mas é diferente na situação de vocês. — Angel contrapôs. — A mudança em Ryder seria para melhor. Você já o mudou, Beca, ele só não sabe o que fazer com esse fato.

— Quão idiota eu seria, se o aceitasse exatamente assim? — indaguei em voz alta, botando para fora o que se passava na minha cabeça naqueles últimos dias. — Porque eu juro... É difícil respirar quando ele não está comigo.

— Beca... — Alex me puxou para os seus braços.

— Achei que iria conseguir, mas eu o amo tanto... — Senti meus olhos marejarem. — Não quero perdê-lo de novo.

Vislumbrei um movimento do meu outro lado e Angel passou um de seus braços pelos meus ombros, se juntando ao abraço.

— Eu tinha muito medo de me entregar para alguém e, quando comecei a me envolver com Tyler, achei que isso seria um impedimento para ficarmos juntos e até me fez pensar demais! Mas sabe o que eu fiz? — Neguei com a cabeça, esperando pela sua explicação. — Eu segui meu coração pela primeira vez na vida e não me arrependo em nenhum momento disso.

Funguei.

— Está me mandando seguir o meu?

— Pode ser que eu me arrependa desse conselho no futuro? Pode. Mas, agora, eu estaria mais arrependida, se não o falasse.

Levantei o meu rosto, sorrindo de lado para a ruiva.

— Obrigada.

— Pense bem no que quer fazer e para onde quer seguir. — Alex aconselhou também. — Independentemente da sua escolha, estarei aqui por você.

Foi minha vez de puxar as duas para um abraço bem forte.

— Eu amo vocês!

Elas riram e me apertaram ali dentro, trazendo a segurança e o amor que só amigas poderiam trazer naquele momento e que senti falta durante todos aqueles meses.

Separamo-nos quando ouvimos passos se aproximarem, e eu limpei o meu rosto com as mãos ao ver que era Ryder e Ty que vinham em nossa direção. Não queria que ele se preocupasse com o meu choro, ainda não era hora para aquilo.

— E então? Como foi? — Angel perguntou, pulando nos braços de Ty.

Aqueles dois eram um grude difícil de separar.

— Amanhã, iremos atrás do Carl. — Ryder avisou.

— Tão rápido assim?! — perguntei, agora sentindo um nervosismo dobrado de tamanho me pegar.

— Tyler não pode ficar muito tempo aqui e nós precisamos que seja rápido. — Ele explicou. — Esse filho da puta já tomou coisas demais de nós.

Assenti, um tanto relutante.

— Promete se cuidar? Por favor...

Ele sorriu de lado, me puxando pela mão para o conforto do seu abraço.

— Ainda não entendeu que eu sempre vou voltar para você?

Era por frases como aquela que eu me iludia com um “para sempre”, sabendo perfeitamente que “nós dois juntos por todo o sempre” só poderia acontecer se um dos lados cedesse.

Eu o aceitei uma vez como era, então qual era a dificuldade de aceitar novamente?



# 34

| HORA DA  
FESTA |

*Quando dou uma olhada na minha vida e em todos os meus crimes  
Você é a única coisa que eu acho que está certa  
Eu nunca vou te mandar embora  
Porque eu já cometi, já cometi esse erro*  
**LOVER OF MINE — 5 SECONDS OF SUMMER**

## **RYDER FRASER**

Sempre usei uma arma na cintura. Não era por nunca ter matado alguém que não sabia como usá-la. Aliás, foram os homens de Carl que me ensinaram como manusear uma e, agora, usaria contra eles tudo o que me tornei.

Eu não estava com medo, sabia que era uma guerra com um único vencedor. Hawk já havia chamado os outros *chapters* do clube e eles estavam todos ali. Era como se fôssemos um exército pronto para lutar e poderia dizer que, naquele momento, realmente éramos.

Carl pagaria por anos de assombros.

Por todas as crianças que traficou.

Pela morte do presidente.

Por sequestrar e torturar a minha mulher.

Era uma lista imensa e tinha certeza de que ele seria o último a morrer só para ter o desprazer de ver todo o seu império ruir diante de seus olhos. Aquele filho da puta merecia muito mais do que a morte, eu sabia, mas, agora, só queria um pouco de paz. Algo que não tive durante todos aqueles anos por sempre ter medo de que me achasse e que só conseguiria com o fim da vida daquele desgraçado.

Braços circularam minha cintura e sorri fraco ao sentir o rostinho delicado de Rebeca recostar-se nas minhas costas.

— Depois que tudo isso acabar, vamos conversar — prometi.

— Eu iria falar a mesma coisa — disse, beijando minhas costas nuas. — Mas você tem que me prometer que vai mesmo voltar para mim.

— Já falei, Bae. — Virei-me e a peguei no colo, deixando que suas pernas abraçassem a minha cintura. — Voltarei vivo para você.

Ela segurou o meu rosto entre as mãos e me beijou. Fechei os meus olhos e a segurei mais firme para que não caísse, retribuindo o beijo ao mesmo tempo em que apalpava aquela bunda durinha e gostosa.

— Não posso apresentar motivos para que não vá? — murmurou, ao separar nossas bocas. — Isso é muito perigoso, Ryder...

— Não é um passeio. Isso, posso dizer com tranquilidade, mas você sabe que é algo pessoal. Mesmo que o Carl tenha mandado matar o presidente, isso ainda iniciou em mim, lembra? — Rebeca concordou com o que eu disse. — Você vai ficar bem com a Winter e as meninas.

— Winter vai nos levar para a sua casa — contou. — Me parece bom ter uma noite de meninas enquanto você está arriscando a sua vida nessa guerra.

Não me passou despercebido a sua ironia, o que me fez rir fraco.

— Você merece uma noite com suas amigas depois dessas últimas semanas.

— Sabe que não vou conseguir aproveitar nada disso, né?

— Prometo mandar uma mensagem para você assim que sair daquele lugar.

— São duas promessas em menos de vinte e quatro horas. Vai conseguir cumprir todas? — indagou, divertidamente.

— Meu histórico de cumprir promessas é ruim, mas farei o possível para mudar isso com essas.

Ela riu.

— Que bom que está admitindo que é péssimo em cumprir promessas.

Dei de ombros, rindo junto com ela.

Era surreal o que ela me fazia sentir naqueles momentos só nossos. Desde sempre foi assim e era por isso que me apeguei tão rápido àquela mulher. Rebeca sempre trazia o melhor de mim, um Ryder que estava adormecido e que, como meu pai bondoso e divertido, achei que estava morto.

Mas ali estava ele.

Não era surpreendente o porquê Angel torcia por nós. Ela enxergou isso muito antes de mim.

Alguém bateu na porta e logo a abriu, sem esperar que permitíssemos. Akira nos encarou com as sobrancelhas grossas arqueadas.

— Que bom que não estão transando porque seria uma visão do inferno — confessou, fazendo-me revirar os olhos. — Estamos prontos só esperando por você, Ryder.

— Já vou descer — avisei.

Ele saiu e fechou a porta.

— Akira tem algum problema com a gente, né? — Rebeca perguntou, descendo do meu colo.

— Ele tem problema com todo mundo que respira — esclareci, a fazendo rir. — Vejo você daqui a algumas horas, ok?

Ela respirou fundo.

— Ok.

Não aguentei e aproximei meu rosto do seu novamente, a beijando mais devagar dessa vez e deixando que aquela conexão entre nós falasse mais do que palavras seriam possíveis de explicar.

Eu voltaria.

E nós teríamos um final feliz.



Tudo estava pronto.

Tyler dirigia calmamente até o endereço de Carl Jackson há duas horas já, provavelmente logo iria acelerar o carro para que a parte do seu plano fosse concluída. Tudo o que ele teria que fazer era correr como no treino, deixar eu e Poison nos fundos da casa e voltar para Santa Fé para buscar as meninas e ir para Campbell. Ele usava a touca no rosto como Angel disse que faria, então só conseguia enxergar seus olhos e boca para fora.

Aaron já havia ido embora no dia anterior mesmo, deixando o carro comigo definitivamente, pois, segundo o garoto, eu precisava mais do que ele.

Errado ele não estava.

— Daqui a dez minutos, vou acelerar. — Tyler avisou. — Estejam prontos para pular do carro.

— *Você pegou tudo, Poison?* — Akira, que estava em uma moto bem atrás de nós, se fez presente dentro do carro por conta dos nossos pontos de ouvido.

— Sim, tenho tudo o que preciso para cortar a comunicação deles.

Rael iria nos orientar de cima do prédio que, àquela hora, já devia estar com Hazel. Ficava um pouco distante da casa de Carl, mas, com o telescópio, eles tinham uma boa visão do que aconteceria.

— *Escute as orientações de Rael com cuidado e não falhe. É a nossa única chance.* — Hawk ordenou através do ponto.

Ela assentiu, não parecendo incomodada em levar uma ordem dele. Por enquanto, Hawk ainda era o seu presidente.

Para Poison, tudo era muito normal. Provavelmente, já havia passado por muitas missões dessas e, por isso, não conseguia captar nenhum pouco de nervosismo da sua parte. Já eu, não estava muito nervoso, estava mais para

ansioso, mas ainda sentia um pouco de medo de algo dar errado e mais alguém sair ferido por minha causa.

Confiava nos Shadows e sabia que eles não eram conhecidos por serem letais à toa.

— Tudo bem? — Poison perguntou para mim, desligando o microfone dos nossos pontos para termos um pouco de privacidade.

— Estamos quase no fim de tudo isso — murmurei. — Mas ainda não me sinto aliviado.

— É porque só vai se sentir dessa forma quando ele estiver morto na sua frente — disse, deixando Tyler bem surpreso com a frieza da mulher ao meu lado. Sabia que aquilo não era nada perto do que ela fazia; até era bom que Tyler e Angel não tivessem feito tantas perguntas sobre o moto clube. Pareceu bem óbvio para mim que eles só estavam ali para me ajudar e nada mais. — Desculpa por ontem, foi chato te acusar daquilo quando estava dando o seu máximo para nos ajudar.

Assenti com a cabeça.

— Tudo bem, entendo o porquê pensou aquilo.

— Já sabe o que vai fazer depois disso tudo?

Novamente, acenei que sim com a cabeça.

— E você?

Pensei que ela iria querer saber mais sobre o que eu faria, mas, como sempre, Poison se mostrou alguém pouco interessada na vida dos outros.

— No que, exatamente?

— Sua futura posição no moto clube não será bem aceita pelos outros *chapters* — falei o que não era nenhuma novidade.

Antes de entrarmos no carro, ouvi um dos presidentes dos *chapters* dizer que era uma pena que Sombra não tivesse tido um filho homem para que a presidência permanecesse em família e fora que notei muitos outros olhando para Poison e Hazel com certo desprezo.

Ao que parecia, só o moto clube original era bem resolvido para permitir que mulheres fossem parte do time.

— Eu sei. — Sorriu friamente. — Mas esse é o meu legado e não irei fugir dele. Nem que, para isso, eu tenha que lutar contra os meus próprios irmãos.

Algo em como ela disse aquilo me fez ter a certeza de que ainda ouviria falar muito sobre os Shadows of Night no futuro.

— Estão prontos? — Tyler chamou a nossa atenção.

— Vamos apenas acabar com isso o mais rápido possível. — Poison ordenou.

Ele acelerou mais e mais, tornando os cenários dos próximos minutos em borrões para a minha visão.

— *Um minuto!* — Rael gritou no ponto, e Poison voltou a ligar nosso microfone. — *Esteja preparada para pular, Poison. Ryder só vai atrás, se sobrar tempo.*

Eu serviria de apoio. Era isso o que ele queria dizer.

Poison colocou a mão na maçaneta do carro, esperando o momento exato para abrir a porta e pular para fora. A troca dos guardas já havia começado e tínhamos pouco tempo para que Tyler aproximasse o carro da entrada dos fundos e nos largasse perto dos arbustos que tinha ali, onde nos esconderíamos até a próxima virada da câmera. O carro silencioso e a avenida movimentada permitiam que não chamássemos atenção.

Os próximos segundos aconteceram muito rápido.

Assim que Rael gritou “já!” no ponto dos nossos ouvidos, Poison pulou do carro ainda em movimento, tendo a sua queda amortecida pelas roupas que usava e pelo gramado da frente da casa.

— *Você também, Ryder! Agora!* — Ele gritou.

Pulei do carro a tempo de correr para os arbustos e ver a câmera virando em nossa direção bem no instante em que estávamos camuflados.

— 3 segundos podem ser longos, não?! — Poison comemorou ao meu lado, um tanto eufórica.

Havia caído de mal jeito e claro que também não estava totalmente recuperado das minhas costelas, então foi natural sentir dor naquela região como resultado do que havia acabado de fazer.

— Tudo bem?

— *Mais vinte segundos e vocês entram pelo muro, como treinamos.* — Rael ordenou. — *A câmera dos fundos só pega o portão, então fiquem o mais longe possível dele.*

Poison me olhou, esperando por uma resposta.

— Tudo, só senti um pouco de dor.

— *Nada que atrapalhe nossa missão, eu espero.* — Akira disse do outro lado do ponto.

— Não se preocupe, Akira. Estou tão focado como você.

Ele e o exército dos Shadows estavam a uma distância de 2km da casa, apenas aguardando o sinal para correrem e invadirem.

— *Agora!* — Rael ordenou.

Nós corremos na direção oposta da câmera e, como no treinamento do dia anterior, pulamos o muro tão rápido como conseguimos, finalmente adentrando o lado de dentro da residência de Jackson. Tudo havia sido muito bem planejado

por Hawk; parte do desespero para que a invasão fosse naquela noite era porque sabíamos através do assassino do Sombra que Jones também estaria ali.

Não queríamos apenas Carl. Queríamos destruir tudo, até mesmo a sua cria.

— Vamos! — Poison me puxou para trás de uma árvore para nos esconder da câmera que agora estava na nossa direção.

— *Daqui a cinco segundos, ela vai fazer a volta completa e vocês têm dez para chegar até a outra árvore.* — Rael nos lembrou.

No treinamento, havíamos feito em oito segundos e meio.

— *Agora!*

Corremos agachados até o outro tronco, nos segurando um no outro quando tivemos que nos espremer mais contra aquela árvore. Ela era muito mais fina do que a primeira e sabíamos que, com as câmeras, qualquer pedaço de roupa seria detectado pela lente especial e ativado o maldito alarme.

Ouvi vozes se aproximarem e, rapidamente, olhei para morena nos meus braços.

— *Merda!* — Hazel bufou do outro lado do ponto. — *Os guardas resolveram voltar a trabalhar mais cedo hoje.*

Porra!

— São quantos? — sussurrei, torcendo para que me ouvisse.

— *Quatro em cada lado da casa.*

Carl era mesmo um filho da puta medroso.

— Matamos eles. — Poison disse, como se fosse fácil.

— Nós somos apenas dois. Sabe disso ou preciso lembrar você?!

— Pretende ficar aqui até ser preso?!

— Posso distrai-los. — Pensei sobre a minha ideia em voz alta. — Carl me quer vivo e tenho certeza de que esses ratos me conhecem.

— *Vocês não têm muito tempo!* — Hazel avisou. — *Eles estão vindo para frente e logo vão ver vocês.*

— Quando eles me pegarem, você já vai ter desligado o sistema de alarme e os Shadows já vão estar aqui.

Ela assentiu diante do meu plano.

Saí de trás da árvore bem a tempo de dar de cara com quatro guardas de Carl. Eles notaram a minha presença instantaneamente e apontaram suas armas para mim, mas não atiraram, como imaginei que não fariam.

— Olha quem está aqui... — O mais alto deles disse, soltando uma risada debochada. — O chefe vai ficar feliz por não ter mais que fazer nenhum esforço para ir até você. Sabe como é, né? Ele perdeu a força das pernas.

Os outros ao seu lado riram.

— Vamos aproveitar e dá-lo como presente. Talvez, isso melhore o humor do chefe. — O outro falou.

Para que saíssem dali sem perceberem Poison, precisava correr e foi o que eu fiz. Corri até a outra ponta, dando de cara com mais quatro guardas, como Hazel havia dito.

— Ryder Fraser! — Um loiro disse, apontando a arma bem na minha cara. — O chefe vai ficar feliz por ter vindo fazer uma visitinha.

— Ele está sozinho?

— Vamos vasculhar a área agora. — O outro respondeu.

— Vasculhem e não deixem nenhum canto de fora. — O que parecia ser o líder dali ordenou. — Ele está andando com sombras agora.

Meus braços foram puxados para trás e eu deixei que me prendessem com suas mãos imundas porque sabia que logo todo aquele lugar viraria uma escuridão sem nenhum sinal e sem nenhuma escapatória.

— Me pergunto o que você está fazendo aqui, Fraser. — O líder disse, parecendo bem desconfiado. — Sozinho, com uma arma patética na cintura e sem chance de sair vivo. Por acaso, é um suicídio?

— Quero fazer um acordo com o seu chefe — menti, ganhando tempo.

Ele riu alto.

— Você perdeu a sua chance de fazer acordos.

Não me importei com a sua resposta.

— Mas sabe, Ryder, nós podemos fazer um acordo. O que acha? — Agora, ele tinha a minha atenção. — O Carl está velho e parece que a minha sorte não está a meu favor, pois ele não morreu naquela merda de acidente.

O loiro parecia indignado com aquilo, me deixando em alerta.

— Carl e Jones eram para estar naquele carro, mas os filhos da puta resolveram se dividir. — Riu forçado. — E, no dia seguinte, eu ainda era o cão de guarda desses imundos.

*Espera... O quê?*

— Está surpreso? — Abriu um grande sorriso. — Fui eu que sabotei os freios do carro do Carl! Sou eu que o quero morto! Seria um traficante muito melhor do que ele.

Uma traição dentro do seu próprio time, foi isso o que Carl sofreu.

Ele confiava tanto na sua equipe que não pensou duas vezes em me acusar.

— Entre naquela casa e o mate — disse, me dando a chance. — Você tem menos a perder do que eu.

— E o que ganho com isso?

— Sua dívida será perdoada.

Se eu estivesse sozinho, aquele seria um tipo de proposta tentadora, mas, por experiência própria, sabia que tinha que contar nos dedos as pessoas em quem confiava. E minha mãe uma vez me disse: uma vez mentiroso, sempre mentiroso.

Tinha quase certeza de que isso também se estendia para traição.

— É uma pena, mas... — Na mesma hora, toda a energia da residência de Carl se apagou e um sorriso maligno se abriu nos meus lábios automaticamente. — Eu já tenho um plano.

Em um piscar de olhos, o portão estava sendo derrubado e os barulhos de tiros começaram, dando início àquela festa.



# 35

| UM FIM PARA O  
FIM |

*Eu não sou uma pessoa perfeita  
Eu nunca quis fazer aquelas coisas com você  
E então eu tenho que dizer antes de ir  
Que eu apenas quero que você saiba*  
**THE REASON — HOOBASTANK**

## **RYDER FRASER**

Nunca pensei que fosse gostar de sentir tamanho desespero, mas achava que, quando não se tratava de mim ou de alguém que eu amava, sentir isso vindo das pessoas que te fizeram mal era fascinante.

As luzes de emergência, provavelmente acionadas por um gerador, foram acesas, mas o caos dentro daquele pátio já havia começado.

Os guardas, que antes estavam ao meu redor, tentaram se defender, atirando em alguns membros, e eu tratei de fugir deles antes que levasse uma bala perdida. Fui à procura de Poison.

Eu, com certeza, era a menor das preocupações daqueles idiotas àquela altura.

Agachei-me a caminho dos fundos novamente, não conseguindo ignorar alguns corpos sem vida da tropa de Carl e outros se rastejando em busca de abrigo. Estávamos em maior número, então era quase uma piada eles acharem que tinham alguma chance contra nós.

A porta da entrada dos fundos da casa estava meio aberta e segui caminho para o seu interior, não sabendo o que pensar sobre o silêncio que encontrei por ali. Poison devia estar ali dentro com Carl e Jones, mas tudo o que encontrei foi a sala de estar vazia.

Peguei a lanterna de dentro da minha jaqueta e iluminei à minha frente, ainda escutando o caos acontecendo do lado de fora.

— Poison? — chamei perto do microfone, para que me ouvisse pelo seu ponto.

O barulho de algo se chocando contra uma parede preencheu a casa silenciosa. Vinha do andar de cima, e tratei de procurar o mais rápido que

conseguia pelas escadas.

— *Aqui fora está tudo ok.* — Hawk disse através do ponto. — *Matamos os que tentaram escapar.*

— Ninguém vivo? — perguntei, um pouco surpreso com a rapidez dos Shadows em dizimar todos.

— *O que achou? Que 16 guardas teriam chance contra 22 de nós? Não somos os sombras à toa, Ryder!* — Akira se gabou. — *Agora, você e Poison acabam com a vida dos cabeças disso tudo, e, no final da noite, vamos ficar bêbados para comemorar.*

— Primeiro, eu preciso achar a Poison.

— *Como assim?* — Hawk questionou. — *Ela havia conseguido entrar na casa.*

— Não estou conseguindo contato com o ponto dela — respondi, pisando no primeiro degrau da escada. — Seria melhor se vocês ficassem quietos aí do lado de fora.

Os idiotas estavam comemorando como se a vingança já tivesse acabado.

— *Hazel? Alguma coisa do lado de fora?* — Hawk indagou.

— *Negativo. Matei os idiotas que tentaram fugir pela garagem* — disse. — *E vi um vulto subindo as escadas da mesma forma que estou vendo um agora.*

— Sou eu — respondi, olhando para a grande janela atrás de mim. — Poison subiu por aqui.

— *Vou entrar na casa.* — Hawk avisou.

Em menos de um minuto, ele já estava arrombando a porta da frente e se aproximando da escada.

— Não podemos ligar a energia porque Carl e Jones ainda estão vivos, e espero que não tenha arrumado outra forma de se comunicar com o lado de fora — disse, chegando atrás de mim. — Vamos subir.

— *O sinal dos celulares também foi cortado, Hawk. Não confia no seu melhor secretário?* — Rael provocou pelo ponto.

Subimos as escadas atentos a qualquer movimento, mas, como no andar de baixo, o corredor de cima estava vazio e só o considerei suspeito por ver uma porta escancarada ao final.

— Naquela direção. — Apontei com um maneio de cabeça.

Corremos até o cômodo aberto e não precisei procurar muito por Poison, pois foi só mirar a lanterna para o chão para ver parte de um corpo imóvel; as botas que estava usando naquela noite eram chamativas demais para não serem reconhecidas.

— Poison! — Hawk gritou, se agachando ao lado dela rapidamente e segurando o seu rosto entre as mãos. — Acorda, menina!

*Que merda aconteceu?!*

Levantei a lanterna, procurando por alguma pista de onde estávamos, e notei pela grande estante e pela mesa de madeira no centro daquela sala que se tratava de um escritório. Provavelmente, o lugar que Carl trabalhava dentro daquela casa.

Voltei a mirar a lanterna no corpo no chão.

— Antes de subir, ouvi o barulho de um corpo caindo. Deve ter sido o dela — falei, me agachando ao lado de Hawk. — Ela... está respirando?

— Tem pulso, só está desacordada. — Ele continuou a dar tapinhas na bochecha de Poison, tentando fazer com que ela acordasse. — Agora, como a derrubaram é que não sei.

— *O que está acontecendo?!* — Rael perguntou.

— Carl e Jones não estão na casa, e Poison está desacordada.

— *O quê?! Como assim, ela foi derrubada por um pivete e um cadeirante?* — Hazel parecia indignada.

— Eles podem não estar sozinhos ou ela teve um elemento surpresa — supus. Afinal, Poison não era a porra da *Capitã Marvel*.

— Desvie a lanterna, Ryder. — Hawk mandou. — Ela está tentando abrir os olhos.

Fiz o que ele pediu, apontando a lanterna para a sua barriga e já conferindo se não estava mais ferida do que imaginávamos. Não havia sangue ao seu redor, então o mais provável era que ela havia levado uma pancada apenas para desmaiar.

— Ei, Poison! O que aconteceu? — Hawk perguntou, ainda segurando seu rosto.

— Aquele filho da puta... — murmurou com raiva, tentando se levantar, mas ainda parecendo um pouco tonta.

— Qual deles? — indaguei.

— Essa merda de casa tem uma passagem secreta, Rael! — gritou no ponto. — Como isso não estava na planta?!

— *O quê?! — O secretário parecia surpreso. — Você só pode estar de brincadeira! É uma construção nova e...*

— Isso não importa agora. — Hawk interrompeu. — Onde eles estão? Não podemos deixar esses filhos da puta fugirem!

Poison fechou os olhos e respirou fundo, abrindo-os outra vez e mirando-os para a estante ao nosso lado.

— O livro prateado — falou. — Para abrir a passagem, é só puxá-lo. Que nem na porra de um filme.

Sua cara de tédio demonstrava o quanto estava descontente com o imprevisto no plano.

— Vamos! — Hawk a puxou para que ficasse em pé. — Posso saber como se deixou ser derrubada?

— Elemento surpresa — explicou, confirmando a minha teoria. — Ninguém estava no andar de baixo, então subi e, depois de ver todos os cômodos deste andar, achei Carl abrindo a passagem. Estava prestes a atirar nele quando Jones veio por trás e me derrubou.

— Você falhou. Devia ter procurado melhor. — Hawk chamou a sua atenção.

— Eu sei. — Solto um suspiro frustrado. — Temos apenas uma chance de pegá-los agora.

— Isso, se descobrirmos até onde isso leva — falei, me aproximando da estante.

Puxei de uma vez por todas o livro e, igualzinho como em uma cena de filme, a estante foi toda para um dos lados, abrindo uma porta para um corredor escuro.

*Mais escuridão... Que maravilha!*

Apontei a lanterna e segui o caminho, ouvindo os passos de Poison e Hawk me seguirem.

— *Entendi o que aconteceu.* — Ouvimos a voz de Rael no ponto. — *Eles escondem a planta real da casa com uma senha, mas já consegui abrir.*

— E para onde esta passagem nos leva?

Rael riu do outro lado.

— *Parece que é o nosso dia de sorte mesmo!* — comentou, nos deixando sem entender. — *A passagem os leva diretamente para este prédio.*

Hawk riu alto.

— Vocês já sabem o que fazer.

— Apenas os imobilizem. — Poison ordenou. — Eu mesma quero acabar com a vida desses desgraçados.

Andamos mais rapidamente pelo corredor vazio e escuro, encontrando a saída a alguns quilômetros de distância de onde entramos. Abrimos a porta, encontrando uma sala do que parecia ser de despesas daquele prédio e, não tendo nada a inspecionar por ali, saímos daquele cubículo. Acabamos caindo no grande salão de entrada do local.

Para a nossa grata paz, Hazel mirava duas armas. Uma em cada mão, uma para cada inimigo. Só pela feição de fúria de Carl, conseguia ver o quanto

estava insatisfeito por ter perdido mais uma vez.

— Se eu não tivesse nesta cadeira de rodas, as coisas seriam muito diferentes! — cuspiu as palavras, como se pudesse nos transmitir medo.

Tudo o que Hawk fez foi rir.

— Achou que nos enfraqueceria com a morte do presidente, não é? Idiota estúpido! Uma morte como a dele só nos deixou mais fortes e com mais sede de vingança.

— Nós tínhamos um plano e o executaríamos amanhã — defendeu-se.

— Que bom que fomos mais rápidos, não é?! — Hazel o provocou, brincando com a trava da arma, o que deixou Jones mais assustado.

— Como descobriram onde eu estava?!

— Você não devia confiar tantos nos seus homens — falei, chamando a sua atenção. — Deveria saber, antes de morrer, que quem quase causou a sua morte naquele acidente foi um dos seus cães.

Sua pele ficou mais pálida com o baque da notícia. Carl até tentou disfarçar, soltando uma risada nervosa, mas ele não conseguia me enganar. Era óbvio que aquilo tudo fazia sentido na sua cabeça agora.

— Devia ter pensado nisso antes de sequestrar a minha mulher — continuei, me aproximando dele. — Devia ter investigado a sua merda antes de torturar a mulher que eu amo!

Não resisti e soquei a sua cara, amando a sensação de ver o seu rosto tombar para o lado e o canto do seu lábio sangrar com o impacto.

— Antes de me dar um tiro! — Soquei mais uma vez. — Mesmo que não tenha sido você!

— Tire as mãos do meu pai, seu...!

Jones nem terminou de falar, pois levou uma flechada vindo da direção de Poison.

— É melhor encher a sua boca com veneno de cobra, desgraçado! — disse Poison, guardando a pistola com seus venenos dentro do casaco e se aproximando do garoto de vinte e três anos. — Isso é para aprender! Não se derruba alguém como eu sem ser derrubado de uma forma mil vezes pior depois.

O garoto caiu de joelhos, segurando a seringa no pescoço e a tirando, mesmo sabendo que já era tarde demais. Àquele momento, o veneno já estava se alastrando por toda parte do seu corpo com rapidez e, pela forma como fazia uma careta e seus olhos marejavam, estava sendo angustiante aguentar.

— Porra! Que merda fez com o meu filho?! — Carl até tentou se movimentar, mas resmungou ao quase cair para frente com a cadeira.

Chegava a ser patético.

— Como você pôde pensar que nos venceria?! — Hawk perguntou, se aproximando dele sem esconder a cara de deboche. — Você parecia um rato se escondendo de nós e se aproveitando dos elementos surpresa.

— Chega a ser patético você ser responsável pela morte do meu pai! — Poison disse, cuspiendo na cara de Carl.

— Açam que estou sozinho?! Isso é muito mais do que Ryder ou vocês! — Riu. — Eu posso ser um rato no esgoto, mas vocês não passam de gatos prestes a lutar contra lobos.

Olhei para Hawk, não entendendo nada do que aquilo queria dizer, mas ele também estava confuso com o que Carl havia acabado de revelar.

— Vamos logo acabar com isso! — Poison falou, sacando a pistola da sua cintura novamente.

— Espera! — pedi, pegando a minha arma da cintura. — Sei que ele foi o mandante do seu pai, mas *eu* quero fazer isso.

Poison pareceu surpresa.

— Tem certeza? Você nunca fez isso.

— Não sou um bobão, Poison.

Carl riu alto.

— Vai me matar, bebê?! Pela primeira vez, vai sujar a suas mãozinhas?

— Cala a boca, porra!

— Vai em frente — disse Carl, debochando de mim com aquela cara inchada. — Quero ver se tem coragem.

— Se ele não tiver, eu tenho! — Poison cortou o seu sorrisinho.

Para mostrar que aquele filho da puta não merecia nem misericórdia, seu filho começou a convulsionar no chão devido ao veneno que, até então, já devia ter chegado no seu coração. Ele gritava e chorava, mas o filho da puta ao meu lado não demonstrava nada pelo próprio filho.

— Me dê a sua pistola, Poison.

— O quê?!

Talvez, eu estivesse surpreendendo-a bastante naquela noite.

— Apenas me dê, Poison.

Minha amiga suspirou e me entregou sua pistola. Voltei a olhar para Carl, que agora demonstrava o medo de morrer como o filho.

— Você merece isso mais do que Jones — declarei, e, sem esperar que tentasse fugir inutilmente com aquela cadeira de rodas, atirei no seu peito.

— Filho da puta...!

— Isso é pelas horas de tortura com a Rebeca e pela morte do presidente! — avisei. — Está longe de merecer uma morte fácil!

Poison sorriu orgulhosa ao meu lado, voltando a segurar sua pistola de veneno.

Pelos próximos minutos, observamos o corpo de Carl mudar de segundo a segundo conforme o veneno se espalhava pelo seu sangue. Diferentemente do filho, ele gritou mais e se contorceu muito mais em cima da cadeira. Seu suor caía por todo o seu pescoço, molhando a camiseta que usava.

Carl bufou, revirando os olhos de dor, mas tentando focar em mim e, quando conseguiu, disparou:

— Espero que... não consiga dormir... por ter matado... alguém!

Ele já estava começando a sufocar, por isso, me aproximei dele rapidamente.

— Sabe qual é o problema dos homens consumidos pela raiva? — perguntei, sabendo que não haveria resposta, pois, pela sua boca, já saía um líquidonojento e seus olhos já estavam quase se fechando. — Eles perdem a inteligência!

Carl ainda abriu seus olhos para me mostrar que, mesmo à beira da morte, ainda sentia fúria no seu coração.

— Te vejo no inferno, seu filho da puta!

# 36

| FIM DO  
ACORDO |

*Me amou com suas piores intenções  
Criei um cenário de um final feliz pra nós  
Todas as vezes que você me destruiu  
Não sei como, por um momento, parecia o céu*  
**WRONG DIRECTION — HAILEE STEINFELD**

## REBECA WILSON

Alex, Angel e Tyler almoçavam o mais animadamente possível na mesa de jantar do apartamento do casal, enquanto eu não conseguia segurar o macarrão com o garfo. A cada momento, pensava que as coisas poderiam sair do controle em Santa Fé e eu poderia receber uma ligação anunciando uma tragédia.

Uma viagem até Campbell de carro era ainda mais longa, por isso preferimos ir para Los Angeles e ficar no apartamento de Angel e Ty.

— Clarke e Nathan moram neste mesmo condomínio. — Angel disse, chamando a minha atenção. — Los Angeles é um bom lugar para um piloto e uma futura cantora morarem, não acham?

— Parece que eu e Rebeca iremos ficar abandonadas em Campbell. — Alex disse, fazendo um beicinho.

Era bonitinho saber que Clarke tinha conseguido ficar com a sua melhor amiga, assim como eu ficaria com Alex. Pelo menos, Nathan e Tyler teriam um ao outro por perto também. Isso, quando não estivessem viajando ao redor do mundo por causa de suas profissões.

— Nova Iorque está do outro lado do país, mas nada que um voo não traga os outros para cá nas férias também, certo? — Tyler defendeu, e me olhou um tanto apreensivo. — Nenhuma ligação?

Olhei para o meu celular ao lado do prato e a tela de bloqueio acesa só mostrava o horário. 12:30 a.m.

— Acho que essa demora é normal, considerando que a casa do Carl ficava a três horas de distância do moto clube e Los Angeles fica a mais de 13 horas.

Sim, a demora para eles chegarem até lá eu entendia perfeitamente, mas, agora, nenhuma notícia nem por mensagem? Nem para responder à mensagem



em que eu avisava que estávamos indo para a casa de Tyler e não para Campbell? Isso, eu não entendia!

De repente, alguém bateu na porta de entrada do apartamento e eu me levantei depressa.

— Pode deixar que eu atendo! — falei, já indo em direção à porta.

Abri a porta com a esperança de que Ryder tivesse pegado um voo rápido e estivesse ali atrás, mas obviamente aquilo era um pedido maior do que o universo poderia realizar.

Não me levem a mal, amei abrir a porta e dar de cara com a família mais linda que os meus olhos já observaram... Mas ainda queria que fosse Ryder do outro lado.

— Meu Deus! — exclamou Nathan, quase derrubando o pobre filho do colo. — Você está viva mesmo!

Sorri da sua piadinha.

— Achou que iria se livrar de mim?!

— Nem por um minuto, Beca! — Aproximou-se de mim com Michael nos braços e me abraçou, fazendo o bebê rir e puxar meu cabelo. — Ele sentiu falta de puxar esses fios.

— Também senti falta de vocês — declarei, alisando a bochecha daquele garotinho fofo antes de me afastar e dar atenção para Clarke e Chloe. — Oi, minha linda.

— *Titi...!* — Chloe tentou falar, me fazendo sorrir que nem uma boba.

— Oi, Beca! Tudo bem? — Clarke perguntou, parecendo preocupada. — Você está com olheiras.

— É porque ela não dormiu. — Alex disse, surgindo atrás de mim. — Entrem logo, não fiquem parados aí na porta.

Dei espaço para os quatro entrarem, e fomos direto para o sofá grande no canto da sala de Tyler e Angel.

— Pensei que estariam trabalhando — comentei, achando estranho eles estarem ali.

— Não está vendo meus jogos? Que coisa feia! — O dramático dramatizou. — Nosso jogo foi ontem. O próximo vai ser aqui em Los Angeles, daqui a quatro dias.

— Desculpa não estar acompanhando, minha vida tem sido um caos ultimamente... Mas é bom saber que a de vocês não parou — murmurei, sorrindo ao ver Chloe se mover até ir parar no meu colo. — Ei, princesa...!

Ela sorriu para mim, mandando beijo com aqueles beicinhos grossos e lindos.

Ai, eu não conseguia resistir àqueles gêmeos mesmo!

— Nós ficamos preocupados com você... Mas Ryder foi bem sério ao dizer que não era para acionar polícia e muito menos nos metermos nisso. Como sabíamos que não era coisa boa e que, por mais errado que seja o caminho que Ryder segue, ele não deixaria que nada de ruim acontecesse com você. Seguimos nossas vidas da forma que deu, afinal... É início de carreira, sabe? — Nathan explicou, com uma mistura de culpa e alívio por estar tendo essa conversa comigo. — Tudo é um caos e somos vigiados, então, a qualquer erro, somos expostos.

— Vocês não precisam se explicar para mim, sério — falei, compreensiva. — Eu estou feliz por estar com vocês novamente.

— Nós também, Pequena! — Clarke me abraçou de lado, deitando a cabeça no meu ombro e sendo alvo do sorriso da filha, que estava no meu colo. — Por que não dormiu na noite passada?

— Nem tudo acabou ainda... Ryder permanece em Santa Fé com o moto clube e não me deu nenhuma notícia até agora.

— Tyler me explicou por cima o plano e a sua função. — Nathan contou. — Irmão, ainda não acredito que trabalhou com mafiosos!

Sorri do jeito que ele chamou o moto clube. Eles estavam bem longe de ser da máfia, por mais caóticos que fossem.

— O que eu não faço pela amiga da minha irmã e pelo meu cunhado, né?! — Ty resmungou, sentando-se em uma poltrona e colocando Angel sentada de lado no seu colo.

— Admita que amou correr para eles! — Nathan incitou, sabendo de toda a verdade.

Tyler deu de ombros.

— Daqui a algumas semanas, correrei na Austrália. Não é a mesma coisa? — Tentou nos enganar, debochado, levando o irmão a gargalhar.

— Nem você acredita nisso, Maninho! — continuou provocando, me trazendo aquela sensação nostálgica de estar com eles. Era peculiar a forma como o clima mudava, mas entendia perfeitamente que eram os irmãos os maiores culpados disso. Com eles, tudo era mais leve. — Ryder vai vir até aqui?

— Esse era o plano, mas ele não responde às minhas mensagens — falei, frustrada.

— Tenho certeza de que ele está bem! Algo pode ter acontecido com o celular. — Angel tentou me tranquilizar, mas eu sabia que ela também estava nervosa com a falta de comunicação do irmão. — Não vamos pensar em tragédias. Já aconteceu muita merda para continuar acontecendo agora.

— Nem me lembre disso... — murmurei, lembrando como todo aquele caos havia começado. — Eu fui sequestrada!

— Vou ligar para a Sky. — Ty avisou, mexendo no celular. — Ela vai ficar triste, se souber que estamos aqui conversando sem ela.

Esperei que ele fizesse a chamada e, depois de alguns toques, o rostinho delicado de Skyller apareceu na tela do *Iphone* de Tyler. Angel pegou o celular e o posicionou no centro da lareira. Dessa forma, a loira teria uma visão de quase todos na sala.

— Ai, meu Deus! — Ela soltou um gritinho. — Caleb, a Rebeca está aqui!

Sorri, acenando com a mãozinha de Chloe na minha em direção ao celular.

O rosto de Caleb apareceu na tela alguns segundos depois e seu semblante aliviado foi perceptível.

— Graças a Deus! — exclamou Caleb. — Nós ficamos preocupados, Beca.

— Desculpa...

— Você não precisa se desculpar, só precisa nos dizer que está bem e livre dessa gente! — Sky falou, parecendo como uma mãe. — Me confirma isso, por favor.

— Eu estou bem e Ryder está resolvendo o assunto com o Carl. — Eu a tranquilizei, ainda que sentisse um calafrio ao resumir um assassinato em “resolvendo o assunto”.

Que tipo de pessoa eu havia me tornado? Porque, quando era apenas a namorada de um traficante, tudo ainda era bem mais simples do que aquela realidade.

— Ótimo! — Sky olhou para os gêmeos. — Ai, que saudade dos meus sobrinhos!

— Está na hora de vir visitá-los! — Nathan jogou a indireta. — Ou eles vão esquecer de você.

— Nathan! — Clarke o repreendeu.

— Não fala essas bobagens, Nathan Blossom! — Sky parecia realmente com medo. — Eu juro que choro, se eles se esquecerem de mim.

— Mas você não sabia que isso é possível? Eles têm a memória muito curta e... Ai! — Nathan alisou seu braço, pois levou um beliscão de Clarke. — Por que você está me beliscando, Cometa?!

— Sua irmã está iniciando a carreira dela agora e não pode pegar um avião e simplesmente vir nos visitar por paranoia que você está colocando na cabeça dela. Toma jeito, Capitão! — chamou sua atenção, mas, como sempre, prendendo o riso, o que não adiantava em nada para o bobinho ao meu lado.

Eles se mereciam mesmo. E eu os amava.

Nathan riu.

— Ok, estou brincando! Afinal, a gente faz chamada de vídeo quase todos os dias. — Ele lembrou. — Não se esqueça que quem é o dramático sou eu.

Um sorriso curto se abriu nos meus lábios. Acreditava que só agora estava sentindo o quanto havia ficado levemente abalada com a ausência deles naqueles últimos meses. Era impossível não sorrir quando se estava com aqueles irmãos.

Eles eram alegria.

Cumplicidade.

Lar.

Literalmente, a família que me adotou.

— Ei, Beca! Quer nos contar o que aconteceu com você? — Caleb indagou. — Foi mesmo sequestrada, né?

Assenti devagar com a cabeça.

— Tudo bem, se não quiser falar sobre isso. — Sky completou o namorado. — Deve ter sido uma experiência horrível.

— Foi péssimo... Mas acho que poderia ter sido pior, se Ryder e os motoqueiros não tivessem me salvado cedo — falei, lembrando-me das promessas nojentas de Carl e seu filho. — Levei alguns socos, apenas isso.

— Apenas?! Meu Deus... — Sky exclamou, colocando a mão sobre a boca, em choque.

Dei de ombros.

— Perto do que algumas mulheres sofrem quando são sequestradas, isso não foi nada.

— E você ficou bem com tudo isso? — Alex questionou. — Eu acho que ficaria revivendo esse pesadelo por um bom tempo na minha mente.

— Muitas coisas aconteceram... Acho que nem tive tempo de criar um trauma, e graças a Deus por isso! Seria muita coisa para uma pessoa só.

Michael, o menininho de Nathan, estendeu as mãos para mim, louco para ir para o meu colo também, como a sua irmã estava naquele momento.

— O que você tem que meus filhos só querem você?!

— Eles estão com saudades da titia preferida deles! — zombei, estendendo a mão livre para segurar a de Michael.

— Eu ouvi isso, Rebeca Wilson! — Sky exclamou do outro lado da tela.

— Não está grávida, né, Rebeca?! — O curioso jogou no ar, quase fazendo com que me afogasse com a minha própria saliva.

Todos me olharam em busca de uma resposta.

— É claro que não!

— Então está transando! — Skyller acusou, arqueando suas sobrancelhas.

— Você e o Ryder voltaram?! — Nathan quis saber.

*Meu Deus!* Havia me esquecido de que eles eram curiosos a ponto de serem invasivos.

— Alex não contou essa parte para vocês?! — devolvi, deixando minha melhor amiga com vergonha por dar com a língua nos dentes.

— Não! — Nathan a olhou de uma forma acusatória. — Mas não estou surpreso, vocês se amam demais para passarem esse tempo todo juntos sem cair em tentação.

— É mais do que isso. — Angel comentou.

— Como assim? — Clarke quis entender.

Então, pelo próximo minuto, expliquei o acordo idiota que havia feito com Ryder no início daquela loucura toda.

— No início, parecia certo, mas, agora, acho que foi a pior ideia que já tive — admiti, odiando como me olhavam com pesar naquele momento. — Assumo a minha responsabilidade por ter entrado nessa sabendo que não viveríamos um conto de fadas, como o que vocês viveram nos seus relacionamentos. Mas é difícil, entendem? Ryder é o único em quem penso a cada minuto do meu dia e o único que preenche os meus sonhos no meio da noite...

— Nós entendemos, Beca... — Clarke murmurou, apoiando sua mão no meu ombro e o apertando em demonstração de conforto. — Não é fácil viver o que está vivendo, mas, se aceitá-lo de volta, tem que saber que não irá poder reclamar da vida que ele leva.

— Eu sei...

— E que isso também pode afastar as pessoas de você — disse Tyler, abraçando a cintura da sua noiva. — Com Ryder nessa vida, vai ser impossível que continuemos mantendo contato com ele.

Automaticamente..., comigo também.

Era isso o que ele queria dizer.

Claro, eu nunca havia pensado por esse lado, mas o irmão mais velho tinha razão. Eles estavam entrando na estrada da fama agora e a maior hipótese de que tivessem contato com um traficante era motivo para virar manchete e estragar a carreira deles.

— Estou numa situação complicada, né?

— Na verdade, nós só crescemos. — Angel falou, sorrindo de lado. — Somos adultos agora, Rebeca. Eu não sou mais a jovem que poderia aceitar o irmão com o estilo de vida que ele leva e você não é mais a ingênua Rebeca que pode abrir o seu coração para todo esse mundo que o cerca.

— A vida é feita de escolhas. — Nathan completou, alisando os fios loiros do cabelo de Michael. — Nem sempre vamos tomar a certa, mas é sempre pensando no nosso melhor.

Clarke assentiu, concordando com ele.

— Você vai tomar a decisão certa.

Não tinha tanta certeza disso...

— Mas querem ouvir uma boa notícia? — Angel perguntou, se empolgando ao pular em cima do colo de Tyler. — Não contei antes porque tudo estava muito tenso, mas agora posso abrir a minha boca!

— Conta logo! — Alex a encorajou, com uma carinha de quem já sabia da novidade.

— Uma gravadora daqui de Los Angeles entrou em contato comigo! E eles toparam gravar uma *demo* minha! — contou, dando-nos motivo para comemorar.

— Finalmente! — Nathan não escondeu sua felicidade pela cunhada.

— Parabéns, Angel! — falei. — É bom saber que finalmente alguém notou a sua voz maravilhosa.

— Também estou muito feliz!

Todos estavam muito felizes por ela e, em seguida, foi um assunto jogado atrás do outro, desde profissões até seriados favoritos do momento. Participei de alguns diálogos, mas, a cada minuto, segurava meu celular na mão, esperando uma resposta de Ryder que não chegava.

Até que alguém tocou a campainha outra vez.

Entreguei Chloe para Clarke e me levantei rapidamente.

— É melhor você ir atender mesmo. — Angel comentou.

*Que seja ele, por favor!*

Meu coração já estava apertado de tanto desespero. Quase corri até a porta e, quando a abri, pude soltar a respiração que estava segurando fortemente por todo aquele percurso.

Ele estava ali na minha frente.

Sem nenhum arranhão, vestindo uma camiseta branca sob a jaqueta de couro preta, com calça jeans escura e óculos escuros, que só os deixava mais sexy. Não resisti e pulei no seu colo, o abraçando com as minhas pernas assim que colocou os braços por baixo da minha bunda.

— Por que não me respondeu?! — perguntei, segurando o seu rosto entre minhas mãos e avaliando se não havia nenhum machucado.

— Tivemos um problema com um guarda que não estava totalmente morto. Ele tentou atirar em mim, mas a bala acertou o meu celular — explicou. — Quase voltei com um tiro na mão.

— Não brinca com isso, Ryder! — Apertei seu rosto, aflita. — Acabou?

Ele soltou um suspiro. Não conseguia descobrir nada por aquele semblante vazio, sem expressar algo que me desse uma dica da sua resposta.

— Sim!

Meu peito se preencheu de alívio e o próximo passo foi quase que automático. Grudei meus lábios nos seus, beijando a sua boca sem sentir medo de perdê-lo para a morte pela primeira vez depois de muito tempo.

Quis ignorar o motivo daquele beijo ainda ser lento e ter gosto de saudade misturado com despedida por pura estupidez, pois não queria dar o braço a torcer de que aquele também era o nosso fim.

Céus... Eu não conseguiria.

Meu peito se enchia de desespero só de pensar em viver os próximos dias sem ele.

Os próximos anos.

A minha futura vida.

Eu não existiria, se Ryder não estivesse comigo... E chamem isso do que quiserem, mas a única certeza que eu tinha era a do meu coração batendo e me provando que ele trouxe toda a vida que eu precisava quando cruzei o seu caminho.

Dane-se um futuro sem ele! Eu estava disposta a ouvir o meu coração, e não minha razão. Tudo por ele.

Afastamo-nos quase que ao mesmo tempo e, quando Ryder me colocou no chão novamente, segurei a gola de sua jaqueta com força.

— Precisamos conversar. — Nós falamos ao mesmo tempo.

— Ei... — Ele sorriu, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. — Aconteceu alguma coisa? Quer me falar algo?

Assenti, sentindo um peso na garganta que não era fácil de engolir.

— Não consigo fazer isso... — murmurei, vendo seu rosto se fechar e um semblante triste ocupar o seu lugar. — Não posso continuar com esse acordo e voltar a viver uma vida triste, deprimida e sem rumo, como vivi nesses dezoito meses. Nem sei se posso chamar isso de vida porque, mesmo que tenha presenciado as anormalidades mais loucas nos últimos meses, ainda me senti completa pois você estava ao meu lado. Então... — Tomei fôlego, puxando a sua jaqueta e o fazendo abaixar mais o rosto em minha direção. — Eu aceito você como na primeira vez, do jeitinho que é para ser, e vamos achar uma forma de viver bem juntos com nossas diferenças.

# 37

| UM NOVO  
COMEÇO |

*Até a escuridão que vemos é tão bonita  
Por favor, acredite em mim  
Estou olhando diretamente para você  
Para que você não vá a lugar algum  
YOUR EYES TELL — BTS*

## **RYDER FRASER**

### **ALGUMAS HORAS ANTES...**

O loiro maldito que havia traído Carl quase furou a minha mão com uma bala enquanto eu lia a mensagem de Rebeca no meu celular. A minha sorte foi que ele estava tão fodido de machucado que mirou errado. A bala pegou no meu celular, mas não deixou de machucar a minha mão com o impacto do tiro.

*Porra!*

Poison fez questão de atirar na sua cabeça depois daquela maldita ceninha. Felizmente, tive tempo de gravar o endereço na minha cabeça.

Hazel me ajudou a enfaixar a minha mão no caminho até o bar do moto clube com os kits de primeiros socorros que eles tinham no carro para caso alguma coisa saísse do controle, e seguimos o caminho até a sede comigo em silêncio, apenas pensativo sobre todo o futuro que teria dali em diante, finalmente fora da mira de Carl Jackson.

Eu estava livre agora.

Eu o matei.

Ainda estava processando que havia assassinado uma pessoa, que mesmo merecendo a tortura e a morte, ainda assim era uma... *pessoa*.

Não sabia como me sentir a respeito disso ainda, pois, até então, parecia um pouco nauseado ao lembrar de Carl convulsionando na minha frente por causa do veneno que eu injetei nele.

Talvez, essa fosse a sensação de matar pela primeira vez.

Não era prazeroso. Isso, eu podia afirmar.

O peso de ter a morte de alguém nas suas costas? Sinceramente, era admirável que Poison aguentasse tudo isso como se fossem penas em uma



sacola. Era assombroso. Mas não me arrependia, faria uma segunda e uma terceira vez para quem fizesse mal para as pessoas que eu amava sem pensar duas vezes.

Carl teve o que mereceu e, agora, eu tinha um futuro inteiro pela frente.

Não sabia nem por onde começar.

Na verdade, *sabia*.

— Que bom que já sabe para qual direção seguir, Pivete. — Poison falou, assim que larguei a minha mochila no banco do carona do meu carro. — Sempre soube que não era para esse mundo.

Ela sempre soube e sempre me deu forças para encontrar o meu próprio objetivo. Poison era uma boa amiga e eu esperava que seu futuro fosse brilhante, da forma como ela desejava e com as escolhas que pertenciam somente a si mesma. Sabia que aquele seria o nosso último encontro, então não resisti e puxei a morena para um abraço.

— Se cuida, ok?

Ela até tentou fingir que não era emotiva, mas eu a senti suspirar levemente.

— E, você, não se meta mais em problemas.

Antes de entrar no carro, levantei o meu rosto e deixei que o orgulho que sentia daquela pequena garota mulher brotasse no meu olhar.

— Você será uma ótima presidente.

Poison sorriu, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Talvez, você escute falar de mim.

— Que não seja sendo pega pela polícia, por favor.

Dessa vez, ela riu.

— Está para nascer o policial que vai conseguir me prender, Pivete! — Apontou com o queixo para o carro. — É melhor ir, tem uma garota sonhando com a sua volta.

Sorri.

— Até mais, Poison.

— *Até nunca mais*, é isso o que você quer dizer.

Eu ri, entrei no carro e fui parar bem aqui, na porta de um apartamento de luxo em Los Angeles, de frente para o amor da minha vida e que, naquele momento, me olhava com os olhos marejados por acreditar que eu cometeria o mesmo erro pela segunda vez.



Ela abdicaria de tudo por mim.

Nunca precisei pensar na grandeza do nosso amor, mas era inevitável não medi-lo agora, quando ela jogava todas aquelas palavras sobre mim. Rebeca estava me mostrando através de uma atitude o quanto o que tínhamos era forte o bastante para aceitarmos nossas diferenças e encontrarmos uma harmonia juntos, exatamente da forma como éramos antes. Mas, dessa vez, um pouco mais maduros do que costumávamos ser.

O único problema era que eu não faria isso com ela.

Não poderia deixar que arriscasse seu futuro por uma coisa tão estúpida como a minha realidade, por isso, segurei as suas mãos, a fazendo finalmente notar a atadura de Hazel na minha mão esquerda, que recebeu o tiro de raspão. Porém, antes que falasse algo, eu comecei:

— Não vou deixar que faça isso, Bae. Que tipo de homem eu seria ao permitir que a única mulher que amei nesta vida abdicasse de um futuro normal para viver uma vida difícil ao meu lado? — indaguei, vendo-a engolir em seco e seus olhos encherem mais de lágrimas. — Além do mais..., como criaríamos nossos filhos em um mundo como esse? Não quero dar o deserto como herança para o meu primogênito, quero dar um carro, uma casa e, talvez, uma mecânica, se ele tiver os mesmos gostos que eu...

— O q-quê?! — Ela soluçou.

Sorri, levando o polegar para sua bochecha e alisando sua pele.

— Teria que pedir um atestado de burrice para a Angel, se cometesse o mesmo erro de novo — brinquei. — Não quero mais essa vida no deserto, quero uma vida com Rebeca Wilson, a garota que me ganhou com apenas um sorrisinho tímido e um olhar atrevido.

Ela parecia muito surpresa, então resolvi frisar:

— Você é o meu lar, Bae, portanto, irei para onde for com você.

Fiquei um pouco com medo de não estar fazendo a coisa certa quando vi as lágrimas dos seus olhos deslizarem com facilidade pelo seu rosto, molhando as minhas mãos.

— O que mudou...? — sussurrou, com a voz embargada.

— Eu poderia dizer que foi você, mas estaria mentindo. — Ela assentiu, pois nós sabíamos muito bem que havia muito mais ali. — Mas você foi a principal causadora disso.

— Eu sei... — Sorriu, me deixando aliviado por ver um pouco de felicidade em meio a tantas lágrimas.

— Pensei que não tinha nada para oferecer a você, além de um bom sexo e amor — admiti, e, pelo visto, não a surpreendi. — Mas, nos últimos meses, tenho pensado em tudo o que sou e tudo o que já fui. Não tenho faculdade, não tenho um emprego e já trabalhei com drogas e tráficos de peças mecânicas, mas

sou um bom homem e sei montar e desmontar um carro, como meu pai. Isso me parece uma boa forma de iniciar, né?

Ela assentiu, afundando o rosto no meu peito e me abraçando.

— Não acredito que você está tomando essa decisão — confessou, beijando meu peito sobre a camiseta. — E o deserto? E os seus inimigos?

— O único que me preocupava já está morto. — Eu a abracei apertado. — Os outros, tenho certeza de que Charles pode lidar com eles e, claro, deixar o deserto não quer dizer que não irei mais andar com uma arma na cintura.

— Claro que não... — murmurou.

— Isso a incomoda?

Ela negou.

— Você vai estar comigo, Ryder — disse, erguendo o seu lindo rosto para mim. — Não tem como ser mais perfeito.

Levei minha mão até seu olho direito e enxuguei as lágrimas que estavam ali naquele cantinho.

— Não sou perfeito, Bae, meus erros estão aí para provar isso e, talvez, eu não consiga dar a vida de luxo que você merece, mas prometo com todo o meu coração que nunca mais irei fazer você chorar de tristeza — prometi, levando minha mão até a sua nuca e a segurando com firmeza. — As próximas vezes que você chorar, serão porque está muito feliz ou porque está sentindo muito prazer.

Ela riu envergonhada, apertando mais o corpo ao meu e me mostrando que, mesmo em meio à nossa conversa de recomeço, ainda conseguia se sentir excitada com uma pequena fagulha vindo da minha parte.

— Eu amo você.

— Eu também, Bae.

Puxei a sua nuca de uma vez e a beijei, sentindo o gosto das lágrimas, da felicidade e da paixão naquela boca gostosa.

Pelo resto da minha vida, era ali que seria a minha moradia.



Nós partiríamos para Campbell mais tarde, pois eu ainda tinha que aparecer no deserto para resolver tudo com Charles, que não deveria nem imaginar que uma decisão como aquela estava passando pela minha cabeça.

Por isso, abusei da gentileza da minha irmã e tomei um belo banho no banheiro do quarto de hóspedes que Rebeca havia dormido parte da noite. Agora, vestia uma calça jeans clara, uma camiseta preta e voltava a colocar a minha jaqueta de couro, quando alguém abriu a porta do cômodo.

Achei que era Rebeca com o sanduíche que foi fazer para comermos, mas era Angel com um sorrisinho bobo nos lábios. Nem consegui perguntar ao que se devia, pois, no instante seguinte, ela estava pulando nas minhas costas, me derrubando na cama e caindo por cima de mim.

— Porra, Angeline! Sua sorte é que você pesa sessenta quilos! — reclamei de brincadeira, escondendo o riso nas cobertas da cama.

— Estou tão orgulhosa de você! — Bagunçou os meus cabelos, sentada nas minhas costas. — Agora, chegou a minha vez de ouvir seus pedidos de desculpas. Vamos, danadinho! Achou que iria escapar de mim?

Ri, negando com a cabeça e tentando me virar de barriga para cima. Só consegui quando ela saiu de cima de mim e se sentou ao meu lado com as pernas cruzadas uma na outra.

— Eu já ia fazer isso, mas você é sempre mais ansiosa do que o normal.

Ela deu de ombros, franzindo a testa de um modo fofo que me fez apertar o seu nariz.

— Meu jeitinho!

Segurei a sua mão e a fiz olhar para mim de maneira séria dessa vez.

— Desculpa — pedi com todo o meu coração. — Fiz tudo pensando nos resultados, e não nas consequências.

— Eu sei.

— Sabe?

— Já perdooi você há um bom tempo — admitiu. — Desde que não conseguiu realmente me deixar na segunda vez. Era toda semana uma ligação perguntando como eu estava, se precisava de algo e dizendo que me amava...

Sorri meio envergonhado com a lembrança disso.

— Você é minha irmã.

— Agora que você saiu desse fundo de poço que chamava de vida... — Arqueei as minhas sobrancelhas, a fazendo revirar os olhos e pigarrear. — Agora que você saiu do deserto... — consertou —, podemos finalmente ter o nosso recomeço? Porque, sinceramente, eu senti falta *pra* caralho do meu irmão.

Assenti, a puxando para um abraço.

— Eu também senti sua falta, Ruivinha. — Beijeí sua bochecha. — Prometo estar sempre aqui para você.

Angel me abraçou de volta da mesma forma que fazia quando éramos crianças, se apoiando o suficiente para que meu corpo caísse para trás e ela pudesse deitar a cabeça no meu peito.

— Sempre vou agradecer a Deus por Rebeca ter aparecido na sua vida e por ter conseguido te tirar desse lugar, que nem eu fui capaz de fazer!

— Estávamos quebrados demais para você ter sucesso nessa missão, Ruivinha — murmurei.

Ela assentiu.

— Senti falta do seu abraço, Maninho...

Sorri, beijando a sua testa.

— Um novo começo — pensei em voz alta, alisando suas costas. — Obrigado por me permitir fazer parte da sua vida, Angel.

— Somos família, Bobinho... — lembrou-me. — Nós nunca abandonamos um ao outro.

Olhei em direção à porta e me deparei com Rebeca nos olhando com um sorrisinho bobo nos lábios, segurando o prato com nossos sanduíches.

O brilho no seu olhar dizia o quanto ela estava feliz e eu acreditava que, pela primeira vez depois de tantos anos, me sentia completo.

Família.

Tudo se tratava disso no final de toda nossa história.



Decidimos pegar um avião até Campbell porque era muito mais rápido e menos cansativo. Depois arrumaria uma forma de pegar o carro no condomínio de Angel.

No aeroporto, aluguei um carro e peguei a estrada direto para o deserto. Era noite de uma sexta-feira, então aquilo deveria estar lotado.

— Pensei que iríamos descansar primeiro. — Rebeca comentou ao meu lado.

— O quanto antes eu fizer isso, melhor para nós — justifiquei, procurando sua mão e, quando a achei, entrelacei nossos dedos sobre seu colo. — Amanhã, quero acordar me sentindo apenas um homem normal que tem a sorte de ter uma mulher linda ao seu lado.

Ela sorriu, levando minha mão até seus lábios e a beijando.

— Ok. Você decide.

Notei, pelo canto do olho, que ela estava mais feliz do que antes, assim como eu. Parecia que finalmente aquele mar de angústia e incertezas havia se desgrudado de nós, dando lugar apenas à tranquilidade.

Esperava que fosse para sempre assim.

Chegamos ao deserto alguns minutos depois e, como eu imaginava, o lugar estava lotado de jovens. Saí do carro com Rebeca, sentindo o cheiro do álcool e das drogas pelo ar e ouvindo o som da música alta tomar conta de todo o ambiente.

Charles estava sentado no meu lugar quando nos aproximamos e me permiti afirmar que ele seria um bom substituto. A falta de ligações e mensagens naquele tempo que fiquei fora provavam que ele seria um bom gestor.

— Ryder?! — Ele pulou da cadeira, realmente surpreso ao me ver. — Cara, finalmente! Eu já estava pensando que teria que te ligar.

— Problemas?

Ele negou.

— Tudo em ordem, como sempre. — Seus olhos caíram em Rebeca e, logo em seguida, em nossas mãos unidas. — Oi, Beca.

Nunca gostei da intimidade que ele tinha com ela, mas, como na primeira vez que namoramos levei uma comida de rabo porque ficava com ciúmes pelo apelido, decidi não importunar sobre isso agora. Afinal, na próxima vez que Charles nos visse, não iria se aproximar para bater um papo como antes.

Seríamos estranhos um para o outro novamente.

— Oi, Charles.

— Precisamos conversar, Charles — avisei, acenando para Jules, Robbie e Simon. — A sós.

Ele assentiu.

— Vamos para o trailer. — Apontou para o velho automóvel e, antes de tomar a frente, olhou para Simon. — Cuide de tudo na nossa ausência.

Simon assentiu.

Seguimos em direção ao trailer, e eu fui o primeiro a entrar com Rebeca. Em seguida, Charles fez o mesmo, fechando a porta e a janela para que o som do lado de fora não atrapalhasse a nossa conversa ali dentro.

— Carl está morto. — Decidi começar pela maior novidade.

— Já era hora desse filho da puta morrer! — disse, se sentando em uma cadeira em frente à mesa. — Agora, finalmente você está de volta, né?

— Mais ou menos, Charles.

Ele ficou sem entender por alguns segundos, mas, quando seus olhos caíram em Rebeca e depois em mim novamente, consegui ver seu rosto se iluminar em entendimento.

— Vai nos deixar?

Achava que seria mais simples do que eu imaginava.

— O deserto não é mais vida para mim e você foi treinado por mim para tomar conta deste lugar. Vai ser um bom substituto.

— Está passando o seu território para mim?!

— Considere como uma venda — falei, pegando um papel e uma caneta, e anotando o valor que queria pelo lugar. — Preciso de dinheiro para viver uma

vida confortável nesses primeiros meses até construir algo legal para trabalhar.

Passei o papel para ele, que não fez muito caso ao ver o valor que eu estava pedindo.

— O que me diz, Charles? Não vai perder a oportunidade de ser o rei deste lugar, né?

— Nós vamos sentir sua falta, mas acho que entendo — disse, pegando o papel e guardando no bolso da camisa. — Você encontrou algo... *alguém* por quem viver.

Assenti, trazendo Rebeca para o meu lado.

— Não posso perdê-la novamente.

Ela sorriu de lado, abraçando minha cintura.

— Considere feito, Ryder. — Charles disse. — Devo desejá-lo uma boa sorte?

— Posso pensar em convidar você para o casamento — falei, deixando Rebeca um pouco surpresa. O quê? Ela achava que não nos casaríamos? — Posso contar com esse dinheiro na minha mão até segunda?

— Você tem acesso a todos os esconderijos, caso não esteja.

Sorri, satisfeito.

— Isso agora é seu, Charles — falei, voltando a pegar na mão de Rebeca.

— Não se meta em problemas, ok?

— Pode deixar.

Aproximei-me dele e o abracei.

— Obrigado por todos esses anos — agradei. — Você é um bom garoto.

Podíamos não ter uma relação de irmandade, mas havia confiança tanto da minha parte como da dele.

— Eu que tenho a agradecer, Ryder. Você mudou a minha vida.

Assenti.

— Se foi para bom ou ruim, só saberei daqui alguns anos — brinquei.

Rebeca também abraçou Charles em despedida.

— Foi bom ver vocês juntos. — Ele disse. — Sempre torci para que reatassem.

— Obrigada, Charles. — Rebeca falou.

Abracei a cintura da minha mulher e a levei em direção à saída do trailer.

— Se cuida. — Deixei avisado, antes de sair do automóvel com ela. Quando já estávamos um pouco mais afastados, comentei: — Achei que seria mais difícil.

— Por quê?

— Pensei que poderia dar para trás — admiti. — Mas as palavras saíram tão facilmente que acho que esse já era o meu destino.

Rebeca sorriu, passando o braço ao redor da minha cintura.

— Estou orgulhosa de você.

Beijei o topo da sua cabeça, caminhando com ela ao meu lado em direção ao carro.

— Não vai se despedir dos outros?

— Na segunda-feira, terei que voltar aqui para pegar o dinheiro, então me despeço deles. Assim, vai ser mais fácil para absorverem a notícia.

Ela concordou com a cabeça.

— E o que fazemos agora?

Parei perto do carro, segurando a sua mão.

— Vamos para a nossa casa e fodemos até estarmos cansados demais para lembrarmos dos nossos próprios nomes, o que acha? — indaguei, colando o seu corpo no meu e levando minha outra mão até o seu pescoço, a fazendo inclinar a cabeça para trás. — Vamos apenas viver a nossa nova vida como um casal normal. Sem medos e excitados demais um pelo o outro.

Ela mordeu seu lábio inferior e, através do brilho no seu olhar, consegui ver o quanto amou a ideia de viver todas essas novas experiências ao meu lado.



# 38

| SALA DE  
ESTAR |

*Eu quero saborear, guardar para mais tarde  
O sabor, o aroma, porque gosto de receber  
Porque sou alguém que se entrega  
É natural, vivo pelo perigo*  
**DANGEROUS WOMAN — ARIANA GRANDE**

## REBECA WILSON

Ryder me levou direto para a sua casa, mesmo com a insistência de que eu precisava passar no meu apartamento para pegar, pelo menos, um conjunto de roupas porque não aguentava mais vestir as peças que nunca foram minhas, ainda que tivessem sido compradas para mim.

— Você não vai mais morar naquele apartamento mesmo, podemos passar lá amanhã para pegar as suas coisas — avisou, abrindo a porta da sua casa.

— Não vou? — Estava surpresa com a sua abordagem.

Ele entrou na casa primeiro, acendendo a luz da sala de estar e me dando passagem para entrar.

— Você vai morar comigo — disse, como se fosse simples assim.

Arqueei as sobrancelhas e me virei para ele a tempo de vê-lo trancar a porta novamente.

— As pessoas costumam a fazer um convite antes, sabia? E se eu não quisesse morar com você?

Ele riu ao balançar a cabeça, negando algo na minha pergunta conforme se aproximava de mim.

— E você não quer morar comigo? Nós sabemos que essa frase é até desconhecida na nossa linguagem. — Agarrou a minha cintura, colando meu corpo ao seu. — Quero recuperar todos esses dezoito meses longe de você.

Tentei segurar o sorriso bobo que surgiu nos meus lábios, mas era impossível com Ryder falando exatamente o tipo de coisa que me deixava cheia de borboletas no estômago. Ainda parecia um sonho que ele tivesse finalmente iniciado a sua vida normal como qualquer outro cidadão naquela noite, comigo e por mim.

Nós ficaríamos juntos.

*Para sempre.*

Isso não parecia surreal?

— O que foi? Falei algo de errado? — perguntou, um pouco preocupado.

Neguei.

— É só que tudo parece um sonho muito bom do qual eu não quero acordar — admiti, passando a abraçá-lo pelo pescoço. — Não quero que isso acabe nunca.

Ryder aproximou o rosto do meu, encostando nossas testas ao mesmo tempo em que suas mãos deslizavam da minha cintura até a minha bunda. Ele apertou a minha nádega, beijou o meu nariz e desceu mais com a sua boca, até estar bem próximo ao meu ouvido.

— Posso mostrar para você que isso está bem longe de ser um sonho, Bae. — Um arrepio eletrizante passou por todo o meu corpo ao sentir seu hálito quente bater contra o meu pescoço e seus dentes segurarem o lóbulo da minha orelha para, logo depois, largá-lo. — O que me diz?

Meu ventre se contraiu e eu senti um calor inundar todo o meu corpo até chegar no meio das minhas pernas. A expectativa do que estava por vir me excitava, principalmente ainda tendo as memórias do nosso último sexo bem vivas na minha cabeça.

— Acho que você pode me provar o que quiser — declarei, tendo como resposta sua boca grudando na minha imediatamente.

Não sabia para onde fui empurrada, mas minhas costas bateram contra algo sólido enquanto eu sentia sua língua dentro na minha boca, sugando a minha e me amaldiçoando por ter um beijo tão bom.

Seus lábios deixaram os meus rápido demais, mas não reclamei quando passaram para o meu pescoço, o beijando e chupando forte a ponto de me deixar marcas no dia seguinte. Naquele momento, não me importava com nada, só conseguia me concentrar no seu corpo grudado no meu, nas suas mãos apertando cada parte minha e nas sensações absurdas que sentia apenas com isso.

Ryder segurou a barra da minha blusa e a puxou para cima, afastando o seu rosto do vão do meu pescoço apenas para me ver livre da peça de roupa novamente. Seus olhos focaram em meus seios e não teve como me sentir a mulher mais linda do mundo sob o seu olhar. Aproveitei seu momento de distração para retirar sua jaqueta, a atirando em qualquer canto da sala, e fiz o mesmo com a camiseta que usava.

A tatuagem com o meu retrato me saudou e eu olhei mais atentamente para ela do que na última vez. Por mais que já a tivesse visto em todas as vezes que

transamos naqueles últimos meses, ainda era uma surpresa ver um desenho tão bem feito de mim mesma na sua pele.

— O que foi? — perguntou.

Neguei, sorrindo.

— Nada... — afirmei, tocando a sua tatuagem. — Só que você diz que não é perfeito, mas, para mim, é.

Ele soltou o ar, revirando os olhos.

— Não diria isso, se tivesse acesso aos meus pensamentos.

Arqueei as sobrancelhas.

— O que está pensando?

Ryder não perdeu tempo e levou as mãos até o fecho do meu sutiã, o abrindo e deslizando as alças pelos meus braços. Meus seios ficaram expostos em questão de segundos, e ele não demorou para levar uma de suas mãos até um deles.

Gemi apenas com o toque inicial.

— Primeiro, eu quero mamar nesses seios gostosos... — disse, beliscando o meu mamilo e quase me fazendo gritar com isso. — Depois, vou te levar até aquele sofá e te comer em todos os buracos. E isso inclui aqui... — Tive um sobressalto com a sua mão estapeando a minha bunda, mas, apesar da grata surpresa, me senti ainda mais excitada. — E aqui...

Demonstrou o outro lugar com a própria boca, aproximando a sua da minha e mordendo os meus lábios.

Fechi os meus olhos, me sentindo mais molhada do que o normal apenas de visualizar mentalmente tudo o que ele queria fazer comigo.

— Ryder...

Não tive tempo de completar a minha frase e nem sabia se era algo importante porque, no próximo segundo, estava gemendo com sua boca tomando o meu seio da forma como havia prometido.

Ele não era calmo, seus lábios sugavam o meu mamilo fortemente enquanto, com a outra mão, apalpava o seio que não recebia a atenção da sua boca. Não consegui ficar com as mãos paradas e as levei até o seu cabelo, puxando os fios conforme a sucção aumentava cada vez mais.

Minha boceta latejava e meus gemidos preenchiam a sua sala, enquanto tudo o que eu conseguia sentir era a necessidade de gozar cada vez que ele quase engolia meu seio.

Ryder passou para o outro seio, repetindo os movimentos com a boca e descendo suas mãos até a minha calça jeans. Mesmo presa ao prazer, senti suas mãos abrindo o botão e seus dedos deslizando a peça o mais para baixo que

aquela posição permitia. Ele conseguiu tirar até as coxas e, para a nossa felicidade, a calça deslizou até os meus pés quando ele a largou.

Sua boca subiu até a minha e Ryder voltou a me beijar. Dessa vez, dando impulso com as mãos para que eu pulasse no seu colo.

Senti seu pau completamente duro contra a minha boceta tapada apenas com a calcinha e foi inevitável não me esfregar ali. Gemi com a fricção do meu clitóris no zíper da sua calça jeans e teria continuado com o movimento, se não tivesse levado um tapa na bunda.

— Não vai gozar agora, Bae — declarou Ryder, me jogando no sofá e retirando a sua calça e sua cueca com uma rapidez impressionante.

O pau grosso e cheio de veias saltou para fora parecendo aliviado. Mordi meus lábios com a visão da cabecinha molhada por estar tão excitado e me ajeitei no sofá, sabendo exatamente o que ele queria naquele momento.

Minha boca salivava de vontade de mamar ali também.

— Quer me chupar? — murmurou, agarrando o seu pau e o masturbando.

Aproximei o meu rosto e o olhei de baixo, prestando atenção nas suas pupilas mais dilatadas devido à luxúria do momento. As minhas provavelmente estavam da mesma forma.

— Você sabe que sim.

— Abre a boca — ordenou ele, e era infernal a forma como aquele tom de ordem me deixava ainda mais excitada.

Sempre foi assim.

Ele sempre teve poder por todo o meu corpo.

Abri a minha boca, colocando a minha língua para fora e vendo sua boca se fechar em um grunhido sofrido. Era isso o que me reconfortava, saber que eu também tinha poder sobre todo aquele homem à minha frente.

Ryder aproximou-se de mim e colocou o pau na minha boca, então, a partir dali, eu fiz questão de dar a melhor chupada que ele já havia recebido. Com a minha língua para fora, lambi todo o seu lindo pau até chegar à cabecinha, juntei o máximo de saliva que aquele momento me permitia e coloquei para dentro.

— Porra! — Ryder exclamou, fechando as suas mãos em punhos, provavelmente se controlando para não meter fundo. — Essa boquinha é tão gostosa, Bae...

Eu o levei até o mais fundo que conseguia e o vi quase se engasgar com a própria saliva ao gemer mais alto. Com cuidado para não machucá-lo com os dentes, comecei a chupar com vontade, da mesma forma que fez com os meus seios, tocando com a minha mão a parte que não cabia na minha boca.

Ryder não aguentou ficar quieto nem por um minuto. Logo, ele já estava prendendo o meu cabelo nas suas mãos e impulsionando mais o seu quadril na minha direção, em um vai e vem que, por muito pouco, não me engasgou.

Ele tirava o meu ar conforme fazia engoli-lo mais e mais, porém não me incomodei com isso, não quando eu o transformava naquele homem sem controle por causa da minha boca.

Meus olhos marejaram e sentia minha mandíbula doer quase tanto quanto a minha boceta, que, àquela hora, já devia estar pingando no seu sofá, mesmo através da calcinha, mas não parei.

Chuí o mais forte que podia.

Eu o levei à loucura só para tê-lo gozando com força na minha boca minutos depois.

— Você... Porra! Eu amo você! — declarou, retirando o pau da minha boca e deixando que o restante do gozo escorresse pelo meu pescoço e seios.

A visão pareceu agradá-lo bastante, pois seus olhos dilataram mais.

Ryder se ajoelhou na minha frente e, antes que eu processasse, já estava puxando as minhas pernas, rasgando a minha calcinha e caindo de boca na minha boceta, me fazendo gritar mais alto do que antes.

— Ryder...!

Ele não respondeu.

Lambeu-me por toda a parte, parecendo querer limpar cada resíduo da minha lubrificação, que só crescia conforme ele passava a sua língua por toda a minha boceta.

Agarrei às almofadas ao meu lado quando ele chupou meu clitóris, parando com a língua ali e provocando o nervinho que mais vibrava e trazia ondas de prazer por todo o meu corpo. Achei que seria capaz de desmaiar quando enfiou dois dedos na minha entrada, os contorcendo lá dentro conforme me comia com a sua boca também.

Não aguentei tanto tempo como ele, estava tão excitada e necessitada que gozei na sua boca rapidamente. E Ryder engoliu tudo.

— Ryder..., estou sensível...! — murmurei, mas ele ignorou e lambeu cada gota de gozo da minha boceta, me fazendo gemer mais.

— Seu gosto é o meu favorito de todos! — confessou, beijando o interior da minha coxa e erguendo o rosto em minha direção. — Espere aqui.

Ele se levantou, apontando o pau que já havia ficado duro outra vez em minha direção e sumindo da minha frente rapidamente.

— Não é como se eu fosse para algum outro lugar mesmo. — Acabei comentando, inda sentindo as batidas do meu coração mais aceleradas.

Aquilo era mesmo real.

Sorri que nem boba com o pensamento.

Ryder voltou com um pequeno frasco nas mãos e, ao reconhecer o que aquilo era, meu corpo automaticamente esquentou, como se não tivesse exausto há alguns segundos.

Eu já havia deixado Ryder me foder por trás uma vez e, por mais que a sensação tivesse sido estranha nos primeiros segundos, ele soube conduzir tudo muito bem, como sempre, e me fez gozar rapidamente.

Fazia tanto tempo que quase não me lembrava muito bem da sensação. Será que doeria? Talvez, continuaria a achar estranho, mas me via naquele momento louca para me lembrar de todas as sensações.

— Ainda faltam dois lugares — lembrou, deixando o lubrificante na mesa de centro e voltando a se ajoelhar na minha frente. — Está pronta para um segundo *round*?

Suas mãos seguraram cada uma das minhas coxas e me puxaram para mais perto. Ele acariciou a minha pele primeiro, um carinho tão erótico que fez minha boceta voltar a ficar molhada.

— Parece que sim, amor — respondeu à sua própria pergunta, olhando para a minha boceta, que estava bem aberta na sua frente. — Você é tão linda...

Gemi quando seus dedos foram parar no meio das minhas pernas. Ele recomeçou os toques, subindo até o clitóris e esfregando o polegar bem ali, voltando a me deixar molhada para ele.

— Ryder... — Levantei mais o meu quadril, deitando a cabeça no encosto do sofá e quase fechando os olhos com o movimento. — Me fode...!

Pedi, mas saiu mais como uma imploração.

— Eu irei fazer isso, Bae — disse, parando de me torturar lá embaixo e voltando a se levantar. — Quero que fique em pé e empine essa bunda para mim.

Eu teria forças para aquilo? Perguntei-me mentalmente enquanto fazia o que ele mandou.

Coloquei os pés no chão, usando as minhas mãos de apoio no encosto do sofá à minha frente e me empinando da forma como desejávamos. Ele nem estava me tocando ainda, mas sentia a sua presença bem próxima da minha bunda e, quando um tapa foi estalado nela, me senti gotejar.

— Você é tão gostosa, porra! — Encostou o pau ereto na minha bunda. — Ainda não acredito que é minha para sempre.

*Eu também.*

Quis falar, mas só consegui abrir a boca para gemer, pois seu dedo voltou rapidamente a esfregar meu clitóris, me levando à loucura. Não conseguia vê-lo naquela posição, mas sentia tudo mais intensamente.

Ao mesmo tempo em que brincava com meu clitóris, Ryder me penetrou por trás devagar, fazendo nós gemermos alto juntos. Ele foi até o fundo, quase me deixando sem ar com a forma como me tomou. Era tanto que eu conseguia sentir o meu interior o apertando, o que deixava tudo melhor.

— Nossa... Quero comer você sempre assim... — gemeu, saindo e entrando de mim. — Olha como essa boceta engole o meu pau, amor.

Eu abaixei a cabeça, tendo um pouco da visão do que ele estava falando e era ainda mais erótica do que qualquer coisa que já tivesse se passado pela minha cabeça.

— Ryder...

— Você não vai gozar ainda, amor — disse, bem decidido, estocando mais forte e me fazendo pensar como isso seria possível. — Vou comer seu cuzinho antes disso.

*Por Deus!*

Ryder investia mais forte e, de um segundo para o outro, tive que começar a fazer força para não acabar caindo em um orgasmo antes dele.

— Não aguento mais...! — admiti, sôfrega.

Sua mão batendo no meu clitóris e o seu pau me comendo era muito para mim, nós sabíamos disso, principalmente ele, então gemi frustrada quando seus dedos pararam de me estimular. Ryder permaneceu apenas com a penetração, adiando o meu orgasmo e aproveitando mais do meu interior até que saiu duro e pegou o frasco de lubrificante da mesinha de centro.

A visão do seu corpo nu, com algumas tatuagens pelo peito e braços, e o suor pelo esforço de todos os últimos movimentos escorrendo pelo seu pescoço não saíria da minha mente por um longo tempo. Talvez, nunca saísse.

— Posso comer o seu cuzinho, Bae? — pediu, esfregando o líquido do frasco no seu pau.

Ele pegou mais um pouco e aproximou os dedos no meu ânus, passando o gel ali também, o que me fez engolir um gemido de tão sensível que eu estava.

— Então...? — insisti, deixando o frasco de lado.

Ryder acariciou a minha bunda, para depois bater nela. Arfei.

— Você sabe que pode — respondi. — Me faz gozar, Ryder, não importa como.

Ele grunhiu, segurando firme o meu quadril.

— Vou fazer você gozar — prometeu. — Me avisa se doer, ok?

Assenti.

A primeira coisa que senti foi a sua mão retornar para a minha boceta. Ele voltou a me masturbar, trazendo meus gemidos à tona outra vez. Só quando já estava mais lubrificada que senti seu pau na minha bunda.

A cabecinha entrou primeiro, me fazendo abafar um grito. Ainda não sabia se era de prazer ou de desconforto, mas segui querendo mais porque amava a sensação de senti-lo em lugares diferentes.

Ryder penetrou mais um pouco e gemeu.

— Tão apertado... — Parecia estar sofrendo para não enfiar até o fundo. — O que faço com você, Bae?

*Prazer.*

Só me resumia a querer isso naquele momento.

Ryder foi mais fundo, me trazendo uma sensação estranhamente prazerosa.

— Ryder... — ofeguei. Ele esfregou mais meu clitóris, confundindo minhas sensações. — Eu...

— Vai ficar bom, amor.

Ele entrou mais. Dessa vez, pela forma como gemeu alto e a sensação aguda que senti no meu interior, arriscaria dizer que foi até o fundo. Gritei seu nome de novo e ele voltou a esfregar a minha boceta.

— Vou... me mover, ok? *Porra...*

Apenas assenti, incapaz de falar qualquer coisa.

Ryder se moveu, gemendo ao sair um pouco e entrar novamente. Seus movimentos se tornaram repetitivos e, a cada segundo, me sentia mais acostumada e mais rendida àquilo. Doeu muito menos do que a primeira vez, isso podia confirmar, mas era impressionante que o prazer tivesse aumentado.

Ele aumentou mais suas investidas, ora batendo na minha boceta, ora esfregando meu clitóris.

— Mais... — implorei, fechando as mãos no estofado e empinando mais a minha bunda.

Ele foi mais.

Ele foi insano.

Seu quadril batia contra minha bunda conforme me fodia mais e mais.

Acreditava que não sentia mais as minhas pernas, mas elas estremeceram, me deixando fraca e dando sinal de que logo cairia em um orgasmo enlouquecedor.

Não durou mais um minuto.

Pelo menos, era isso o que eu achava, já que, naquele momento, o tempo era o que menos me importava.

Ryder meteu forte mais uma vez, gozando comigo tão intensamente que achei que poderia cair sobre o meu corpo, mas, felizmente, ele se segurou ao apenas abraçar o meu quadril.

Aquilo, sem dúvidas, havia superado nossa vez anterior.





— Devo saber como a sua casa se manteve tão limpa? — indaguei curiosa, ao me deitar ao lado de Ryder na cama de forros trocados.

— Isso só pode ter o dedo de Charles — respondeu, nos tapando com lençol. — Você está bem? Não peguei pesado?

Sorri, negando com a cabeça.

— Você foi... ótimo.

Ele sorriu, satisfeito por não utilizar a palavra *perfeito*. Se ele não se sentia totalmente confortável com essa definição, passaria a não usá-la a partir de então.

— E como você está? — devolvi a pergunta.

— Me sinto leve — admitiu, com um sorriso de menino bobo nos lábios. — Achei mesmo que seria difícil me livrar do deserto, mas estou melhor do que imaginava.

Qualquer medo que tinha dele se arrepender algum dia foi jogado para os ares com a sinceridade que vi pincelando naqueles olhos castanhos.

— E... em relação ao Carl? — perguntei, pois não havíamos falado sobre isso ainda. — Você...

— Eu o matei? — completou, e eu assenti. — Sim, Bae... Falei que faria isso e cumpri com a minha promessa.

Um calafrio passou pelo meu corpo, ainda que tivesse tapado pelos lençóis.

— Foi bom para você?

— Não me fez sentir melhor, mas estou aliviado por poder viver sem medo de que ele fará algum mal para a minha família — respondeu com tranquilidade. — É estranho tirar a vida de alguém, e isso só me fez ter mais certeza da minha decisão. Esse mundo é para mim até certo ponto.

— Matar é o seu limite.

Ele assentiu.

— E quem sabe quantos mais viriam depois disso? Se tem uma coisa que eu sei é que isso nunca para, tudo vai se multiplicando.

— Acho que teria pesadelos, se assassinasse alguém... Mesmo se essa pessoa fosse meu maior inimigo.

Ryder riu fraco, beijando a minha testa e me levando para o conforto dos seus braços.

— Fica tranquila, seu namorado aqui não vai criar um trauma em relação a isso.

— Eu estaria aqui para ajudá-lo, caso isso acontecesse.

— Você é uma mulher maravilhosa... — Apertou o meu nariz. — Mas quero abandonar o passado. O que acha disso? Construir um novo começo com você baseado apenas no nosso presente.

— Acho que essa é a melhor ideia que você já teve — provoquei, o fazendo rir.

— Nunca vou conseguir expressar quão grato sou por você ter se interessado por mim, mesmo com tudo o que me cercava — declarou Ryder, acariciando o meu rosto. — Se você não tivesse cruzado o meu caminho, eu certamente ainda estaria perdido.

— E eu nunca conseguirei medir em palavras o quanto você me fez a mulher mais feliz do mundo por aceitar viver comigo.

Ele sorriu, abaixando o seu rosto e me beijando.

Talvez, nunca conseguíssemos expressar nossas gratidões, mas, até o final das nossas vidas, com todas as ações que só davam certeza de que nos amávamos, seria um pouco difícil de não mudarmos isso.

# 39

| NORMAL |

*Mas você é quem você é  
Eu não vou te trocar por nada  
Para quando você estiver louco  
Vou deixar você ser mau  
Eu nunca ousaria te mudar  
Para o que você não é*

**TERRENCE LOVES YOU — LANA DEL REY**

## **RYDER FRASER**

Viver uma vida normal tinha os seus desafios.

Como não achar a porra de um lugar para construir um negócio para mim. Não podia chegar e apenas ameaçar com a minha cara de mal e uma arma na cabeça, tinha que procurar em jornais e na internet por espaços à venda.

*Ridículo.*

— Por que está bufando a essa hora da manhã? — Rebeca perguntou, adentrando a nossa cozinha só usando a minha camiseta, o que fez meu pau acordar na hora.

Ela foi até a geladeira e tirou de lá uma caixa de leite.

— Está sendo difícil achar um lugar para abrir uma mecânica.

— Talvez, você devesse achar um emprego como mecânico — repetiu a mesma sugestão da semana anterior.

— Não sirvo para receber ordens.

Ela riu, se servindo de leite em uma caneca e indo até mim.

— Por que não anda pela cidade? — perguntou, e eu a puxei para o meu colo, dando adeus para o jornal que estava nas minhas mãos rapidamente. — Nem todos os anúncios de vendas estão no jornal.

— Acho que vou fazer isso — respondi, alisando sua coxa nua. — E você? Tem tempo para um banho naquele chuveiro?

Rebeca negou, dando um tapa na minha mão que já estava indo para o meio das suas pernas.

— Melhor parar, ou eu saio do seu colo! — ameaçou, me fazendo parar na hora. — Vou tomar esse leite e ir me arrumar. Tenho consulta às nove horas.

Olhei no relógio preso à parede e faltava exatamente uma hora. Bufei, frustrado. Se o caminho não fosse de quinze minutos até o hospital veterinário...

Estávamos vivendo bem.

No dia seguinte à nossa volta para Campbell, Rebeca buscou suas coisas no apartamento e veio morar definitivamente comigo. Agora, duas semanas depois, estávamos nos acostumando com uma rotina diferente da que vivemos nos últimos meses.

— Vou levar você.

Ela assentiu, tomando o seu leite puro e gelado da forma que gostava.

— Vincent já perdoou Alexandra por ter ido a um moto clube sem avisá-lo? — Puxei assunto, bem curioso sobre isso.

O médico veterinário havia ficado chateado com a omissão da noiva, tanto a ponto de eles terem uma discussão, pequena e boba, mas que deixou Alexandra nervosa o bastante para ligar para a melhor amiga no meio da noite.

— Eles se resolveram. — Rebeca respondeu. — O Vincent não consegue ficar bravo com a Alex por muito tempo.

— Nesse ponto, eu o entendo.

— Qual das partes? A de ele ficar chateado ou de não conseguir ficar bravo por muito tempo?

— Os dois — falei, voltando a dar carinho na sua coxa. — Alex foi para um lugar perigoso. Se ele a ama, é claro que ficaria preocupado.

— Nunca o criticamos por ter ficado chateado com essa situação. — Rebeca explicou. — Mas o bom é que eles já se resolveram agora e não vão estar com cara de cachorrinhos abandonados no jogo na sexta-feira.

— Jogo? — indaguei, sem entender.

— Nathan me ligou há alguns minutos — contou. — Ele meio que intimou todos a estarem nessa última partida dos Lakers.

— Bae...

Como dizer para a mulher que eu amava que não me sentia encaixado no meio deles? Eu ainda era um ex-traficante e isso nunca sairia do meu currículo.

— Eu sei o que está pensando e nem vai por esse caminho, por favor — pediu, largando a caneca de leite e segurando o meu rosto. — Os irmãos são incríveis.

— Para você.

— Eles nunca fizeram algo a você, ou fizeram e não estou sabendo?

Suspirei e neguei com a cabeça.

— Eles são meus únicos amigos e, agora que está vivendo como alguém normal, precisa fazer amigos normais também, não acha? — Sorriu de lado, quase me convencendo com aquele rostinho perfeito. — Já imagino você e o Vincent bebendo uma cerveja na varanda enquanto nossas crianças brincam no quintal.

Não me contive e gargalhei alto, escondendo meu rosto no seu pescoço.

— Você está sonhando demais.

— Ah, é?! — Deu de ombros. — Sonhar é sempre bom, não acha?

Apertei a sua coxa.

— Por que não vai se arrumar antes que eu mude de ideia sobre o banho?

Ela pulou do meu colo.

— Amo você, mas não posso me atrasar. — Inclinou-se e deixou um beijo nos meus lábios. — De noite, usamos esse chuveiro.

— Eu vou cobrar!

Consegui dar um tapa na sua bunda, antes que ela corresse de volta para o quarto.



— Passo para pegar você no mesmo horário de ontem? — perguntei, estacionando o carro em frente à porta do hospital.

Ela assentiu.

— Qualquer atraso, eu ligo para você.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Vou seguir a sugestão e andar pela cidade — avisei. — Quem sabe, não acho um lugar?

— Me manda mensagem?

— Claro.

Sorri.

Ela se inclinou e me beijou rapidamente, saindo do carro e entrando no hospital logo em seguida.

Soltei um suspiro e liguei o motor novamente. Contudo, meu telefone tocou assim que dei partida no veículo e, como estava conectado à multimídia do carro, atendi mais rápido.

— Oi, Ruivinho! — Angel saldou do outro lado da linha. — *Como estão as coisas por aí?*

Era reconfortante voltar a ter a presença da irmã na minha vida de uma forma mais natural do que foi quando passamos aqueles dezoito meses sem nos ver, mesmo nos falando quase todas as semanas por telefone. Angel resolveu

mesmo passar uma borracha no passado e eu era muito grato por ter essa terceira chance dela.

Poucos conseguiam isso.

— Nenhuma novidade surpreendendo e por aí?

— *Ty começou a correr, então está sendo uma aventura!* — respondeu. — *É uma pena que não puderam estar na estreia dele.*

Realmente era.

Tyler havia estreado há dois dias na Austrália e, por ser longe demais, termos muito trabalho e mais um monte de coisas para resolver, tivemos que ficar devendo essa.

— *Mas a próxima série de corridas vai ser em Los Angeles.*

— E nós com certeza vamos estar lá! — afirmei.

Isso era algo indiscutível.

Não deixaria de prestigiar o meu corredor favorito, que havia arriscado a sua carreira para me ajudar quando ainda fazia parte do submundo.

— *Pelo menos, Dylan, Rav, Sky e Caleb estavam aqui. Ele não se sentiu tão abandonado.*

— A dramática da relação é você, não ele — provoqueei.

Ela riu.

— Vocês não vão no jogo do Nathan na sexta, né?

— *Impossível... Ainda tem algumas corridas aqui e, mesmo que tivéssemos tempo, a equipe do Tyler é bem rigorosa.*

Entendia perfeitamente.

— Então, só vamos nos ver na corrida em Los Angeles.

— *Sim...* — Suspirou, mas mudou seu humor rapidamente. — *Mas tenho novidades!*

Soou bem empolgada, me fazendo sorrir enquanto virava em uma rua mais calma daquela cidade.

— Quais?

— *Terminei as músicas para o meu EP de estreia!* — contou, soltando um gritinho de animação. — *Mandei para a gravadora, e os produtores que vão fazer parte do álbum amaram as letras. Querem começar a gravar o mais rápido possível.*

Senti o orgulho se espalhar no meu peito e não consegui parar de sorrir com a sua felicidade. *Porra!* Angeline merecia isso, era o seu sonho e a voz dela era incrível o bastante para deixar um estádio inteiro encantado.

— Então, em breve, receberei músicas suas gravadas em uma gravadora? — indaguei, não escondendo meu orgulho. — Estou ansioso para isso!

— *Em breve, debutarei para o mundo! Tem noção disso?! Ai, estou nervosa.* — Mudou de opinião rapidamente, o que me fez rir. — *Ei! Não ri de mim.*

— Acho que ficar nervoso é normal, mas você não precisa se preocupar com nada porque vai ser um sucesso! Entendeu?

— *Eu nem gostaria de ser um sucesso estrondoso, sabe? Tendo fãs que amem a minha música e lotem um espaço de shows, já é o bastante para mim.*

— Um estágio, você quis dizer, né?

Ela riu.

— *Está exagerando...*

— Não mesmo — rebati. — Só confio no seu talento o suficiente para saber que será a próxima Taylor Swift da indústria.

— *Olha... Você conhece a Taylor Swift? Agora, estou muito surpresa.*

— Falei certo? Lembro de ter visto um jornal a resumindo em *indústria musical*, imaginei que seria uma ótima comparação com você.

— *Você soube aumentar o meu ego direitinho, então obrigada!* — agradeceu sinceramente. — *E você? Já está trabalhando?*

— Não, estou procurando um lugar para abrir a minha mecânica.

— *Sabe... O papai amaria ver essa sua determinação em achar um bom lugar para o seu negócio* — murmurou. — *Digo..., o nosso antigo pai.*

— Eu sei. — Engoli em seco.

— *Por que não usa a sua própria garagem? Tenho certeza de que vai economizar mais reformando a sua casa do que comprando um local.*

Ponderei a sua ideia.

Aquilo já havia passado pela minha mente, mas foi tão rápido que nem pensei a respeito.

— Você tem razão.

— *Faz parte de mim, acabo sempre tendo razão* — gabou-se. — *Preciso desligar agora, converso com você amanhã.*

— Até amanhã.

Desliguei a chamada, olhando para a rua vazia à minha frente.

Seria nostálgico trazer uma mecânica para a minha própria casa, bem na garagem, como era a do meu pai antes da morte de nossa mãe, e achava mesmo que, por isso, Angel jogou a ideia no meu colo.

Ela queria que eu me lembrasse sempre que tinha uma família.



Perto das seis horas da noite, estacionei o carro na frente do hospital de Vincent para esperar por Rebeca. Aproveitei para descer do carro e esperá-la do lado de fora, não vendo a hora para compartilhar o projeto que havia desenhado para a nossa casa a tarde toda.

Angeline estava certa. Um negócio na minha casa era uma opção e tanto, e a seguiria, se Rebeca concordasse com isso.

Achei que a surpreenderia, mas foi ela quem me surpreendeu ao sair do hospital com a mesma roupa de mais cedo, porém com o cabelo totalmente diferente.

Não sabia em que momento do dia ela arrumou tempo, mas Rebeca parou diante de mim com o cabelo cor-de-rosa mais vivo do que antes e um sorrisinho de quem sabia que havia fodido com a minha cabeça naquele instante.

— Oi — cumprimentou, erguendo o rosto e me dando um selinho.

Nem consegui cumprimentá-la direito, pois ainda estava impactado. Eu já a havia visto assim antes, foi daquela forma que me apaixonei por ela há alguns anos, mas não esperava que retornasse àquela cor porque, agora, estava trabalhando em um hospital e já era mais adulta.

Mas ali estava ela.

*Linda.*

— Devo chamá-la de Bae ou Rosinha? — perguntei, finalmente tomando uma atitude e a segurando pela cintura. — Você está linda...

— Como vai me chamar não sei, porque amo os dois apelidos — admitiu, abraçando meu pescoço. — Eu te surpreendi?

— Muito! — Beijeí sua boca. — Posso saber como teve tempo para fazer isso?

Estava bem curioso.

Ela riu.

— O horário do almoço foi estendido com Alex hoje — explicou. — E você? Aproveitou o seu dia?

Abracei mais forte a sua cintura, assentindo.

— Tive algumas ideias.

— Achou o lugar? — Parecia esperançosa por mim.

O jeito que me apoiava derretia um pouco mais o meu coração.

— Não, mas acho que, talvez, você vá gostar do que tenho para apresentar.

— Beijeí sua testa. — Vamos para casa para que eu possa te mostrar.

— Agora, estou ansiosa! — Sorriu, animada. — Vamos.

Abri a porta para que ela entrasse e dei a volta no carro, ocupando o lugar do motorista.

— Como foi o seu dia, além dessa surpresa incrível no seu cabelo?



— Recebi o meu primeiro salário! — respondeu, bem feliz com isso. — Já havia trabalhado alguns dias com o Vincent antes do meu... Você sabe.

Assenti, sem precisar de muitas explicações.

— Então, recebi hoje por essas semanas trabalhadas.

— E já sabe o que vai fazer? Nossas despesas estão todas pagas, então se preocupe em fazer algo para você.

Felizmente, consegui um bom dinheiro com a venda do deserto para Charles e pretendia investi-lo para que sempre rendesse bem.

— Na verdade, sei... — Foi só ela falar mais baixo para que eu desviasse o olhar do trânsito e a olhasse. — Não tenho consultas agendadas para amanhã, então pensei em sairmos um dia antes e irmos até a Pensilvânia. De lá, pegamos um voo para o jogo, o que acha?

— Pensilvânia? — Franzi o cenho.

— Preciso devolver o que roubei há alguns anos.

Nem que eu tentasse questionar o motivo ou a lógica daquilo, obteria sucesso, portanto, apenas perguntei:

— Isso vai te fazer melhor?

Ela assentiu.

Então, eu já aceitava o seu argumento como suficiente.



A sala de estar estava uma bagunça com tantos papéis e canetas espalhados pelo chão e pela mesinha de centro.

— Parece que você se manteve entretido o dia todo. — Rebeca disse, observando a bagunça.

Segurei a sua mão e a puxei para o meio da sala. Preferi me sentar no chão mesmo, bem em frente à mesa baixa onde estava o papel com o último desenho que havia feito, então a trouxe para o meu colo.

— Conversei com a Angeline hoje e ela me deu uma ideia — falei, antes de explicar sobre o desenho. — O que acha do meu negócio ser na nossa casa? Teria que aumentar um pouco a garagem, mas olha... — Mostrei o desenho. — Sei que sou péssimo desenhista, mas dá para entender que não interferiria em nada muito sério da estrutura principal, né?

Teria que diminuir um pouco da sala de estar, mas o ambiente sempre foi muito grande mesmo, até para uma família com filhos.

Olhei para Rebeca, buscando no seu semblante o que achava daquilo. Ela não demonstrava muita coisa, mas estava tão linda com aquele cabelo cor-de-rosa que não senti preocupação nenhuma.

— Meu pai usava a garagem para cuidar dos carros dos outros — contei, mas acreditava que já havia falado sobre isso para ela no passado. — Gostaria de seguir os passos daquele antigo homem, que adoraria ver o filho mostrar o que aprendeu parte da sua vida com ele.

Rebeca segurou o meu rosto entre as mãos e sorriu.

— Seus olhos brilham quando fala dele...

Como podia mudar isso? Não vivi todo o inferno com ele como Angeline, mas, por ser mais velho do que minha irmã, consegui aproveitar muito mais do homem bom que viveu ali.

— Você pode fazer tudo o que quiser — disse Rebeca, acariciando o meu rosto. — E até prefiro que seja aqui. Dessa forma, posso ficar de olho, se alguma mulher quiser mais de você do que apenas consertar o carro dela.

Eu ri do seu ciúme bobo.

— Seria perda de tempo delas, já que só tenho olhos para você.

— Eu sei, você até me tem tatuada na sua pele! — gabou-se, descendo uma das mãos até a parte onde havia a tatuagem. — Por mim, você pode começar com essas obras na próxima semana.

Assenti.

— Está feliz? — perguntou, me desconcertando um pouco ao levar a mão para dentro da minha camiseta.

Seu semblante ainda permanecia inocente e, talvez, até o seu carinho. O mal estava em mim por achar que tudo entre nós era malicioso.

— Foram as melhores duas semanas dos meus últimos anos — falei a verdade. — Acho que posso me acostumar com isso.

Rebeca sorriu, um sorriso especial que iluminava toda a minha vida combinado com aquele cabelo lindo, que tinha alguns fios caídos pelo seu rosto.

— Você é linda. — Coloquei as mechas para trás, segurando o seu rosto ao mesmo tempo em que seus carinhos continuaram. — Por dentro e por fora, Rosinha.

Seus olhos marejaram com o apelido antigo saído da minha boca.

— Sentia falta disso.

— Dos seus cabelos cor-de-rosa também?

— Provavelmente pintaria de azul, se você me deixasse definitivamente — confessou, brincando com a nossa quase tragédia. — Azul é triste.

— Que bom que rosa é feliz, né?

— Muito!

Aproximei o meu rosto do seu e a beijei, agarrando sua cintura tão forte como ela se agarrava a mim.

*Que isso nunca acabe.*

Foi o que desejei em silêncio.

Sabia que a vida tinha as suas surpresas, pois, há alguns meses, não me via largando tudo o que construí por amor. Mas, então, entendia que precisava viver todas aquelas experiências com ela para que o meu coração pudesse aceitar a minha própria redenção.

# 40

| RECOMEÇAR |

*Eu quero ser sua jogada final*  
*Eu quero ser sua primeira opção*  
*Eu quero ser sua número um (whoa, whoa, whoa)*  
*Eu quero ser sua jogada final, jogada final*  
**END GAME — TAYLOR SWIFT, FUTURE, ED SHEERAN**

## REBECA WILSON

Viajar até a Pensilvânia foi trabalhoso, mesmo de avião, e me senti ainda mais nervosa assim que dei o endereço do meu lar de infância para o taxista. Meu coração acelerava e sentia que poderia ter um ataque cardíaco a qualquer momento.

*Eu preciso fazer isso.*

Repeti em pensamentos.

Fazia tempo que eu não tinha pesadelos com o meu passado, mas isso não significava que havia colocado um ponto final nele. Era por isso que estava ali.

Durante aquelas últimas semanas, consegui perceber em detalhes o quanto Ryder estava indo bem em abandonar o passado e recomeçar. E mesmo que eu tivesse feito isso há muitos anos, uma dívida ainda me deixava presa a ele.

Como se ainda devesse algo àqueles dois.

Eu sabia que não devia, sabia que eles foram péssimos pais e acredite quando afirmo que tudo o que sentia naquele momento estava bem longe de ser falta ou amor. Não sentia nada disso.

Mas, mesmo assim, precisava fazer aquilo.

Para algumas pessoas, a superação vinha através de ações, e achava que eu era uma delas porque acreditava fielmente que, quando devolvesse aquele dinheiro, finalmente os deixaria ir.

Eu nunca tive pais de verdade, essa era a verdade. E só consegui ver isso quando entrei na família Blossom. As pessoas que me colocaram no mundo eram apenas isso... pessoas que me tiveram.

Ryder pareceu perceber que eu estava passando um pouco mal, pois segurou a minha mão fortemente.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Podemos adiantar o voo para Los Angeles agora.

— Eu preciso.

— Você não deve nada a esses idiotas — resmungou.

— Só vou deixar o dinheiro, apertar a campainha e ir embora — falei o que já estava gravado na minha cabeça desde a noite anterior. — Não quero vê-los.

— Que bom, porque eu não sei se me seguraria.

— Ryder...

— Que foi? — Agiu de forma inocente. — Eu não me esqueci do que eles fizeram com você.

— Eu também não, mas vamos deixar isso no passado, ok? O motivo de estar vindo aqui hoje é justamente por isso — declarei. — Assim como você, quero recomeçar sem qualquer coisa que me lembre eles.

Ele assentiu, ainda parecendo contrariado diante da minha ideia.

Tudo bem odiar meus pais, eu também os odiava... Mas percebi que tudo o que ainda me amarrava a eles era a consciência pesada por tê-los roubado para fugir. Queria devolver cada centavo e viver a minha vida sem qualquer laço com o passado.

As memórias daquela noite em que fugi sempre estariam na minha mente, mas, agora, eram apenas memórias ruins que poderiam voltar quando eu estivesse triste e levemente abatida, como aquela vez na ilha, mas nunca mais deixaria que me consumissem.

Foi apenas entrar na rua da minha antiga casa para sentir um nó na garganta voltar com força, porém me mantive forte. O táxi parou bem em frente à residência dos meus pais e, como o combinado, esperou que eu descesse e fizesse o que tivesse que fazer para nos levar até o aeroporto novamente.

— Vamos? — Ryder convidou. — Irei com você.

Assenti, muito grata por isso.

Ryder saiu do carro primeiro, pegou a minha mão e me ajudou a descer também. Na minha mochila pequena, estava a pouca quantia que havia roubado deles, mas que, na época, me ajudou a comprar uma passagem de avião e passar as primeiras semanas em Campbell. Depois, fiz uns trabalhos para a universidade, como preencher relatórios e outras burocracias da secretaria, e isso conseguiu me manter até terminar a faculdade.

Caminhamos de mãos dadas até a porta e, como o combinado, deixei a mochila em frente à porta. Mas, no momento em que fui apertar a campainha, alguém abriu.

*Meu pai.*

Ele estava mais velho do que me lembrava, com olheiras tão profundas que assustavam e com aquela mesma cara de quem mataria quem fosse contra as suas ordens.

Dickson Wilson me reconheceu na hora e seu semblante não demonstrou nada além do que já imaginava ao me olhar de cima a baixo, desaprovando a minha aparência. *Ele me odiava.*

— Como ousa aparecer aqui depois de todos esses anos? — Sua voz grossa quase me fez sobressaltar.

Ryder segurou mais forte a minha mão, provavelmente se controlando para não bater na cara do meu pai.

— Não vim a pedido de abrigo. — Surpreendi-me por minha voz sair forte, pois eu estava tremendo por dentro. — Tudo o que peguei de vocês está aqui.

Apontei para o chão, onde estava a mochila.

Ele riu fraco.

— Deveria se envergonhar! — Ergueu os olhos e pareceu finalmente focar em Ryder. — E quem é esse?

— O namorado dela. — Ryder respondeu por mim, agarrando a minha cintura. — É melhor cuidar como fala da minha mulher.

Não queria brigar, por isso, falei:

— Não devo mais nada a vocês. Agora, não preciso me envergonhar por mais nada.

Um movimento atrás de Dickson chamou a minha atenção, e logo Giana apareceu um pouco mais adiante. Diferentemente de meu pai, minha mãe estava bem, com um semblante mais frio do que na última vez, mas parecia muito melhor do que ele.

— Sua filha resolveu nos fazer uma visita. — Meu pai disse, pegando a mochila com o dinheiro e jogando-a para a sua mulher. — Conte e veja se não falta nada.

Ri forçado e incrédula, querendo muito mandá-lo à merda.

— E você — meu pai falou, olhando para Ryder —, saiba que falo com essa pecadora do jeito que eu quiser.

Senti Ryder tremer ao meu lado e o abracei forte pela cintura, para que não levasse o que meu pai falava a sério, ou, então, as coisas poderiam ficar feias.

E nem era para ele.

Era para Dickson.

Minha mãe estava contando todas as notas, o que tornava tudo mais humilhante. Como eles podiam ser tão idiotas?

— Você se tornou uma vadia — ofendeu-me de graça, voltando a me olhar com ódio. — Olha o tipo de cara quem está namorando... Se veste como um traficante e tem esses desenhos diabólicos por todo o corpo.

Aquilo foi o bastante para Ryder.

Em um segundo, ele estava se controlando ao meu lado e, no outro, sem que eu previsse, estava socando a cara do meu pai. Foi tão rápido que só consegui ouvir o grito da minha mãe, o segurando como se fosse o inocente de tudo aquilo.

— Rebeca! Olha o que esse demônio fez com o seu pai! — acusou, segurando o rosto de Dickson. — Como pôde trazer isso para nossa casa?!

Respirei fundo, negando com a minha cabeça.

— Como vocês acham que podem estar certos?! — devolvi, tomando a frente de Ryder e ficando bem diante deles. — Como acham que bater na única filha daquela forma é normal?!

— Você pecou! — Ela acusou.

— Porque vocês não me escutaram! Eu não queria me casar com aquele homem!

— Aquele homem é o nosso pastor! — Dickson gritou na minha cara. — Um homem de fé e que cuidaria de você!

— Eu posso apostar que me cuidaria pela forma que me olhava — respondi, sarcástica e enjoada. — Ele só queria ter uma novinha para poder enfiar o pau no meio das pernas!

Os olhos dos meus pais se arregalaram com o meu linguajar e previ que Dickson me lembraria do seu tapa, mas Ryder segurou o seu pulso antes que ele chegasse perto de mim.

— Quer levar outro soco? — perguntou. — Porque eu sinto que esse sangue escorrendo no canto da sua boca não foi o suficiente!

Meu pai bufou, tentando puxar sua mão e se afastar com rispidez.

Só quando Ryder teve certeza de que ele não me bateria, o largou.

— Suma da minha frente! — Dickson ordenou. — Esqueça que nós existimos!

— Você acha que já não fiz isso? — devolvi, segurando a mão de Ryder. — Prometo que nunca mais vão ouvir falar de mim e nem dos seus netos. E, acreditem, eles também não vão ouvir falar de vocês.

— Você está grávida?! — Giana perguntou, olhando para a minha barriga.

— Não, mas, um dia, vou ficar porque quero ser uma mãe muito melhor do que você jamais foi — falei, vendo seu olhar cair por um segundo. — Meus filhos nunca vão saber o que é agressão e serão livres para serem o que quiserem!

— Pecadores! — Dickson acusou.

— Chame do que quiser.

Dei um passo para trás, trazendo Ryder comigo. Ele ainda permanecia furioso com o casal que, por muito tempo, chamei de pai e mãe.

— Foi bom ver vocês — admiti. — É bom poder finalmente abandoná-los.

Dizendo isso, me virei para o táxi e caminhei a passos decisivos com Ryder até o carro. Ele abriu a porta para mim e eu entrei sem olhar para trás, tendo a certeza de que não encontraria nada que me fizesse mudar de ideia sobre eles.

Ryder me abraçou de lado e, depois de alguns segundos, perguntou:

— Como se sente?

O motorista finalmente deu a partida para o aeroporto.

— Livre — confessei, sentindo como se um peso tivesse saído dos meus ombros. — Muito mais do que antes.

Eu nem sentia vontade de chorar por eles não me amarem da forma que deveriam, mas sabia que parte disso era porque tinha um homem incrível ao meu lado me dando forças, mesmo que não percebesse.

— Que bom, Rosinha... — Apertou seus braços em volta de mim. — Seu pai é um idiota. A sorte dele foi não ter falado do seu cabelo, ou, então, seria um homem com o nariz quebrado.

Ri fraco.

— Ele me chamou de vadia. — Eu o lembrei.

— E você não deixou que eu o socasse mais.

— Detesto violência e também sei que isso não mudaria a forma como me vê — falei, deitando a cabeça no seu ombro. — Então prefiro mesmo ser a vadia que ele enxerga. É muito melhor do que ser a sua filha.

Ryder riu fraco, concordando comigo.

— Amo você, Rosinha.

Sorri, me aconchegando melhor no seu abraço e me sentindo pronta para os próximos dias, meses e anos.

Tudo seria melhor agora.



Não foi surpresa para ninguém ver Nathan fazendo uma cesta de três pontos nos últimos segundos quando o jogo estava empatado com o time rival. Ele levou os Lakers à vitória ao final do tempo, o que fez com que toda a plateia o ovacionasse como o melhor jogador da temporada.



Após o jogo, preferimos ir para o apartamento e esperar o loiro para comemorarmos lá porque sabíamos que demoraria mais de uma hora com tantas entrevistas e coletivas que tinha que fazer.

Os gêmeos haviam ficado em casa com os avós porque ainda não gostavam muito do barulho que um jogo como aquele da final eletrizante fazia. Fora que aqueles pestinhas amavam ficar com os pais de Nathan.

— Vocês viram aquela cesta? É claro que viram! — Dylan se gabou, assim que entramos no apartamento. — Meu filho é o Rei do Basquete!

O orgulho era perceptível até para uma pessoa estranha que entrasse ali.

— Rebeca?! — Ravena me chamou. — Ah, minha querida! Que saudade de você.

Ela correu até mim e me abraçou apertado.

— Você está bem? Tem algum machucado? Não fizeram nada com você? Meu Deus! Quase fiquei maluca!

Segurei suas mãos e afirmei:

— Estou bem, Rav. É bom ver você também.

Ela olhou para Ryder ao meu lado.

— Alex me deu um resumo de tudo — disse Ravena, não demonstrando muito como se sentia diante de tudo o que vivemos nos últimos meses. — Principalmente frizou que você arriscou sua vida para salvar a nossa Beca.

Sorri. Minha melhor amiga era mesmo muito romântica e havia surtado quando dei detalhes sobre aquilo.

— E faria isso de novo sem pensar duas vezes. — Ryder falou, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Mas, agora, você nunca mais vai precisar fazer isso. — Eu o lembrei. — Ele está fora.

Rav assentiu.

— Ainda não sei o que concluir disso tudo, mas você faz a nossa menina feliz. — Ela disse, alisando meu cabelo. — No momento, isso é tudo o que importa.

Dylan se aproximou com Michael e Chloe no colo, um de cada lado dos seus braços.

— Nós somos conhecidos por adotar a todos, Ryder, então não estranhe se Rav começar a se meter na sua vida como uma verdadeira mãe — avisou Dylan, entregando a pequena Chloe para mim, que estava louca pelo meu colo.

Achava que nem Ryder esperava por tal abordagem dos papais Blossom, e sua cara de surpresa demonstrava isso.

— Vou ver como está o jantar. — Rav disse, se despedindo com um aceno e indo para a cozinha.

— *Blinkar...!* — Michael disse, apontando para o tapete da sala, onde estavam seus carrinhos.

— Vamos brincar, Campeão. — Dylan disse, indo brincar com o neto.

Vincent e Alex estavam sentados em um dos sofás e acenaram para nós.

— Parece surpreso. — Eu cutuquei Ryder com meu cotovelo. — Eu falei que eles eram pessoas incríveis.

Ele sorriu de lado, assentindo.

— Rebeca!

O gritinho de Skyller me chamou atenção e eu sorri quando ela correu até mim e me abraçou apertado.

— Nunca mais dê um susto desse na gente! — pediu, beijando a minha bochecha. — Oi, Lindona!

Apertou as bochechas de Chloe que, naquele momento estava emburrada por ter ficado no meio do abraço.

— Não pretendo mais ser sequestrada — falei, e olhei para o seu namorado. — Oi, Caleb!

Ele foi mais calmo e fofo ao me abraçar, tanto que Chloe ficou tão encantada que estendeu os braços para ele.

— Traidora...! — murmurei.

Ela apenas riu, indo para o colo do tio.

— Nem Chloe consegue resistir a você, Anjo da Guarda! — Sky disse, beijando a bochecha da sobrinha.

Voltei a segurar a mão de Ryder quando finalmente Nathan entrou com Clarke no apartamento aos gritos de comemoração por mais um jogo vencido. Todos foram recebê-los, inclusive Michael no colo de Dylan, que não parava de falar “*cesta, cesta, cesta*”.

Ri da cena.

— Ei, filho! — Ele segurou Michael no colo. — Você também viu aquilo?!

O garotinho sorriu ao assentir, bem feliz pelo pai.

Ryder circulou minha cintura com os seus braços por trás e pousou o queixo no meu ombro, deixando um beijo no meu pescoço, o que me arrepiou como sempre.

— Então é isso o que nos aguarda? — sussurrou.

— Como assim? — perguntei, porque não tinha certeza ao que ele se referia.

— Filhos e uma família repleta de felicidade — respondeu.

Parecendo sentir que estávamos falando sobre eles, Nathan e Clarke nos olharam e sorriram em nossa direção, mostrando que eram o mesmo lado de uma moeda ao piscarem em sincronia para nós.

— A felicidade, nós já temos — aponte, tocando na sua mão sobre a minha cintura. — O resto, só o tempo vai nos dizer.

Ele assentiu, gostando da minha resposta.

Observei a família Blossom à minha frente que, mesmo com sobrenome e sangue completamente diferentes, me acolheram como uma filha. Eles eram especiais para mim e, naquela noite, me fizeram amá-los ainda mais por aceitarem Ryder da forma que era só por saberem que aquilo era importante para mim.

Pela primeira vez em muito tempo, não me senti mais sozinha.

Eu tinha uma família.

Eu tinha amigos.

Eu tinha um namorado incrível, mesmo com tantos defeitos que o fizeram chegar até ali.

Eu era uma mulher livre e feliz, e, agora, sem amarras do meu passado, apenas pronta para viver o meu final feliz ao lado da pessoa que deixou tudo o que tinha para ficar comigo.

Para muitos, poderia ser uma redenção simples. Talvez, até fosse, mas sabia que, a cada dia, Ryder se esforçava mais para ser alguém melhor para mim, para o futuro e para si mesmo. Isso requeria muita força de vontade, ainda mais quando se vinha de uma vida difícil e complicada como a dele.

Era por isso que eu o amava.

E foi por isso que me interessei pelo *bad boy* na época da faculdade. Porque, no fundo, sabia que ele precisava tanto de uma luz como eu precisava de alguém.

# EPÍLOGO

## DEZ ANOS DEPOIS

### **RYDER FRASER**

— Chave de fenda — pedi, estendendo a minha mão para William.

Ele me entregou a peça certa, se agachando para poder ver o que estava eu fazendo embaixo do carro de um dos meus clientes.

— Sua mãe vai ficar louca, se sujar essa roupa! — falei, caso não lembrasse que Rebeca ficava uma fera quando ele se sujava de graxa depois de estar de banho tomado. — Principalmente, na data de hoje.

Ele soltou aquele sorriso sapeca que puxou da mãe.

— O senhor está vestido para o meu aniversário, mas continua trabalhando!

*Danadinho...*

Apertei o parafuso e me empurrei sobre o carrinho para longe do carro. Sentei-me e aproveitei para apertar a sua bochecha com a mão limpa, bem a tempo de sua mãe entrar na oficina com os olhos arregalados.

— O que vocês estão fazendo aqui? Os convidados já estão chegando! — Rebeca cruzou os braços sobre o vestido rosa que usava, fingindo estar brava conosco, quando eu sabia bem que não estava.

William se levantou, limpando a calça jeans que usava com as mãos.

— Só vim buscar o papai — argumentou, fingindo ser inocente.

— Precisava dar o toque final neste carro — falei, me levantando. — Não se preocupa, não me sujei.

Ela suspirou.

— O que eu faço com vocês?! — perguntou-se, cansada.

Sorri, me aproximando dela e a abraçando.

— Você está linda! — Eu a elogiei, conseguindo desmanchar a careta da sua cara. — Ela não está, filho?

— Mamãe é a mulher mais linda do mundo! — William declarou, correndo até nós e a abraçando também.

Rebeca soltou uma risadinha e não resistiu, se afastou e o beijou na bochecha.

— Vou ficar ainda mais bonita, se meu filho recepcionar os convidados comigo. O que acha? Pike já chegou e está louco para brincar com você, mas, antes disso, precisamos dar oi para o pessoal.

William se animou no instante em que ouviu o nome do melhor amigo.

— Vamos, mamãe! — Segurou a mão de Rebeca, a puxando.

Ela me olhou.

— Se arruma e vem aproveitar a festa do nosso filho, ok?

Assenti. Mas antes que saísse, segurei o seu rosto entre minhas mãos e deixei um beijo nos seus lábios.

— Amo você, Bae.

— Eu também — murmurou. — Muito.

Eles passaram para dentro de casa e, dali da garagem, já conseguia ouvir as vozes dos convidados.

Aquele era o dia do aniversário de nove anos de William e não podíamos deixar de comemorar essa data com os nossos amigos. O garoto amava festas de aniversário e se divertia muito nos brinquedos que alugávamos para colocar no quintal durante o evento.

O tempo passava voando!

Parecia que havia sido no dia anterior em que Rebeca havia chegado do trabalho com uma sacola cheia de testes de gravidez. Diferentemente dela, não me senti apavorado com a ideia, me senti ansioso para que desse positivo.

Mesmo que não tivéssemos tanto tempo juntos, sabia que filhos era algo que queria com ela e, quando os testes deram mesmo positivo, foi impossível não me emocionar.

Era mais um passo que estávamos dando juntos e, apesar do medo de sermos ruins nos papéis de pais, abraçamos aquele presente e, agora, podia dizer que estávamos apenas sendo paranoicos por ter medo.

Criar William foi a experiência mais louca e incrível da minha vida.

Ele era um excelente garoto, muito carinhoso, como a mãe, e bem curioso, como o pai. Com meus cabelos ruivos e os olhos castanhos de Rebeca, ele fazia o meu próprio coração bater acelerado por conta da sua beleza, tanto interior quanto exterior.

Lavei minhas mãos na pia da oficina, pensando em como não conseguia me arrepender da decisão que tomei há dez anos.

Não era apenas um homem mais feliz, era alguém que podia respirar sem ter medo de que algo desse errado e afetasse as pessoas que mais amava. Não poderia dizer que foi simples, pois, logo depois que saí do deserto, tive alguns

problemas com traficantes que ainda achavam que eu era o dono do lugar e de tudo o que acontecia ali, mas nada que tenha interferido nas nossas vidas.

Foram coisas tão banais que Charles resolveu rapidamente.

— Ei, Ruivinho! — A voz de Angel me trouxe de volta à realidade.

Minha irmã, a cantora mais famosa do gênero pop, finalmente estava bem à minha frente depois de uma turnê mundial.

— Oi, Ruivinha! — Sequei as minhas mãos e a abracei apertado, quase levantando-a do chão. — Você parece mais magra.

— Perdi alguns quilos na turnê, mas não se preocupa, já estou pronta para recuperá-los.

Ela era um sucesso, exatamente como sempre soube que seria. Seus shows lotavam a ponto de ela ter que fazer mais de três em uma mesma cidade.

— Estou orgulho de você! — Baguncei seus cabelos. — Como se sente sendo famosa?

— Ela já está mais do que eu! — Tyler apareceu na porta da oficina, sorrindo de orgulho da esposa.

— Ah, não seja dramático! Você tem cem milhões de seguidores no *Instagram* e eu tenho que aturar suas fãs te desejando. — Parecia emburrada com isso, o que me fez rir.

— Você completou duzentos milhões de seguidores, Angeline Fraser Blossom! — Ele riu dela. — E tenho que aturar alguns fãs obcecados por você também.

— Ainda estão invadindo a casa de vocês?!

A história era um pouco bizarra, na verdade.

Um fã louco pela Angel havia conseguido invadir a casa deles em Los Angeles e estava dormindo na cama deles quando o encontraram. Felizmente, foram os seguranças e não o casal diante de mim.

— Graças a Deus, não! — Angel disse.

— Ainda bem! E... onde está a Hope? — perguntei, com saudade da minha sobrinha favorita.

Foi só falar na menininha que ela apareceu, usando um vestido branco brilhante e correndo até mim para pular no meu colo.

— Tio Ry! — Apertou os bracinhos ao redor do meu pescoço.

— Oi, Pequena! — Tirei seus pés do chão e beijei sua bochecha.

— Se não viéssemos, Hope faria questão de pegar um avião e vir sozinha. — Angel comentou. — O que fez com a minha filha, Ryder?!

Eu ri.

— Ela só me ama, fazer o quê?! — Indiquei a porta com a cabeça. — Vamos entrar, antes que Rebeca venha nos buscar.

Caminhamos para dentro de casa, encontrando a sala de estar toda decorada para o aniversário de William e muitos dos nossos amigos conversando entre si.

— Já foi dar oi para o seu primo? — perguntei para Hope.

— Sim! — Ela sorriu. — Depois, vou brincar com ele e o Pike.

William estava brincando com o filho de Alex e Vincent com um quebra-cabeça, que provavelmente havia ganhado de aniversário.

— Oi, povo! — Skyller se aproximou com Caleb e sua filha, Heather. — Esta festa está incrível!

Para a nossa sorte, William fazia aniversário bem perto do dia de Ação de Graças e, como no ano anterior os irmãos Blossom não puderam ir passar com os pais, naquele ano eles fizeram esforço para conseguirem, então resolveram passar aqui antes para já aproveitar o aniversário do meu filho.

Com o tempo, foi impossível não estabelecer um laço com eles. Eram boas pessoas e me acolheram muito bem, como Rebeca disse que fariam.

— Pai, vem tirar foto comigo! — William pediu, agarrando a mão da mãe também.

Deixei Hope no chão e pedi licença, indo até meu filho e minha esposa.

— Depois, nós podemos brincar na cama elástica?! — Will perguntou.

— Claro que sim, filho. — Rebeca respondeu. — E, depois, vamos cantar parabéns, ok?

Sorri, observando a interação deles. Minha mulher era uma excelente mãe e não sabia se já havia percebido isso, mas sempre que tinha oportunidade, eu falava.

Senti um flash bem no meu rosto, o que me fez olhar para a câmera.

— Você estava olhando com um rostinho tão bobo para Rebeca, que foi impossível não capturar o momento! — Alex explicou. — Agora, sorriam! Vou tirar outra foto.

Abracei os dois, olhando para a câmera e recebendo mais um flash na cara.

— Ficou perfeito! — Ela disse, sorrindo.

— Eba! Cama elástica! — Will gritou, correndo em direção à porta que dava para os fundos da casa.

— Esperem, crianças...!

Todos já haviam ido para fora antes que eu completasse a frase, fazendo Rebeca rir ao meu lado.

— É melhor ir vê-los, eu cuido do resto por aqui — disse, deixando um beijo na minha boca.

Assenti e segui os pestinhas. Eles já estavam pulando na cama elástica e animados demais com a música infantil que tocava no aparelho de som que

háviamos alugado para se preocuparem com qualquer outra coisa.

Sorri satisfeito, me sentando ali perto para supervisioná-los.

Uma cerveja foi balanceada na minha frente e levantei o meu rosto, encontrando Vincent.

— Festa de criança pede por uma cerveja gelada — explicou.

Assenti, agradecendo ao pegar a garrafa.

Ele se sentou ao meu lado.

— Me sinto velho, cara — confessou Vincent, olhando para as crianças à nossa frente. — Daqui a pouco, vou estar os levando para a faculdade.

— Calma aí! Ainda faltam alguns anos. — Eu o tranquilizei. — Quem está mais perto disso é o Nathan.

Ele assentiu. Era uma pena que ele, Clarke e seus pestinhas não estivessem ali naquela tarde. Tinha certeza de que seria ainda mais divertido para as crianças.

— Tem razão. — Bebeu da sua cerveja. — Tudo certo com você e o trabalho?

— Mais certo do que imaginava dez anos atrás — admiti. — Contratei outro funcionário essa semana e estou pensando em abrir a oficina em outro lugar. Minha garagem ampliada não suporta mais tantos clientes.

— Isso vai ser excelente! Já pesquisou lugares?

— Achei um perto da avenida principal, está com um bom preço e marquei de ir visitar na segunda.

— Vai dar certo, cara.

Concordei, bebendo um pouco da minha cerveja também.

Foi inevitável não pensar na projeção que Rebeca teve há alguns anos, quando disse que conseguia visualizar eu e Vincent na varanda cuidando das nossas crianças e sendo amigos. Não era que a danadinha estava certa?

Com a amizade quase irmandade de Alex e minha esposa, foi impossível não me aproximar mais de Vincent, que se tornou o meu único amigo depois que larguei de vez o deserto. Era bom tê-lo ao meu lado. Vincent respeitava o meu passado, principalmente o meu presente, e servia de apoio sempre que eu precisava.

— Olha eles aqui! — Ouvi Rebeca dizer atrás de nós.

Ela se aproximou com Alexandra.

— As crianças não estão dando muito trabalho? — Alex perguntou, sentando-se de lado no colo de Vincent.

— Elas nem pensam em fazer bagunça quando estão naquela cama elástica. — Ele respondeu, pousando a mão livre sobre a coxa da sua esposa.



Puxei Rebeca para o meu colo também e ofereci um pouco da minha cerveja, ela bebeu um gole e me devolveu.

— Ei, eu já tive essa visão antes! — comentou, se virando para a amiga. — Não parecemos tão adultos agora?

— Uma pitada de vida de adultos com um pouco da nossa juventude, eu diria. — Alex respondeu à melhor amiga.

— Cuidando dos nossos filhos enquanto tomamos uma cerveja. Com certeza, essa é a melhor visão sobre nós — comentei.

Eles riram, concordando.

— Gosto dessa vida... — Rebeca admitiu, com os olhos brilhantes. — E você? Está feliz?

Sempre que tinha a oportunidade, ela me fazia essa pergunta. No começo, achei que tinha medo de que eu me arrependesse da minha decisão, mas, com o tempo, descobri que era apenas preocupação comigo.

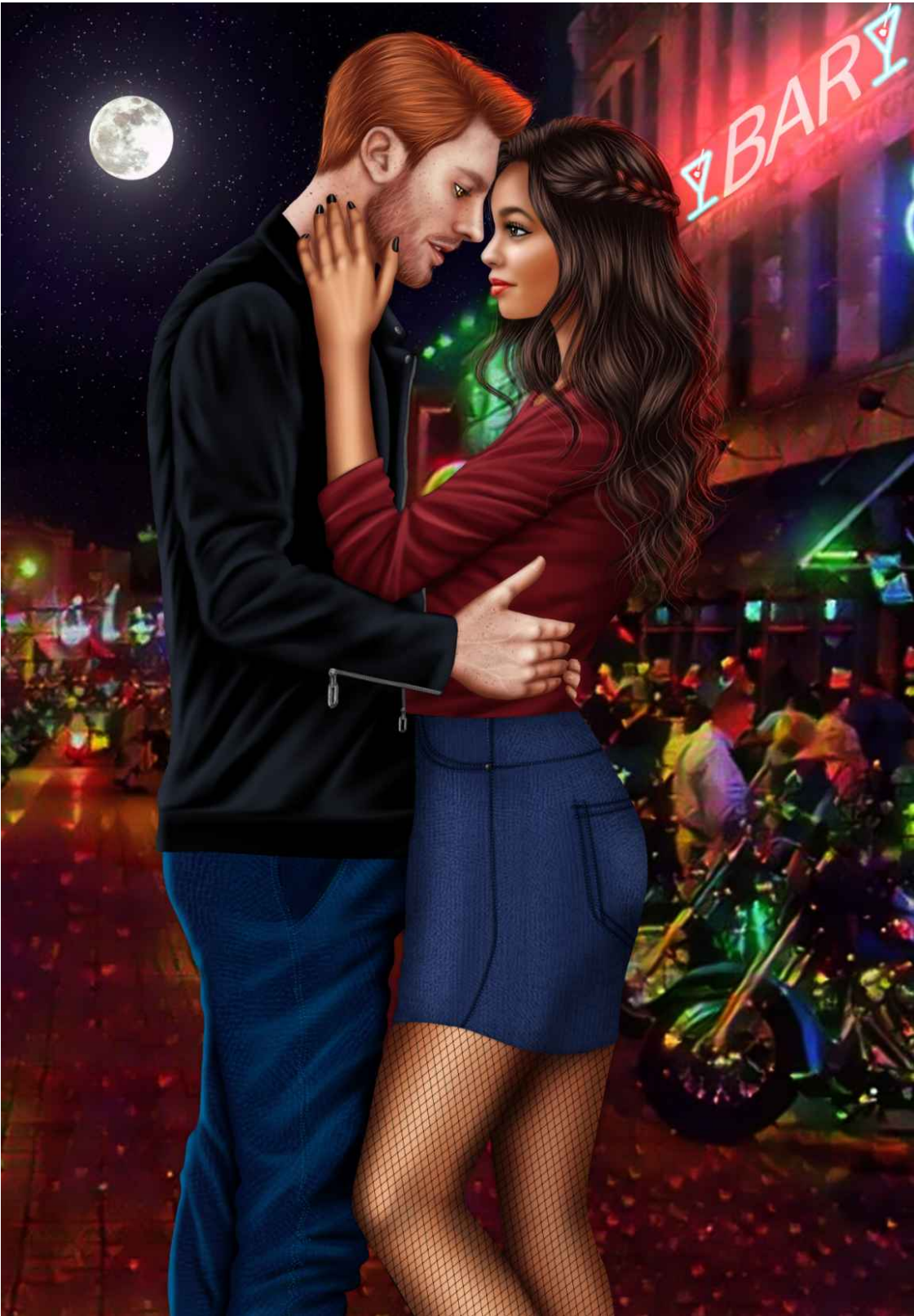
Toquei minha testa na sua.

— Em qualquer lugar que você e Will estejam, eu estarei feliz, Bae.

Ela sorriu, levando uma das mãos até o meu rosto e o acariciando.

— Digo o mesmo, amor.

**FIM**



# AGRADECIMENTOS

Mais um livro finalizado.

Espero que você, leitor, tenha gostado da experiência de Redenção, eu falei que eles eram uma loucura, né?

Primeiro, gostaria de agradecer as minhas leitoras maravilhosas. Vocês sabem... vocês sempre sabem o que tenho a dizer, né? Mas vou repetir: MUITO OBRIGADA! Eu vivo um sonho graças a cada uma de vocês e nunca serei capaz de mensurar em palavras minha gratidão.

Para as minhas amigas, muito obrigada pela força de sempre. Vocês estão sempre ali para me segurar, não importa o perrengue. Sabemos que não foi fácil, mas no final o livro foi finalizado como vocês falaram.

Para o meu time incrível de betagem: OBRIGADA! O quanto de surto vocês tiveram que aguentar de mim com esse livro, hein? HAHHAHAHA! Sério, obrigada por cada opinião, cada elogio e cada áudio. Vou guardar com carinho o que vocês fizeram por mim.

Para o meu time de revisão: minhas maravilhosas e lindas revisoras só tenho a agradecer. Vocês sempre fazem o possível para deixar o texto o mais limpo e perfeito possível, e claro, aguentam todos os meus erros repetitivos (um dia irei melhorar, prometo).

E por último, mas não menos importante, para as minhas parceiras, muito obrigada! O que vocês fizeram durante a parceria de Redenção foi incrível, não conseguiria sem cada uma ao meu lado. Vocês são maravilhosas!

Obrigada!

Vejo vocês na próxima.

Com amor,  
Nathalia Santos.

### **Não esqueça de avaliar**

A sua opinião é muito importante para mim e para aquela pessoa que está pensando em ler o livro.

### **Contatos:**

Para falar comigo pode ser pelo Instagram ou por e-mail. Pode me chamar que eu vou amar conversar com você.

Instagram: @autoranathalia

Twitter: @autoranathalia

E-mail: [autoranathalia@gmail.com](mailto:autoranathalia@gmail.com)

## SINOPSE

## PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

[39](#)

[40](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

---

<sup>[1]</sup> Colete de couro usado pelos motociclistas fora da lei

<sup>[2]</sup> Outros grupos do MC localizado em outros locais. Cada um tem a sua hierarquia, mas todos os chapters respondem a mother chapter.

# Table of Contents

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

35

36

37

38

39

40

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS